

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

PATRÍCIA HELENA GOMES DA SILVA

**UM SOLDADO DO OFÍCIO:
ANÁLISE DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA
NOS ANOS 1940-1960**

**GUARULHOS
2019**

PATRÍCIA HELENA GOMES DA SILVA

**UM SOLDADO DO OFÍCIO:
ANÁLISE DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA
NOS ANOS 1940-1960**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História e historiografia
Orientação: Fábio Franzini

**GUARULHOS
2019**

Silva, Patrícia Helena Gomes da.

Um soldado do ofício : análise da trajetória intelectual de Eurípedes Simões de Paula nos anos 1940-1960 / Patrícia Helena Gomes da Silva. Guarulhos, 2019.

177 f.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientação: Fábio Franzini.

1. Paula, Eurípedes Simões de, 1910-1977. 2. Historiografia brasileira - Séc. XX. 3. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo (FFCL-USP). 4. Trajetória intelectual. I. Orientador. II. Título.

Patrícia Helena Gomes da Silva
Um soldado do ofício:
análise da trajetória intelectual de Eurípedes Simões de Paula nos anos 1940-1960

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História e
Historiografia

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
UNIFESP – EFLCH – Campus Guarulhos

Profa. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo
Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
UNIFESP – EFLCH – Campus Guarulhos

Prof. Dr. Miguel Soares Palmeira
Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FFLCH-USP

Dedico o trabalho a três historiadores
fundamentais em meu percurso:
A Eduardo Ismael Murguia (1954-2015), por
me ensinar os primeiros passos;
A Fábio Franzini, por toda a convivência e
aprendizado;
A Sérgio César Júnior, pela presença, amor e
carinho, em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Durante este período, repleto de aprendizados e desafios vislumbrados no decorrer da caminhada, encontrei não somente a presença, a fala, os conselhos e os incentivos, mas acima de tudo, a presença e a descoberta de pessoas tão queridas e especiais, cujo aprendizado e constância levarei por toda a vida.

Primeiramente, agradeço à minha família: meus pais – Quitéria e Geronimo – e irmão – Paulo – grandes incentivadores das minhas jornadas, presenças constantes e atuantes em minha vida, com carinho e – muitas vezes – a paciência em ouvir as minhas inquietações, interpretações e elaborações acerca de “Eurípedes”, recorrentes nas conversas nos últimos dois anos, mesmo nos dias mais desfavoráveis, indispostos e malogrados.

À UNIFESP, principalmente ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História, principalmente ao corpo de servidores – Rita e Vilma – e aos professores que acompanharam de perto a minha trajetória e ofereceram uma rica experiência de aprendizado: Ana Lúcia Lana Nemi, André Roberto de Arruda Machado, Mariana Martins Villaça, Luigi Biondi, Luis Filipe Silvério Lima.

Aos professores Lígia F. Ferreira (Departamento de Letras – EFLCH – UNIFESP – Campus Guarulhos) e Marcos Antonio de Moraes (Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo) pela abertura de espaços e de oportunidades em divulgar o trabalho elaborado a partir da correspondência de Eurípedes Simões de Paula quando esteve conscrito à Segunda Guerra Mundial.

Teço agradecimentos especiais também às instituições de pesquisa, as quais ofereceram condições fundamentais na consulta da documentação cerne do trabalho: ao Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CAPH – FFLCH – USP), especialmente às funcionárias Maria Aparecida e Elizabeth Euzébio; a Associação Nacional de História (ANPUH) por disponibilizar os Anais da Associação referentes aos anos 1960, mesmo com as dificuldades presentes na manutenção do site; ao Centro de Memória e Pesquisa Histórica da UNIFESP – EFLCH – Campus Guarulhos, na figura de suas coordenadoras – Professoras Maria Rita e Maria Luiza – pelo acesso aos números da *Revista de História* nos anos 1960; a José Maria Pereira Lopes – CEDOC – TV Cultura -, pelo acesso ao documentário “Perfil do Educador”, cujo episódio dedicara-se a entrevista com Eurípedes Simões de Paula no ano de 1973.

Aos coordenadores da Biblioteca da UNIFESP – EFLCH – Campus Guarulhos entre o período de 2016 a 2019 – William José Sobral, Andreia Torres, Cristiane de Melo Shirayama e Caio Batista -, especialmente por proporcionarem os afastamentos de minhas atribuições na biblioteca da instituição, período fundamental ao andamento da pesquisa.

Aos colegas, servidores da UNIFESP, os quais pude compartilhar momentos de alegria, ao mesmo tempo em que pude encontrar um porto seguro nas dificuldades: Juliana Costa, Flávio Gomes, Caio da Silva Batista, Sheila Marques Feitosa, Andreia Torres, William José Sobral, Suzilaine de Oliveira, Natália Incerti, Thais Salvador, Júlia Brito.

Aos companheiros de pós-graduação, especialmente, Paola Pascoal, Jacqueline Macedo e Larissa Richter, amigos que pude partilhar leituras e referências, trocas intelectuais e afetivas as quais foram cruciais durante toda a caminhada.

Agradeço a colega de disciplina no IEB “Epistolografia no Brasil”, Fernanda Braz, em compartilhar muitas das inquietações acerca do objeto e fonte cartas e por proporcionar momentos agradáveis e conversas muito enriquecedoras.

Aos professores Maria Rita de Almeida Toledo e Miguel Soares Palmeira por participar das minhas bancas de qualificação e defesa, pela leitura atenta e crítica do trabalho e pelas contribuições inestimáveis ao aperfeiçoamento da pesquisa.

Por fim, agradeço a três pessoas cruciais em todo este meu percurso:

Ao professor Eduardo Ismael Murguía (1954-2015), grande mestre, incentivador de pesquisas e de pesquisadores. Apesar de sua ausência física neste plano espaço-temporal, sua presença foi constante na feitura deste trabalho;

Ao professor Fábio Franzini, no acolhimento de uma bibliotecária que se aventurava nos campos da História, por abrir novos horizontes, acompanhar o desenrolar da pesquisa em todas as etapas, principalmente os mais vacilantes. Pela orientação firme, dedicada e amiga e por acreditar na pesquisa desde o início;

A Sérgio César Júnior: amor, carinho, paciência, força e incentivo em todos os momentos e em todos os campos, na História e na vida!

“Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”

Marc Bloch, *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*.

RESUMO

Considerado um dos nomes mais atuantes no campo dos estudos históricos no Brasil, Eurípedes Simões de Paula (1910-1977) exercera um papel relevante no movimento de consolidação do campo da História sob as bases do ensino superior brasileiro. Entre os anos 1940 e 1960, o historiador envolveu-se em diversas atividades em prol da consolidação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) e da área da História: aluno das primeiras turmas da Faculdade, Simões de Paula consolidou sua trajetória aos meandros institucionais. Obteve o cargo de catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo desde meados dos anos 1940, alçou a posição de diretor da instituição na década posterior, período em que fundou a *Revista de História*, de forma a alicerçar os fundamentos do projeto acadêmico, intelectual e historiográfico dispensados em sua atuação. No período dos anos 1960, amplificou sua plataforma em foros externos à instituição de origem, de forma a emplacar seu nome e sua atuação na fundação e consolidação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH). Nesse sentido, o presente estudo visa tomar enquanto objeto a trajetória de Simões de Paula no período entre 1940 e 1960, no qual pretende lançar algumas considerações acerca das condições envolvidas na consolidação do conhecimento histórico produzido na universidade, momento relevante na afirmação de trajetórias e de projetos intelectuais elucubrados por indivíduos ligados ao movimento de institucionalização dos estudos históricos no Brasil sob os pilares do ensino superior pós-1930. Partindo do problema mobilizador do estudo, a pesquisa deteve-se na análise do conjunto de fontes, os quais abarcaram uma documentação custodiada pelo Centro de Apoio à Pesquisa Histórica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (CAPH-FFLCH-USP) – dentre eles, o arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula -, os números da *Revista de História* entre 1950 e 1960 e os Anais dos Simpósios dos Professores Universitários de História realizados na década de 1960, de forma a contemplar as inserções do historiador nas diversas iniciativas em prol da institucionalização dos estudos históricos na universidade no Brasil. Apesar das operações conduzidas pelo historiador e por indivíduos os quais pretenderam enquadrá-lo nos meandros da memória da historiografia brasileira enquanto figura de grande vulto, sua atuação não esteve imune às tensões, disputas e conflitos no momento de afirmação da historiografia acadêmico-universitária no Brasil, ao mesmo tempo em que Simões de Paula procurou legitimar-se, ser reconhecido interna e externamente ao âmbito da universidade no país.

Palavras-chave: Paula, Eurípedes Simões de, 1910-1977. Historiografia brasileira - Séc. XX. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo (FFCL-USP). Trajetória intelectual.

ABSTRACT

Considered one of the most respected names in the History's area in Brazil, Eurípedes Simões de Paula (1910-1977) has played a significant role of consolidation movement in the History area under university foundations in Brazil. Between 1940 and 1960, the historian involved into multiple activities in order to build up the former Faculty of Philosophy, Science and Letters of University of Sao Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo - FFCL-USP) and the History área: student of the first Faculty's classes, Simões de Paula established himself into meandering through the Faculty : he achieved of the Chair of the History of Ancient and Medieval Civilization in the University of Sao Paulo since the mid 1940s, he became Director of the Faculty in the 1950, where he founded the *Revista de História*, in order to provide the foundations in his academic, intellectual and historiographical's project. At the 1960s, he enlarged his bases in external scope to Faculty in order to model his name and involvement on the foundation and consolidation of the Association of University Professors of History (Associação dos Professores Universitários de História – APUH). In this sense, the present investigation purposes assume the professional career of Simões de Paula as the object's study. The focus on the period among 1940s and 1960s, which intends to initiate some views about the terms of consolidation of the historical knowledge produced by the University at the relevant moment to promote trajectories and intellectuals projects deliberated by individuals linked to institutionalise movement of Historical Studies in Brazil based upon the pillars in higher education post-1930. Initiating at the research question, the study dwells on analysis of the main sources which embrace the records held by Center of Assistance to Historical Research (Centro de Apoio à Pesquisa Histórica – CAPH) and among them, the personal archive of Eurípedes Simões de Paula, the issues of the *Revista de História* between 1950s and 1960s and the Symposia of University Professors of History's Annals carried out in the 1960s, in order to consider the inserts of the historian in the several initiatives strive for the institutionalisation of historical studies at the University in Brazil. Despite the operations have undertaken by Simões de Paula and others individuals whom seek to accommodate him at the meanders of the Brazilian Historiography's memory whereas the great figure, his interventions were not immune from several tensions, struggles and strains inside the moment of the affirmation of academic university historiography in Brazil, simultaneously as Simões de Paula sought to legitimise, to be renowned internally and externally in the scope at the Brazilian University.

Keywords: Paula, Eurípedes Simões de, 1910-1977. Brazilian Historiography – 20th century. Brazilian Historiography – 20th century. Faculty of Philosophy, Science and Letters, University of Sao Paulo. Intellectual trajectories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------------|
| Figura 1 - Capas da <i>Revista de História</i> (ano I, n. 6 e 7, 1951) | 95 |
| Figura 2 - Anverso da 4ª capa. <i>Revista de História</i> (ano II, n. 6, abr/jun. 1951) | 97 |
| Figura 3 - Capas da <i>Revista de História</i> (v. XXIV, n. 49 e 50, 1962) | 108 |
| Gráfico 1 – Quantificação das seções e gêneros editoriais na <i>Revista de História</i> na década de 1950 | 98 |
| Gráfico 2 – Distribuição dos textos de autoria de Eurípedes Simões de Paula na década de 1960 | 112 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|------------|
| Tabela 1 – Relação dos concursos efetuados ao provimento das cátedras da FFCL-USP entre 1939 e 1949 | 42 |
| Tabela 2 - Doutoramentos emitidos na FFCL-USP entre 1942 e 1949 | 44 |
| Tabela 3 - Distribuição dos doutoramentos por área | 44 |
| Tabela 4 – Dotação orçamentária da FFCL-USP entre 1950 e 1952 | 61 |
| Tabela 5 – Composição da Comissão de Redação da <i>Revista de História</i> nos anos 1950 | 90 |
| Tabela 6 – Relação dos principais autores que publicaram trabalhos na <i>Revista de História</i> no decorrer dos anos 1950 | 92 |
| Tabela 7 – Relação dos principais autores que publicaram trabalhos na <i>Revista de História</i> no decorrer dos anos 1960 | 110 |
| Tabela 8 – Relação dos temários eleitos ao I SPUH e seus respectivos relatores | 129 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------------|---|
| APUH | Associação dos Professores Universitários de História |
| Anpuh | Associação Nacional dos Professores Universitários de História |
| CAPH - USP | Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” da Universidade de São Paulo |
| CNE | Conselho Nacional de Educação |
| CPOR | Centro de Preparação de Oficiais da Reserva |
| CTA | Conselho Técnico-Administrativo |
| Co | Conselho Universitário da Universidade de São Paulo |
| DIP | Departamento de Imprensa e Propaganda |
| FD – USP | Faculdade de Direito – Universidade de São Paulo |
| FEB | Força Expedicionária Brasileira |
| FFCL – USP | Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Universidade de São Paulo |
| FFLCH – USP | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo |
| IBF | Instituto Brasileiro de Filosofia |
| IIES | Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo |
| RI | Regimento de Infantaria |
| SBPC | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência |
| SD | Setor de Documentação do Departamento de História da FFLCH – USP |
| UDF | Universidade do Distrito Federal |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 MODOS DE CONSTRUIR UMA LIDERANÇA: EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA E AS DISPUTAS EM TORNO DAS CÁTEDRAS ENTRE OS ANOS 1940 E 1950 | 25 |
| 1.1 Lugares de batalha: disputas em torno das cátedras na FFCL-USP nas décadas de 1940 e 1950 | 30 |
| 1.2 Modos de exercer uma liderança construída: Eurípedes Simões de Paula à frente da FFCL-USP nos anos 1950 | 60 |
| 2 A <i>REVISTA DE HISTÓRIA</i> E SEU EDITOR: PRÁTICAS EDITORIAIS, A FORMULAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960 | 78 |
| 2.1 A construção de um projeto editorial: a <i>Revista de História</i> nos anos 1950 | 81 |
| 2.2 Modos de fabricar a consolidação: o percurso da <i>Revista de História</i> na década de 1960 | 106 |
| 3 DAS PUBLICAÇÕES À CONSTRUÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO: MECANISMOS DE LEGITIMAÇÃO DA ATUAÇÃO DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA NA DÉCADA DE 1960 | 120 |
| 3.1 O primeiro Simpósio dos Professores Universitários de História (SPUH): entre a afirmação e a legitimação da identidade historiadora e as disputas engendradas no campo da História | 124 |
| 3.2 Os encontros de Curitiba, PR (1962) e Franca, SP (1965): entre as disputas de concepções de História, as hesitações do campo e as tentativas da afirmação da APUH | 140 |
| 3.3 A consolidação da APUH e a legitimação da atuação de Eurípedes Simões de Paula nos Simpósios de Porto Alegre (1967) e Campinas (1969) | 149 |
| À GUIA DE CONCLUSÃO: EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA NOS ANOS 1970: ENTRE A UNIVERSIDADE, A HISTÓRIA E A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE HISTORIADORA | 154 |
| FONTES CONSULTADAS | 160 |
| REFERÊNCIAS | 166 |
| APÊNDICE A | 175 |

INTRODUÇÃO

Priscila Camargo: - Professor, na sua missão de educador, em todo o seu empenho na divulgação cultural, o senhor acha que preencheu todas as suas aspirações?

Eurípedes Simões de Paula: - Sim e não. Por que, quando eu entrei para a Faculdade de Filosofia, já era aluno da Faculdade de Direito, visto que gostava de História. Não pensei nunca ser professor de História. Chegado lá, escolhido por Braudel, fiquei como assistente de História e aí então o ideal foi alcançado, por que eu justamente fazia o que gostava. Não, pelo seguinte: evidentemente, gostaria de só ficar na pesquisa e no ensino. Agora, a vida universitária me chamou para a administração várias vezes. A gente dá a sua contribuição aí, mas, evidentemente, eu prefiro muito mais ser professor. Não sei se sou um bom professor, mas eu gosto do convívio com os jovens, a troca de ideias e a pesquisa, quando posso fazer. Portanto, sim e não, digo eu¹.

No ano de 1973, Eurípedes Simões de Paula foi tema de um episódio da série “Perfil de Educador”, transmitido pela então TV 2 Cultura. Coadunado aos objetivos do programa, cujo escopo primordial visara diagnosticar e trazer ao público as trajetórias e percursos de intelectuais e educadores relevantes aos circuitos educacionais no Brasil no início dos anos 1970, o episódio dedicado ao professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo procurara retratar o personagem à luz de suas atividades e realizações no decorrer de sua trajetória.

Durante a entrevista, a imagem construída em torno de sua figura associava-se à postura que o historiador assumia nas cenas captadas. Retratado em muitos trechos sentado perante sua biblioteca pessoal, folheava as páginas do jornal *E a cobra fumou*² e as da maior de suas realizações, a *Revista de História*. Em paralelo, a narrativa do programa o qualificava como um intelectual inteiramente devotado às causas e ao desenvolvimento da universidade e dos estudos históricos no Brasil na segunda metade do século XX, cujos feitos, realizações e projetos emolduravam uma trajetória “vitoriosa” e o alçava ao panteão dos intelectuais

¹ PROGRAMA “Perfil de Educador”: Eurípedes Simões de Paula. Produção: Heloisa Castellar. São Paulo: TV 2 Cultura, 1973. 1 DVD (31’59”), son., p&b. Aqui, reitero os agradecimentos ao coordenador do CEDOC da TV Cultura, José Maria Pereira Lopes, por localizar e disponibilizar uma cópia do programa.

² Jornal editado pelo 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, destacamento o qual Eurípedes Simões de Paula esteve conscrito durante a Segunda Guerra Mundial em campanha na Itália.

brasileiros, algo que permitia, inclusive, ser chamado por um dos entrevistadores de um “dos nomes mais respeitados da cultura brasileira³.”

Personalidade movida inteiramente por suas realizações, abnegado das desventuras em nome de seus ideais, investido pelas mais elevadas virtudes humanas. Intelectual desprendido das vaidades ou interesses mesquinhos, trabalhador incansável no progresso e no incremento de empreendimentos que fomentassem e difundissem a cultura e a ciência aos mais diversos atores e sujeitos espalhados no país. Não era outro senão esse o retrato talhado pelos realizadores da entrevista.

No correr da mesma década e também na seguinte, outras iniciativas semelhantes, de tom apologético e canônico, foram empreendidas em torno de Simões de Paula. Voltadas, principalmente à construção de uma produção historiográfica respeitável e de lugares de memória facilmente identificáveis, tais esforços abarcavam múltiplas frentes de atuação nos campos intelectual e universitário brasileiros, de forma a alçá-lo à condição de um intelectual devotado a suas atividades e empreendimentos, enquadrando sua identidade como a de um homem de realizações no campo da História, um dos próceres mais eloquentes do movimento de institucionalização dos estudos históricos na universidade brasileira⁴.

Uma das mais significativas dessas iniciativas aparece sintetizada na apresentação do número 103 da *Revista de História*, volume de comemoração aos seus 25 anos de publicação ininterrupta. Nela, Maria Regina da Cunha Rodrigues tece um balanço da publicação desde sua fundação até aquele momento. Como atesta a autora, passados um quarto de século de fundação do impresso, as contribuições elaboradas por diferentes sujeitos na realização do que seria o “número especial” da *Revista de História* frisaram a importância da publicação nos círculos intelectuais nacionais e internacionais, de modo a atestar o vigor e o impacto produzido por seu projeto no campo da História, os quais residiam nos esforços e no idealismo de seu fundador⁵.

³ A fala está contida no trecho entre 20’37” a 20’40” da entrevista.

⁴ PAUL, Herman. Fathers of history: metamorphoses of a metaphor. *Storia della storiografia*, n. 59-60, p. 251-267, 2011. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/paul/fathers_of_history.pdf. Acesso em: 20 jul. 2017.

⁵ RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. Uma explicação. *Revista de História*, São Paulo, n. 103, p. 5-18, jul/set. 1975. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/103v1/a01v103n1.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Maria Regina da Cunha Rodrigues foi uma das mais relevantes colaboradoras nos projetos de Eurípedes Simões de Paula. Segunda esposa do historiador, Maria Regina Rodrigues ocupou a secretaria da *Revista de História*, da Sociedade de Estudos Históricos entre as décadas de 1960 e 1970.

Ao associar a revista a seu fundador, identificando o criador à criatura, a homenagem oferecida por Maria Regina de Cunha Rodrigues buscava referendar a trajetória do historiador como uma personalidade inteiramente devotada aos princípios erigidos ao impresso por seu editor e diretor – isto é, ele mesmo. Para a autora, traçar os fortes vínculos existentes entre o programa conferido pelo historiador à publicação ao próprio caráter adquirido pelo impresso nos círculos intelectuais tanto no Brasil quanto no exterior significava não somente ratificar a posição da publicação naquela ocasião “[...] como fator de atualização do conhecimento histórico, seu papel na formação dos jovens pesquisadores”, mas sim dimensionar a figura de Simões de Paula como um dos próceres em prol do desenvolvimento e consolidação de um “[...] programa de alto nível” no campo da História, de forma a circunscrever tal anseio no horizonte de possibilidades de ação ao historiador desde sua entrada na Faculdade de Filosofia, quando assistente de Fernand Braudel em fins dos anos 1930⁶.

Ainda nas palavras de Maria Regina Rodrigues, e em consonância ao empreendimento em construir um perfil bem definido de e para o homenageado a partir do projeto motriz de criar mecanismos em prol do fomento e da divulgação da pesquisa histórica, Simões de Paula pugnara novas plataformas de atuação ao longo de sua trajetória no interior da Universidade de São Paulo, principalmente na qualidade de catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da então FFCL–USP. Dentre eles, três adquiriam destaque: a fundação de publicações periódicas especializadas na difusão dos estudos históricos (a própria *Revista de História* e outras publicações); a criação de sociedades e a direção de associações que congregassem os historiadores na promoção do debate e da divulgação da pesquisa histórica; e a constituição de instituições voltadas à preservação de acervos documentais brasileiros.

Instituição – Historiador – História: eis o eixo angulado por Maria Regina Rodrigues na identificação do perfil de Eurípedes Simões de Paula, retratado como um intelectual cujo idealismo e modéstia revestiram sua forma de agir e de conduzir plataformas, angariar iniciativas, chamar a responsabilidade para si na resolução de problemas os mais diversos no enfrentamento e na concretização de suas plataformas intelectuais.

Ainda no rol das homenagens impressas a Eurípedes Simões de Paula, outra produção se destaca por seu caráter em edificar um retrato bem delineado do historiador. Cinco anos após o seu falecimento, ocorrido em 1977, um grupo de colegas, amigos e alunos, capitaneados pela mesma Maria Regina da Cunha Rodrigues junto a Antonio Candido,

⁶ RODRIGUES, p. 11.

lançaram um livro dedicado à sua memória.⁷ Laudatórias, como seria de se esperar, as diversas falas obtidas na reunião dos depoimentos resguardam um ponto em comum: enfatizar a figura de Simões de Paula como um intelectual cuja atuação nos meios universitários e intelectuais brasileiros conjugava determinação, tenacidade e devoção às causas mobilizadoras em sua vida, quais sejam, a História, a educação e a pesquisa. Como um “soldado do ofício”, ou seja, um sujeito disposto a se conscrever nas mais diversas batalhas existentes, seja no campo universitário, seja no campo da História, Simões de Paula exercia sua liderança e o prestígio angariados no decorrer de sua carreira universitária, de modo a imprimir sua forma e sua prática historiadora nos mais diversos empreendimentos lançados.

Em paralelo aos mecanismos de fabricação do que seria uma “identidade historiadora” na trajetória de Simões de Paula vista por seus contemporâneos encontram-se as operações lançadas por alguns sujeitos, principalmente veiculados à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), na edificação de espaços e signos de evocação da lembrança do historiador no interior da instituição a qual ele esteve veiculado na docência e na pesquisa. Nas instâncias e condições envolvidas na construção daquilo que seriam os lugares da memória dedicados ao historiador e na cristalização de sua presença e participação na consolidação do constructo institucional da Faculdade,⁸ três aparatos são fundamentais: a nomeação do edifício da História e Geografia em 1978; e as doações de sua biblioteca e arquivos pessoais em início dos anos 1990.

No primeiro caso, uma breve nota publicada no jornal *O Estado de São Paulo* na edição de 18 de novembro de 1978 divulgava duas homenagens realizadas por familiares, amigos e conhecidos de Simões de Paula: a celebração da missa em honra ao primeiro ano de

⁷ *IN MEMORIAM: Eurípedes Simões de Paula*: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros da FEB: vida e obra. São Paulo: [s.n.], 1983. 719 p.

⁸ Aqui, utilizar-se-á a perspectiva inaugurada por Pierre Nora na análise dos mecanismos e das condições da elaboração dos lugares de memória, os quais a memória pode ser encarnada e ressignificada, de acordo com as intencionalidades acionadas em prol de sua edificação. Criados artificialmente, investidos e ratificados simbolicamente, funcional e demograficamente, os lugares da memória investem da função de exercer um substrato material e simbólico às experiências e dimensões passadas já inexistentes pela dinâmica das relações com o passado, de modo que ao operar na dialética da acumulação-destruição, e perante ao imperativo das descontinuidades com o passado, possam dar sentido na percepção da continuidade, criar identidades e pertencimentos entre gerações diversas, cujas evidências de ligação com o passado estão calcadas naquilo que não é possível mais ser visto ou apreendido. Cf. NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 16 jan. 2019.

falecimento do historiador e a cerimônia de nomeação do prédio da História e Geografia, cujo nome passaria a ser designado como “Edifício Eurípedes Simões de Paula”.⁹

Muito embora as movimentações em torno da recomendação de que o prédio recebesse o nome do docente já estivessem no horizonte de alguns de seus contemporâneos – algo aventado inclusive pelo artigo escrito por Maria Regina da Cunha Rodrigues –, a ideia ganhou força após o falecimento do historiador, e logo foi assumida pelos foros administrativos e acadêmicos da FFLCH – USP. Em ofício endereçado a um dos filhos de Simões de Paula, Claudio Paiva Paula, em 18 de abril de 1978, o professor Erwin Theodor Rosenthal, então diretor da Faculdade, dizia que esse era o anseio da comunidade da instituição, o qual se justificaria por se concretizar em uma “[...] homenagem a quem tanto batalhou por seu engrandecimento”¹⁰.

Tais honrarias não se restringiram ao “batismo” do prédio, mas também se espalharam na criação de outros lugares de memória. Das propostas oferecidas pela família, inicialmente houve a negociação da doação da biblioteca particular de Eurípedes Simões de Paula à FFLCH-USP. Logo acolhida com entusiasmo no corpo diretivo da unidade, a possibilidade de adquirir os instrumentos de trabalho acumulados pelo historiador no decorrer de sua trajetória revelaria não somente a preocupação com o enriquecimento dos acervos da USP, mas, sobretudo, em evocar sua lembrança e presença nos meios universitários, particularmente o de sua “casa”. Abrigar a biblioteca pessoal do historiador significaria assim assegurar seu lugar no panteão da unidade, em inseri-lo como uma das figuras centrais naquilo que resultaria na formulação da memória institucional, projeto no horizonte da instituição em meados dos anos 1980, o qual visara a incorporação de acervos pessoais de ex-docentes, abrigados no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH).

De modo específico, e inserido neste movimento em prol da elaboração do arcabouço de memória da Faculdade de Filosofia e da USP, na década de 1980 outra iniciativa tomaria corpo entre alguns docentes, mais uma vez sob a liderança de Maria Regina da Cunha Rodrigues: a doação do arquivo pessoal do historiador, transferido definitivamente ao CAPH no limiar da década de 1990. Naquele momento, o próprio CAPH passava por transformações

⁹ “IN MEMORIAM”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Ano 99, n. 31803, p. 25, 18 nov. 1978.

¹⁰ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Processo n. 148/1978. Doação da Biblioteca particular do Prof. Eurípedes Simões de Paula, ao Departamento de História. Fundo AESP – CAPH - USP (Caixa 44, n. 5024) - Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” – CAPH – FFLCH – USP.

em sua natureza e alcance de atribuições. Originalmente criado pelo próprio Eurípedes Simões de Paula em 1966, o então Setor de Documentação do Departamento de História da FFLCH – USP (SD–FFLCH) tinha como principal escopo reunir, organizar e preservar o patrimônio documental brasileiro, no emprego e difusão das modernas técnicas de reprodução, concentradas nas atividades de microfilmagem dos acervos e assessoramento aos pesquisadores interessados na utilização dos equipamentos adquiridos para execução dos fins traçados à instituição.

Participante ativo das atividades desempenhadas no âmbito do Setor de Documentação, Eurípedes Simões de Paula encabeçara a execução dos projetos desenvolvidos pela unidade, designando à implantação das ações de recolhimento e organização dos arquivos submetidos ao SD–FFLCH jovens historiadores formados no âmbito da Faculdade de Filosofia da USP. Durante os primeiros anos de funcionamento, o setor trabalhara para oferecer assistência às localidades as quais não possuíam instituições de custódia documental, bem como pautar ações e orientações concretas na organização e difusão dos arquivos municipais, em um contexto no qual o campo da Arquivologia iniciara seus primeiros marcos na afirmação como campo científico e área dedicada à formação de profissionais especializados na esfera das instituições de custódia documentais no país¹¹.

Com as transformações implantadas na FFLCH–USP entre fins dos anos 1980 e ao longo da década seguinte, o SD–FFLCH redirecionou suas funções e escopo de atuação. Anteriormente destinado a ser um polo de irradiação das mais novas técnicas na reprodução de documentos e em instaurar diretrizes na organização e difusão das potenciais fontes para a investigação histórica, ele progressivamente se transformou em um centro de pesquisas, cuja finalidade se coadunaria aos anseios dispostos no âmbito da USP e de sua Faculdade de Filosofia naquele momento: motivado pelo cinquentenário da USP celebrado em 1984, o CAPH tornar-se-ia receptáculo da documentação relativa à fundação e consolidação da

¹¹ Maria Leandra Bizello e Renato Crivelli apontam para o contexto dos anos 1970, marcado por um processo visualizado no âmbito dos órgãos estatais, com o intuito em desenvolver projetos e plataformas que impulsionassem a defesa do patrimônio nacional cultural nacional, visto como elemento fundamental em prol da construção da História do Brasil. Arelado neste movimento preservacionista, diversos órgãos ligadas aos estados e municípios começaram a dedicar-se nas ações de criação de centros de documentação e de arquivos, dentre eles, as universidades e centros de pesquisa aderiram a dinâmica e começaram a implantar políticas de criação de arquivos e centros de documentação próprios, de modo a vislumbrar a relevância dos arquivos como fontes de informações fundamentais ao desenvolvimento da investigação científica. Cf. CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. A História da Arquivologia no Brasil (1838-2002). *Fuentes, Revista de la Biblioteca y Archivo Histórico de la Asamblea Legislativa Plurinacional*, La Paz, v. 6, n. 21, p. 44-56, 2012. Disponível em: http://www.revistasbolivianas.org.bo/pdf/fdc/v6n21/v6_n21_a05.pdf. Acesso em: 18 jan. 2019.

universidade, de modo a ser a instituição central na preservação e na organização das fontes cruciais na ereção do que seria a memória da USP.

Deste modo, e com o avanço dos trabalhos no projeto denominado “Memória da Faculdade de Filosofia”, a preocupação dos dirigentes e da equipe do CAPH – sob a direção dos professores José Sebastião Witter e Janice Theodoro – residia no agrupamento da produção historiográfica e científica do Departamento de História realizada nos anos 1980, ao mesmo tempo em que angariava arquivos pessoais dos primeiros docentes da instituição. Assim, uma série de fundos particulares começaram a ser depositados no Centro, de modo a “[...] desenvolver o auto-conhecimento de diferentes aspectos da Faculdade de Filosofia, através de seus cinquenta e tantos anos [...]”¹².

Nos esforços em transformar o CAPH no núcleo de preservação da memória da Faculdade de Filosofia e projetá-la como síntese da memória da própria universidade, os arquivos pessoais de sujeitos partícipes do processo de formação e consolidação institucional foram entendidos como um de seus pilares fundamentais. Reunir, integrar e organizar os arquivos pessoais dos primeiros docentes da instituição significava ao CAPH, assim, incorporar em seu espaço os vestígios que seus sujeitos haviam produzido durante sua trajetória no interior da universidade. Como artífices símbolos do movimento de consolidação da unidade ao longo de sua existência, constituía-se, além da edificação dos “lugares da memória” de docentes e da própria instituição, na produção do que seriam os “legados”¹³ destes indivíduos.

Inserido neste movimento de enquadramento da memória institucional via conjuntos documentais particulares, o arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula adquiriu importância decisiva na constituição do projeto conduzido pelo Centro, de modo que, ao proceder nas operações de organização e de preservação do fundo, havia o interesse do corpo diretivo do setor em conferir sentidos, significados e valores em torno da trajetória do

¹² LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. O CAPH e projetos em andamento. *Boletim informativo CAPH – USP*, São Paulo, Ano XV, n. 5, p. 16-17, 1989. Fundo CDH – SD – CAPH (Caixa 14) - Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” – CAPH – FFLCH – USP

¹³ Aqui, recorro ao estudo de Luciana Heymann acerca do arquivo de Darcy Ribeiro, mais especificamente a noção trabalhada pela autora no exame da documentação pessoal do intelectual, visto como instância basilar na construção do legado do sociólogo. Atenta aos mecanismos sociais de produção do entendimento e da interpretação da trajetória de Ribeiro, Heymann localiza os arquivos pessoais não como meros resultantes das atividades desenvolvidas em seu percurso, frutos da acumulação natural dos portadores, mas sim eivado de intencionalidades, sentidos e representações, elaboradas pelo próprio indivíduo e por um conjunto de atores, envolvidos na leitura da experiência do indivíduo, fabricar imagens e discursos autorizados que corroborem a noção de exemplaridade, e de uma trajetória “modelar”. Cf. HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012. 238 p.

historiador. Não obstante as próprias operações efetuadas por Simões de Paula na acumulação de seu arquivo pessoal e da interferência da própria família nas tarefas de seleção do que deveria permanecer ou não, o CAPH também investira em consolidar não somente a presença do professor na instituição a qual estivera veiculado em seu percurso acadêmico, mas sim em erigir o nome de Simões de Paula no panteão dos formadores da Faculdade de Filosofia, em circunscrevê-lo na qualidade de uma carreira “exemplar”, um continuador do projeto original conferido pelos idealizadores à FFCL–USP, em sintetizar uma trajetória “vitoriosa” e “brilhante” no interior da Faculdade e da Universidade. Nestes termos, reforçava-se o prestígio do historiador junto à instituição, valorizando, comemorando e perpetuando sua presença na memória da Faculdade.

Nomeação do edifício, doação da biblioteca e arquivo pessoais de Eurípedes Simões de Paula: ações edificadas nas instâncias da Faculdade de Filosofia da USP, intencionadas e produzidas com o intuito de celebrar e comemorar um “herói”, de tomar a sua trajetória como espelho do processo de constituição da própria instituição. Constituía-se, assim, um arcabouço ligado à invenção das tradições da unidade,¹⁴ em que a memória individual mimetizada na constituição dos arquivos nos espaços institucionais da Faculdade reforçava os parâmetros da legitimação tanto do percurso triunfante de Simões de Paula quanto do êxito da FFCL/FFLCH – conquistas e vitórias nas perspectivas individual e coletiva.

Mediante o breve quadro acima estruturado, e partindo dos mecanismos de produção social da memória de Eurípedes Simões de Paula consolidado ao longo dos últimos anos, o presente trabalho possui como tema central o exame de trajetórias e de projetos intelectuais elucubrados por indivíduos ligados ao movimento de institucionalização dos estudos históricos no Brasil sob os pilares do ensino superior pós-1930. Neste sentido, o estudo pretende lançar algumas considerações acerca das condições envolvidas na consolidação do conhecimento histórico produzido na universidade, tomando como objeto primordial para a análise a trajetória de Eurípedes Simões de Paula entre as décadas de 1940 e 1960.

¹⁴ HOBBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.

Tal perspectiva impulsiona-se por dois horizontes: o primeiro, relacionado às inquietações em torno dos processos de fabricação da trajetória de Simões de Paula, sustentada nas virtudes e qualidades detectadas em sua personalidade, de forma a reduzir a participação e inserção do historiador no movimento de consolidação dos estudos históricos nos meios universitários no Brasil. O segundo, por sua vez, inspira-se nos trabalhos de Rebeca Gontijo, François Hartog e Temístocles Cezar¹⁵ nos estudos acerca de Capistrano de Abreu, de Fustel de Coulanges e de Francisco Adolfo de Varnhagen, respectivamente, os quais não somente se concentraram na reconstituição do itinerário ou traçar os elementos-chaves nas relações entre autores e obras, mas sim dedicaram-se em localizar os “casos” de cada um dos autores na identificação dos perfis de historiadores aventados por cada um destes indivíduos nas tarefas de construção da escrita da História e das contribuições elaboradas pelos mesmos no âmbito da historiografia. Simultâneo ao movimento em problematizar as trajetórias dos historiadores no exercício dos modos de ser historiador à luz da historiografia produzida e da memória edificada em torno das figuras analisadas, tais estudos possuem como eixo comum apreender as mobilizações e as disputas e correlações de força existentes na dinâmica do campo dos estudos históricos nos diferentes contextos experienciados.

Assim enquadrado, o estudo ora desenvolvido pretende vislumbrar a trajetória de Simões de Paula, inserida no movimento de mobilizações encetadas na formação de uma engrenagem e de dispositivos em prol da afirmação e da legitimação dos estudos históricos na universidade no contexto brasileiro em meados do século. Indivíduo cuja formação inicial se concentrara no âmbito militar e no exercício da advocacia, Eurípedes Simões de Paula rapidamente se juntou ao quadro discente da recém instituída Faculdade de Filosofia da USP no ano de 1934.

Aluno de sua primeira turma, o então estudante procuraria verter suas preocupações, anseios e horizontes de atuação nos terrenos de formação e consolidação da FFCL–USP ao longo das décadas de 1930 e 1940. Com isso, veio a assumir diferentes cargos no seio institucional, desde a assistência na Cadeira de História da Civilização (de 1936 até 1939) e na Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval a partir de 1946, quando de seu retorno da Segunda Guerra Mundial, até chegar à Direção da Faculdade em 1950, acumulando

¹⁵ GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: FAPERJ : 7 Letras, 2013. 357 p.; HARTOG, François. *O século XIX e a História: o caso de Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. 419 p.; CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 253 p.

assim funções docentes e administrativas, as quais se prolongariam até o fim dos anos 1970, quando de seu falecimento abrupto. Neste percurso deu-se sua legitimação perante a comunidade acadêmica como nome dedicado ao impulsionamento dos estudos históricos empreendidos em balizas universitárias e à afirmação e consolidação da própria universidade: um intelectual recorrentemente associado à sua devoção e dedicação nos meandros político-institucionais, do começo da universidade ao fim de sua vida.

Voltando-se especificamente ao campo da História, não obstante os esforços elucubrados pelo historiador em construir sua presença nos meios universitários e historiográficos durante sua trajetória, este trabalho tem como objetivo identificar os caminhos e as perspectivas tomadas na área de História, um campo em que as tensões e as correlações de força marcaram as movimentações de Simões de Paula na consolidação de sua plataforma e de seus projetos no cerne tanto da universidade quanto da definição do saber histórico em fundamentos institucionais. Deste modo, a dissertação estrutura-se em um eixo articulado pelos lugares vislumbrados por Simões de Paula naquilo que ele considerava como o universo das possibilidades de inserção de sua plataforma acadêmica, intelectual, política e historiográfica, dividindo-se assim em três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado **Modos de construir uma liderança: Eurípedes Simões de Paula e as disputas em torno das cátedras entre os anos 1940 e 1950**, objetiva localizar as décadas de 1940 e de 1950 como período capital no entendimento das condições efetuadas no interior da Faculdade de Filosofia em sua consolidação nos meios intelectuais brasileiros, época na qual a instituição passava por dificuldades e entraves na afirmação de seu projeto. Nesta perspectiva, a questão da formulação dos dispositivos institucionais de ascensão aos cargos mais elevados na organização universitária tornara-se objeto de intensas disputas no cerne da Faculdade de Filosofia. Dentre o corpo docente da FFCL-USP, Eurípedes Simões de Paula destacou-se como uma das personagens centrais nas disputas, com vistas a garantir a si e aos colegas mais próximos os postos deixados pelos docentes franceses quando de seu retorno à Europa. Nas dissensões travadas no meandro do campo universitário, Simões de Paula arrogou assim a si uma liderança, um protagonismo, a partir do qual formulava estratégias em ataque às investidas contra a Faculdade de Filosofia, de forma a agir ora publicamente, ora nos bastidores, com a intenção de assegurar aos “herdeiros das cadeiras” a ascensão e a legitimação na estrutura da universidade.

O segundo capítulo, denominado **A Revista de História e seu editor: práticas editoriais, a formulação e a consolidação do projeto de Eurípedes Simões de Paula entre as décadas de 1950 e 1960**, intenta compreender os movimentos inseridos na estruturação do

aparato em prol da institucionalização dos estudos históricos produzidos na universidade por intermédio da fundação de projetos editoriais de periódicos específicos para área de História. No limiar dos anos 1950, legitimado e referendado pelos pares no ambiente da Faculdade de Filosofia na condição de Diretor da unidade, Eurípedes Simões de Paula lança a *Revista de História*, cuja edição ficaria a seu cargo durante 27 anos. Não obstante a amplitude conferida no projeto editorial em seus primeiros números cujo objetivo principal seria voltado à divulgação daquilo que se denominaria como “estado da arte” do campo da História no país sob a égide da universidade), a atuação de Simões de Paula na condição de editor caracterizou-se não apenas nas escolhas das temáticas enfatizadas, das redes de autores e de instituições atreladas ao programa, mas também por procurar centralizar as formas da recepção dos trabalhos veiculados no espaço do periódico e em pautar assuntos e perspectivas as quais estavam intrinsecamente atreladas às perspectivas das práticas de ensino e de pesquisa pugnadas por ele em sua trajetória.

Por fim, o terceiro capítulo, **Das publicações à construção de uma associação: mecanismos de legitimação da atuação de Eurípedes Simões de Paula na década de 1960**, dedica-se a perscrutar quais eram as condições envolvidas na produção do conhecimento histórico na década de 1960 e as preocupações candentes entre os historiadores brasileiros perante as transformações da universidade brasileira, então passando por alterações no âmbito legal, bem como o diagnóstico formulado pela comunidade historiadora nas mudanças consideradas necessárias nas práticas de ensino de História no ensino superior.

Vista por Eurípedes Simões de Paula como possibilidade de amplificar os projetos anteriormente desenvolvidos nas instâncias da Faculdade de Filosofia da USP, o historiador mobiliza então sua presença e atuação na participação dos debates e discussões nas agendas dos Simpósios dos Professores Universitários de História e na própria fundação e consolidação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH). Mais que isso, empenha-se em impor e determinar horizontes e formas organizativas aos Simpósios, em consonância aos ditames considerados por ele científicos, colocados no âmbito internacional. Enfatizar a pesquisa e a divulgação da investigação histórica foram as marcas impressas por Simões de Paula na condução da entidade a partir de 1965, quando fora eleito para a Diretoria da APUH.

Complementar à bibliografia levantada durante a execução da pesquisa, um conjunto de fontes documentais contribuiu para o adensamento das interpretações elaboradas no decorrer dos capítulos. Neste horizonte, os fundos documentais mobilizados foram os seguintes: o Fundo “Eurípedes Simões de Paula”, depositado no CAPH-USP; os números da

Revista de História publicados entre as décadas de 1950 e 1960, consultados no Centro de Memória e Pesquisa Histórica da UNIFESP (CMPH – UNIFESP – EFLCH – Campus Guarulhos); e os Anais publicados pela APUH dos encontros realizados nos anos 1960, cedidos pela Secretaria da Associação Nacional de História (ANPUH), devido aos problemas técnicos no acesso via internet aos documentos.

Em paralelo às atividades de pesquisa nos fundos documentais citados, houve também o contato com a Direção da FFLCH – USP na tentativa de perscrutar outros documentos, sobretudo os de âmbito administrativo e institucional da atuação de Simões de Paula quando desempenhara as funções de docente e diretor da instituição. Entretanto, é necessário frisar aqui que a administração do estabelecimento não retornou os contatos feitos ao longo de 2017 pelas vias oficiais.

A justificativa do trabalho pauta-se por levantar visadas mais nuançadas na trajetória de Eurípedes Simões de Paula, de forma a traçar algumas chaves na reconstituição do percurso do historiador no interior das diversas dimensões assumidas por ele no movimento da institucionalização dos estudos históricos. Reiteradamente associado na historiografia como um dos grandes artífices das principais vertentes na construção do arcabouço institucional da História no Brasil, em geral associado a um fundo laudatório sobre sua atuação, Simões de Paula constitui-se em uma personagem, de certo modo, negligenciada na história da historiografia brasileira. Localizado no leque simbólico erigido no campo da História na condição de “grande administrador”, de “soldado do ofício”, as contribuições dadas pelo historiador encontram-se na esfera da mitificação do indivíduo, em detrimento das tensões existentes no campo e quais as inserções de Simões de Paula no momento de definição do saber histórico, praticado e legitimado na universidade brasileira.

Dentro do horizonte dos possíveis, elucubrado pelo historiador e por outros indivíduos na afirmação de sua presença e na construção de sua importância no campo da História, o perfil ora identificado de Eurípedes Simões de Paula não despreza as iniciativas, plataformas e projetos pensados e realizados, mas visa a problematizar o *ethos* fabricado por ele mesmo em uma identidade historiadora, situado na edificação de práticas coadunadas aos ideário científico, de atualização do saber histórico nas perspectivas da investigação e da difusão da produção executada na universidade, na constituição de instâncias e foros aos estudos históricos em vias de sua definitiva institucionalização, ao mesmo tempo em que resguardava práticas e noções de História ainda interligadas aos paradigmas executados anteriormente à consolidação da universidade e das balizas do conhecimento histórico neste novo lugar social de produção, reconhecimento e legitimação.

1 MODOS DE CONSTRUIR UMA LIDERANÇA: EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA E AS DISPUTAS EM TORNO DAS CÁTEDRAS ENTRE OS ANOS 1940 E 1950

[...] campo universitário é, como todo campo, o lugar de uma luta para determinar as condições e os critérios de pertencimento e de hierarquia legítimos, isto é, as propriedades pertinentes, eficientes, próprias a produzir – funcionando como capital – os benefícios específicos assegurados pelo campo¹⁶.

Em 18 de abril de 1963, realizava-se a cerimônia solene de formatura das turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (doravante, FFCL-USP) no Teatro Municipal de São Paulo. Reunidos sob o espírito de festividade e de cumprimento das etapas necessárias às titulações finais dos alunos, a ocasião tornara-se um espaço e um lugar privilegiado para dispensar homenagens aos mestres, promovendo uma elegia aos esforços angariados pela instituição na formação de novos quadros, capazes em atuar externamente aos domínios da Faculdade.

Na configuração das etapas do cerimonial, um dos pontos máximos consistia na leitura da “Oração do Parainfo”, dedicada ao grupo de formandos da instituição. Como praxe da cerimônia, as turmas escolhiam representantes junto aos catedráticos, com a finalidade de prestar reverências à formação obtida, bem como destacar a atuação do conjunto dos docentes envolvidos no processo de titulação.

Na ocasião, Eurípedes Simões de Paula fora escolhido como parainfo da turma de 1962. Mediante a toda a comunidade acadêmica e representantes das classes dirigentes paulistanas convidadas, o catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval mobilizou então um conjunto de símbolos em torno da relevância daquele momento, preocupado não apenas com a finalização do percurso escolar dos titulados, mas, sobretudo, em enfatizar o ânimo da instituição ao cumprimento de seu papel e apresentar quais seriam os desafios vislumbrados em seu âmbito naquele início da década de 1960¹⁷.

Ao reiterar o êxito da missão da FFCL-USP naquele instante celebrativo, Simões de Paula destacava as contribuições dadas pela Faculdade ao ambiente intelectual e cultural no Brasil passados 30 anos de sua fundação. Conforme suas observações, apesar dos muitos

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. Um livro para queimar? In: BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. 2. ed. 1. reimp., Florianópolis : Ed. UFSC, 2017. p. 32.

¹⁷ PAULA, Eurípedes Simões de. A Universidade e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Revista de História*, São Paulo, Ano 14, v. 26, n. 54, p. 523-529, 1963. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/054/A015N054.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

entraves e óbices enfrentados desde o surgimento, a FFCL-USP esforçara-se em alcançar as finalidades outrora desenhadas em seu projeto fundador: na instauração de condições específicas, voltadas ao fomento da “pesquisa desinteressada, da cultura e do progresso técnico”. Tais premissas eram fulcrais, de modo que todos os esforços despendidos fossem capazes de estabelecer novas práticas e marcos tidos científicos, para assim, afastar os não-especialistas, destituídos de formas codificadas da produção nas áreas do conhecimento abarcadas pela universidade¹⁸.

No decorrer da oração, e de forma mais contundente nas considerações finais, Eurípedes Simões de Paula elucubrava possíveis relações entre o conjunto dos alunos prestes a sair da Faculdade de Filosofia e a sua própria turma, diplomada nos primeiros anos da instituição. Guardadas as devidas proporções entre os primórdios da Faculdade e o presente, o catedrático propunha uma aproximação entre as duas gerações, tanto no aspecto dos impasses vivenciados nas duas temporalidades quanto, sobretudo, na responsabilidade ora imposta ao grupo dos formandos nos percursos que tomariam fora da universidade.

Ao partir de questões do momento para refletir sobre o passado, selecionando os feitos e lembranças em torno da Faculdade de Filosofia de forma a acomodá-los às necessidades do presente¹⁹, Eurípedes Simões de Paula tece algumas aproximações com o seu processo formativo para, enfim, ressaltar o compromisso assumido pelos formandos em preservar e transmitir os legados e as contribuições do estabelecimento universitário em trajetória nos possíveis campos de atuação na sociedade²⁰.

Neste movimento, o paraninfo da turma de 1962 tentava muito mais do que chamar a atenção dos diplomados acerca das responsabilidades que os aguardavam no mundo lá fora : a intenção era inserir aquelas mulheres e aqueles homens nas dimensões simbólica e de tradição erigidas em torno da Faculdade de Filosofia enquanto membro de uma geração, a qual lutou obstinadamente na garantia de sobrevivência da mesma, constantemente ameaçada perante à hostilidade lançada por outros institutos pertencentes à universidade²¹.

¹⁸ PAULA, p. 526-527.

¹⁹ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 77, nov. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 18 ago. 2018.

²⁰ PAULA, p. 528-529.

²¹ PAULA, p. 524.

A despeito do interesse firmado por Eurípedes Simões de Paula em caracterizar o momento de surgimento da Faculdade de Filosofia em uma leitura enviesada pela chave das adversidades perpetradas por grupos interessados na desestabilização da instituição recém-criada, o catedrático articulava quais os compromissos e a missão desnudada ao conjunto dos titulados no início dos anos 1960 e as de sua geração de modo particular. Em uma das admoestações pontuadas, por exemplo, realçava a preponderância da universidade no desenvolvimento do Brasil, mais especificamente na centralidade da mesma “em forjar o destino da nossa nacionalidade”. No rol das exortações aos formandos, continuava o Professor:

[...] A vossa geração terá a grande responsabilidade dessa decisão: ou faremos do Brasil uma grande nação ou mergulharemos no caos. Fundada a nossa Universidade em 1934, portanto há quase 30 anos, período que na História da Humanidade é um instante, mas que para o Brasil foi um salto tremendo que a juventude de hoje não pode pesar convenientemente no seu justo valor. *Nós, porém, que então éramos jovens como o sois agora, vivemos intensamente esse período, participando diretamente das Revoluções de 1930 e 1932, assim como da II Guerra Mundial*²².

As menções aos acontecimentos citados em seu discurso não se deram de maneira gratuita, muito menos se restringiram ao cerne das recomendações expressas aos formandos daquele ano. Ao final, perante a plateia agregada em torno do arcabouço das emoções e dos sentimentos suscitados na cerimônia, das tradições e dos símbolos construídos e transmitidos reiteradamente aos presentes (ingredientes constituintes daquilo que Randall Collins denominou “rituais de interação intelectual”)²³, o paraninfo recomendava aos novos titulados

²² PAULA, p. 523-524. Grifo nosso.

²³ O conceito de “ritual de interação intelectual” situado na caracterização da conferência de formatura da FFCL-USP foi inspirado nas reflexões traçadas por Randall Collins em seu estudo acerca da sociologia das ideias e dos modos de interação intelectual estabelecidas no decorrer da história. Partindo da problematização da produção das ideias no mundo intelectual e das relações entre os âmbitos individual/coletivo, o teórico caracteriza os “rituais de interação intelectual” como chave ao entendimento das redes e dos grupos constituídos tanto interna quanto externamente. Reunido fisicamente em torno de ocasiões e cerimônias que congreguem diferentes membros em um espaço físico, os rituais produzem um conjunto de ideias-emblemas, símbolos, identidades, energias de cunho emocional que perduram e, por vezes, dominam seus participantes. De acordo com as considerações do sociólogo, tais ingredientes envolvidos no processo de constituição destes rituais específicos em busca dos “objetos sagrados” construídos por grupos intelectuais são cruciais no entendimento dos elementos definidores das correntes de solidariedade travados entre seus membros, bem como em iluminar aspectos das dinâmicas sociais envolvidas ao funcionamento das diferentes estruturas de adesão e de conflito observadas no mundo intelectual. Cf. COLLINS, Randall. *Coalitions in the mind*. In: COLLINS, Randall. *The sociology of philosophies : a global theory of intellectual change*. Cambridge, Mass : Harvard University Press, 2002. p. 19-53.

participar intensamente dos rumos tomados pelo país naquele momento. Novamente, o catedrático não se furtava em projetar-se na condição de “trajetória a ser seguida” perante as dificuldades e localizar a experiência vivida nos combates travados no decorrer de sua conscrição na Força Expedicionária Brasileira (FEB) como sinais de encorajamento aos presentes em seu protagonismo na transmissão da cultura recebida no escopo da Faculdade de Filosofia por onde fossem atuar. Em suas palavras:

[...] Para isso deveis assumir conosco hoje o compromisso – aliás de acôrdo com o juramento que acabaste de proferir – de difundir por tôda a parte a cultura. Deveis tomar resolutamente essa decisão, e desculpem-nos se citamos a nossa própria experiência de combatente dos campos de batalha da Itália, onde tivemos a oportunidade de servir como comandante dum pelotão da 1ª Companhia de Petrechos Pesados do 6º Regimento de Infantaria – o glorioso Regimento Ipiranga. Depois de duma trincheira tomada ao duro e feroz inimigo, devíamos nos preparar para o contra-ataque que viria fatalmente alguns minutos depois. *Assim, como os combatentes das trincheiras italianas de 1944-1945, deveis enfrentar com ânimo decisivo a luta que está aí: ou o Brasil torna-se uma grande nação – e tem possibilidades para isso – ou mergulhamos no caos*²⁴.

Colocando-se como exemplo de coragem e de determinação nas lutas as quais encampava, tanto nas disputas no espectro da política mundana quanto no cerne da instituição a qual estava associado, o catedrático visava não somente a associar espíritos e motivações envolvidos na definição de uma época, mas sim a eleição de trajetórias e percursos modelos. Eram nestes nos quais as gerações posteriores deveriam se espelhar na defesa da cultura em todos os campos de atuação na sociedade, bem como na determinação em contribuir ao desenvolvimento da vida intelectual brasileira.

Nas articulações entre as dimensões individual e coletiva da memória, entre passado construído e presente interessado que aparecem no discurso de Eurípedes Simões de Paula, havia uma preocupação também em conformar uma identidade oriunda da seleção das lembranças mais significativamente produzidas nos espaços da Faculdade de Filosofia. Ou seja, o conjunto de reminiscências evocados pelo catedrático formavam um sentido de identidade para si mesmo e para os sujeitos pertencentes à sua geração, de modo que a incorporação da memória vetusta da Faculdade fizesse uma ligação aos “*selves anteriores*”, uma continuidade aos feitos realizados pela instituição²⁵.

²⁴ PAULA, p. 529. Grifo nosso.

²⁵ LOWENTHAL, p. 83.

A despeito deste movimento operado por Eurípedes Simões de Paula em selecionar fundamentos que corroborassem um passado venerável e distinto às futuras gerações – tanto da instituição quanto dele mesmo –, é pertinente refletir quais as implicações decorrentes dessas escolhas, principalmente em localizar alguns dos silêncios produzidos na construção desta memória coletiva.

Longe de ratificar o imaginário sensibilizado em torno dos símbolos e das “tradições inventadas”²⁶ no seio da Faculdade de Filosofia, o intuito do capítulo é oferecer algumas problematizações acerca da operação de fabricação de sua memória gloriosa e, mais precisamente, situar quais as condições objetivas envolvidas na estruturação da instituição nos primeiros anos de vida. Afinal, tal operação se empenharia, entre outros aspectos, em apagar uma das marcas mais eloquentes desse período: os conflitos, dissensões e disputas no campo universitário, em especial quando se tratava da obtenção do posto mais elevado da estrutura acadêmica de então – a cátedra.

Neste movimento, percorrer a trajetória de Eurípedes Simões de Paula nas décadas de 1940 e 1950 ganha uma centralidade na escrita do capítulo ora delineado. O itinerário do catedrático nos meandros da Faculdade de Filosofia permite iluminar determinados aspectos de sua participação no arranjo organizacional do período, especialmente a liderança exercida nos embates acerca da demarcação de mecanismos institucionais em prol da abertura de concursos às cadeiras de diferentes seções da FFCL-USP. Longe de ser apenas uma questão de economia doméstica, tais embates ajudaram a firmar a posição da Faculdade na política universitária e a assegurar a autonomia nas decisões tomadas no seio da instituição.

Mais do que regular o acesso ao posto mais elevado do modelo universitário desde os anos 1930, a atuação de Simões de Paula – indiretamente na década de 1940, de maneira mais consolidada na seguinte – revelou-se salutar no desvendamento das formas, alcances e

²⁶ No caso específico das cerimônias de formatura da Faculdade de Filosofia, circunscrevemos a ocasião no arcabouço das “tradições inventadas” nos espaços da instituição. Os sentidos atribuídos por Eurípedes Simões de Paula acerca do passado da Faculdade de Filosofia e a manipulação de um conjunto de símbolos em torno do surgimento da instituição podem ser iluminados na leitura oferecida por Eric Hobsbawm acerca dos modos de surgimento das tradições em determinados contextos. Ou seja, construída e formulada conforme interesses políticos e ideológicos dos grupos de poder no interior da Faculdade de Filosofia da USP, as tradições forjadas objetivavam a elaboração de práticas institucionalizadas em prol da veneração ao conjunto de normas de comportamento e de valores inculcados na comunidade reunida em torno da estrutura organizacional, de forma a garantir uma continuidade em relação ao passado, visto por seus membros na perspectiva de êxito da instituição perante as dificuldades impostas em sua constituição. Cf. HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric.; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9-10.

estratégias conduzidas tanto por ele quanto por colegas pertencentes aos círculos de afinidades acadêmicas no sentido de garantir a entrada deles mesmos nos lugares de predomínio político-acadêmico no seio da Faculdade. Nas cadências derivadas dos movimentos de construção dos mecanismos de regulação da Faculdade de Filosofia, muitas incertezas e impasses figuravam no horizonte de expectativas desses sujeitos, muitos dos quais, já inseridos em atividades de docência e de pesquisa, experienciavam condições de trabalho e de afirmação dos percursos acadêmicos tênues na dinâmica universitária no limiar da segunda metade do século XX.

1.1 Lugares de batalha: disputas em torno das cátedras na FFCL-USP nas décadas de 1940 e 1950

Ex-aluno desta Escola, ligado a ela desde os seus primeiros dias, tenho – como sabeis – consagrado todo o meu tempo e esforço ao ensino de História da Civilização Antiga e Medieval nesta Faculdade, interrompendo a minha modesta vida de estudo e de trabalho, nesta Casa, apenas durante o tempo que tive a honra de servir nas Forças Armadas da Nação, na luta que o nosso país e o mundo civilizado travaram contra a prepotência dos regimes totalitários. De volta da Itália, dos campos de batalha, nos quais a Força Expedicionária Brasileira procurou honrar o nome e as tradições de altivez e de solidariedade humana da nossa terra, voltei novamente para a companhia dos meus queridos livros de História e dos meus caros estudantes. *Após o meu concurso para a cátedra que tenho a honra de reger nesta Casa, nada mais pedi nem pretendi. O meu desejo maior era e é estudar e ajudar, na medida das minhas forças, as jovens gerações de estudantes que vêm à Faculdade, sequiosas de conhecimentos, à procura de nosso exemplo, movidos sempre por esse idealismo sadio que é peculiar aos moços. Para eles é que fundei – auxiliado por vários colegas e amigos – a “Revista de História”, destinada a orientá-los, quando, como licenciados, assumirem as cátedras do ensino secundário e normal que, por direito, lhes cabe.*²⁷

O trecho acima faz parte do discurso de posse de Eurípedes Simões de Paula no cargo de Diretor da FFCL-USP em junho de 1950. Eleito dirigente máximo da Faculdade de Filosofia pelos membros de sua Congregação, o catedrático aproveitava para reiterar os esforços desde sempre despendidos por ele dentro da casa e para a casa. Conduzidas enquanto signos de sua afirmação política e acadêmica diante dos pares, tanto a presença quanto a contribuição verificada em sua trajetória em prol do desenvolvimento da FFCL corroboram aquilo que seriam as características primordiais, ou, nas palavras de Herman Paul, as

²⁷ PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Discurso do Prof. Eurípedes Simões de Paula. In: *Anuário da FFCL-USP (1950)*, 1952. p. 166. Grifo nosso.

“virtudes epistêmicas” acadêmicas e burocráticas, necessárias à desenvoltura no cargo confiado²⁸.

Assim como procedera na oração de paraninfo, em 1963, Eurípedes Simões de Paula intentara atrelar todo o percurso cumprido em sua trajetória no interior da Faculdade de Filosofia à importância dos caminhos trilhados na definição de sua identidade e atuação. Imbuído pelo “idealismo” das lutas da juventude, Simões de Paula considerava-se apto a enfrentar os embates, as dificuldades e os óbices com que se depararia na nova tarefa, ou “missão”, investida.

Como plataforma principal defendida em seu projeto de gestão para a Faculdade, a questão do provimento das cátedras simbolizou uma das principais linhas elucubradas, sobretudo em mobilizar iniciativas na abertura de novos concursos. Simões de Paula prometera levar a cabo as medidas tomadas na administração anterior – ocupada pelo colega Astrogildo Rodrigues de Mello – na condução dos processos em andamento e em novas vagas porventura criadas, conforme as oportunidades negociadas com as instâncias máximas da Universidade, em conjunto com as esferas governamentais estadual e federal²⁹.

Mas, o que poderia justificar a seleção deste ponto como um dos basilares em sua plataforma de governo? Quais os possíveis significados em marcha na continuidade da política de provimento dos cargos de catedráticos e as relações operadas entre as cátedras, a trajetória do Diretor recém empossado e outros sujeitos inseridos no contexto docente da Faculdade de Filosofia no limiar da década de 1950?

As questões acima aventadas mostram-se cruciais para o entendimento do momento em que a FFCL-USP então se encontrava. Ao mesmo tempo, o período também significou possíveis caminhos para a afirmação dos professores assistentes das cadeiras da Faculdade de Filosofia da USP, momento em que esses sujeitos também se encontravam em um processo

²⁸ Herman Paul afirma que a elaboração de um conjunto de atributos postulados em determinado contexto – sobretudo tempo e espaço – são reconhecidos como essenciais no desempenho do trabalho acadêmico. De acordo com Paul, as categorias “virtudes” – e em uma acepção mais recente, as “competências” – não são meramente constituídas no plano individual, mas sim uma união de virtudes e habilidades demandadas de uma “*scholarly self*”, naquilo que determinaria um historiador um acadêmico em primeiro lugar. Cf. PAUL, Herman. Sources of the self: scholarly personae as repertoires of scholarly selfhood. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v. 131, n. 4, p. 135-154, 2016. Disponível em: <https://bmgn-lchr.nl/articles/10.18352/bmgn-lchr.10268/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

²⁹ PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Discurso do Prof. Eurípedes Simões de Paula. In: *Anuário da FFCL-USP (1950)*, 1952. p. 168.

de construção daquilo que posteriormente seriam suas carreiras docentes no seio da instituição.

No entanto, os modos de elaboração dos percursos dos docentes não foram destituídos de embates, rivalidades, acomodações, primeiro empreendidos no âmbito dos foros decisórios da Faculdade de Filosofia, depois extrapolando para as disputas deflagradas no próprio Conselho Universitário. A grande “pedra de toque” de um grupo de assistentes da unidade recaía sob as formas de provimento das cadeiras à instituição, mais especificamente, nos anseios e expectativas em assumir os cargos porventura em vacância ou criados na estrutura didático-administrativa nos anos subsequentes.

Partindo das considerações acima levantadas, algumas perguntas serão trabalhadas ao longo do capítulo como seus elementos norteadores. Mais especificamente: qual o regime adotado na Faculdade de Filosofia da USP na formulação de seus quadros docentes? Quem eram estes sujeitos? Quais os mecanismos implicados na entrada dos mesmos em cargos subalternos aos catedráticos? O que estava envolvido nas disputas em jogo nos espaços decisórios da instituição? Qual o papel desempenhado por Eurípedes Simões de Paula nos embates entre os assistentes, contrários às determinações tomadas na Congregação da FFCL e no Conselho Universitário da USP?

As presentes indagações visam a pontuar os caminhos de desenvolvimento da Faculdade entre as décadas de 1940 e 1950, entremeando-os à própria trajetória de Eurípedes Simões de Paula, de modo a oferecer reflexões e considerações acerca do papel, da liderança, das condições, linhas de força e contradições em torno da sua figura. Desta forma, focalizar a instituição em perspectiva com o itinerário do historiador pretende identificar as metamorfoses das formas de luta em torno das cátedras.

As lutas envolvidas na obtenção dos postos mais elevados na hierarquia universitária no período analisado desdobravam-se em duas questões fundamentais, atreladas ao movimento de consolidação didático-administrativa da unidade em uma configuração universitária: uma, ligada à conquista da autonomia, livres das ingerências de órgãos da própria universidade externos às dinâmicas, rotinas e estruturas de gestão construídos especificamente por um conjunto de catedráticos, os quais faziam e participavam diretamente das instâncias deliberativas; outra, relacionada à disposição de parte de um grupo de formados pela Faculdade em galgar as cátedras disponibilizadas nos concursos postos em curso, conforme vacância ou criação de novas cadeiras.

Como se sabe, a gestação do projeto político-ideológico da USP localiza-se no contexto de atuação dos setores ligados às classes dirigentes, tendo como baluartes desse

ideário membros ligados ao “grupo *d’O Estado*”, aglutinados em torno dos proprietários do jornal *O Estado de São Paulo*. A efetiva fundação da Universidade e, nela, da Faculdade de Filosofia, por sua vez, esteve inserida no bojo dos acordos encetados pelos liberais paulistas com o Governo Federal, sendo aqueles alçados ao poder na nova configuração das forças políticas arregimentadas pelo governo provisório de Getúlio Vargas após os acontecimentos do Movimento de 1932³⁰. Assim, mesmo com a preponderância do programa da chamada “Comunhão Paulista” sobre outros projetos forjados no período (principalmente ao que tangia na acepção dos ideólogos no protagonismo da universidade em formar as “futuras elites intelectuais”, capazes de gerar e conduzir a consciência nacional em prol da unidade brasileira e da remodelação política do país),³¹ - a FFCL-USP submeteu-se aos pressupostos jurídicos implantados via Decreto Federal n. 19.851, de 11 de abril de 1931, denominado como “Estatuto das Universidades Brasileiras”.

Inserido no escopo de um conjunto de medidas propostas pelo então Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos como uma das frentes na centralização das normas em prol da criação de um sistema universitário brasileiro, o Estatuto das Universidades Brasileiras sancionado por Vargas possuía uma série de princípios que visavam a reger as condições de implantação de instituições universitárias no país sob novas bases, em consonância aos princípios colocados pelo governo oriundo da Revolução de 1930.

Não obstante os esforços em voga na alteração dos termos de funcionamento didático-administrativos das universidades brasileiras, alguns dispositivos da estrutura anterior foram inalterados. Um dos exemplos cabais das permanências da organização de outrora foi a manutenção do regime de cátedras como basilar na hierarquia docente nas instituições de ensino superior. A partir das prerrogativas legais, a cátedra transformara-se no único padrão

³⁰ Apesar do corte “liberal-democrático” conferido ao projeto constituído na fundação da USP e veementemente defendido pelo grupo mentor da instituição – o chamado “grupo *d’O Estado*”, ou, em sua formulação ideológica, “A Comunhão Paulista ilustrada” –, Irene Cardoso enfatiza as contradições localizadas entre os discursos propugnados por seus membros e as origens da Universidade, envolvida nos processos de negociações entre integrantes arregimentados neste grupo, com a participação de Armando Salles Oliveira recém-empossado interventor no Estado de São Paulo com o governo de Vargas. Ainda de acordo com a autora, em prol da manutenção do mito fundador da Universidade em defesa dos ideais liberais e democráticos, os fundadores da USP também escamoteiam uma presença de traços autoritários em seus primeiros anos, de modo que no momento de fundação da Universidade, os liberais encontravam-se identificados com princípios antidemocráticos, de modo a sinalizar um apoio irrestrito ao anticomunismo e no estabelecimento de acordos com setores mais reacionários nas esferas do governo, sendo uma das forças de sustentação do Estado Novo em 1937. Cf. CARDOSO, Irene. Apresentação. In: CARDOSO, Irene. *A Universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1982. p. 17-23.

³¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Projeto político-pedagógico: da evolução à revolução: o “Brasil descarrilhado”. In: CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista, 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 202.

estruturante ao trabalho docente, sendo o catedrático situado enquanto figura central no planejamento e execução das atividades inerentes às atribuições do cargo, ou seja, nas questões do ensino e da pesquisa correlatas às áreas de especialidade³².

Em linhas gerais, a hierarquia docente assentada nos marcos regulatórios federais era composta substancialmente por: professores catedráticos, auxiliares de ensino – chefes de clínica, de laboratório, assistentes, preparadores – e livre-docentes. As formas de provimento às respectivas cadeiras eram efetuadas por rigorosos processos de seleção, os quais baseavam-se em concursos de títulos e provas, analisados por uma banca nomeada por instâncias deliberativas da unidade de ensino e composta por membros internos e externos à universidade. Após dez anos da primeira investidura, era franqueado ao docente escolher a permanência no cargo, de forma a submeter-se a novos concursos com outros catedráticos ou livres-docentes da mesma disciplina. Reconduzido ao cargo, o titular adquiria as prerrogativas de vitaliciedade e inamovibilidade, o que significava a investidura de amplos poderes ao catedrático por meio da autoridade imposta às categorias subordinadas de docentes³³.

Visto enquanto um cargo isolado e não de carreira, dependente única e exclusivamente de um titular e “proprietário” de uma área de especialização, a cátedra fazia com que o catedrático detivesse a primazia nas instâncias de poder da universidade. Por conta disso, ele era considerado representante natural e legítimo nas esferas decisórias das instituições de ensino superior, ocupando assim lugares cativos nos respectivos colegiados³⁴.

No horizonte da configuração acadêmico-institucional da FFCL-USP em seus primeiros anos, o dispositivo da cátedra não fora abortado, de modo que guiou a disposição das seções e subseções previstas no desenvolvimento de suas atividades didático-administrativas. Entretanto, seus primeiros administradores se utilizaram de exceções presentes na legislação e adotaram o preceito da contratação de docentes estrangeiros e

³² CUNHA, Luiz Antônio. A cátedra universitária no Brasil: persistência, mudança e desaparecimento. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 18., 1994, Caxambu. *Anais...* São Paulo, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1994, 17 p. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/18-encontro-anual-da-anpocs/gt-17/gt05-15/7418-luizcunha-catedra/file>. Acesso em: 25 ago. 2018.

³³ CUNHA, p. 4-5.

³⁴ CHAMLIAN, Helena Coharik. Estudo da organização departamental nas universidades mantidas pelo governo do Estado de São Paulo. Relatório de pesquisa. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 10, n. 1, p. 41-124, jan/jun. 1984. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33309>. Acesso em: 31 ago. 2017.

nacionais em caráter temporário, adequando desta forma o funcionamento do regime de cátedras à sua especificidade organizacional naquele momento inicial³⁵.

A contratação temporária de professores foi motivada por duas possíveis razões: a primeira, prevista no próprio decreto de fundação da Universidade, residia na possibilidade de flexibilização do provimento às cadeiras constituídas em sua estrutura didático-administrativa, de modo que docentes contratados gozariam das mesmas prerrogativas dos titulares das cátedras, com assento garantido na Congregação da unidade³⁶; já a segunda pode-se caracterizar, a partir do que aponta Bruno Bontempi Júnior, como um modo de compatibilizar os diferentes interesses postos em jogo na trama da fundação da FFCL-USP entre os sujeitos propugnadores do projeto da instituição³⁷.

Outras motivações estiveram imbricadas no movimento de busca da contribuição de professores estrangeiros nos primeiros anos da unidade. Mais do que dotar as áreas de estudo e pesquisa ainda inexplorados no país de pesquisadores considerados de alto nível selecionados na Europa e “[...] evitar os descaminhos da improvisação e do autodidatismo”³⁸, tais escolhas foram eivadas no âmbito político e ideológico, sobretudo no bojo dos acordos diplomáticos e políticos estabelecidos entre o Brasil e nações estrangeiras, principalmente europeias.

Das negociações iniciadas em algumas frentes por representantes das autoridades brasileiras e das elites culturais, juntamente ao trabalho de membros ligados ao corpo diplomático dos países-alvo dos acordos, três países disputaram a preferência dos brasileiros: França, Alemanha e Itália. Deles, foi o primeiro que veio a exercer uma hegemonia na

³⁵ CELESTE FILHO, Macioniro. Os primórdios da Universidade de São Paulo. In: CELESTE FILHO, Macioniro. *A constituição da Universidade de São Paulo e a Reforma Universitária da década de 1960*. São Paulo: Editora UNESP, 2013. p. 17.

³⁶ Especificamente, os artigos 37 e 38 do decreto de fundação da USP tratam da estrutura do corpo docente das unidades pertencentes à Universidade, bem como regula o dispositivo da contratação de docentes aos quadros de professores na FFCL - USP. Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Decreto n. 6283, de 25 de janeiro de 1934*. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-n-o-6-283-de-25-de-janeiro-de-1934>. Acesso em: 25 ago. 2018.

³⁷ BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Os intelectuais da FFCL: bandeirantes da cultura. In: BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 45-46.

³⁸ ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves. Os modelos universitários de 1931 e de 1934. In: ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves. *Universidade de São Paulo: fundação e reforma*. São Paulo: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste, 1974. p. 106 (Estudos e documentos; v. 10).

condução do processo de recrutamento e indicação dos docentes na FFCL-USP, com o maior número de professores ocupantes das cátedras³⁹.

Os primeiros docentes estrangeiros aportaram no Brasil já em 1934, sendo a permanência dos mesmos atrelada às renovações das condições fixadas nos contratos de trabalho, em acordo com as instâncias universitárias⁴⁰. No transcorrer de sua atuação na edificação dos programas de ensino e pesquisa específicos nas áreas do conhecimento estipuladas na organização da FFCL-USP, alguns dos contratados utilizaram-se do dispositivo da escolha dos primeiros formandos da unidade para a condição de assistentes de ensino às cátedras. Mesmo que de forma difusa e incipiente nos primeiros anos da unidade, conforme as ponderações de Bruno Bontempi Júnior, a relevância da figura do assistente tomava corpo nas esferas diretivas do estabelecimento, de modo a situar a importância da formação dos mesmos como elemento central na incorporação da experiência e do saber dos mestres – principalmente os estrangeiros – e na manutenção dos padrões erigidos às especialidades em voga⁴¹.

Mas, o que regia a seleção dos primeiros assistentes às cátedras da FFCL-USP? Conforme Bontempi Júnior, os docentes que deram início às suas atividades cercaram-se de recém-titulados na instituição, muitos deles escolhidos sobretudo levando em consideração o capital cultural acumulado, simbolizado na educação privilegiada obtida anteriormente ao seu

³⁹ Conforme dados levantados por Fernanda Massi Peixoto, em números absolutos, entre 1934 e 1945, 15 docentes franceses aportaram ao Brasil. Cf. PEIXOTO, Fernanda Massi. Franceses e Norte-Americanos no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. 2. ed. rev. e corr. São Paulo: Sumaré, 2001. v. 1. p. 486 (quadro elaborado pela autora).

⁴⁰ Acerca do caso dos professores franceses e conforme os estudos de Patrick Petitjean e Fernanda Massi Peixoto, três grupos desembarcaram no Brasil entre 1934 e 1940: 1934 (primeiros docentes); 1935-1937; 1938-1940 (substituições). Em média, o tempo de permanência dos mesmos durou entre um a três, conforme os contratos elaborados nas negociações entre as autoridades brasileiras e francesas, com exceção do período da Segunda Guerra Mundial, momento o qual o afluxo da vinda diminuiu drasticamente, acarretando o prolongamento dos contratos do que perduravam no Brasil. Cf. PETITJEAN, Patrick. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 260-261; PEIXOTO, Fernanda Massi. Franceses e Norte-Americanos no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. 2. ed. rev. e corr. São Paulo: Sumaré, 2001. v. 1. p. 485-486.

⁴¹ Bruno Bontempi Júnior traz os relatórios elaborados pelo diretor da FFCL-USP Ernesto de Souza Campos. Em fins da década de 1930, o dirigente apresenta as vantagens na organização didático-administrativa do estabelecimento a incorporação do trabalho dos assistentes junto aos catedráticos, sobretudo os estrangeiros, de forma a criar lastro, continuidade aos estudos e práticas docentes então constituídas nas cátedras. Assim, garantir meios na formação de um corpo docente, o qual poderia substituir os professores contratados ao final da vigência dos termos de trabalho. Cf. BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Ramos de Carvalho e Cruz Costa e a Filosofia em São Paulo. In: BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 74-76.

ingresso na unidade, ou por intermédio das redes de relações e das afinidades logo manifestas nas relações travadas entre docentes e alunos⁴².

Um exemplo ilustrativo de tais relações pode ser visto no caso de Fernand Paul Braudel. Membro da segunda leva de docentes aportados ao Brasil, esta de 1935, contratado para reger a Cadeira de História da Civilização – uma das cinco da subseção de Geografia e História –, Braudel logo percebeu o diferencial dos alunos já iniciados nos estudos superiores, adquiridos ou em vias de obtenção no então curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, instituição naquele momento já incorporada ao arranjo estrutural da Universidade de São Paulo.

Ciente das lacunas formativas de grande parte do corpo de estudantes de História, ligadas às insuficiências do ensino secundário (nível que, em sua percepção, não oferecia aos alunos uma “[...] cultura geral de base, sem a qual é difícil progredir com rapidez”), Braudel ressaltava a importância de um arcabouço de conhecimentos previamente adquiridos para o eficaz desenvolvimento de seus planos de ensino e pesquisa no âmbito da Cadeira de História da Civilização. Assim, diante dos alunos vindos da Faculdade de Direito, ele notava:

[...] Não é de espantar que, conhecedores das fortes disciplinas do direito, esses estudantes se tenham regular e automaticamente posto à frente dos seus companheiros. Esta ligação fortuita, eficiente para o recrutamento de estudantes de valor, não será necessário que a ponhamos ao abrigo de uma ruptura tão fortuita como o seu estabelecimento?⁴³

As formas de escolha efetuadas por Braudel foram, assim, eivadas pelo capital cultural acumulado por esse grupo de estudantes, de modo a transformar o “acaso” detectado na morfologia do alunado em tirocínio. Tal estratégia possibilitou, segundo Lidiane Rodrigues, extrair rendimentos da conversão destes alunos em um exíguo período e interferir diretamente nos rumos por eles tomados quando de sua posterior inserção nos meios institucionais na FFCL-USP, seja nas vertentes de estudos pelas quais enveredaram, seja no aconselhamento, ou mesmo indicação, de possíveis temas de pesquisa no escopo da História⁴⁴.

⁴² BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Ramos de Carvalho e Cruz Costa e a Filosofia em São Paulo. In: BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 74-134.

⁴³ BRAUDEL, Fernand P. O ensino da História: suas diretrizes. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1934-1935)*. São Paulo: Seção de Publicações [da] FFCL, 2009. p. 125.

Ainda de acordo com Lidiane Rodrigues, os alunos que impressionaram o francês em sua curta passagem pelo país foram Caio Prado Júnior, Roberto Sergio de Paiva Meira, José Egydio Bandeira de Mello, Ubaldino da Costa Leite, Eurípedes Simões de Paula, Antônio de Paula Assis, Eduardo d'Oliveira França, Astrogildo Rodrigues de Mello e Affonso Antônio Rocco, todos com formação granjeada no Largo São Francisco entre fins dos anos 1920 e o limiar da década seguinte⁴⁵. Resultantes de uma origem social ainda atrelada aos extratos das elites paulistanas, os marcadores do capital escolar e cultural simbolizaram os fatores preponderantes nas operações engendradas por Braudel na descoberta de possíveis “vocações científicas” no âmbito da cadeira de História da Civilização. É possível considerar também que, nas estratégias mobilizadas pelo mestre, não somente o capital cultural e escolar pregresso foram fatores determinantes, mas sim oriundos das origens sociais em que tais marcadores foram acumulados, demonstrando assim que parte significativa dos alunos escolhidos pertenciam a extratos das classes mais abastadas de São Paulo, cuja instituição-símbolo no recrutamento e formação das elites destinadas a atuarem nos quadros da burocracia estatal desde seu surgimento consistia na própria Faculdade de Direito do Largo de São Francisco⁴⁶.

⁴⁴ Acerca das operações mobilizadas por Braudel no recrutamento dos estudantes, Cf. RODRIGUES, Lidiane Soares. Armadilha à francesa: homens sem profissão. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 11, p. 85-103, abr. 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/539/347>. Acesso em: 13 set. 2018. Vale destacar que tal estratégia de intervenção de Braudel na configuração dos destinos desses alunos no interior da FFCL-USP pode ser corroborado nas três cartas remanescentes no arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula pelo historiador francês. Embora tenha retornado à França em fins de 1937, Braudel manteve correspondência com o ex-aluno. Em missivas datadas de fevereiro de 1937 e 1938, Braudel enfatizava a relevância da amizade constituída quando de sua permanência no Brasil, além de sondar acerca das condições em que os mesmos se encontravam nas esferas da FFCL-USP, quanto aos caminhos enveredados por eles no constructo institucional. Cf. Cartas de Fernand Paul Braudel a Eurípedes Simões de Paula, datadas dos anos de 1937 a 1939 (04/02/1937, 02/1938, 18/04/1939). AESP – CAPH-USP (Caixa 28, n. 2416, 2435 e 2461).

⁴⁵ RODRIGUES, Lidiane Soares. O canto da Musa e o desencantamento do mundo. In: RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. 2011. 565 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 274. Dentro do círculo de afinidades travados pelos docentes franceses durante o percurso vivido no Brasil, uma das posturas mais acentuadas consistia no incentivo e na distinção de alunos, os quais consideravam mais habilitados na continuidade dos estudos nas respectivas áreas, e assim operar trabalhos em conjunto com os catedráticos. Cf. FREITAS, Sônia Maria de. Eduardo d'Oliveira França. In: FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, p. 184.

⁴⁶ Neste sentido, as reflexões de Pierre Bourdieu acerca das formas de distinção operadas no campo de produção cultural tornam-se relevantes no entendimento da trajetória destes sujeitos e, mais especificamente, de Eurípedes Simões de Paula. BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 99-181. Acerca das condições de estabelecimento das balizas de formação dos quadros das elites burocráticas no processo de formação do Estado brasileiro, bem como da preponderância exercida pela Faculdade de Direito na condução dos processos de profissionalização dos chamados “bacharéis intelectuais”, Cf. ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 266 p.

Tirocínio arquitetado, alguns rendimentos foram convertidos aos caminhos institucionais ainda em vias de construção e de consolidação no ambiente intelectual de São Paulo. Identificados pelos pressupostos lançados na definição das atividades da cadeira de História da Civilização, e afeitos em certa medida ao projeto conferido pela “Comunhão Paulista” à Universidade recém-fundada, alguns identificaram oportunidades e aspirações e vislumbraram seus destinos nos rumos da FFCL-USP, a saber: Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo d’Oliveira França e Eurípedes Simões de Paula. Em fins dos anos 1930, a posição ocupada pelos três no campo universitário situava-se na órbita da assistência das cadeiras de História da Civilização (Simões de Paula e Oliveira França) e História da Civilização Americana (Rodrigues de Mello)⁴⁷.

Concomitante ao movimento de atrelamento das possíveis carreiras ao cerne da instituição, houve também uma série de medidas em prol do aperfeiçoamento dos aspectos didáticos, organizacionais e políticos da unidade. Motivadas principalmente por determinações oriundas da esfera federal – materializadas pelo Decreto n. 1190, de 04 de abril de 1939, que instituiu a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi - UB) –, os administradores da FFCL-USP operaram alterações em sua estrutura, tanto na disposição das seções existentes quanto na ordenação dos setores administrativos. Deste modo, um complexo de mecanismos regulatórios foi aprovado no âmbito da Interventoria Federal do Estado de São Paulo e baixado à Faculdade: o Regimento de reorganização da estrutura organizacional da FFCL-USP, em 1942⁴⁸, e as disposições necessárias à obtenção dos títulos de doutoramento angariados no bojo da instituição⁴⁹.

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 166.

⁴⁸ SÃO PAULO (Estado). Interventoria Federal. Decreto-Lei n. 12511, de 21 de janeiro de 1942. Reorganiza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. São Paulo, Ano 52, n. 17, p. 1-3, 22 jan. 1942. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19420122&Caderno=Diario%20Oficial&NumeroPagina=1>. Acesso em: 06 fev. 2018; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Organização da Faculdade. Seções e Cursos. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1953. p. 9-29. (v. 1). Cabe lembrar que em virtude do Decreto 1190, de 4 de abril de 1939 (criação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil – FNFi-UB), a FFCL-USP passou por uma reestruturação do arranjo didático-administrativa, materializada na criação de novas seções além da existente e o estabelecimento de novas cadeiras, surgidas com a incorporação das existentes no extinto Instituto de Educação em 1938. As alterações no constructo da unidade não se restringiram ao escopo acadêmico, mas sim alcançou os ditames administrativos e, principalmente, na formulação de mecanismos legais com vistas a arbitrar as rotinas e as práticas acadêmicas institucionais, bem como na instalação das instâncias deliberativas da Faculdade (Congregação e Conselho Técnico-Administrativo). Até então inexistentes, no limiar da década seguinte, tanto os regulamentos da FFCL-

Ainda no conjunto das medidas regulatórias expedidas à unidade, outras duas tornaram-se fundamentais ao processo de conformação do constructo institucional: o regimento de concurso para provimento dos cargos de professor catedrático e livre-docente⁵⁰ e o regulamento que estabelecia as condições de nomeação dos assistentes, em 1941. Os critérios na atribuição do cargo deveriam cumprir dois pontos necessários: primeiro, ser licenciado, de modo que sua indicação passasse pelo escrutínio do catedrático; depois, sendo sua recomendação autorizada, obter o título de doutor no prazo máximo de três anos após a investidura⁵¹.

Não obstante os esforços em prover a instituição de instrumentos em consonância aos padrões federais, a execução dos parâmetros para o provimento das cadeiras realizou-se de modo paulatino, pois dependia da vacância dos cargos disponíveis, bem como na definição das etapas, responsabilidades e competências atreladas à organização das bancas necessárias à avaliação dos candidatos. Cabe ressaltar que, em seus primeiros anos, a FFCL-USP não dispunha de órgãos deliberativos próprios, de modo que a instância máxima de poder

USP, quanto as normas específicas à obtenção dos títulos acadêmicos – doutoramento e livre-docência – estiveram em pauta no escopo da unidade.

⁴⁹ ROIZ, Diogo da Silva. Estrutura e funcionamento do regime de cátedras. In: ROIZ, Diogo da Silva. *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. Curitiba: Appris, 2012. p. 47-48. Consoante à descrição traçada por Diogo Roiz no referido capítulo, o processo de organização do doutoramento no bojo da FFCL-USP dera-se em 1942, com a aprovação de um regimento específico pelo Conselho Universitário em 1941, publicado no ano seguinte no Diário Oficial. Os preceitos exigidos em pleitear os graus de doutor nas quatro seções estruturantes da Faculdade - Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia – fundamentavam-se na submissão ao conjunto de provas, cujas etapas consistiam: elaboração e defesa de uma tese, sob a orientação do professor titular da Cátedra, sobre a qual tratasse de assuntos diretamente relacionados ao escopo da cadeira, e no exame em duas matérias secundárias, assinaladas no repertório de cinco disciplinas indicadas pelo professor orientador da tese, de forma a abordar os programas apresentados pelos respectivos professores. Essa conformação do regimento permanecia em vigor até 1947, quando alterações foram inseridas e ratificadas pelo Conselho Técnico-Administrativo (CTA) e pela Congregação da FFCL-USP. Para informações adicionais do histórico de instauração do doutoramento na Faculdade, consultar o Anuário da FFCL-USP, referente aos anos de 1939 a 1949. Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Doutoramentos. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1953. p. 399-410. (v. 1).

⁵⁰ SÃO PAULO (Estado). Interventoria Federal. Decreto-Lei n. 13426, de 23 de junho de 1943. Reorganiza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. São Paulo, Ano 53, n. 138, p. 1-3, 24 jun. 1943. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1943/decreto-13426-23.06.1943.html>. Acesso em: 06 fev. 2018.

⁵¹ BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Ramos de Carvalho e Cruz Costa e a Filosofia em São Paulo. In: BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 76.

institucional, o Conselho Universitário, era quem arbitrava os concursos ali realizados, algo que seria objeto de embates recorrentes nas décadas subsequentes⁵².

Em termos numéricos, entre 1939 e 1949 ocorreram 15 concursos de provimento das cátedras, conforme a tabela a seguir⁵³:

⁵² No caso específico da Faculdade de Filosofia da USP, tanto a Congregação quanto o CTA foram instalados em agosto de 1941. Segundo noticiado no Anuário da FFCL-USP referente aos anos de 1939 a 1949, a implantação dos dois órgãos deliberativos do estabelecimento representava a conquista da autonomia da FFCL-USP, no direito em arbitrar em questões específicas ao seu constructo institucional. Cf. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1953. p. 413-415. (v. 1).

⁵³ No total, ao final da década de 1940 a FFCL - USP contava com 20 professores catedráticos: os 15 aprovados nos referidos concursos e outros cinco a ela transferidos em razão da extinção do Instituto de Educação, em fins da década de 1930, dentre eles: Antonio de Almeida Júnior (Biologia Educacional), Noemy da Silveira Rudolfer (Psicologia Educacional), Fernando de Azevedo (Sociologia Educacional, posteriormente modificada como segunda cadeira de Sociologia), Roldão Lopes de Barros (História e Filosofia da Educação) e Milton da Silva Rodrigues (Estatística e Educação Comparada).

Tabela 1 – Relação dos concursos efetuados ao provimento das cátedras da FFCL-USP entre 1939 e 1949

| Ano | Diretor | Seção | Subseção | Cadeira | Candidato aprovado |
|-------------|--------------------------|--------------|----------------------|---|------------------------------------|
| 1937 | Antonio de Almeida Prado | Ciências | Ciências Naturais | Biologia Geral | André Dreyfus |
| 1939 | Alfredo Ellis Júnior | Ciências | Geografia e História | Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani | Plínio Marques da Silva Ayrosa |
| | | Ciências | Geografia e História | História da Civilização Brasileira | Alfredo Ellis Júnior |
| | | Ciências | História Natural | Fisiologia Geral e Animal | Paulo Sawaya |
| | | Letras | Letras Clássicas | Filologia Portuguesa | Francisco da Silveira Bueno |
| 1944 | André Dreyfus | Ciências | Física | Mecânica Racional e Mecânica Celeste | Mário Schenberg |
| | | Ciências | Matemática | Análise Matemática | Omar Catunda |
| | | Letras | Letras Clássicas | Literatura Brasileira | Mário Pereira Souza Lima |
| 1945 | André Dreyfus | Ciências | História Natural | Zoologia | Ernest Marcus |
| | | Ciências | Geografia e História | Geografia do Brasil | Aroldo Edgard de Azevedo |
| 1946 | André Dreyfus | Ciências | História Natural | Mineralogia e Petrografia | Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama |
| | | Ciências | Geografia e História | História da Civilização Antiga | Eurípedes Simões de Paula |

| | | | | | |
|-------------|-------------------------------------|----------|-------------------------|---|-------------------------------------|
| | | | | e Medieval | |
| | | Ciências | Geografia e História | História da Civilização Americana | Astrogildo Rodrigues de Mello |
| | | Ciências | Química | Química Orgânica e Inorgânica | Heinrich Hauptmann |
| 1949 | Astrogildo Rodrigues de Mello | Ciências | História Natural | Geologia e Paleontologia | Viktor Leinz |

Fonte: *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 379-386. (v. 1)

Além da morosidade na execução dos concursos para as cadeiras, outro fator significava um ponto de tensão no cotidiano da Faculdade de Filosofia: as dificuldades vislumbradas por professores assistentes em firmar-se nos espaços acadêmicos e políticos do estabelecimento. Ainda que ocupassem uma posição diferenciada no interior da estrutura docente, cuja legitimidade perpassava diretamente pelo crivo do catedrático (uma vez que era ele quem indicava os nomes ao corpo de professores assistentes), os mesmos não gozavam de uma situação institucional segura. Os cargos subordinados ao catedrático, conforme apresentado anteriormente, eram destituídos de instrumentos legais e garantias concretas de que pudessem acessar a titularidade da cadeira, mesmo possuindo os títulos necessários ao provimento da função.

Especificamente no âmbito da FFCL-USP, havia um descompasso no provimento dos cargos de catedráticos, calcados em processos mais morosos na seleção dos docentes – dependentes, como já dito, dos casos de vacância ou de alterações na estrutura didático-administrativa da unidade que possibilitassem a abertura de novas cadeiras⁵⁴ – e o contingente de doutores formados pela instituição. De acordo com os dados levantados no Anuário relativo ao decênio de 1939 a 1949, no decorrer deste período 66 candidatos granjearam a titulação de doutor, conforme mostram as tabelas abaixo:

⁵⁴ ROIZ, Diogo da Silva. Estrutura e funcionamento do regime de cátedras. In: ROIZ, Diogo da Silva. *Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba: Appris, 2012. p. 47.

Tabela 2 - Doutoramentos emitidos na FFCL-USP entre 1942 e 1949

| Ano | Quantidade |
|-------------|-------------------|
| 1942 | 13 |
| 1943 | 3 |
| 1944 | 11 |
| 1945 | 9 |
| 1946 | 8 |
| 1947 | 5 |
| 1948 | 13 |
| 1949 | 4 |

Fonte: *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 399-410. (v. 1)

Tabela 3 - Distribuição dos doutoramentos por área

| Área | Quantidade |
|--------------------|-------------------|
| Química | 15 |
| Zoologia | 8 |
| História | 7 |
| Geografia | 5 |
| Botânica | 4 |
| Biologia | 3 |
| Geologia | 3 |
| Filosofia | 2 |
| Matemática | 2 |
| Psicologia | 2 |
| Estatística | 2 |
| Mineralogia | 2 |
| Filologia | 2 |
| Física | 2 |
| Sociologia | 2 |
| Política | 1 |
| Economia | 1 |
| Política | |

| | |
|---------------------|---|
| Antropologia | 1 |
| Literatura | 1 |
| Portuguesa | |
| Língua Tupi- | 1 |
| Guarani | |

Fonte: *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 399-410. (v. 1)

Perante as vicissitudes da consolidação de uma carreira docente na Faculdade de Filosofia, um grupo de professores assistentes movimentou-se em meados dos anos 1940 com o intuito de pressionar os foros deliberativos da unidade no que concernia às providências efetivadas nos arranjos aos certames ao cargo de catedrático.

O fato condutor das aspirações aventadas por esses docentes concentrou-se no período de incertezas tanto no plano mundial quanto no horizonte político brasileiro. Naquele momento, sob o regime autoritário do Estado Novo, o Brasil adentrara o conflito mundial em apoio às Forças Aliadas, com o envio de tropas à Europa. Não por acaso, dentre os conscritos junto às Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB) havia um dos assistentes contratados da FFCL: Eurípedes Simões de Paula. Formado pela primeira turma do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR) da 2ª Região Militar, em 1931, o jovem historiador partiu para o Velho Continente no primeiro escalão dos soldados, em julho de 1944, na condição de I Tenente da Reserva, à frente do 1º Batalhão de Petrechos Pesados⁵⁵.

Sua ida ao *front* criou uma intensa mobilização no interior de seus meios de convivência em terras brasileiras. No escopo dos familiares, amigos e conhecidos mais próximos, formou-se uma rede epistolar entre Brasil e Europa desde sua chegada à Itália. No

⁵⁵ Eurípedes Simões de Paula foi convocado para o serviço ativo pela portaria ministerial de 22 de dezembro de 1942, e seguiu com o 6º Regimento de Infantaria à Itália. Em 1943, foi promovido ao posto de 1º Tenente da Reserva de 2ª Classe pelo Decreto-Lei n. 5.485, de 14 de maio de 1943. Em maio de 1945, solicitou o desligamento do Exército Brasileiro após a volta da FEB ao Brasil, sendo licenciado do serviço ativo em 20 de julho de 1945 (Portaria n. 8485). Cf. PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Carta a 2ª Divisão de Infantaria da 2ª Região Militar. Promoção ao posto de Capitão (requer). 29 de novembro de 1942. 1 f. Acervo Eurípedes Simões de Paula. Dossiê Assuntos militares: Ministério de Guerra – 2ª RM – 6º RI. Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (CAPH – FFLCH – USP). Dentre a historiografia acerca da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, três trabalhos são significativos, na medida em que os mesmos dedicam-se em perscrutar as condições envolvidas no arregimento das Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB), os percalços vislumbrados na conformação das tropas, a atuação da FEB em solo italiano e as mobilizações erigidas pelo governo brasileiro naquilo que seria o “front” interno. Cf. FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: EDUEL, 2012. 376 p.; CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial : EDUSP, 2000. 420 p.; ISENBURG, Teresa. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial: uma página de relações internacionais*. São Paulo: 22 Editorial, 2015. 175 p.

período em que estava ligado às fileiras da FEB em território italiano, entre a partida em julho de 1944 e o retorno dos primeiros soldados, em meados de julho de 1945, Eurípedes Simões de Paula recebeu aproximadamente 123 cartas e enviou em torno de 85 correspondências⁵⁶. Na distribuição dos correspondentes, não obstante os familiares ocupem um lugar de destaque, os colegas da FFCL-USP também representam um conjunto significativo. Foram 43 missivas recebidas pelo historiador em guerra⁵⁷.

É importante ressaltar o considerável volume da correspondência “acadêmica”, uma vez que ela permite, na esteira do trabalho de Anne Vincent-Buffault,⁵⁸ levantar uma série de reflexões significativas: o que dominava o ato de escrita de cartas entre aqueles sujeitos? Quais as práticas discursivas elucubradas entre os colegas da FFCL-USP e o agora soldado febianos postas em circulação no espaço epistolar? Quais as representações construídas por eles ao manifestar e partilhar no plano privado das correspondências as significações, as percepções e as experiências no interior da universidade em meados dos anos 1940?

Uma primeira tônica aventada pelo exame desse intercâmbio epistolar refere-se ao exercício da amizade e das afinidades postas no seio da Faculdade de Filosofia, em particular aquela entre Simões de Paula e João Cruz Costa.⁵⁹ Foram 24 cartas enviadas por Cruz Costa

⁵⁶ O número de correspondências enunciado no trabalho consiste na contabilização aproximada das missivas trocadas entre Brasil e Europa. O conjunto documental trabalhado nessa parte consiste nas cartas integrantes ao arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula, custodiado pelo CAPH-USP. Por sua vez, as missivas escritas por Simões de Paula a João Cruz Costa estão localizadas no acervo pessoal do filósofo, transcritas por Francini Venâncio de Oliveira em sua tese acerca da trajetória de Cruz Costa. Até o fechamento do trabalho, não tive acesso às mesmas.

⁵⁷ Convém ressaltar que do total contabilizado das cartas remanescentes no arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula somente 21 cartas foram escritas por mulheres, em sua maioria escrita por pessoas ligadas à família do soldado. A única missiva enviada por alguma colega da Faculdade de Filosofia da USP fora de Alice Piffer Canabrava, a qual será tratada posteriormente. Cf. CANABRAVA, Alice Piffer. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 02 fev. 1945. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1804).

⁵⁸ BUFFAULT, Anne Vincent. Introdução. In: BUFFAULT, Anne Vincent. *Da amizade*: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 11.

⁵⁹ João Cruz Costa nasceu em 1904. Oriundo de um núcleo familiar abastado, cumpriu a formação escolar na França, de modo a frequentar cursos na *Sorbonne* e no *Collège de France*. Concomitante sua estadia na França, acompanhou etapas preparatórias ao curso de Medicina na França, ingressando na Faculdade de Medicina na década de 1920. Abandonou o curso e, ao retornar ao Brasil, tomou contato com o projeto de surgimento da FFCL-USP e matriculou-se no curso de Filosofia em 1934. Formou-se em 1936, assumiu o posto de professor contratado da cadeira de Psicologia e Lógica entre os anos de 1939 a 1941. Posteriormente, foi investido do cargo de professor contratado de cadeira de Filosofia em 1941, situação a qual esteve vinculado até 1954, quando fora aprovado ao concurso para a cátedra de Filosofia. Informações disponíveis na tese de Francini Venâncio de Oliveira e do Anuário da FFCL-USP, período de 1939 a 1949. Cf. OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Ser diletante, ser paulista, ser brasileiro e Disputas em torno da filosofia legítima*. In: OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasmas da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiiana em formação*. 2012. 224 f.

e dez por Simões de Paula, num trânsito iniciado muito cedo, uma vez que, logo após a partida do amigo para o *front* europeu, Cruz Costa assumira a incumbência de prospectar notícias acerca das condições de vida experienciadas pelo colega combatente, ter notícias acerca da campanha da FEB e remeter as movimentações executadas no interior da FFCL-USP. Colegas desde os primeiros anos da instituição, ambos pertencentes às primeiras gerações de seus formados, as relações de afinidades logo foram postas no espaço epistolar, de modo que João Cruz Costa tornara-se “porta-voz” da Faculdade de Filosofia da USP ao amigo febiano.

Não é de surpreender, assim, que um dos principais temas presentes nessa correspondência tenha sido a situação institucional da FFCL, particularmente as providências tomadas no seio dos corpos diretivos da Universidade para a execução dos provimentos aos cargos de catedrático. Mediante as especulações acerca dos prováveis concursos a serem abertos no decorrer de 1945, primordialmente destinados às cadeiras porventura vacantes ou a serem criadas, João Cruz Costa buscava não somente deixar o amigo a par das movimentações existentes: empenhava-se, sobretudo, em lhe manifestar estímulo não somente para as dificuldades enfrentadas na guerra e tranquilizá-lo acerca de sua efetiva inserção nos quadros de catedráticos da Faculdade em um possível retorno ao Brasil após o final do conflito. Como dizia em uma de suas cartas:

Tu és sempre o historiador: Velho Simões, interessado em templos, gregos e romanos, preferindo porem ver de perto o Marraquech da tese. *Mas o que tu não sabes é que daqui a pouco serás catedrático.* Talvez, pois a reforma do Ensino Superior ainda não foi publicada. *Vai se criar carreira. Só será professor aquele que fizer carreira e nós já fizemos algumas das etapas mais importantes.* Fala-se até em efectivação. Em todo caso, estão fôra de possibilidade, os tais paraquedistas. Só quem fizer carreira. É cousa muito bôa. *Logo que eu tenha noticia das minucias da nova reforma, hei de te escrever contado tudo. E estou aqui firme. Se eu fôr catedrático, tu também hás de ir. Aliás, todos estão firmes na vigilância. Podes estar inteiramente socegado.* E isto eu digo a um homem q. partiu para defender o futuro dos meus filhos, aliás, do meu Zé Francisco. *Aliás, todos te respeitam muito e tudo deu muito mais seriedade à nossa vida. Já não somos mais aquelas crianças que os outros julgavam*⁶⁰.

Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 37-71; 72-107; *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953, p. 38. (v. 1).

⁶⁰ COSTA, João Cruz. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 14 ago. 1944. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1751). Grifo nosso.

Ainda no ano de 1944, preocupado com a incomunicabilidade de Simões de Paula, Cruz Costa procurava transmitir notícias da família e sondar quais as condições envolvidas nas batalhas no *front*. Mais uma vez, o cotidiano acadêmico-institucional ganhou pujança no espaço da comunicação epistolar. O filósofo prosseguia em sua “missão” de reportar notícias da FFCL, enfatizando os encaminhamentos dados em relação à futura efetivação dos assistentes aos cargos de catedrático. Em seu novo relato, afirmava:

Pois, Dr. Tenente: cá continuamos na lida. Eu, como já disse na carta anterior que aí não chegou, estou de concurso marcado para setembro de 45. Causa gozada: concurso, coisinha de cartolas, enquanto VV. estão aí fazendo um outro concurso, muito mais sério. Eu achava que os concursos só deveriam ser feitos depois da guerra. Mas, que fazer: já estão catedráticos, o Schenberg [Mário Schenberg] e o Catunda [Omar Catunda]. Depois serão mais ou menos catedratizáveis, o Sousa Lima, o Aroldo [de Azevedo], este seu criado (que por certo vai diretamente ao pau) o Astro [Astrogildo Rodrigues de Mello] e outras quimeras do mesmo gênero. Ideias do Dreyfus [André Dreyfus]. Essas tripeças têm cada ideia: Quanto aquela história da efetivação, creio que foi boato falso. Enfim, a nossa Fac. fez 10 anos e já está quase fóra do jardim de infância. Vai já fazendo as primeiras operações. Dentro de um século, será um colosso. É o que se quer: nós ficamos a planar, como espíritos, a ver que ainda há muita gente que crê na instrução. Antes isso⁶¹.

Em meio às dinâmicas vislumbradas na concretização paulatina dos concursos às cátedras, Cruz Costa pautava nas duas missivas as tensões e as incertezas vivenciadas pelos assistentes contratados. A representação ilustra não somente as preocupações em torno da posição institucional que eles ocupavam naquele momento, mas também a percepção de que não se situavam na condição de meros aspirantes às cátedras; ao contrário, eram os candidatos mais habilitados aos certames prometidos pela reforma do ensino aventada no período, a qual, por fim, não se concretizou. Naquele ponto de suas carreiras, distinguidos na qualidade de “herdeiros” dos primeiros mestres contratados, conquistar as cadeiras disponíveis significava angariar as posições de prestígio no campo universitário, acessar os mecanismos de reconhecimento intelectual e assegurar melhores condições mais favoráveis ao desenvolvimento de uma carreira docente no âmbito universitário.

Do outro lado do Atlântico, Eurípedes Simões de Paula também externaria um estado de apreensão e incertezas quanto à possibilidade de regresso efetivo às atividades de ensino e

⁶¹ COSTA, João Cruz. [Correspondência]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 03 ou. 1944. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1765). Grifo nosso. Acerca das datas dos concursos citados por Cruz Costa na correspondência, consultar tabela 1 deste trabalho.

de pesquisa na Faculdade de Filosofia. No limiar do ano de 1945, o 1º Tenente Simões de Paula confidenciava à esposa Maria Isabel:

[...] Cruz Costa tem-me escrito sempre e nas cartas fala dos concursos da Faculdade. *É uma cousa que me preocupa muito aqui, pois trata-se de minha carreira. Conforme correrem as cousas pretendo fazer logo o meu concurso, porque quanto mais tarde for, mais candidatos aparecerão.* Tudo depende das circunstâncias. [...] Se, por um acaso [que aliás, acho improvável] eu perder a cadeira, vamos para Paraná, abrir uma fazenda nas tuas terras⁶².

[...] Tenho pensado muito na nossa vida, – pois é na guerra que mais se pensa nela – e cheguei à conclusão de *quanto é necessário para mim o concurso na Faculdade*⁶³.

Ou seja, mesmo na comunicação com os entes mais próximos, os assuntos ligados à FFCL-USP tomavam vulto e se impunham. Nos dois excertos acima, Eurípedes Simões de Paula deixava patente suas hesitações quanto à sua situação perante à Faculdade de Filosofia da USP e quais possíveis caminhos poderia seguir caso seu retorno fosse embargado.

Medos, incertezas, inseguranças. Esses sentimentos foram vivenciados, confidenciados e ganharam um amplo espaço no intercâmbio epistolar. No transcorrer das práticas sociais nele envolvidas, os sentidos e destinos atribuídos pelos interlocutores estavam concentrados nos fluxos e movimentos projetados na FFCL, atentos sobretudo quanto aos caminhos enveredados pela instituição na determinação da hierarquia docente em meados dos anos 1940. Não obstante a experiência da guerra de grande magnitude travada na Europa, todos os esforços mobilizados, tanto dos companheiros de Eurípedes Simões de Paula quanto dele mesmo, convergiam na afirmação, consolidação e efetiva conversão de seus percursos no âmbito acadêmico e institucional. Não obstante também as posições por eles ocupadas no momento serem consideradas subordinadas, todos eles, em seu intuito de obter legitimidade e autonomia no interior do campo intelectual e universitário⁶⁴, não se furtaram a entrar em

⁶² PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. Destinatário: Maria Isabel Paiva de Paula. [Itália], 23 jan. 1945. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1933). Grifo nosso.

⁶³ PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. Destinatário: Maria Isabel Paiva de Paula. [Itália], 12 fev. 1945. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1937). Grifo nosso.

⁶⁴ BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v, 2, n. 2-3, p. 88-104, juin 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 28 jan. 2018.

embates que se mostraram fundamentais para a imposição de seus interesses – trajetórias, pesquisas, projetos – a possíveis concorrentes aos postos, fossem internos ou externos à instituição.

Um dos estratagemas lançados por este grupo de assistentes consistiu na interposição de suas reivindicações sobre sua própria situação institucional junto às instâncias deliberativas da FFCL – reivindicações, mais especificamente, relativas à pauta da definição dos concursos às cátedras que porventura seriam criadas nos anos subsequentes. Naquele momento, apesar de não gozarem de todas as prerrogativas dos docentes catedráticos, os assistentes contratados possuíam representação na composição das instâncias deliberativas da instituição, e disso souberam se aproveitar muito bem.

Nas movimentações acerca do assunto, Astrogildo Rodrigues de Mello e João Cruz Costa elucidaram sua principal tática ao colega Eurípedes Simões de Paula em outubro e novembro de 1944, respectivamente: perante às movimentações conduzidas pelo Diretor da Faculdade em retirar do Colegiado máximo a prerrogativa em contratar docentes, os assistentes interpuseram um recurso ao Conselho Nacional de Educação (CNE) contrário a tal medida. Na avaliação de ambos, segundo informavam ao colega no campo de batalha, a ação reverteu a resolução tomada no colegiado, de forma que seguiu assegurado o direito da Congregação de regular os dispositivos no recrutamento de seu corpo docente⁶⁵. Nesse sentido, nas relações de força envolvidas na dinâmica do campo de poder da Faculdade de Filosofia, fazer frente ao papel desempenhado pela Congregação, então dominada pelo interesse dos catedráticos em regular as medidas na contratação dos novos professores da casa, era o *modus operandi* construído pelos professores assistentes para demarcar as posições institucionais, além da defesa dos interesses postos na efetivação de seus lugares na Faculdade de Filosofia.

A questão dos concursos e a provável reforma do ensino foram outros objetos de reivindicação dos professores assistentes, sendo tais movimentações também desnudadas nas notícias enviadas a Eurípedes Simões de Paula. Conforme mencionado anteriormente, João Cruz Costa abordara em muitas cartas as condições de realização dos certames, os candidatos que angariariam (ou não) as posições e as reais chances em granjear as oportunidades criadas. Candidatos alçados, destinos indefinidos. Em algumas das correspondências ao amigo, o

⁶⁵ MELLO, Astrogildo Rodrigues de. [Correspondência]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 26 out. 1944. f. 2. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1776); COSTA, João Cruz. [Correspondência]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 16 nov. 1944. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1790).

filósofo não deixava de ressaltar seu esmorecimento quanto às oportunidades imprecisas e cada vez mais longínquas, tanto para ele quanto ao seu amigo ausente na FFCL-USP, de modo a apontar alternativas prováveis quando retornasse do serviço militar:

Concursos vai haver: Aroldo [de Azevedo], Souza Lima [Mário Pereira de Souza Lima], este seu criado (Setembro) e Lourival [Lourival Gomes Machado], para a cadeira de política. Têse houve uma, Da ... Como é que ela se chama, mesmo? Aquela moça que estudou letras e que estava trabalhando com o Plínio Airosa [Plínio Ayrosa]. Maria não sei o quê [Maria de Lourdes Paula Martins].

[...]

Estou com um pouco de receio. O Catunda [Omar Catunda] e o Schenberg [Mário Schenberg] já são catedráticos. Houve concurso e saíram-se muito bem, segundo dizem os entendidos. Eu só estive lá um momento: não pescava patavina (dê lembranças aos patavinos), não pescava patavina do que ele dizia lá na pedra. Cada coisa esquisita! Havia gente que até se babava com aqueles mistérios matemáticos. Que gente gozada! A Reforma do Ensino não saiu. Há quem diga que ainda sairá até janeiro. Há outros que dizem que foi adiada. Eu achava melhor que saísse. Havia lá aquela historia de carreira e eu sempre achei que no nosso sector, essa historia de carreira é ainda o que há de melhor. Se sair, contarei a V. o principal, naquilo que nos interessa. A historia da efectivação é q. foi por agua abaixo. No Rio, abriram vários concursos. Está aberto também concurso para a cadeira de História Antiga e Medieval. Mas isso é no Rio de Janeiro. Estou indagando (ainda não consegui saber ao certo) quais são os candidatos. Creio que é cousa que interessa V. Se escrever ao Dr. Mesiano, peça-lhe para indagar, pois para êle é mais fácil. O que eu souber, escreverei. Mas, já sei que o concurso está aberto até maio de 1945. É coisa que vai pois, demorar. Depois do fechamento da inscrição, é coisa que leva ainda mais tempo. A novidade da coisa, no Rio, é esta: os atuais professores, são inscritos “ex-officio”. Isso é bom [...] ⁶⁶.

Em outras duas cartas remetidas a Simões de Paula, Cruz Costa aprofunda os relatos acerca das providências quanto a efetivação dos concursos às cátedras, bem como as novas contratações efetuadas durante o período. Apesar dos movimentos em prol da substituição dos professores com contratos encerrados e a paulatina incorporação dos dispositivos dos certames ao provimento dos cargos de catedrático, o filósofo reiterava um viés pessimista, principalmente quanto à situação do concurso para a cadeira de Filosofia, na qual estava na

⁶⁶ COSTA, João Cruz. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 16 nov. 1944. f. 1. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1790).
Acerca das datas de obtenção dos títulos de Mário Schenberg e Omar Catunda, confira Tabela 1.

condição de professor assistente contratado, substituindo Jean Maugué, antigo titular da mesma.⁶⁷

Mais novidades: vão a concurso as cadeiras de Zoologia, Geografia do Brasil, Filosofia (eu), Química Orgânica e Biológica, Hist. da Civ. Americana. É essa ordem e eu devo estar concurseando (se até lá chegar) lá por Set. 45. Espero que V. já esteja então cá. No mais, Dr. corre tudo como antes. Vai indo [...] Dos batutas que vão chegar, um é geneticista, outro é matemático (Zariski), outro não sei o quê. Estatístico. O Klinneberg é psicólogo e o Carone canadense é ‘político’, vai por riba do Lourival. Eu vou pedir que me mandem os espíritos de Aristóteles, de Platão e de alguns outros legumes históricos⁶⁸.

[...] Pois eu não é que não sabia que a Pantaleão [Olga Pantaleão] se havia [?] doutorado! Deram-lhe umas notas regulares. E vivem a comentar. França [Eduardo D’Oliveira França] é que devia ficar com a cadeira: fará o doutoramento em Março. Depois será o Pedro Moacyr [Pedro Moacyr Campos]. Conceição também é doutora [Maria da Conceição Vicente de Carvalho]. Uma multidão de doutores. A minha “fé” na Faculdade tem diminuído consideravelmente. O João Dias também terá que fazer concursos no próximo ano. Enfim, grandes movimentos concursionais e outros⁶⁹.

Eurípedes Simões de Paula respondeu paulatinamente às inúmeras cartas expedidas por João Cruz Costa. Em todas as suas respostas, o expedicionário procurava animar o colega de Faculdade para não desistir de seu intento e, simultaneamente, mantinha uma vigilância

⁶⁷ Jean Maugué fora contratado em 1935 para reger a cadeira de Filosofia, a qual congregava outras três: Filosofia, História da Filosofia e Psicologia, ocupando a cátedra até 1938. No ano seguinte e, com o desmembramento da cadeira de Filosofia, Maugué regera as duas cadeiras – a de História da Filosofia e de Psicologia – até 1944, quando do seu retorno à França para o cumprimento de obrigações militares. Em 1942, designou como 1º assistente Lívio Teixeira e, com a volta de Maugué à Europa, o licenciado assumiu a cadeira de História da Filosofia na condição de professor substituto. Cf. *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 463-464. (v. 2).

⁶⁸ Carta de João Cruz Costa a Eurípedes Simões de Paula, 22/11/1944. 1 f. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1792). Na mesma missiva, João Cruz Costa enviara um recorte de jornal, o qual constava a seguinte informação: “Autorizado o governo paulista a contratar professores para a Faculdade de Filosofia – Rio, 22 – (Da nossa sucursal) – pelo telefone) – A Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais opinou pela concessão da autorização solicitada pela interventoria federal em São Paulo para contratar os professores Kenneth E. Caster, Oscar Zariski e Williams G. Madov, norte-americanos e Otto Klinenberg e padre Arthur Caron, canadenses para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde realizarão cursos em sua especialidade”. A referência completa do recorte anexado (título do jornal, seção em que a notícia foi publicada, data e página) não pode ser obtida até o presente momento de elaboração do capítulo. Dos cinco professores citados na reportagem, somente três foram contratados em 1945, com contratos firmados entre dois e três anos: Kenneth E. Caster (cadeira de Geologia e Paleontologia), Otto Klinenberg (cadeira de Psicologia) e William G. Madov (cadeira de Estatística Geral e Aplicada). Cf. *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 38, 40 e 42. (v. 1).

⁶⁹ COSTA, João Cruz. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 01 dez. 1944. f. 2. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1795). Olga Pantaleão obteve o doutoramento em Ciências em 11 de novembro de 1944. Já Maria da Conceição Vicente de Carvalho doutorou-se em 23 de novembro de 1944. Cf. *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 404. (v. 1).

acerca da *sua cadeira*, conforme afirmava em algumas das cartas⁷⁰. Ambos mostravam-se preocupados com os destinos de seus caminhos no interior da Faculdade frente ao intenso movimento de candidatos em pleitear os doutoramentos, prontos para as batalhas a serem enfrentadas nos concursos. No próprio intercâmbio epistolar, gradualmente Eurípedes Simões de Paula também passa a desenhar possíveis estratégias, com o fito de converter possíveis vantagens e ganhos ao objetivo de granjear o cargo de catedrático:

[...] Já escolheste o assunto para tua tese? Qual é? Coragem, meu velho, concurso não é “bicho de sete cabeças”, tens grande tirocinio e a Congregação do teu lado. *Meta o Roldão [Roldão Lopes de Barros] e o Fernando [Fernando de Azevedo] na banca, que sem dúvida te auxiliarão bastante. Se estiver por aí, por essa ocasião, conte comigo em “todos os terrenos”,* até para por a “cobra para fumar”, isto é, dar uns “quebras” nos “cartolas” que te importunarem, porque a “45” que possuo fala direitinho e tirarei o “calo” d’algum “galego”. Desculpe a gíria militar, meu velho, pois o teu colega professor é agora “milica” 100% [...] ⁷¹.

A faceta “estrategista” do Tenente Simões de Paula era posta em prática no decorrer das respostas a Cruz Costa, de modo a elucidar as recomendações que deveriam ser utilizadas nas disputas das vagas das cadeiras pelo amigo, mas foram também especuladas por ele no momento mais propício, quando da abertura do provimento do cargo de *sua cadeira*, conforme destacava logo no início de 1945:

[...] Notei, entretanto, um tom pessimista na tua carta quanto à realização dos concursos. Eu gostaria imensamente de estar aí contigo para realizar o meu também. O “diabo” (neste caso os teus hipotéticos concorrentes) não é tão feio assim! Faça uma boa tese. O diretor e o representante da Congregação no Conselho Universitário, sem dúvida, serão os que indicarão os nomes dos prováveis examinadores. Nada mais fácil a ti arranjar uma lista de pessoas entendidas na matéria e fornecê-la aos nossos colegas. Se for possível arranje que o concurso da tua cadeira seja simultâneo com outro da tua seção: assim dividirás os candidatos. É um caso a conversar com outros companheiros nossos, que sem dúvida “toparão” o ajuste. É um pouco de estratégia [*sic*] ... meu caro! “Meta os peitos”!!!

⁷⁰ O combatente fez essa menção em duas cartas remetidas a João Cruz Costa, ao saber das notícias dos concursos em pauta na Faculdade. Cf. Cartas de Eurípedes Simões de Paula a João Cruz Costa, 11 e 30/12/1944. OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasma da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 212-215.

⁷¹ PAULA, Eurípedes Simões de. [*Correspondência*]. Destinatário: João Cruz Costa. São Paulo, 14 nov. 1944. In: OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasma da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 211. Grifo nosso.

Aqui entre nós e não quero que mostre esta carta a ninguém da Faculdade [sic], é o que pretendo fazer quando chegar aí. E se algum salafrário se meter comigo faço “a cobra fumar”. Estou tão prático... a “45” funcionará, darei um tiro num calo dos concorrentes...

[...]

Gostaria também de saber quando será realizado o concurso de História Antiga no Rio. É precisamente nessa época que pretendo fazer o meu em São Paulo. Como já tenho tese pronta (a-pesar [sic] dela não ser grande coisa) canto de “galo”.

Peço-te encarecidamente me manteres sempre ao par das novidades da Faculdade, pois assim que retornar, quero voltar imediatamente para minha Cadeira e conto com todos da Faculdade para me ajudarem nesse sentido⁷².

Encarado como um “documento sigiloso”, sujeito a interceptação e assim cair “em mãos inimigas”, as admoestações foram aos poucos engendradas por Eurípedes Simões de Paula em conselho ao seu amigo João Cruz Costa. A escolha dos membros da banca examinadora, a provável abertura simultânea dos concursos, a divisão de candidatos entre os certames e a elaboração dos trabalhos necessários na execução das provas submetidas aos certames foram alguns dos artifícios sugeridos pelo combatente ao filósofo, com o intuito de ambos lograrem êxito nas disputas empreendidas no seio da FFCL. Apesar de o estado de guerra envolver a todos, o campo de batalha principal estava situado no Brasil – mais precisamente, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no qual o tenente procurava, mesmo à distância, intervir de modo decisivo.

Assim como João Cruz Costa, Pedro Moacyr Campos aproveitava a comunicação com Simões de Paula para compartilhar impressões acerca da tese que então desenvolvia, ao mesmo tempo em que procurava prospectar do professor possíveis conselhos e indicações ao estudo proposto. Não obstante a condição de provisoriedade experienciada por Campos naquele momento, a imposição da tarefa de realizar estudos e trabalhos acadêmicos configurava-se assim como uma das condições impostas aos assistentes, condição *sine qua non* de sua permanência nos quadros docentes da FFCL, uma vez que era obrigatória a obtenção do título ao exercício da assistência nas cátedras⁷³.

⁷² PAULA, Eurípedes Simões de. [Correspondência]. Destinatário: João Cruz Costa. [Itália], 21 jan. 1945. In: OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasma da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 217-218. Grifo do autor.

⁷³ Conforme destacado anteriormente, a partir dos anos 1940 houve a regulamentação da oferta dos títulos de doutoramento da FFCL-USP, sendo obrigatório aos que ocupavam os postos de assistência das cátedras.

Em duas correspondências enviadas à Itália, o então assistente da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval relatava as dificuldades envolvidas na elaboração de sua tese sobre História Medieval da Alemanha, sobretudo em relação a determinados temas propostos no trabalho⁷⁴. Sendo o assunto uma das especialidades de Eurípedes Simões de Paula, recorrer ao mestre significava a Pedro Moacyr Campos não somente compartilhar os caminhos enveredados: indicavam também a deferência atribuída ao professor, tanto pelos anseios por seu breve retorno às atividades docentes da cátedra quanto pelo desejo de sua participação da banca de avaliação.

As lutas empreendidas pelas oportunidades vislumbradas nas disputas da FFCL não se fizeram, porém, sem algumas discrepâncias também. A principal delas talvez seja aquela que diz respeito à inserção das mulheres na hierarquia docente da instituição. Embora a presença feminina aumentasse na composição do alunado já nos idos dos anos 1940, conforme o levantamento de Eva Blay e Alice Beatriz Lang⁷⁵, o número de catedráticas era praticamente inexistente em relação ao número de homens titulares das cadeiras nos anos 1940⁷⁶.

Nos jogos de “luz e sombra” projetados na correspondência de Eurípedes Simões de Paula, um episódio mostrou-se significativo: o doutoramento de Olga Pantaleão, em 1944. Novamente, João Cruz Costa tomou a frente da tarefa de comunicar as novidades ao colega ausente da Faculdade, conforme carta datada de 22 de novembro de 1944:

⁷⁴ CAMPOS, Pedro Moacyr. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 13 out. 1944. f. 2. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1769); CAMPOS, Pedro Moacyr. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 20 fev. 1945. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1828).

⁷⁵ Quanto ao aumento da participação feminina na FFCL-USP, apesar das diferenças observadas nos números de alunos matriculados nas seções da unidade, o crescimento do alunado feminino foi propiciado pela política de comissionamento executada pelos dirigentes da Faculdade a partir de 1935. Durante o primeiro ano de funcionamento da unidade, o número de matrículas ficou aquém das expectativas tanto dos administradores quanto dos propugnadores do projeto da Faculdade de Filosofia da USP, o que os levou a recorrer ao dispositivo do comissionamento, pelo qual professores do ensino primário em exercício do magistério poderiam cursar o ensino superior, sem prejuízo dos vencimentos recebidos. Apesar do objetivo principal desta política residir na formação de professores destinados ao ensino secundário, houve, conforme Blay e Lang, um aumento significativo da presença feminina nos quadros discentes da Faculdade de Filosofia da USP, pois alcançava uma parcela considerável das egressas das Escolas Normais do Estado de São Paulo. Cf. BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (orgs.). *A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. In: BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (orgs.). *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 51.

⁷⁶ Os números presentes na Tabela 1 demonstram as assimetrias existentes na composição dos primeiros concursos docentes da FFCL-USP: das 17 cadeiras postas em certame, nenhuma foi ocupada por mulheres, sendo a única catedrática da FFCL-USP Noemy da Silveira Rudolfer (Cadeira de Psicologia Educacional), incorporada aos quadros docentes da instituição, devido à extinção do Instituto de Educação em 1938. Cf. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*, p. 9-29. (v. 1).

Outro dia mandei a V. uma longa carta, cheia de informações. Esqueci de indagar se na Faculdade havia novidades. Houve. D. Olga é doutora. Defendeu tese e estudou, na mesma, uma historia qualquer de comercio da Inglaterra com a America Hespanhola no século não sei bem quanto. Não assisti aos exames: é que prefiro ficar em casa a lêr, e não enfiar muito o nariz por lá. Anda um pouco fedorento aquilo. Soube mais que meteram a lenha na tese: o Ellis [Alfredo Ellis Júnior] e o Astrô [Astrogildo Rodrigues de Mello]. Não sei se têm ou não razão. Como já disse, não assisti e sem ser de corpo presente, não afirmo nada. Há os que são pró e os que são contra. Eu banco o ceptico: “sustine et abstinence” (Se isto não é latim, é coisa parecida).⁷⁷

Na resposta à notícia dada, Simões de Paula faz uma rápida indagação sobre o caso de Olga Pantaleão, pois não entendera exatamente o ocorrido, e ainda pergunta ao amigo filósofo sobre Jean Gag   – então na regência da cátedra de História da Civiliza  o Moderna e Contemporânea –, sugerindo que a referida cadeira deveria ser ocupada por Eduardo d’Oliveira França, caso o francês voltasse    Europa⁷⁸. Em seu retorno, Cruz Costa explicita a situa  o e pontua algumas considera  es sobre a realiza  o do exame de doutoramento em questão. Mais que isso, nesse segundo momento não deixa de expor seu ponto de vista acerca do fato, e endossa sua aceita  o com severas críticas    possível entrada de mulheres na carreira acadêmica, principalmente na regência das cátedras:

⁷⁷ COSTA, João Cruz. [*Correspondência*]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 22 nov. 1944. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1792). Grifo nosso. Ainda nesta mesma carta, há uma pequena informa  o manuscrita na margem esquerda, elaborada pelo autor: “A Olga deram as seg. notas: Ellis – 7 [Alfredo Ellis Júnior]; Gag   – 10 [Jean Gag  ]; Monbeig [Pierre Monbeig] – 9; Astr   – 7,5 [Astrogildo Rodrigues de Mello]; Swann – 9 [Kenneth John Swann] (doutoramento está ficando coisa brava! T   fumando, [informa  o não legível no original])”. Olga Pantaleão doutou-se em 11 de novembro de 1944, com a tese: “A penetra  o comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713 a 1783”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes membros: Jean Gag  , Alfredo Ellis Júnior, Astrogildo Rodrigues de Mello, Pierre Monbeig e Kenneth J. Swann. Cf. *Anuário da FFCL-USP (1939-1949)*, 1953. p. 404. (v. 1).

⁷⁸ PAULA, Eurípedes Simões de. [*Correspondência*]. Destinatário: João Cruz Costa. [Itália], 30 dez. 1944. In: OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasmas da tradi  o: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em forma  o*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 215. Jean Gag   fora contratado em 1938 - com dura  o de três anos - para reger a então cadeira de História da Civiliza  o, após o retorno de Fernand Braudel – professor contratado para a cadeira – em fins de 1937. Após o desmembramento da cadeira de História da Civiliza  o em duas – História da Civiliza  o Antiga e Medieval e História da Civiliza  o Moderna e Contemporânea – acordada em 1939 e regulamentada pelo Decreto-Lei estadual n. 12511, de 12 de janeiro de 1942, Jean Gag   passou a ocupar a cadeira de História da Civiliza  o Moderna e Contemporânea, sendo o contrato prorrogado em 1941 e 1943. No período de afastamento de Eurípedes Simões de Paula, a cadeira de História da Civiliza  o Antiga e Medieval fora regida por Eduardo d’Oliveira França. Em fins de 1945, Simões de Paula retomou a condi  o de professor contratado da referida cadeira. Cf. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*, 1953. p. 451-454. (v. 2); UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Contratos dos professores para as cadeiras da Universidade*. Livros E01145 (21 f/v; 46 f) e E01145B (f. 69 v-71v). Arquivo Público do Estado de São Paulo.

[...] V. não compreendeu a história. Não, o Gagé não saiu. Está na Faculdade e lá permanecerá ainda por um longo tempo, pois tem novo contrato de 3 anos. E é bom. O que houve foi uma história no doutoramento da Olga. Elis [Alfredo Ellis Júnior], Astrogildo [Astrogildo Rodrigues de Mello] ‘encrencaram’ com ela. Só soube disso. *Naturalmente, nós todos preferimos que a futura vaga do Gagé seja preenchida pelo França [Eduardo D’Oliveira França]. É homem; é amigo. Isso de faculdades em catedráticos femininos não me parece coisa séria. Salvo para as exceções e, – aqui entre nós – a Olga não tem nada de excepcional.* Foi isso que eu quis contar a V.⁷⁹.

“É homem; é amigo”. Na convivência estabelecida entre os assistentes no interior das lutas em torno das posições acadêmicas, os espaços angariados pelas mulheres eram incipientes, dado oriundo da própria morfologia que o sistema de cátedra suportava no período: uma estrutura “patriarcal”, fechada, inalterável, conformação essa que, em certa medida, dificultava a possibilidade de inserção das mulheres. Nas lutas simbólicas em torno da legitimidade intelectual e acadêmica, a própria estrutura e organização das cadeiras comportava relações assimétricas em diversos aspectos, sobretudo quanto às origens sociais, geracionais e de gênero postas em sua configuração⁸⁰.

Outro tema muito presente nas cartas trocadas entre Simões de Paula e os amigos acadêmicos foi o da definição de uma identidade de ofício e suas representações. Envolto nos perigos, na solidão e nos medos oriundos da experiência fruída com o cotidiano da guerra, o professor transformado em soldado deixava patente em suas notícias ao Brasil as oportunidades entrevistas em afirmar-se enquanto historiador, ou, nos termos reiteradamente utilizados, como professor de História. Nesse sentido, os assuntos relacionados ao trabalho de historiador e o desejo do soldado em manter-se ligado aos estudos e pesquisas acerca da História Antiga adquiriram vulto na correspondência enviada aos familiares e os colegas da Faculdade.

⁷⁹ COSTA, João Cruz. *[Correspondência]*. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 28 jan. 1945. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1818). Grifo nosso.

⁸⁰ SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. As cátedras. In: SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. *Trajetórias intelectuais: professoras do curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*. 2008. 209 f. Tese (Doutor em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 86-87.

Preocupado em dirimir boatos surgidos em torno da atuação das tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial, Eurípedes Simões de Paula remete à esposa duas correspondências no alvorecer do ano de 1945:

Pelas tuas tive a impressão de que fazes uma ideia muito diferente da realidade da vida de que aqui levamos. Aconselho-te a leres, sempre que puderes, as crônicas dos nossos correspondentes de guerra. A nossa vida é dura, mas sempre estamos animados e confiantes. *Não tenho tido tempo para passeios e nem visitas. Quando, por acaso, passamos por alguma cidade, procuro ver o que há de interessante sob o ponto de vista histórico, pois nunca me esqueço que sou professor de História Antiga*⁸¹.

Cousa interessante, quanto mais a guerra se aproxima do fim mais preocupado fico com o meu concurso aí. Sabes se a Alice Canabrava entregou umas traduções que mandei a irmã dela fazer para mim? É para um outro trabalho que tenho em mente e para reforçar a minha tese. Trata-se de traduções de trechos de “Cambridge Ancient History” e da “Cambridge Medieval History”. Como fui convocado não tive tempo de cuidar eu próprio disso. Como vês, mesmo convocado não quis perder tempo com meus estudos. *Aqui também pude ver muita coisa, não tanto como desejaria, pois sou oficial combatente e para estes esta guerra não é turismo.* Quando chegar a nossa vez de descansar quero ver então se pego uma ‘tocha’ para Roma, legal é certo, isto é, com autorização dos comandos. Pois quando os colegas foram, eu e outros estávamos fazendo um curso em qualquer parte da Itália. Temos pois esse direito *e eu além disso, sou professor de História*⁸².

Envolto nas instabilidades próprias à guerra, o Tenente Simões não abdicara de seu intento de estar em contato com os assuntos relativos aos estudos empreendidos por ele, os quais, estes sim, expressavam sua “verdadeira identidade”, algo mencionado também em carta remetida a João Cruz Costa em abril de 1945. Assim como descrevera à esposa, o Tenente Simões citara as ocasiões de saída autorizadas – denominadas “tochas”, concedidas em momentos de trégua ou ao final das hostilidades –, nas quais pôde assistir óperas em Roma e visitar alguns lugares e monumentos, como o Vaticano, Palatino, Capitólio, Fórum Romano, Coliseu, catacumbas de São Calixto, Igrejas de São Pedro e São Paulo, São João de

⁸¹ PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. Destinatário: Maria Isabel Paiva de Paula. [Itália], 20 jan. 1945. f. 3. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1932). Grifo nosso.

⁸² PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. Destinatário: Maria Isabel Paiva de Paula. [Itália], 23 jan. 1945. f. 2. AESP – CAPH-USP (Caixa 23, n. 1933). Grifo nosso.

Latrão, Castelo de Santo Angelo e diversas galerias de arte, locais que resguardavam alguma relação com sua área de estudos⁸³.

Destarte os conflitos desencadeados nas campanhas de tomada de Monte Castelo e Montese – conquistadas em 21 de fevereiro e 14 de abril de 1945, respectivamente –, o expedicionário salientava a importância da experiência vivida no *front*, não somente da perspectiva da derrota dos regimes de cunho autoritário e na defesa dos ideais democráticos, mas também na expectativa em ampliar o seu repertório como historiador e professor de História:

Que coisa formidável, velho Cruz Costa... *Só isso valeu o sacrifício de toda esta guerra para mim.* É verdade que vim para a luta para defender as nossas ideias democráticas, mas sempre aproveitei, – como professor de História – umas “beiradinhas” de arte da velha Itália. *Sem dúvida alguma, o horizonte intelectual deste teu criado se aclarou um pouquinho*⁸⁴.

Via prática epistolar, inserido no regime da verdade do “eu” comunicada a quem é digno de ser revelada⁸⁵, Eurípedes Simões de Paula forjava uma representação de si ao afirmar-se na condição de historiador e de combatente da FEB. Oficial-combatente – professor de História: duas chaves que, nas instâncias da escrita de si, denotam um esforço por construir uma identidade. Engendrada no próprio espaço da produção epistolar, na qual seu autor assumia múltiplos papéis e temporalidades de forma simultânea e aberta,⁸⁶ ela também sinalizava a sua *presença* nos meios que fora forçado a deixar por conta da guerra. Por meio do gesto da escrita e do gênero epistolar o historiador fez-se atuante e demonstrava estar em total sintonia com as dinâmicas mais relevantes da Faculdade de Filosofia: no plano acadêmico, com a pretensão em reassumir as atividades docentes e continuar as pesquisas nos

⁸³ PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. [Itália], 02 abr. 1945. In: OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasma da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 221. Sobre a definição de tocha, verificar o livro de Francisco Ferraz. Cf. FERRAZ, Francisco César Alves. A formação da Força Expedicionária Brasileira e sua atuação na campanha da Itália. In: FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: EDUEL, 2012. p. 65.

⁸⁴ PAULA, Eurípedes Simões de. *[Correspondência]*. [Itália], 02 abr. 1945. In: OLIVEIRA, loc. cit.

⁸⁵ CHARTIER, Roger. Avant-propos. In: CHARTIER, Roger (dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris : Fayard, 1991. p. 12.

⁸⁶ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 7-24.

tópicos acerca da História Antiga e Medieval; no plano político-institucional, com as disputas e os movimentos relativos aos concursos para as cátedras.

Finalizada a campanha brasileira na Itália em junho de 1945, com o retorno da FEB ao país, Eurípedes Simões de Paula pôde reassumir as atividades didáticas e de pesquisa deixadas durante o período de conscrição. Mais do que isso, a tônica dos embates entabulados naqueles anos permaneceria em seu horizonte na década seguinte sob novas formas e significados. Sob sua liderança, alguns dos assistentes que participaram dos embates anteriores uniriam-se novamente na década de 1950 em prol dos lugares na universidade. As lutas tomariam então outros rumos, dominando o espaço da opinião pública via imprensa com novas demandas e reivindicações.

1.2 Modos de exercer uma liderança construída: Eurípedes Simões de Paula à frente da FFCL-USP nos anos 1950

Os anos 1950 representaram uma continuidade nos esforços capitalizados pela Faculdade de Filosofia da USP em demarcar as balizas de estabilização de seu constructo institucional. Conforme Lidianie Rodrigues, desde o final da década anterior havia indícios de que o estabelecimento se firmava no ambiente intelectual paulistano, como a demarcação física das instalações das seções da Faculdade, a criação de seus órgãos deliberativos, as tentativas conduzidas por seus docentes na afirmação da autoridade institucional perante outras da própria universidade e o aperfeiçoamento de sua organização didática e administrativa da unidade⁸⁷.

O movimento de consolidação da morfologia estrutural pode ser vislumbrado na estabilização dos recursos providos à manutenção das atividades de ensino e de pesquisa da Faculdade de Filosofia desde o final dos anos 1940. O repasse de verbas a ela destinadas ao estabelecimento aumentara consideravelmente, ao passo que os dispêndios com despesas gerais e de pessoal também acompanharam o crescimento do orçamento, conforme os números apresentados na tabela abaixo:

⁸⁷ RODRIGUES, Lidianie Soares. Os catedráticos da USP e o governador Jânio Quadros. *Revista Pensata*, Guarulhos, SP, v. 2, n. 1, p. 94, dez. 2012. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/>. Acesso em: 24 set. 2018.

Tabela 4 – Dotação orçamentária da FFCL-USP entre 1950 e 1952

| Ano de exercício | Receita orçamentária | Execução orçamentária |
|-------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| 1947 | 15.159.749,50 | - |
| 1948 | 21.043.460,00 | - |
| 1949 | 18.596.400,00 | - |
| 1950 | 18.769.100,00 | 25.279.548,80 |
| 1951 | 43.277.771,80 | 42.016.846,40 |
| 1952 | 51.656.858,70 | 49.148.675,50 |

Fonte: Anuários da FFCL-USP, 1939-1949, 1950 – 1952⁸⁸.

Outro sinal do assentamento organizacional da FFCL que então ocorria expressa-se na ascensão de alunos de suas primeiras gerações aos postos mais elevados na hierarquia docente. Destarte os anseios e incompatibilidades elucubradas por muitos destes agentes na década anterior, os anos 1950 foram marcados por um movimento de ocupação das cátedras por professores brasileiros, muitos dos quais haviam sido antigos assistentes das mesmas. Nesse sentido, e no cruzamento das movimentações em prol da estabilidade institucional, as carreiras destes sujeitos também se firmavam nos rumos tomados pela casa. Como um dos primeiros professores contratados pela unidade na regência da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval, Eurípedes Simões de Paula solidificara sua trajetória em bases mais estáveis no arranjo estrutural da Faculdade, de modo a consolidar sua posição de catedrático nos ditames institucionais.

Embora, como visto, o período da guerra tenha simbolizado ao então combatente um momento marcado por temeridades e incertezas quanto ao seu retorno ao país e a impossibilidade de aventar seu destino aos rumos da FFCL-USP, muitas das expectativas que forjara no *front* puderam se concretizar após o final da Segunda Guerra Mundial. Recebido, assim como outros colegas da FFCL conscritos à FEB, com homenagens – organizadas tanto pelo Conselho Universitário (Co) quanto pela própria Faculdade de Filosofia⁸⁹ –, de saída ficava claro que sua posição acadêmica agora era outra.

⁸⁸ No tocante aos últimos anos do decênio de 1940, não houve uma especificação dos montantes utilizados nas execuções orçamentárias respectivas. No Anuário referente aos anos 1939 a 1949 somente consta as dotações orçamentárias de cada ano, não sendo possível aferir o total de despesas efetuadas no período.

⁸⁹ Na sessão do dia 11 de julho de 1945, a Reitoria da USP, de acordo com a deliberação tomada pelo Co decidiu “[...] oficializar aos professores da Universidade que serviram no Corpo Expedicionário Brasileiro, congratulando-se

Recebido na condição de herói de guerra nos meios da FFCL, sobrevivente dos conflitos encetados nos campos de batalha na Europa, a sua participação na Segunda Guerra Mundial era considerada entre os pares institucionais como um valor distinto, situado naquilo que Pierre Bourdieu classifica como reconhecimento simbólico, marcado e garantido socialmente, sinal específico da consagração da trajetória do professor e de sua contribuição em prol das liberdades democráticas e pelo fim dos totalitarismos, tanto no âmbito internacional quanto no contexto político brasileiro⁹⁰.

Identidade construída, imagem mobilizada, carreira firmada. E esta não seria a única oportunidade mobilizada por Eurípedes Simões de Paula na edificação de sua imagem enquanto partícipe da Segunda Guerra Mundial. Em outras ocasiões, o historiador recorrera à sua vivência na condição de febianos como exemplo de tenacidade e de encorajamento nas dificuldades vislumbradas no cotidiano da Faculdade de Filosofia da USP. Signo de distinção, a imagem mobilizada pelo historiador seria, enfim, crucial nas tentativas de afirmação de sua trajetória nos anos subsequentes na instituição.

Com prestígio reconhecido e obtendo finalmente a titularidade da cadeira em 1946 com a tese “Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade”, a partir da ascensão à cátedra Eurípedes Simões de Paula lançou-se nos espaços do poder da Faculdade de Filosofia, sendo que no mesmo ano nomeado membro do CTA, representante docente da instituição no Co e em 1947 assumia o cargo de vice-diretor da instituição. Pela via da inserção nas instâncias de prestígio, o catedrático encontrava respaldo na elaboração de um dos projetos mais longevos encabeçados por ele: o da *Revista de História*, lançada em 1950. Legitimado entre os pares, sua atuação se deu a partir de então em duas frentes: em projetos voltados aos estudos históricos assentados em bases universitárias e na defesa dos interesses e demandas da comunidade acadêmica da FFCL. Neste caso, especificamente, Eurípedes Simões de Paula procurou afirmar, no âmbito interno, a voz e o poder da Faculdade junto às instâncias da política uspiana e, no plano externo, a importância da autonomia universitária –

com os mesmos por seu regresso à pátria”. Nove dias após a presente sessão, em outra reunião do Co, houve a sugestão de que fosse formada uma comissão de recepção do Corpo Expedicionário pela Universidade. Cf. RANIERI, Nina (org.). *Autonomia Universitária na USP*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 57. v. 1 (1934-1969). Além de Eurípedes Simões de Paula, outros dois professores da FFCL-USP também se incorporaram à FEB: Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama (Mineralogia e Petrografia) e Cícero Cristiano de Souza (Psicologia).

⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2, n. 2-3, p. 93, juin 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 28 jan. 2018.

e, mais especificamente, a autonomia da própria Faculdade de Filosofia –, contra as ingerências realizadas pelo governo estadual no final da década de 1950.

Eleito Diretor da FFCL logo no início do ano de 1950 – e reeleito por mais dois mandatos na mesma década –, Eurípedes Simões de Paula evocava as linhas mestras de seu projeto no programa de gestão: a reestruturação dos setores administrativos da Faculdade de Filosofia, a abertura de novos concursos ao provimento das cátedras que porventura fossem criadas e as medidas de incentivo aos professores assistentes da instituição na submissão de trabalhos originais na obtenção de novas titulações, principalmente a livre-docência, com vistas a instaurar uma rotina de trabalho acadêmico e científico no estabelecimento universitário⁹¹. Significativamente, uma das primeiras medidas por ele executadas à frente da administração da FFCL referiu-se ao provimento das cadeiras de Filosofia e Geografia Física, cujos concursos haviam sido abertos no mesmo ano em que assumira a direção da unidade.

Apesar de ambos os certames se desenrolarem de maneira concomitante, o caso da cátedra de Filosofia tomou grande parte dos noticiários veiculados nos Anuários da FFCL-USP entre os anos 1950 e 1952, devido aos sucessivos entraves ocorridos na realização do mesmo. Os óbices relacionavam-se a dois pontos capitais: um, o deferimento da inscrição de dois candidatos, Luís Washington Vita e Heraldo Barbuy, cujas inscrições foram aceitas condicionalmente, pois não possuíam diploma de ensino universitário, conforme o previsto no regimento dos concursos da FFCL-USP;⁹² outro, de quem seria a responsabilidade na indicação de membros na composição das bancas avaliadoras dos concursos, se a Congregação da Faculdade de Filosofia ou o Conselho Universitário, acionado em casos em que os órgãos deliberativos das unidades não dispusesse de 2/3 de professores catedráticos efetivos⁹³.

⁹¹ PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Discurso do Prof. Eurípedes Simões de Paula. In: *Anuário da FFCL-USP (1950)*, 1952. p. 168.

⁹² O parágrafo segundo do artigo 13 do DL 13423, de 23 de junho de 1943 trazia a seguinte definição: “Quando a matéria da cadeira em concurso for lecionada apenas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, ficarão os candidatos isentos da exigência de apresentar diploma de escola superior em cujo curso se conte de tal matéria, até que a lei federal disponha sobre o assunto”. Cf. Decreto-Lei n. 13423, de 23 de junho de 1943. Todos os antecedentes, bem como os desdobramentos do concurso em tela foram minuciosamente descritos nos Anuários da FFCL-USP referentes aos anos de 1950 e 1952, lançados entre 1952 e 1954. Neste ínterim, todos os atos emanados das decisões, recursos e documentos do certame à cadeira de Filosofia também foram reunidos em uma publicação específica, datada de 1952, fontes as quais servem de base a análise proposta na seção da pesquisa. Cf. *Anuário da FFCL-USP (1950)*, 1952. p. 95-121; *Anuário da FFCL-USP (1952)*, 1954. p. 85-120; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*. [São Paulo] : Secção de Publicações, 1952. 93 p.

No decorrer do primeiro semestre de 1950, as questões relativas ao arbítrio do concurso e da efetivação da inscrição dos candidatos provocaram um grande embate entre a Congregação da FFCL e o Conselho Universitário (Co). Na morfologia das posições dispostas no poder da USP, a Faculdade de Filosofia encampava e embrenhava-se nas lutas em defesa dos mecanismos e de efetivas condições de aprovação de seu primeiro corpo docente, o que, em termos práticos, representaria a entrada definitiva de seus titulados na hierarquia docente da unidade. Entretanto, tais demandas não seriam recebidas de bom grado nas instâncias do poder universitário. Utilizando as categorias mobilizadas por Pierre Bourdieu no estudo acerca das condições objetivas envolvidas na disposição dos poderes no bojo da universidade, as disputas encetadas no bojo do Co, controlado majoritariamente por representantes das faculdades dominantes na ordem temporal do poder universitário – notadamente, as mais longevas, cuja incorporação ao constructo institucional da USP – demonstrara as assimetrias envolvidas no controle das instâncias de governo da universidade, nas tentativas tanto das escolas tidas “tradicionais” como a FFCL-USP – símbolo da modernidade, unidade forjada na condição de agregadora do projeto universitário construído por extratos da elite paulistana, demonstrara os descompassos e contradições envolvidas no processo de constituição da universidade, em incorporar unidades já existentes no corpo intelectual paulistano, hegemônicas na formação de quadros profissionais e de membros das classes dirigentes ao Estado⁹⁴.

Examinar os candidatos ao concurso em tela também permite compreender a tensão entre a FFCL e o Co por outro ângulo, uma vez que os vínculos intelectuais e institucionais de alguns deles revelam uma disputa em torno do monopólio da autoridade científica na área de Filosofia. Dito de outra maneira, tratava-se também de impor aos concorrentes uma

⁹³ A lei n. 851, de 7 de outubro de 1949 fixava as normas regulatórias da composição das Congregações nos estabelecimentos de ensino superior. Constava no dispositivo legal em seus artigo primeiro e parágrafo único que “A Congregação de Institutos de Ensino Superior de Universidades, que tiver menos de dois terços de professores catedráticos, indicará, para completar esse número, professores catedráticos efetivos de estabelecimentos, oficiais ou reconhecidos, de preferência entre os que lecionem a mesma matéria, ou afim, de cadeira posta em concurso, ou profissionais de notório saber com atividade ou obras publicadas, pertinentes à mesma disciplina. Parágrafo único. Os componentes da Congregação, escolhidos na forma deste artigo, participarão, com direito de voto, das sessões da Congregação, concernentes ao concurso, e submeter-se-á à aprovação desta o parecer da comissão julgadora. Cf. BRASIL. *Lei n. 851, de 7 de outubro de 1949*. Dispõe sobre a composição das Congregações de Institutos de Ensino Superior de Universidades. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-851-7-outubro-1949-364039-norma-pl.html>. Acesso em: 14 fev. 2018.

⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. Espécies de capital e formas de poder. In: BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. 2. ed. 1. reimpr., Florianópolis : Ed. UFSC, 2017. p. 104.

competência científica específica, definindo assim uma capacidade legítima de falar e de agir, socialmente outorgada a um agente determinado⁹⁵. De um lado, novamente envolvido nas disputas pelas cátedras, João Cruz Costa, então professor contratado da cadeira de Filosofia. Do outro, quatro candidatos pertencentes ao núcleo formador do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF): Vicente Ferreira da Silva, Renato Cirell Czerna, Luis Washington Vita e Heraldo Barbuy. Fundado por Miguel Reale em 1949, mesmo ano em que assumiu a reitoria da USP, o IBF tinha como objetivos gerais a valorização e o estímulo da produção gerada por filósofos nacionais, de forma que as obras resultantes do trabalho de reflexão não se reduzissem a comentários de teorias estrangeiras, mas “representassem o ato de pensar em diálogo com autores do Brasil e do estrangeiro, sem subordinação dogmática a determinada linha de pensamento”⁹⁶.

De acordo com Daniela Maria Ferreira, o ensino e o estudo da Filosofia no Brasil instituíram-se em torno da atuação de dois grupos, os quais sustentavam uma hegemonia nas formas de pensar e de definir as práticas envolvidas no fazer filosófico: no corpo representado nas ciências jurídicas e na formação religiosa. Tal conjuntura perdurou até os anos 1950, década relevante no estabelecimento das primeiras gerações formadas sob a égide do ensino universitário em novas bases, principalmente na imposição de normas provenientes do universo mais profissionalizado⁹⁷. Assim, na rivalidade entre os bacharéis em Direito e os titulados na Faculdade de Filosofia, a cadeira de Filosofia tornou-se o lugar a ser alcançado por ambos os grupos. Para os integrantes do IBF, reunidos em torno da figura de Miguel

⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2, n. 2-3, p. 89, juin 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 28 jan. 2018.

⁹⁶ Miguel Reale nasceu em 1910 na cidade de São Bento do Sapucaí. Filho de imigrantes italianos estabelecidos no Brasil em fins do século XIX, Miguel Reale fizera parte dos estudos em Minas Gerais, concluindo o ensino secundário capital paulista, cidade a qual também cumprira o ensino superior, formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1934. Tivera uma intensa participação nos eventos políticos do país no início da década seguinte: apoiara a Revolução de 1930 que derrubara o presidente Washington Luiz, juntara-se ao Movimento de 1932 contra o governo provisório de Getúlio Vargas, no mesmo ano ingressara na “Ação Integralista Brasileira”. Na década seguinte, tornara-se lente catedrático da cátedra de Filosofia do Direito na instituição a qual se graduara. Posteriormente, ascendera ao cargo de Reitor da USP em dois momentos: 1949-1950 e 1969-1973. Dados extraídos do verbete dedicado ao jurista, editado na Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Cf. DE CICCIO, Cláudio. Miguel Reale. In: CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Álvaro de Azevedo; FREIRE, André Luiz (coords.). *Enciclopédia jurídica da PUCSP*. [São Paulo]. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbeta/128/edicao-1/miguel-reale>. Acesso em: 11 fev. 2018.

⁹⁷ FERREIRA, Daniela Maria. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251518>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Reale (ele próprio professor da Faculdade de Direito), alçar à cátedra significava o triunfo nos esforços mobilizados pelo Instituto em “[...] tomar posse da cabeça-de-ponte da filosofia acadêmica paulista”⁹⁸. Por seu turno, a inscrição de João Cruz Costa simbolizava a inserção das primeiras gerações de formandos da Faculdade de Filosofia no seio da própria instituição, os anseios e as expectativas de transmissão de novos métodos e padrões acadêmicos e científicos no exercício do ofício de filósofo.

Com a dúvida quanto à legitimidade da formação dos dois referidos candidatos, a Direção da FFCL levou o caso ao âmbito do Conselho Universitário, de modo que o mesmo oferecesse algum parecer que consubstanciasse a decisão da unidade. Contrariando sua posição, o Co, presidido pelo reitor Miguel Reale, manifestou-se favoravelmente pelo acatamento das inscrições condicionalmente aceitas de Luis Washington Vita e Heraldo Barbuy. O argumento central do posicionamento tomado pelo órgão universitário residia na aplicação integral do disposto pelo Regimento dos concursos à FFCL⁹⁹.

Inconformados com a decisão, membros da Congregação da FFCL procuraram estratégias que pudessem revê-la. Uma delas acirrou ainda mais os ânimos: a consulta junto ao Conselho Nacional de Educação. Contestando frontalmente o Conselho Universitário, a consulta sugeria que a própria sobrevivência da Faculdade de Filosofia estava em jogo, pois a deliberação do Co significaria a anulação de todos os investimentos e esforços despendidos na formação de especialistas, profissionais voltados para atuação nas respectivas áreas no ensino universitário no país – a começar dentro dela mesma.¹⁰⁰

⁹⁸ Em artigo publicado na revista *Anos 90*, Bruno Bontempi Jr. explicita quais eram as linhas programáticas de ambos os grupos, e os mecanismos envolvidos nas lutas por espaço institucional e a legitimidade do discurso filosófico – ou, do que o autor denominou, do discurso sobre a filosofia. Cf. BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Rivalidades, parricídio intelectual e invasão de fronteiras na trajetória de Cruz Costa. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 29, p. 155-181, jul. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7700/5961>. Acesso em: 07 fev. 2018.

⁹⁹ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*. [São Paulo] : Secção de Publicações, 1952, p. 9-10. Na mesma sessão, além da deliberação das inscrições condicionais, o Conselho Universitário indicara para compor a comissão examinadora do concurso de Filosofia dois representantes: os professores Alexandre Corrêa e Arthur Versiani Velloso. Por seu turno, o Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia também apontara membros ao certame: professores Hermes Lima, Ivan Lins e Orlando M. de Carvalho (titulares) e Carlos de Campos, Sílvio Rabelo e Alceu Amoroso Lima (suplentes).

¹⁰⁰ O movimento em alcançar as cátedras em vacância na Faculdade de Filosofia da USP era uma das consequências visualizadas no processo de estruturação da hierarquia acadêmica no empreendimento universitário paulista. Conforme Sérgio Miceli, tal disposição fora organizada por “[...] docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica europeia (e francesa, em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação

O recurso ao órgão federal demonstrava também a complexidade observada na determinação do corpo regulatório do ensino superior em sua história. Como afirma Ranieri, a quantidade elevada de instrumentos regulatórios ao ensino superior gerava ambiguidades no entendimento das responsabilidades específicas nos dispositivos da organização universitária, suscitando assim dúvidas quanto a quem cabia as atribuições de controle exercido sobre o ensino superior¹⁰¹.

Revertidas parcialmente as deliberações do Co via parecer do órgão federal, a direção da FFCL não tardou em tomar providências na resolução efetiva do caso. Solução a qual possivelmente contrariou o Co e, particularmente, o Reitor da USP: uma das primeiras decisões de Eurípedes Simões de Paula à frente da Direção da unidade determinou o cancelamento de todas as inscrições que não se enquadrassem nos marcos legais, sendo a única candidatura aceita a de João Cruz Costa. Além disso, chamou para si a responsabilidade de indicar os membros da comissão julgadora do certame¹⁰². Simões de Paula deixava patente assim não somente sua discordância com as manobras do Co, mas também a predileção por um dos primeiros alunos formados nos bancos da instituição, os quais se consideravam enquanto “herdeiros” dos primeiros mestres que ocuparam a titularidade das cadeiras – e, de resto, seu amigo pessoal desde os primeiros anos da Faculdade. Conforme o próprio João Cruz Costa afirmara ao colega então combatente, “eles já não eram mais aquelas crianças que os outros pensavam”.

A ação do diretor provocou a reação conjunta dos candidatos excluídos do certame. Comunicados do indeferimento das inscrições, alguns deles acionaram recurso contrário à

e promoção.” Nesse sentido e, ao criar uma série de mecanismos em prol da organização dos meandros universitários, influenciaram nas formas de acesso às cadeiras e aos postos mais elevados na universidade, lugares preenchidos por alunos titulados no seio da própria instituição. Cf. MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. 2. ed. rev. e corr. São Paulo: Sumaré, 2001. p. 101-102. v. 1.

¹⁰¹ RANIERI, Nina. Introdução. In: RANIERI, Nina (org.). *Autonomia universitária, 1934-1969*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 12 (v. 1).

¹⁰² Determinação do Diretor da Faculdade de Filosofia, a vista da resolução do Conselho Universitário de São Paulo. In: *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*, p. 29. Eurípedes Simões de Paula selecionara os seguintes nomes para compor a comissão julgadora: Titulares: professores Fernando de Azevedo (Catedrático de Sociologia – 2ª cadeira) e Roldão Lopes de Barros (Catedrático de História e Filosofia da Educação); Suplentes: Leonardo van Acker (Catedrático de Filosofia Geral e Filosofia do Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP) e Noemy Silveira Rudolfer (Catedrática de Psicologia Educacional). Já os integrantes escolhidos para completar a Congregação da FFCL-USP foram os seguintes: Aderbal Tolosa, Antônio de Almeida Júnior, Basileu Garcia, Flaminio Favero, Leonardo van Acker, Lívio Teixeira, Mário Mazagão, Noé de Azevedo, Pacheco e Silva, Paulino Longo, Raul Briquet, Sérgio Buarque de Holanda e Vicente Ráo. Como indicações a suplentes: Alípio Correia Neto, Antônio de Almeida Prado, Antônio Cesarino Júnior, Antônio Sampaio Dória, Ernesto Leme, Fonseca Teles, José de Castro Nery, Miguel Reale e Telêmaco van Langendock.

medida em fins de 1950¹⁰³. O ponto central da argumentação levantada por Vicente Ferreira e Renato Cirell era a equivalência da disciplina de Filosofia do Direito ao curso de Filosofia, condição necessária para que que cumprissem os requisitos do concurso. Contra-atacando o embargo de suas candidaturas, ambos deixavam claro as pretensões do grupo orbitado no IBF – senão do conjunto de juristas dedicados ao ensino e ao estudo da Filosofia no Brasil –, qual seja, não perder a hegemonia exercida até então no campo da Filosofia no país, de modo a almejar espaços e lugares de legitimação da prática filosófica levadas a cabo por esse grupo.

Durante o ano de 1951, a questão se mostraria insolúvel, por razões de ordem administrativa, mas também devido à greve deflagrada na FFCL em virtude da iminência da aprovação do projeto de lei n. 23/51 (n. 497/1951), o qual afetaria a colocação profissional dos titulados pela Faculdade de Filosofia em todo o país¹⁰⁴. Não obstante a espera pela resolução definitiva acerca do caso, as forças em tensão realinharam-se, de modo que a FFCL passou a orquestrar ações que visavam a dominar a opinião pública em torno de sua posição. Uma das principais, ou, ao menos, mais significativas delas foi executada na cerimônia de formatura realizada em abril de 1952. Escolhido pelos formandos como um dos paraninfos, Eurípedes Simões de Paula não hesitou em associar, em seu discurso, a luta dos catedráticos da Faculdade de Filosofia naqueles anos aos enfrentamentos desprendidos em assegurar aos

¹⁰³ Os candidatos proponentes do recurso foram Vicente Ferreira da Silva Filho e Renato Cirell Czerna. Ambos eram formados pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (Vicente Ferreira em 1937 e Renato Cirell em 1946) e, como afirmado anteriormente, os dois participaram da fundação do IBF. Assim como os candidatos vinculados ao Instituto Brasileiro de Filosofia reagiram de forma contundente ao cancelamento das inscrições ao concurso, Oswald de Andrade também expressara sua indignação às medidas deliberadas. Em uma das crônicas publicadas no jornal *Correio da Manhã*, Andrade conclamava ao ministro da Educação para que tomasse providências a respeito aos encaminhamentos delineados no âmbito da Congregação da Faculdade de Filosofia da USP, cujo objetivo central nas artimanhas lançadas era garantir a candidatura única de João Cruz Costa. Segundo o autor, tal atitude demonstrara a influência dos titulados do estabelecimento em assegurar as ocupações nos cargos universitários criados naquele momento. Cf. ANDRADE, Oswald. Ao ministro da Educação. In: ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. [2. ed. aum.], São Paulo: Globo, 2007. p. 591. (Obras completas de Oswald de Andrade).

¹⁰⁴ A justificativa da propositura da matéria sublinhava a necessidade em prover as escolas de nível secundário de docentes, uma vez que as Faculdade de Filosofia ainda não eram suficientes para suprir a demanda existente. Entretanto, percebemos que o projeto de lei ora posto em debate na Câmara dos Deputados era parte da estratégia dos grupos de profissionais titulados nas escolas de Direito, Medicina e Engenharia nas disputas por práticas autorizadas no campo da transmissão dos métodos e de saberes em áreas que começavam a despontar os primeiros corpos de titulados nas Faculdades de Filosofia. Sobre os objetivos da proposta, Cf. BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 23/1951 (n. 497/1951)*. Dispõe sobre o registro, como professores do 2º Círculo, para lecionar em colégios situados fora das cidades onde haja Faculdade de Filosofia, dos advogados, médicos e engenheiros, mediante apresentação de seus diplomas. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4E1558252F2BFF0C0AFD792EF500105D.proposicoesWeb2?codteor=1221678&filename=Avulso+-PL+497/1951. Acesso em: 13 fev. 2018.

seus formandos lugares de atuação profissional condizentes com a formação obtida pela instituição¹⁰⁵.

Dentro da USP, a Direção da FFCL, juntamente com os membros de sua Congregação, novamente tentaram barrar as ações do Co para o acatamento e reconhecimento dos recursos interpostos pelos candidatos eliminados. Em reunião do colegiado máximo da instituição realizada em cinco de fevereiro de 1952, após a leitura do parecer elaborado na Comissão de Legislação e Recursos do Conselho (CLR), Eurípedes Simões de Paula fez uma crítica veemente, contestando a resolução tomada pelo colegiado da Universidade, bem como a equivalência das áreas de Filosofia do Direito e Filosofia e reforçou o dispositivo legal previsto nos Estatutos da USP acerca das exigências arroladas aos candidatos dos concursos¹⁰⁶. Sua reação não se deu sem conhecimento de causa: ao contrário, aproveitando-se de sua formação anterior na área das Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o diretor tinha plena ciência da estrutura formativa da instituição, apontando assim a incompatibilidade das disciplinas em disputa¹⁰⁷.

Com o acirramento das discussões acerca do caso no âmbito do Co, membros da Faculdade de Filosofia novamente extrapolaram os limites das instâncias universitárias, remetendo novos recursos e moções de desagravo aos Ministério da Educação e Saúde e ao Conselho Nacional de Educação¹⁰⁸. Não sabemos em minúcias, contudo, quais os

¹⁰⁵ Encerramento dos cursos. In: *Anuário da FFCL-USP (1951)*, 1952. p. 45-59.

¹⁰⁶ A aprovação do parecer da Comissão de Legislação e Recursos, pelo Conselho Universitário, em sessão de 5 de fevereiro de 1952. In: *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*, p. 55-57.

¹⁰⁷ Com a diferença de um ano de formação, Miguel Reale e Eurípedes Simões de Paula foram contemporâneos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Formados em 1934 e 1935, respectivamente, ambos capitaneavam as disputas encetadas no campo universitário no momento em que ocupavam cargos de relevância no interior da Universidade: de um lado, no estímulo e na preservação de recursos institucionais e burocráticos anteriormente utilizados (Reale); de , na observância estrita da legislação em nível federal e ao próprio Estatuto da USP, na resistência ao estratagema imposto no âmbito da Reitoria à Faculdade e na defesa dos titulados perante as investidas de grupo alheios aos seus objetivos (Simões de Paula). Dados dos anos de titulação de Eurípedes Simões de Paula e Miguel Reale extraídos do site da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP. Cf. ASSOCIAÇÃO dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Listagem dos antigos alunos. Disponível em: <http://www.arcadas.org.br>. Acesso em: 14 mar. 2018.

¹⁰⁸ Recurso da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo contra a decisão do Conselho Universitário de 5 de fevereiro de 1952. In: *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*, p. 59-66. Os signatários do documento foram os seguintes: Eurípedes Simões de Paula (Diretor da FFCL-USP e Catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval), Aroldo de Azevedo (Catedrático de Geografia Física), João Dias da Silveira (Catedrático de Geografia Física), Marcelo Damy de Souza Santos (Professor contratado de Física Geral e Experimental), Plínio Ayrosa (Catedrático de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani), Hans Stammreich (Professor contratado de Física Superior), Heinrich Hauptmann (Catedrático de Química Orgânica e Biologia), Viktor Leinz (Catedrático de Geologia e Paleontologia), Paulo Sawaya

desdobramentos ulteriores entre a Faculdade de Filosofia e o Conselho Universitário¹⁰⁹. Apesar da “queda de braço” entre ambas pender em favor do egrégio conselho em alguns dos episódios no desenrolar da trama, a FFCL obteve êxito nos esforços mobilizados no desfecho do caso, tanto na consagração de João Cruz Costa ao posto de titular da Cadeira de Filosofia, quanto sob o ponto de vista do poder de autonomia da instituição em arbitrar o concurso na indicação dos membros para a banca de avaliação¹¹⁰. Pode-se dizer também que ambos os casos representaram uma vitória pessoal de Eurípedes Simões de Paula, que fazia valer assim o seu projeto institucional e acadêmico de fortalecimento da Faculdade a partir de dentro.

No decorrer da década de 1950, Eurípedes Simões de Paula seria indicado outras vezes ao cargo de direção, sendo eleito outras duas vezes. Em seu terceiro mandato, a situação institucional da unidade sofreu alterações expressivas, sobretudo na configuração do orçamento destinado à sua manutenção. Isto fez com que em meados da mesma década a Faculdade passasse por infortúnios e dificuldades de ordem financeira com a diminuição do repasse de verbas, conforme demonstrado na tabela 4, situação realçada por Simões de Paula em seu discurso proferido na posse do cargo¹¹¹. Este cenário, oriundo das mudanças operadas

(Catedrático de Fisiologia Geral e Animal), Onofre Penteado Júnior (Catedrático de Didática Geral e Especial), Alfredo Ellis Júnior (Catedrático de História da Civilização Brasileira), Mário de Souza Lima (Catedrático de Literatura Brasileira), Omar Catunda (Catedrático de Análise Matemática), Fernando de Azevedo (Catedrático de Sociologia – 2ª cadeira), Michel P. Sawaya (Professor Assistente de Zoologia), Fernando Furquim de Almeida (Catedrático de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática), Eduardo Alcântara (Professor contratado de Estatística – 1ª cadeira), Lívio Teixeira (Professor interino de História da Filosofia), Mário Guimarães Ferri (representante dos livre-docentes), Ernesto Marcos (Catedrático de Zoologia), Ítalo B. Bettarello (Professor interino de Língua e Literatura Italiana), David Bohn (Professor contratado de Física Teórica e Matemática), Ary França (Catedrático de Geografia Humana), José Querino Ribeiro (Professor contratado de Administração Escolar e Educação Comparada), Benedito Castrucci (Catedrático de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva), Theodoro Henrique Maurer Júnior (Catedrático de Geologia e Paleontologia), Lourival Gomes Machado (Professor interino de Política) e Astrogildo Rodrigues de Mello (Catedrático de História da Civilização Americana).

¹⁰⁹ RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário”* (1958-1978). 2011. 565 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Especificamente, a segunda parte do primeiro capítulo da tese da autora (*Nova força produtiva, velhas reações sociais de reprodução: José Arthur Giannotti e João Cruz Costa*) traz uma interessante análise acerca da polarização entre “filósofos” e “filosofantes” no início dos anos 1950 e como tais disputas encetadas no seio da Faculdade de Filosofia descortinaram outros enfrentamentos no interior da Universidade de São Paulo, reflexões as quais inspiraram o estudo ora configurado.

¹¹⁰ Os trâmites envolvidos na realização do concurso foram noticiados na *Revista de História* no mesmo ano, cuja nota presente na seção **Noticiário** não há autoria. Possivelmente escrita pelo diretor – e fundador – do periódico Eurípedes Simões de Paula. Cf. CONCURSO para a Cátedra de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 18, p. 510-512, abr/jun. 1954. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/index.php/br/edicoes/214-rh-18>. Acesso em: 26 set. 2018.

¹¹¹ Diretrizes oportunas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 19 jun. 1956.

no nível do governo estadual, cujas medidas de contingenciamento das dotações orçamentárias nas diversas áreas do Estado tornaram-se tônica na execução de suas políticas, alterou substancialmente o quadro de desenvolvimento da Faculdade de Filosofia, limitando a contratação de novos docentes e assistentes às cátedras e o custeio de atividades voltadas à pesquisa científica.

Como seria de se esperar, tais situações foram amplamente denunciadas pelo conjunto de catedráticos da Faculdade, recebendo o apoio dos estudantes da instituição em novos foros de disputas¹¹². Aos primeiros sinais da diminuição dos repasses de verbas à unidade, materializados no indeferimento dos pedidos dos professores Mario Schemberg e Florestan Fernandes para a contratação de professores assistentes e dos pedidos de subsídio do professor Omar Catunda para a participação de docentes em congressos internacionais, - os professores da FFCL começaram a utilizar a imprensa para denunciar a situação e, indo além, proferir declarações acusatórias contra o governador Jânio Quadros e sua política de austeridade imposta às finanças do Estado¹¹³.

O tom das denúncias foi variado, é certo: Florestan Fernandes manifestou seu “ânimo compreensivo” diante das decisões do governador, mas sem deixar de lamentar as possíveis decorrências da perda de pessoal contratado às cadeiras e o prejuízo desencadeado à carreira dos assistentes dispensados; Mario Schenberg, por sua vez, publicou nos principais jornais paulistanos uma carta aberta, - na qual solicitava sua pronta demissão do cargo de Diretor do Departamento de Física e o afastamento sem vencimentos do posto de catedrático por dois

¹¹² Eleito governador do Estado de São Paulo no pleito de 1954, Jânio Quadros (PTN) implementara uma política de austeridade fiscal nas contas do Estado com o objetivo de sanar as finanças, em consonância a uma das plataformas políticas em eliminar a corrupção da vida pública e os desmandos praticados em outras administrações. Sobre a campanha eleitoral do pleito de 1954 Cf. FIDELIS, Thiago. Rumo aos Campos Elísios: as eleições de 1954 pelas páginas do Estado de São Paulo (OESP). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. *Anais eletrônicos [...]*. São Paulo: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1357843562_ARQUIVO_TrabalhoANPUH2013ThiagoFideli s.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹¹³ Tanto Florestan Fernandes quanto Mário Schenberg fizeram solicitações na contratação de assistentes às cátedras as quais regiam: Fernandes indicara a contratação de Marialice Mencarini Foracchi como auxiliar de ensino à cadeira de Sociologia I devido a saída de Fernando Henrique Cardoso do posto em questão e, por seu turno, Schenberg pedira a admissão de César Lattes ao Departamento de Física e na montagem do laboratório destinado às pesquisas produzidas pelos docentes. Já Omar Catunda pleiteara recursos ao envio de dois professores de matemática, os quais representariam o país em um Congresso de Topologia Algébrica no México. Cf. RODRIGUES, Lidianne Soares. Nenhuma paixão desperdiçada. In: RODRIGUES, Lidianne Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. 2011. p. 120-151; ROMÃO, Wagner de Melo. A organização do CESIT: condições políticas e institucionais de sua constituição. In: ROMÃO, Wagner de Melo. *Sociologia e política acadêmica nos anos 1960: a experiência do CESIT*. São Paulo: Humanitas : FAPESP, 2006. p. 93-144.

anos. O ponto de convergência, contudo, era claro: os docentes da FFCL pretendiam utilizar-se dos espaços destinados à opinião pública para sensibilizar a sociedade acerca das dificuldades vivenciadas na manutenção das atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas na instituição, ao mesmo tempo em que visavam a ampliar os canais de pressão sobre as esferas governamentais¹¹⁴.

Fiel a seu estilo, o chefe do Executivo paulista viu tais manifestações como afronta à sua autoridade constituída. Solicitou, então, que as declarações docentes fossem averiguadas pela Reitoria e que Schenberg e Catunda fossem punidos. Sua alegação era que não aceitaria desacatos proferidos por servidores públicos, recomendando assim ao Diretor da FFCL, Eurípedes Simões de Paula, que atuasse na garantia da “ordem” e da “disciplina” com rigor¹¹⁵.

A reação da Faculdade à cruzada moralizadora perpetrada por Jânio Quadros demonstrou novamente as alianças, afinidades e solidariedades firmadas entre os catedráticos na defesa dos docentes perante às penalidades expressamente determinadas pelo governador do Estado em busca de salvaguardar a instituição contra qualquer ingerência dos órgãos

¹¹⁴ RODRIGUES, Lidiane Soares. Nenhuma paixão desperdiçada. In: RODRIGUES, Lidiane. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário”* (1958-1978). 2011. p. 124. O documento produzido por Florestan Fernandes intitulado “Relatório sobre a situação do ensino de Ciências Sociais na USP” foi primeiramente veiculado no jornal O Estado de São Paulo, na edição de 10 de outubro de 1956 e posteriormente agrupado no livro *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*, em 1977. Cf. FERNANDES, Florestan. A “crise” das ciências sociais em São Paulo. In: FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. p. 83-104. Por seu turno, a carta de Mário Schenberg foi divulgada no mesmo jornal em 07 de outubro de 1956.

¹¹⁵ Insurge-se a Congregação da Faculdade de Filosofia contra a nota do Governador. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 out. 1956. Caderno Único, p. 1. Eis o trecho da carta enviada por Jânio Quadros à Congregação da FFCL-USP, veiculada na mesma edição do periódico: “1. Aplicar a pena de advertência ao prof. Omar Catunda, autor da carta injuriosa publicada em “O Estado de São Paulo”, edição de hoje, na qual declara que houve da parte do governo o intuito de ‘Espezinhar a Faculdade de Filosofia’, 2. Determinar ao diretor e à Congregação da Faculdade de Filosofia que mantenham, com rigor, a ordem e a disciplina naquele estabelecimento de ensino. Asseguro finalmente a v. magnificência que o governo suspenderá, imediatamente, todo servidor, qualquer que seja o seu cargo ou funções, desde que formule críticas públicas ao Conselho Universitário, a Reitoria e ao governador.” Na gestão como governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros ficou conhecido por suas investidas contra o funcionalismo público, primordialmente aos que teciam críticas ao seu governo ou a sua figura, marcas ressaltadas na bibliografia sobre o político. No bojo da reprimenda aos servidores públicos estaduais, Jânio Quadros havia elaborado um instrumento jurídico, utilizado na determinação das penas aos docentes da FFCL-USP. Especialmente, a seção “Das penalidades” do Decreto-Lei n. 26544, de 5 de outubro de 1956 fora largamente empregado por Jânio Quadros. Cf. SÃO PAULO (Estado). *Decreto-Lei n. 26544, de 5 de outubro de 1956*. Aprova a consolidação das leis referentes aos funcionários públicos civis do Estado. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1956/decreto-26544-05.10.1956.html>. Acesso em: 25 fev. 2018; ALVES, Odair Rodrigues. Jânio Quadros. In: ALVES, Odair Rodrigues. *Os homens que governaram São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 159-160; BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Do tostão à vassoura, o moralismo autoritário. In: BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 39-47.

governamentais. Em reunião da Congregação ocorrida em 10 de outubro de 1956, o colegiado resolveu, dentre outras medidas, oferecer solidariedade aos professores afetados coerção sugerida pelo Executivo Paulista, inclusive acusando que as punições recomendadas a Schenberg eram eivadas por motivações políticas; repudiar as afirmações dadas pelo governador sobre a suposta falta de “ordem” e “disciplina” na FFCL; e protestar contra a coação ao exercício dos direitos assegurados pela Constituição Federal, principalmente no que concernia à livre manifestação do pensamento e da crítica por parte do professorado da unidade¹¹⁶.

A reação não parou aí, nem ficou intramuros. Os professores da Faculdade também lançaram um manifesto, primeiro publicado em *O Estado de S. Paulo*, depois lançado em forma de folheto, no qual arrolavam suas principais lutas. Sendo uma das estruturas elementares de identificação das afinidades e redes de solidariedade constituídas no bojo da instituição¹¹⁷, a atitude tomada pelo conjunto de catedráticos visava a adentrar a opinião pública intervir claramente nos espaços públicos com o intuito de assinalar a relevância do papel reservado à universidade como fomentadora da cultura na sociedade, defender maiores recursos ao desenvolvimento pleno da pesquisa e do ensino no bojo da universidade e salvaguardar os princípios voltados à autonomia universitária, fundamento assegurado na legislação concernente ao ensino superior após o fim do Estado Novo¹¹⁸.

Intitulado “Problemas atuais da Universidade de São Paulo”, o documento chamava atenção mais uma vez para o estado de dificuldades que a USP e a sua Faculdade de Filosofia atravessavam naquela ocasião. Mais uma vez, os catedráticos da FFCL não poupavam críticas ao governador do Estado na condução de sua política de austeridade e, principalmente, nas constantes ingerências que realizava sobre o meio acadêmico, voltadas particularmente a punições aos professores, ameaçando o pressuposto da autonomia universitária e a liberdade

¹¹⁶ Insurreição da FFCL contra o governador do Estado de São Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 out. 1956. Caderno Único, p. 1.

¹¹⁷ Em seus estudos acerca dos intelectuais, Jean-François Sirinelli identifica duas estruturas fundamentais na observação e no cotejo das redes de sociabilidade oriundas das afinidades e solidariedades firmadas: as revistas, em seus movimentos de adesão e exclusão, na qual se constitui como uma primeira instância na análise do movimento das ideias e; os manifestos, abaixo-assinados e petições, textos cujo escopo permite “[...] revelar e medir as ondas, os abalos e estremecimentos que percorreram a consciência nacional”. Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 248-249; SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions françaises*. Paris : Gallimard, 1996. 587 p.

¹¹⁸ Manifesto da Faculdade de Filosofia sobre os problemas da Universidade de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 13-14, 23 out. 1956. Sua publicação em formato de folheto deu-se ainda no mesmo ano, impresso pela Seção Gráfica da FFCL-USP, possivelmente sob os auspícios de Eurípedes Simões de Paula.

de cátedra. A autonomia, aliás, era o ponto-chave dessas ponderações, como se pode perceber pelo texto do manifesto:

A Universidade, pela Universidade há de ser dirigida. Tem problemas próprios cujas soluções somente universitários podem oferecer, com o senso de equilíbrio e a ausência de paixões que lhes permite o alheamento às agitações políticas. Embora não possa e não deva impermeabilizar-se às comunicações com o corpo social, refletindo suas tendências e influenciando em seus destinos, uma osmose fecunda há de se estabelecer entre a Universidade e a vida política. Não deve, porém, ficar à mercê das flutuações de curta amplitude, oscilando ao ritmo de transformações periódicas. Seu trabalho requer continuidade, coerência, segurança; suas atividades devem ser planejadas sem os riscos de interferências estranhas¹¹⁹.

Preocupado em assegurar a legitimidade do protesto angariado na Congregação da FFCL, Eurípedes Simões de Paula encaminhará o manifesto ao Co antes de sua circulação na imprensa paulistana. Ligado à USP desde suas origens e franco aliado das lutas em defesa da universidade, o jornal *O Estado de São Paulo* veiculou o documento na íntegra, enquanto na seção *Notas e Informações* Laerte Ramos de Carvalho elogiou-o como uma “[...] valiosa contribuição para a solução de alguns dos principais problemas do sistema universitário brasileiro”¹²⁰. A repercussão do documento, entretanto, acionou velhas disputas no cerne do poder universitário. A questão fora discutida nos foros da Reitoria e levou a uma convocação extraordinária do Co, que não se posicionou ao lado da FFCL. Os embates acirrados no âmbito do Co culminaram na renúncia do reitor da USP Alípio Corrêa Neto, sendo nomeado Eurípedes Simões de Paula como vice-reitor em exercício da Reitoria¹²¹.

¹¹⁹ Ibid., p. 21.

¹²⁰ Sobre a crise universitária. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 nov. 1956. Notas e informações, p. 3. Desde o final dos anos 1940, o referido jornal recrutou um conjunto de intelectuais formados na FFCL-USP em seus círculos de colaboradores. Segundo Bruno Bontempi Júnior, na busca por novas perspectivas, este movimento pode ser localizado na manutenção da tradição do hebdomadário “[...] ser um jornal de intelectuais, inaugurando, porém, uma fase ‘acadêmica’”. Além de Ramos de Carvalho, outros nomes ligados à FFCL-USP foram integrados ao corpo de articulistas: Décio de Almeida Prado (teatro), Lourival Gomes Machado (política internacional), Roger e Paul Arbousse-Bastide, além da publicação do caderno *Suplemento Literário* no mesmo diário nos anos 1950, cujo núcleo formador esteve concentrado com os intelectuais da FFCL-USP. Cf. BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Os intelectuais da FFCL: bandeirantes da cultura. In: BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 143-144. Acerca da atuação do grupo de formados pela instituição na crítica nos jornais de São Paulo, Cf. PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima de São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 297 p.

Gozando simultaneamente as condições de vice-reitor em exercício da Reitoria da USP e Diretor da FFCL, Eurípedes Simões de Paula tentou então colocar termo à situação. Ao contrário da tenacidade e da resolução dispendidas quando do concurso da cadeira de Filosofia, no início da década, o dirigente agora optou por agir de modo conciliatório, de forma a encaminhar o documento elaborado pela Congregação da Faculdade de Filosofia “[...] à Comissão competente, devendo voltar ao Co oportunamente para a consideração que merecer”¹²².

Em 1957, novamente as relações entre Jânio Quadros e os professores da FFCL foram abaladas, agora por conta das críticas proferidas por Mário Schenberg na imprensa paulistana acerca do indeferimento dado pelo chefe do Executivo na contratação de César Lattes na condição de seu assistente, recrutamento alegado como necessário à construção de um laboratório de Emulsões Nucleares. Irredutível perante as declarações de Schenberg, Quadros mais uma vez solicitou à Reitoria a tomada de “punições cabíveis” ao catedrático, de modo que o assunto voltou à discussão no Co, que entendeu sua atitude como falta de ética universitária. Posta em votação, a punição ao docente foi aprovada por 17 votos favoráveis, três contrários e uma abstenção¹²³.

Insatisfeita, a Congregação da FFCL decidiu ultrapassar as deliberações do colegiado máximo da universidade e agir conforme seus interesses. Na sessão realizada em 26 de dezembro de 1957 aprovou-se a proposta de produção de um relatório com o fito de averiguar os fatos e contestar frontalmente o entendimento do Conselho; uma vez concluído, o

¹²¹ SESSÃO Conselho Universitário. Sessão 424ª, 12 out. 1956. Fls. 113 verso 141 verso. In: RANIERI, Nina (org.). *Autonomia universitária na USP: 1934-1969*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 136. Eurípedes Simões de Paula ficara um curto período no comando da USP. Poucos dias após à sessão do Conselho Universitário, Alípio Corrêa Netto voltara atrás na decisão tomada, de modo a permanecer no cargo até maio de 1957, momento o qual saíra da Reitoria da USP, devido a reestruturação executada por Jânio Quadros na base governista. Naquele momento, Alípio Corrêa Netto era presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB), legenda a qual romperia com a base do governo estadual, fato esse reiterado na cobertura jornalística acerca da crise instaurada na USP. Acomodação das forças políticas operantes no Executivo Paulista, a qual tivera implicações diretas também na configuração do campo do poder universitário da instituição, uma vez que a escolha do postulante ao cargo era feita diretamente pelo Governador do Estado, dentre os professores catedráticos de qualquer dos institutos universitários, conforme os preceitos determinados no Estatuto da USP em 1939. O fato de que a nomeação estava concentrada nas prerrogativas estabelecidas pelo Executivo Paulista também aponta para a questão da escolha do reitor da Universidade ser determinada conforme as posturas e relações dos postulantes ao cargo com as classes dirigentes na época.

¹²² UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Ata da sessão do Conselho Universitário de 26 out. 1956. Sessão 425ª, f. 141-158. In: RANIERI, Nina (org.). *Autonomia universitária, 1934-1969*. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 137. (v. 1).

¹²³ ROMÃO, Wagner de Melo. A organização do CESIT: condições políticas e institucionais de sua constituição. In: ROMÃO, Wagner de Melo. *Sociologia e política acadêmica nos anos 1960: a experiência do CESIT*. São Paulo: Humanitas : FAPESP, 2006. p. 101.

documento não foi submetido ao Co, mas sim encaminhado diretamente ao governador por uma comissão composta por Eurípedes Simões de Paula, Lourival Gomes Machado, Antonio Soares Amora, José Quirino Ribeiro, Aroldo de Azevedo e Milton da Silva Rodrigues. Entretanto, o governador não acatou as recomendações expressas no documento, acusou os professores da inveracidade do seu teor e solicitou ao Diretor da FFCL a devolução dos cargos de confiança caso não mantivesse a “ordem” e a “disciplina” na instituição¹²⁴.

Perante as constantes ameaças de Jânio Quadros, Eurípedes Simões de Paula aceita o pedido e renuncia aos cargos de Diretor da unidade e de vice-reitor da USP, alegando que não importaria censura ou restrição à liberdade garantida aos professores da Faculdade em expressar suas opiniões e que nenhum docente da Faculdade serviria aos ímpetos de imposição às restrições recomendadas¹²⁵.

O desfecho das contendas entre a FFCL e o governador do Estado levaria a novas punições ao quadro de professores da unidade, sobretudo por conta das manifestações em solidariedade a Simões de Paula, articuladas nos espaços da imprensa. Uma delas, pontuada por João Cruz Costa, provocou a fúria de Quadros. Chamado de “leviano” por Cruz Costa, o governador aplicou a pena de repreensão ao catedrático, sob a alegação de que os professores universitários eram funcionários públicos, assim não poderiam criticar ou desaprovar os atos cometidos por autoridades constituídas¹²⁶. Ao tomar conhecimento da decisão, Cruz Costa contratou seu assistente de cadeira Linneu de Camargo Schützer e ingressou com um processo contra Jânio Quadros, cuja base estivera assentada no apelo ao “[...] direito de opinião do servidor público e o seu direito de defesa”, na livre manifestação do pensamento, no direito da universidade possuir ritos próprios na investigação das condutas e na aplicação da legislação

¹²⁴ Aberta grave crise na USP. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 31 dez. 1957.

¹²⁵ SÃO PAULO (Estado). Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. *A crise da Universidade de São Paulo: mandado de segurança n. 86.533: memorial do impetrante pelo advogado Linneu de Camargo Schützer*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958. p. 7.

¹²⁶ Volta a agravar-se a crise na Universidade de São Paulo com a punição do professor João Cruz Costa. *Folha da Manhã*, São Paulo, 03 jan. 1958. Caderno Único, p. 1. Além da aplicação da penalidade a João Cruz Costa, Quadros também sentenciou a pena de repreensão a Mário Schenberg baseado nos mesmos termos: desrespeito às autoridades constituídas tanto do Executivo Paulista quanto ao órgão máximo da Universidade, desprezo pela disciplina, leis e hierarquia. Cf. Novo capítulo na crise da USP: punido o professor Schenberg. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 9, 9 jan. 1958.

aos servidores que nela atuavam¹²⁷. Ao fim desta guerra judicial, o catedrático conseguiria reverter a pena impetrada.

No conjunto das lutas empreendidas na USP nos anos 1950 que tiveram como protagonistas um conjunto de docentes da FFCL contrários às ingerências oriundas das mais diversas ordens – fossem do poder universitário, concentrado no Co e em representantes de outras escolas da universidade, fossem das instâncias e relações travadas com as classes dirigentes naquele período –, Eurípedes Simões de Paula impôs-se como uma liderança, cujas respostas dadas aos embates consumados deram-se de forma nuançada. Das posições ocupadas na linha de frente até os bastidores, o catedrático mobilizara-se conforme as afinidades intelectuais, políticas e acadêmicas, sendo as ações tomadas em resposta às disposições oriundas dos impasses vivenciados na instituição.

No quadro geral das possibilidades aventadas naquele momento de consolidação efetiva da FFCL nos meios intelectuais paulistanos em meados dos anos 1950, as conquistas, as derrotas e as acomodações foram tônicas vislumbradas nas disputas dos espaços de poder universitário. Conclamado em tomar parte das lutas e batalhas acadêmico-institucionais na qualidade de um dos primeiros titulados pela Faculdade de Filosofia da USP, Simões de Paula e seus companheiros adentraram os embates em nome da presença e da relevância da unidade nas esferas organizacionais e políticas da Universidade. Ao mesmo tempo, considerando-se “discípulos” dos “ilustres mestres vindos do Exterior” e, assim, herdeiros naturais de suas cátedras (posição que consideravam de “duríssima responsabilidade”), aspiravam também evidenciar a sua participação e intervenção nos debates em torno do que seria a Universidade no limiar dos anos 1960, calcada sobretudo nos ditames da autonomia universitária e da relevância deste pressuposto aos ditames da organização do ensino superior brasileiro em novos tempos.

¹²⁷ O processo publicado em forma de livro faz inúmeras considerações relativas à universidade como instituição autônoma na definição disciplinar aos catedráticos pertencentes em seus quadros, em respeito à Constituição Federal, a qual estabelecia a liberdade de expressão e de pensamento. Cf. SÃO PAULO (Estado). Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. *A crise da Universidade de São Paulo*: mandado de segurança n. 86.533: memorial do impetrante pelo advogado Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958. p. V.

2 A REVISTA DE HISTÓRIA E SEU EDITOR: PRÁTICAS EDITORIAIS, A FORMULAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

O prelúdio dos anos 1980 representou um importante marco para o universo dos periódicos no âmbito dos estudos históricos no Brasil, sintetizado no lançamento de novos títulos e de novos projetos editoriais. Dois exemplos ilustram de modo significativo tal dinâmica, a qual refletia também a própria expansão do campo da História produzido no domínio da Universidade: em 1981, surgia a *Revista Brasileira de História*, órgão oficial da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (Anpuh); dois anos depois, reaparecia a *Revista de História* da USP, cuja produção fora interrompida em 1977 após o falecimento de seu diretor e fundador Eurípedes Simões de Paula.

Se a *Revista Brasileira de História* representava, assim, uma novidade no panorama das publicações historiográficas do país, a retomada da *Revista de História* não era menos impactante – de certa forma, pela sua própria história, talvez o fosse até mais. Expressão disso foi a opção por dar continuidade à sequência de números e volumes iniciada em 1950, ainda que a advertência “Nova série” aparecesse entre parênteses na capa, logo abaixo do título. Também o editorial do número 114, o primeiro dessa nova etapa, intitulado “Reapresentação”, se dedicou a prestar homenagem aos préstimos realizados pelo fundador. Como dizia o texto, Simões de Paula empreendeu o projeto da revista com “iniciativa, entusiasmo e permanente dedicação” ao longo dos 27 anos em que estivera à frente dela, levando-a, “com uma espantosa frequência bimestral, centro e doze números”, a tornar-se “a mais notória publicação nesse campo, no Brasil”¹²⁸.

O editorial também apresentava as mudanças pelas quais passava o periódico: do acréscimo ao título – “(Nova série)” – ao conjunto de transformações em sua configuração material, expressas principalmente em seu projeto gráfico, ficava patente que tornara-se necessário uma reorientação de metas e do próprio projeto da publicação. Dito de outra maneira, os tempos eram outros, e as práticas e formas de concepção dos periódicos científicos também: a revista deixava de ser um empreendimento praticamente individual para tornar-se, de fato, institucional e coletivo, agora sob a responsabilidade do Departamento de História. Em lugar de um nome-chave, central, passavam a existir uma Comissão Executiva e

¹²⁸ REAPRESENTAÇÃO. *Revista de História (Nova Série)*, São Paulo, n. 114, p. 3-4, jan/jun. 1983.

um Conselho Editorial, com uma divisão clara das atribuições de cada grupo¹²⁹. A periodicidade também mudava, de trimestral a semestral, assim como a estrutura da publicação, o que talvez aparecesse então como o aspecto mais importante de todos os rearranjos. Nas palavras do editorial:

[...] Por outro lado, abrindo suas páginas a especialistas de outras instituições, a revista procurará dar ênfase a *artigos de fundo* sobre temas específicos, mas abrangentes, em princípio encomendados pela Comissão Executiva (e que poderão ser publicados juntamente com comentários, por diversos especialistas e a resposta do autor), e a *artigos e ensaios* vários, inéditos, em que se buscarão cobrir, na medida do possível, os múltiplos campos, métodos e técnicas e temas das Ciências Humanas, com foco particular na História. A seção de *arquivos* conterá apresentação *crítica* de repertórios, catálogos e comentário de conjuntos documentais e assuntos correlatos. Na de *bibliografia*, as principais categorias serão as análises críticas, além de repertórios (bibliografias exaustivas ou seletivas, comentadas, sobre assuntos específicos). Constarão, ainda, da Revista, as seções de *notas e comentários* e de *informações* sobre teses apresentadas e projetos de pesquisa em curso e outras atividades do Departamento, reuniões, congressos e programação de sociedades científicas e culturais da área¹³⁰.

Garantir que o periódico cumprisse a tarefa de estar em consonância com a produção historiográfica brasileira do momento e fosse um dos polos fomentadores na circulação dos estudos históricos no Brasil era uma das linhas principais pensadas por seus novos editores. Perante o movimento de diversificação e de dinamização de publicações existentes no país no limiar dos anos 1980 – identificado por José Roberto do Amaral Lapa, no bojo das alterações decorrentes na estrutura universitária brasileira desde fins da década de 1960 e início de 1970, com o fomento da pesquisa histórica encampado na formatação e edificação dos Programas de Pós-Graduação no Brasil, circunscrito também no estímulo à criação de associações e instituições fundadas dedicadas a difusão da História nos meios intelectuais brasileiros¹³¹ –,

129 Conforme apresentado no mesmo número, a revista passaria a ser administrada por duas comissões: a Executiva, encarregada na produção do impresso e o Conselho Editorial, cuja responsabilidade concentraria na emissão dos pareceres aos artigos submetidos para publicação. A direção da revista ficara a cargo de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes. A formação da Comissão Executiva era composta pelos seguintes docentes: Maria Luiza Marcílio, Fernando Antonio Novais, Maria Odila Leite da Silva Dias, Maria Theresa Schorer Petrone e Aldo Janotti (até 1983). Por sua vez, o Conselho Editorial da Revista de História era organizado com os seguintes nomes: Anita Waingort Novinsky, Arnaldo Daraya Contier, Jonatas Batista Neto, José Sebastião Witter, Maria Amélia Mascarenhas Dantas, Maria de Lourdes Mônaco Janotti, Maria Ligia Coelho Prado, Raquel Glezer e Silvia Bassetto.

130 REAPRESENTAÇÃO. Revista de História (Nova Série), São Paulo, n. 114, p. 4, jan/jun. 1983.

¹³¹ LAPA, José Roberto do Amaral. A institucionalização do saber. In: LAPA, José Roberto do Amaral. *História e historiografia Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 45. Na mesma seara do diagnóstico de

sua preocupação estava em demarcar a relevância e o lugar específico que a revista ocupava, jogando a um só tempo com a tradição única que detinha e o empenho por sua profissionalização, ambos associados ao peso da Universidade de São Paulo.

Reconhecer, lembrar Eurípedes Simões de Paula como um “antepassado legítimo”¹³² na formulação da *Revista de História* e, ao mesmo tempo, fixá-lo no plano da memória da historiografia brasileira eram, assim, duas faces de uma mesma moeda. Mediante esta operação de elaborar uma alteridade tanto das práticas editoriais calcadas na revista e dos novos rumos seguidos nos estudos históricos, quais seriam os princípios seguidos por Eurípedes Simões de Paula no projeto original da *Revista de História* em suas primeiras duas décadas de funcionamento? Quais os indícios de sua participação e intervenção na própria tarefa de configuração material e das linhas historiográficas do periódico? Como o fundador consolidou práticas editoriais em direção da consolidação de um periódico científico na área de História, com alcance nacional e internacional?

Inspirado pelas reflexões oferecidas por Jacqueline Pluet-Despatin e Robert Boure¹³³, este capítulo intenta identificar quais os traços, os caminhos e as práticas levadas a efeito por Eurípedes Simões de Paula na construção do projeto alçado à revista durante os anos 1950 e 1960. Pretende-se, com isso, deslindar as concepções de história, as formas de divulgação das práticas historiográficas e científicas e as formulações editoriais que estiveram na perspectiva

Amaral Lapa, Carlos Fico e Ronald Polito realizam um estudo acerca da situação do campo da História na década de 1980, de forma a corroborar quantitativamente o impacto do crescimento dos cursos de Pós-Graduação em História no país e as relações com a fundação de publicações, voltadas à divulgação da produção realizada no âmbito dos Programas de Pós-Graduação. Cf. FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto, MG: Ed. UFOP, 1992. 197 p.

¹³² Acerca das operações da memória no interior da história da historiografia, basearemos na leitura procedida por François Hartog da figura de Fustel de Coulanges na história da historiografia francesa. Ao tomar como ponto de partida o “caso Fustel”, o historiador preocupou-se em investigar as dimensões das posições e atitudes aferidas na prática historiadora das escritas da História conduzidas por Coulanges em sua trajetória, cuja obra esteve eivada pelas tensões e conflitos em voga no contexto político e social francês do século XIX, marcada pelas confluências entre a ordem política e o progresso metodológico. Em paralelo às preocupações em identificar o lugar ocupado por Coulanges na história da historiografia francesa, Hartog retraça quais as condições de recepção de sua produção no decorrer do século XIX, chegando ao círculo dos *Annales* – reabilitado mormente por Lucien Febvre e Marc Bloch. Reconhecida a importância de seu nome e da obra construída em sua trajetória, entretanto as operações de evocação de sua presença fizeram-se no sentido de circunscrever-lo na qualidade de um “antepassado legítimo”, cuja aproximação servia aos fins de demarcar as diferenças e a separação dos modos e as práticas postas em evidência na escrita da história no início do século XX. Cf. HARTOG, François. O século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. 419 p.

¹³³ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l’histoire des intellectuels : les revues. In : RACINE, Nicole ; TREBISTSCH, Michel (dir.). *Sociabilités intellectuelles : lieux, milieu, réseaux*. Paris, Cahiers de l’Institut d’histoire du temps présent, n. 20, p. 125-135, mars. 1992 ; BOURE, Robert. Sociologie des revues de sciences sociales et humaines. *Réseaux*, v. 11, n. 58, p. 91-105, 1993. Disponível em: http://www.persee.fr/docAsPDF/reso_0751-7971_1993_num_11_58_2306.pdf. Acesso em: 28 mar. 2017.

do editor na formulação do delineamento das frentes de atuação no interior do periódico. Devido a seu papel preponderante na mediação e na intervenção em prol de autorizar significados, da prescrição das ideias, das escolhas editoriais e das formas de recepção dos textos veiculados em seu espaço¹³⁴, Simões de Paula foi personagem central não somente na delimitação das balizas seguidas no âmbito da publicação, mas também em arregimentar núcleos de intelectuais e colocar instituições em sua órbita, em busca de instâncias de difusão e de recepção dos estudos históricos produzidos no país na segunda metade do século XX.

2.1 A construção de um projeto editorial: a *Revista de História* nos anos 1950

“Publiquemos una revista”. [...] Acompañada casi siempre por dos ideas afines: necesidad y vacío, la frase inaugura ciclos largos o breves de um impulso hacia lo público fuertemente marcado por la tensión voluntarista.”Publiquemos una revista” quiere decir “una revista es necesaria” por razones diferentes a la necesidad que los intelectuales descubren em los libros; [...] Desde esta perspectiva, “publiquemos una revista” quiere decir “hagamos política cultural”, cortemos com el discurso el nudo de um debate estético o ideológico. La frase, cuya forma previsible es el plural, constituye ell colectivo que suele quedar representado institucionalmente em una forma clásica: los consejos de dirección¹³⁵.

No alvorecer da década de 1950, Eurípedes Simões de Paula inserira-se nos meandros institucionais da FFCL. Conforme abordado no capítulo anterior, o historiador passou então a ocupar diversos cargos na administração da Faculdade, incluindo sua direção, na qual permaneceu até o final da década. Tal inserção nos postos de poder lhe possibilitou intervir de outras formas nos espaços intelectuais da USP, isto é, para além da esfera de atuação específica à cátedra. Antes mesmo de sua afirmação nesses espaços, contudo, ele dava forma a um projeto de grande alcance, dedicado à difusão dos estudos históricos produzidos no âmbito da universidade: a *Revista de História*, por ele fundada e dirigida de 1950 até sua morte, em 1977, como já dito.

¹³⁴ MEDEIROS, Nuno. Acções prescritivas e estratégicas: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 85, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/363>. Acesso em: 28 mar. 2017.

¹³⁵ SARLO, Beatriz. Intelectuais y revistas: razones de uma práctica. *América: cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, p. 15, 1992. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ameri_0982-9237_1992_num_9_1_1047.pdf. Acesso em: 21 out. 2018.

A *Revista de História*, nesse sentido, foi uma plataforma na qual Eurípedes Simões de Paula atuou de forma a veicular a visão que projetava sobre o campo historiográfico no país, mirando assim também a constituí-lo conforme as orientações do rigor acadêmico. Suas marcas e intervenções foram evidentes nas seções e gêneros textuais da revista,¹³⁶ a começar do espaço dos editoriais, usado com habilidade desde o primeiro número. Neste editorial inaugural, intitulado “O nosso programa”, o historiador apresentava as principais linhas da publicação e conduzia quais suas formas “autorizadas” de leitura,¹³⁷ além de expor as motivações, os objetivos e a relevância da revista recém-surgida.

Em suas linhas gerais, o texto deixava patente duas linhas de força a sustentar o projeto editorial da revista: uma, ligada ao próprio objetivo precípua do impresso, voltava-se a “[...] oferecer aos estudiosos uma oportunidade de divulgação sistemática, e mais ou menos ampla, dos trabalhos e das pesquisas que o amor ao estudo e a dedicação ao magistério universitário propiciam e orientam”.¹³⁸ Isso serviria, em suas palavras, como estímulo aos jovens pesquisadores na publicação de seus trabalhos, bem como ao fomento da pesquisa histórica nos meios intelectuais brasileiros. Em outra frente, a revista também estaria a serviço do papel fundamental de constituir-se como elo entre a Faculdade de Filosofia da USP e os professores de História atuantes nos níveis secundário e normal. Isso se daria na medida em que ofereceria recursos e materiais destinados à complementação formativa dos docentes nos assuntos abordados nos programas e conteúdos trabalhados em sala de aula; ao mesmo tempo, disponibilizaria um conjunto de trabalhos e pesquisas desenvolvidas por diversos agentes, de forma a possibilitar o contato com as atualidades tanto nos aspectos temáticos quanto no desenvolvimento teórico-metodológico no campo da história, principalmente no que tange ao

¹³⁶ Na operação analítica efetuada no presente capítulo, será feita uma divisão dos componentes estruturais da *Revista de História* em seus primeiros 20 anos de funcionamento. Para tanto, duas categorias serão trabalhadas: seções – compreendendo partes fixas e mutáveis do periódico – e gêneros textuais, elementos expressivos do seu projeto editorial, representados nos segmentos: artigos, editoriais e resenhas bibliográficas. Neste sentido, e em consonância às contribuições da crítica literária e da linguística, a cisão ora proposta visa a nos aproximar das formas e configurações da constituição estrutural do periódico, eivadas das práticas sócio-discursivas atuantes em sua configuração, sinais dos caminhos prescritos de acordo com seu contexto e lugar de produção na determinação dos sentidos e dos espaços de intervenção manejados por editor. Acerca da conceituação dos gêneros textuais, Cf. COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. 181 p.

¹³⁷ GENETTE, Gérard. As funções do prefácio original. In: GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009. p. 176.

¹³⁸ PAULA, Eurípedes Simões de. O nosso programa. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 1, jan/mar. 1950.

conhecimento de fontes e da crítica documental, perspectiva fundamental na elaboração dos estudos históricos¹³⁹.

Além da pesquisa e do ensino, o diretor da *Revista de História* sinalizava outras balizas fundantes ao projeto editorial do impresso. Ainda no mesmo editorial, recorrendo ao conceito de História advogado por Lucien Febvre, “[...] a História, Ciência do Homem”, procurava assentar os princípios e o espírito do periódico em uma vertente mais aberta, preocupada em acolher e publicizar em seu espaço trabalhos os quais estivessem em consonância com as mais distintas abordagens nos estudos históricos: econômico, social, político, religioso, literário, filosófico, científico. Ou seja, a *Revista de História* apresentava-se com a pretensão de ser um polo de atração e de veiculação da diversidade da produção historiográfica brasileira naquele período.

A escolha operada por Simões de Paula na referência explícita a Febvre e seu conceito de História pode ser lida também como um dos marcos mobilizados pelo editor em lançar as bases do impresso, tanto em termos materiais quanto, talvez principalmente, simbólicos. Afinal, a revista que agora surgia tinha um modelo a seguir, o de uma publicação cuja importância havia sido – e continuava a ser – decisivo para a consolidação do campo historiográfico e a introdução de novos debates e questões aos estudos históricos na França, referência máxima para a formação da FFCL: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Febvre, aliás, aparecia também como o autor do primeiro artigo publicado naquela edição – ou seja, o primeiro artigo publicado no primeiro número da *Revista de História* –,¹⁴⁰ o que reforçava a deferência do editor ao meio historiográfico francês e, ao mesmo tempo, seu esforço por vincular a si e à revista o prestígio de tal meio.

A partir da dupla chave de reivindicar-se como “porta-voz” dos caminhos e rumos tomados no campo da História no país nos idos da década de 1950 e de definir-se na esteira do espírito dos *Annales*, Eurípedes Simões de Paula procurava tecer uma rede de apoio na execução de seu projeto, de modo a angariar o prestígio e o reconhecimento da revista, principalmente nos meios universitários no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Em suas palavras:

¹³⁹ PAULA, p. 1.

¹⁴⁰ Este artigo é o texto da conferência proferida por Febvre na FFCL-USP em 2 de setembro de 1949. Intitulada “O homem do século XVI”, nela o historiador francês discorria acerca dos quadros gerais da mentalidade do século XVI em suas dimensões sociais e religiosas. Cf. FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 3-17, jan/mar. 1950.

Contamos desde já com o apoio valioso dos Departamentos de História e de Etnografia, de nossa Faculdade, com os Professores de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Política, e com a cooperação de conhecidos historiadores do Rio de Janeiro, dentre os quais podemos destacar: Eremildo Luiz Vianna, Jayme Coelho, Delgado de Carvalho, Hélio Vianna, Sílvio Júlio e Artur César Ferreira Reis [sic]¹⁴¹.

Sondar o respaldo de intelectuais inseridos na dinâmica de institucionalização dos estudos históricos sob as bases universitárias era uma das características diferenciadoras almejadas por Simões de Paula na configuração da revista. Junto aos citados, outros dois nomes importantes para a definição de seu projeto editorial, referências de prestígio e de notoriedade perante a comunidade de historiadores: o francês Fernand P. Braudel e o português Fidelino de Figueiredo¹⁴². Ambos se ligavam, cada um à sua maneira, à essência da revista: Braudel porque, de acordo com o editor, a ideia de lançar uma revista com o fito de divulgar trabalhos e pesquisas no âmbito dos estudos históricos remontava ao período em que

¹⁴¹ PAULA, p. 2. Arthur César Ferreira Reis foi jornalista, advogado e historiador amazonense, atuou na docência em algumas instituições universitárias do Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Escola de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Entrou na vida política em sua trajetória, tornou-se governador do Estado do Amazonas em 1964, nomeado pelo governo instaurado quando da deflagração do golpe civil-militar. Dedicou-se aos estudos históricos em analisar a região Amazônica no período colonial. Cf. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. REIS, Artur César Ferreira. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-artur-cesar-ferreira>. Acesso em: 03 nov. 2018. Eremildo Luiz Vianna, Jayme Coelho, Delgado de Carvalho, Hélio Vianna e Sílvio Júlio foram catedráticos do curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFU-UB), instituição fundada em 1939 com a extinção da Universidade do Distrito Federal (UDF). Projeto capitaneado pelo então ministro da educação Gustavo Capanema, o Decreto-Lei n. 1190, de 4 de abril de 1939 instituiu a FNFU como modelo de estrutura e de organização didático-administrativa a nível nacional. Acerca do projeto universitário de Gustavo Capanema, cf. SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra : Ed. FGV, 2000. p. 221-245. A respeito da configuração do curso de História no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930 na nova configuração universitária sob a égide do governo de Getúlio Vargas há o trabalho elaborado por Marieta de Moraes Ferreira, o qual faz um balanço das perspectivas tomadas na estruturação do curso, bem como na identificação das principais linhas, áreas e concepções de história delineadas ao projeto pedagógico do mesmo. Ademais, a historiadora coletou uma série de entrevistas, com alguns dos docentes que lecionaram nos cursos de História da UDF e na FNFU. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2013. 464 p.

¹⁴² Fidelino de Sousa Figueiredo (1888-1967) nasceu em Portugal. Formado na Escola Normal Superior de Lisboa no curso de Letras, Figueiredo atuou no ensino secundário em Portugal, concomitante à produção literária e na vida política do país. Dirigiu a Biblioteca Nacional de Portugal e auxiliou na fundação da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, sendo o diretor da *Revista de História*, periódico lançado em 1912 e encerrado em 1928. Acusado de planejar uma conspiração contrária ao governo, foi preso em 1927, exilando-se na Espanha. Anistiado em 1929, retornou a Portugal e cinco anos mais tarde integrou as primeiras levadas de professores estrangeiros contratados para a fundação da Universidade de São Paulo – área de Literatura Portuguesa -, permanecendo nos quadros docentes da instituição até 1951. Cf. FIGUEIREDO, Nuno Fidelino de; GIORDANO, Claudio (orgs.). *Fidelino de Figueiredo por ele e pelos outros*. São Paulo: EDUSP, 2012. 471 p.

atuara como seu assistente junto à cadeira de História da Civilização, ainda nos anos 1930. Entretanto, apesar dos impulsos então dispensados à fundação de um periódico, não fora possível a concretização da ideia, devido aos inúmeros óbices enfrentados¹⁴³. Figueiredo, por sua vez, fora importante porque ele próprio havia sido responsável por uma “*Revista de História*” em Portugal entre os anos 1910 e 1920, a qual servira como ponto de partida na definição tanto do nome quanto dos princípios da nova publicação agora lançada¹⁴⁴.

Situar Braudel e Figueiredo no texto inaugural da *Revista de História* trazia, evidentemente, as marcas de origem da Faculdade de Filosofia, ao evocar a presença decisiva dos professores estrangeiros em sua constituição. Ao mesmo tempo, alargava a sua projeção e o seu alcance, à medida que ambos os sujeitos ocupavam à época posições consagradas fora da seção de História e Geografia da USP: Braudel, de volta à França, conquistara o posto de professor do *Collège de France* na cadeira de História da Civilização Moderna; Figueiredo, permanecendo no Brasil, tornara-se catedrático de Literatura Portuguesa na FFCL. Por fim, e mais especificamente, evocar Fernand Braudel, um dos grandes artífices do percurso formativo e intelectual de Eurípedes Simões de Paula, representava a construção silenciosa de uma linhagem. A reverência enfatizada no texto indicava não somente o estatuto e a admiração do discípulo ao mestre, nem as trocas intelectuais e acadêmicas entre ambos mesmo depois do retorno de Braudel à França em 1937, mas também sinaliza as ressonâncias daquilo que Paulo Henrique Martinez considera como a implantação de um projeto intelectual, didático e investigativo aos estudos históricos no interior da USP¹⁴⁵.

¹⁴³ PAULA, Eurípedes Simões de. O nosso programa. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 1, jan/mar. 1950.

¹⁴⁴ PAULA, p. 2. Durante 1912 e 1928, Fidelino de Figueiredo publicou a *Revista de História*, iniciativa promovida pela Sociedade Nacional de História em uma das frentes de atuação em prol da difusão de estudos e pesquisas, na comunicação entre os historiadores, na centralização dos mecanismos voltados à avaliação e de mediação dos estudos históricos em nível nacional. Para uma análise exaustiva do referido impresso, Cf. MOREIRA, Nuno Miguel Magarinho. *A Revista de História (1912-1928): uma proposta de análise histórico-historiográfica*. 2012. 2 v. Tese (Doutoramento em História) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67315>. Acesso em: 11 nov. 2018.

¹⁴⁵ MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo. *Revista de História*, São Paulo, n. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18929/20992>. Acesso em: 15 nov. 2018. Destarte o retorno de Braudel à França em 1937 – motivado pela finalização do contrato de trabalho celebrado – há indícios de continuidade das relações entre Simões de Paula e Braudel, mencionadas por ambos em memórias acerca dos primeiros anos de constituição da FFCL-USP e da subseção de História. Outro indicio das vinculações estabelecidas entre ambos se localiza nas trocas epistolares em fins dos anos 1930, de modo que algumas das cartas enviadas por Braudel compõem parte do arquivo pessoal de Eurípedes Simões de Paula,

Materializado por iniciativas corroboradas na estruturação das bases da publicação em tela, os preceitos elucubrados por Braudel à então cadeira de História da Civilização encontravam agora ecos no próprio programa delineado pelo historiador ao trabalho exercido no âmbito da cátedra.

Nesta perspectiva, demarcar o lugar de produção e as formas de trabalho definidas no período de estruturação da cadeira de História da Civilização torna-se indispensável à reflexão acerca das apropriações e das práticas editoriais levadas a cabo por Eurípedes Simões de Paula e quais as concepções de História que ele e um conjunto de intelectuais ligados ao projeto defendiam. A relevância em perscrutar as nuances e as linhas colocadas na estruturação do curso de História reside na relação entre o periódico e o processo de institucionalização dos estudos históricos nos meios universitários no Brasil. Sob essa visada, e com base nas reflexões de Robert Boure, deter-se acerca da *Revista de História* e do projeto lançado por seu editor em seu espaço pode revelar uma porta de entrada para a compreensão do funcionamento das disciplinas em suas dimensões científicas, institucionais e humanas¹⁴⁶.

Partícipe da segunda missão vinda ao Brasil em 1935¹⁴⁷, Fernand Braudel chegou ao país a convite de George Dumas,¹⁴⁸ em continuidade às medidas dispensadas pelos primeiros

fundo custodiado no CAPH-FFLCH-USP. Em duas correspondências remetidas ao ex-aluno e assistente, Braudel nutria a expectativa de retorno ao país, na possibilidade de renovação dos contratos de trabalho com as autoridades brasileiras, fato não concretizado. Ademais às notícias dos rumos das negociações, o professor francês preocupava-se em sondar novidades da Faculdade de Filosofia da USP e dos encaminhamentos dados por Simões de Paula e de seus colegas nas perspectivas de trabalho e de pesquisa em História, de forma a prestar auxílios na condução dos estudos. Cf. BRAUDEL, Fernand P. [*Correspondência*]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. Paris, 04 fev. 1937. 2 f. AESP – CAPH-USP (Caixa 28, n. 2416); BRAUDEL, Fernand P. [*Correspondência*]. Destinatário: Eurípedes Simões de Paula. Paris, fev. 1938. 2 f. AESP – CAPH-USP (Caixa 28, n. 2435).

¹⁴⁶ BOURE, Robert. Sociologie des revues de sciences sociales et humaines. *Réseaux*, v. 11, n. 58, p. 91-105, 1993. Disponível em: http://www.persee.fr/docAsPDF/reso_0751-7971_1993_num_11_58_2306.pdf. Acesso em: 28 mar. 2017.

¹⁴⁷ No caso específico das áreas de História, Geografia e Literatura, houve a preponderância do governo francês na indicação dos nomes às cadeiras da FFCL-USP. Dentro da esfera da política cultural francesa, no campo de influência exterior da França aos países latino-americanos e em consonância aos acordos travados entre Brasil e França, ao longo das décadas de 1930 e 1940 diversos professores foram contratados, com o intuito de organizar as diretrizes de trabalho envolvidas na organização do ensino e da pesquisa nas respectivas áreas as quais seriam destinados. As chamadas “missões universitárias” trouxeram docentes em variada situação em seu percurso profissional – muitos em início de carreira, outros já com algum lastro no campo do ensino secundário e universitário francês – de modo que as negociações envolvidas na recomendação dos respectivos nomes, bem como as condições de permanência no Brasil sofreram intervenções diretas das autoridades brasileiras e francesas, sendo grande parte das indicações eivadas pela rede de sociabilidades construídas por Georges Dumas, obedecendo critérios acadêmicos e político-ideológicos. Entretanto, e contrariando relatos e uma produção memorialística a qual enfatiza os feitos e as triunfos dos professores franceses no país, tais missões foram marcadas por disputas internas no escopo dos termos firmados nos contratos, bem como em questões tocantes às questões de ordem política. Acerca da configuração das chamadas “missões universitárias” francesas ao Brasil, cf. PETITJEAN, Patrick. Entre ciência e diplomacia: a organização da influência científica francesa na

administradores da universidade recém-fundada na contratação de docentes, destinados na organização da estrutura didático-administrativas às cátedras existentes no arranjo acadêmico projetado à FFCL-USP. Em substituição a Émile Coornaert, Braudel assumira as responsabilidades referentes à efetiva organização do trabalho a ser desenvolvido na cátedra de História da Civilização. No mesmo ano de sua chegada, publica no primeiro *Anuário da FFCL-USP* as principais diretrizes de trabalho erigidas à cadeira, cujo elemento central se devotava à necessidade da definição da História e das vertentes de ensino e pesquisa que ali seriam operadas. Em seu diagnóstico, Braudel asseverara que o título escolhido à cátedra, mais do que expressar uma mera denominação nomeada ao acaso, impunha uma “escolha” e uma “atitude de espírito”.

Com relação aos programas, o historiador prescrevia que a História, sendo a mais antiga das Ciências Sociais, deveria diferenciar-se destas, de forma a frisar suas especificidades na abordagem da vida social. Segundo ele, a marca particular dos estudos históricos residia no exame das realidades de ontem vistas em sua totalidade, de modo que ao historiador devotado a esta tarefa cumpriria estudar a História em sua especificidade, ou seja, em deter-se acerca da realidade social passada tendo como ponto de partida o presente na condição de “laboratório”, em identificar os pontos de semelhança e as ressonâncias atuantes

América Latina, 1900-1940. In: HAMBURGER, Amélia Império ... [et al.] (orgs.). A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950). São Paulo: EDUSP, 1996. p. 89-120; _____. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGER, Amélia Império ... [et al.] (orgs.). A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950). São Paulo: EDUSP, 1996. p. 259-330; SUPPO, Hugo. A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. *Revista de História*, São Paulo, n. 142-143, p. 313 (309-345), 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18904>. Acesso em: 20 ago. 2018; PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio. História das Ciências Sociais no Brasil. 2. ed. rev. e corr. SP: Sumaré, 2001. v. 1, p. 477-531.

¹⁴⁸ Um dos principais artífices no fomento das relações científicas e culturais entre Brasil e França, Georges Alphonse Dumas (1866-1946) foi um médico francês. Professor da *Université de Paris*, onde dirigiu o laboratório de psicologia patológica. Iniciou contato com membros da elite cultural brasileira em inícios do século XX, na qualidade de enviado especial do *Groupement* na América Latina, auxiliando na criação dos Institutos Franco-Brasileiros de Alta Cultura do Rio de Janeiro e de São Paulo, além das conferências organizadas no Brasil, de modo que intelectuais e cientistas franceses pudessem difundir a cultura francesa. Nas inúmeras passagens pelo país, pode criar laços pessoais com estratos da elite cultural paulistana, o que favoreceu mormente nos acordos travados entre autoridades dos dois países na contratação de docentes franceses, designados a atuarem nas Universidades de São Paulo (USP), na Universidade do Distrito Federal (UDF) e na Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil (UB). Para um perfil de Georges Dumas, Cf. PETITJEAN, p. 93; LEFEBVRE, Jean-Paul. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, 1990. Disponível em: <http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

no presente. A finalidade primordial do historiador, assim, seria a “reconstrução das imagens do passado, a ressurreição das sociedades de outrora”.¹⁴⁹

A ênfase em operar a escrita da História das sociedades em sua integralidade, em preocupar-se em captar todos os aspectos envolvidos na configuração da vida social, significava o ponto essencial nas linhas de pesquisa definidas à cadeira. Nas palavras de Braudel,

[...] Só há história dos grupos sociais, e dêles devemos dar a história totalitária. Se a história tem probabilidade de ser uma ciência, não é porque fixa êste ou aquele ponto, mas porque nos conduz a verificações gerais sobre a sociedade, marcando semelhanças através de acidentes particulares. É nesses raros instantes que ela parece dar-nos a certeza de reconstituir o *espelho* no seu todo. A paisagem está inteiramente por se constituir. Quer se trate da verbiagem da diplomacia, às vezes tão grave, quer da vida política, onde se sintetiza toda a coletividade, quer se trate da história dos grandes homens, vítimas e algozes dos outros, quer seja acerca do preço do pão, do curso das rendas, ou do câmbio – nenhuma destas minúcias pode ser isolada do conjunto social que com ela se relaciona. O aprendiz-historiador fará bem em tudo vêr, em não limitar o seu campo de observação¹⁵⁰.

Os ecos de tais orientações parecem ter soado forte no projeto editorial da *Revista de História*, à medida que pretendia, em síntese, não impor limites à observação do passado. Preocupado em conferir amplitude ao programa do impresso, Simões de Paula definia o escopo de atuação no próprio editorial de fundação da *Revista de História*. Conforme suas palavras, “[...] a largueza de nosso campo de ação permitirá, sem dúvida, o acolhimento de trabalhos sobre quaisquer dos setores da História: econômico, social, político, religioso, literário, filosófico e científico.”¹⁵¹

Uma das estratégias mobilizadas por Eurípedes Simões de Paula em construir uma representação de relevância ao periódico na dinamização dos estudos históricos no país esteve concentrada na reprodução de textos acerca do seu acolhimento e repercussão nos meios universitários tanto no Brasil quanto no exterior, principalmente na França e em Portugal. Ao longo da primeira década de instalação da revista, e especificamente nos números 6, 13, 26 e 32, os editoriais indicam os circuitos de recepção trilhados pela revista no momento de seu

¹⁴⁹ BRAUDEL, Fernand P. Cátedra de História da Civilização: o ensino da História: suas diretrizes. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. *Anuário 1934-1935 FFCL-FFLCH/USP*: reimpressão. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. p. 123.

¹⁵⁰ BRAUDEL, p. 123-124. Grifo do autor.

¹⁵¹ PAULA, p. 2.

lançamento em diversos círculos intelectuais, enfatizando assim a importância da iniciativa em seu espírito, na localização de seus objetivos postos na instalação do projeto editorial e no reconhecimento do impresso na condição de ser um espaço aberto e interdisciplinar¹⁵².

Além da ênfase dada ao impacto da publicação nos meios acadêmicos e intelectuais difundidos no país e no exterior, Simões de Paula deixara patente o êxito obtido em pouco tempo de seu lançamento, de forma a angariar futuras colaborações, materializadas na publicação de trabalhos conforme o perfil das seções e gêneros presentes no espaço da revista.

Afora as redes constituídas conforme o movimento de circulação da revista, outras relações intelectuais e acadêmicas estavam no horizonte de Eurípedes Simões de Paula como forma de sustentáculo ao programa idealizado ao periódico. Nos polos das afinidades intelectuais operadas no espaço da FFCL, o diretor recrutara em torno do programa um grupo de intelectuais e de professores, compondo a partir deles uma “Comissão de Redação”. A relevância da constituição deste grupo reside naquilo que Jacqueline Pluet-Despatin caracteriza enquanto seu papel crucial no mundo dos periódicos, relacionado na definição das estratégias de participação na feitura do impresso e na condução de sua política editorial efetiva¹⁵³.

Inicialmente, a Comissão de Redação da *Revista de História* foi composta por uma formação homogênea, obedecendo à classificação dividida conforme funções determinadas: diretor (Eurípedes Simões de Paula), secretários, tesoureiros e outros integrantes. De modo geral, na década de 1950, a Comissão de Redação do periódico contou com 19 nomes, arrolados na seguinte vinculação institucional:

¹⁵² Em ordem cronológica, os textos de recepção reproduzidos nos editoriais dos respectivos números da *Revista de História*: FEIJÓ, Rui. *Vértice*, Coimbra, v. IX, n. 82, p. 374-375, jul. 1950 apud PAULA, Eurípedes Simões de. Como fomos recebidos em Portugal. *Revista de História*, São Paulo, ano II, n. 6, p. 233, abr/jun. 1951; RENOARD, Yves. Revista de História de São Paulo. *Bulletin Hispanique*, v. 53, n. 1, 1951 apud PAULA, Eurípedes Simões de. Como fomos recebidos em França. *Revista de História*, São Paulo, ano IV, n. 13, p. 3, jan/mar. 1953; CHAUNU, Pierre. Chronique: Brésil. *Revue Historique*, t. 207, 1952 apud PAULA, Eurípedes Simões de. Como fomos recebidos em França. *Revista de História*, São Paulo, ano IV, n. 13, p. 3-4, jan/mar. 1953; VIANNA, Hélio, 1956 apud PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Como fomos recebidos no Rio de Janeiro. *Revista de História*, São Paulo, ano VII, n. 26, p. 289, abr/jun. 1956; MAURO, Frédéric. Au Brésil: la Revista de História. *Annales, économies, société, civilisations*. 12e année, n. 1, p. 103-106, 1957 apud PAULA, Eurípedes Simões de. Como fomos recebidos em França. *Revista de História*, São Paulo, ano VIII, n. 32, p. 257-260, out/dez. 1957.

¹⁵³ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l’histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (dir.). *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieu, réseaux*. Paris, Cahiers de l’Institut d’histoire du temps présent, n. 20, p. 129-130, mars. 1992.

Tabela 5 – Composição da Comissão de Redação da *Revista de História* nos anos 1950

| Comissão de Redação - Revista de História anos 1950 | | |
|--|----------------------------------|--|
| Nomes | Função na RH | Vinculação institucional |
| Eurípedes Simões de Paula | Diretor | Professor - História da Civilização Antiga e Medieval - USP |
| Aldo Janotti | Secretário | Licenciado – FFCL-USP |
| Paulo Pereira de Castro | Tesoureiro | Licenciado – FFCL-USP |
| Alice Piffer Canabrava | Integrante – Comissão de Redação | Professora – Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas - USP |
| Alfredo Ellis Júnior | Integrante – Comissão de Redação | Professor - História da Civilização Brasileira – FFCL-USP |
| Astrogildo Rodrigues de Mello | Integrante – Comissão de Redação | Professor - História da Civilização Americana – FFCL-USP |
| Carlos Drummond | Integrante – Comissão de Redação | Assistente - Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani – FFCL-USP |
| Eduardo d'Oliveira França | Integrante – Comissão de Redação | Assistente - História da Civilização Moderna e Contemporânea – FFCL-USP |
| Egon Schaden | Integrante – Comissão de Redação | Professor – Antropologia – FFCL-USP |
| Émile-Guillaume Léonard | Integrante – Comissão de Redação | Professor - História da Civilização Moderna e Contemporânea – FFCL-USP |
| Fidelino de Figueiredo | Integrante – Comissão de Redação | Professor - Literatura Portuguesa – FFCL-USP |
| Manuel Nunes Dias | Integrante – Comissão de Redação | Assistente – História da Civilização Moderna e Contemporânea – FFCL-USP |

| USP | | |
|---------------------------------|----------------------------------|--|
| Myriam Ellis | Integrante – Comissão de Redação | Assistente – História da Civilização Brasileira – FFCL-USP |
| Odilon Nogueira de Matos | Integrante – Comissão de Redação | Secretário – FFCL-USP |
| Pedro Moacyr Campos | Integrante – Comissão de Redação | Assistente - Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval – FFCL-USP |
| Plínio Ayrosa | Integrante – Comissão de Redação | Professor - Etnografia e Língua Tupi-Guarani – FFCL-USP |
| Ricardo Román Blanco | Integrante – Comissão de Redação | Professor – Paleografia – FFCL-USP |
| Sérgio Buarque de Holanda | Integrante – Comissão de Redação | Diretor do Museu Paulista |
| Thomaz Oscar Marcondes de Souza | Integrante – Comissão de Redação | Sócio Emérito – IHGSP |

Fonte: Dados coletados nos fascículos da *Revista de História* na década de 1950¹⁵⁴

Do núcleo de sujeitos reunidos sob a Comissão de Redação no primeiro decênio da *Revista de História*, é possível depreender que a sua composição principal foi formada majoritariamente por catedráticos ligados à FFCL, sendo a distribuição concentrada na participação de todos os catedráticos do curso de História – com a presença de alguns membros de seu corpo de docentes assistentes. A eles, incorporavam-se docentes oriundos de outras disciplinas congregadas na organização da Faculdade de Filosofia, particularmente da Antropologia/Etnologia. Indícios das redes de relações entabuladas por Eurípedes Simões de Paula em sua trajetória na FFCL as aproximações desnudadas na disposição da Comissão de Redação expressavam o seu anseio por de apoios e laços em prol da abertura e da interação

¹⁵⁴ Os nomes arrolados na tabela constituem o primeiro grupo da Comissão de Redação da *Revista de História* durante os anos 1950. A situação institucional corresponde às informações disponíveis nos próprios números, de modo que as mudanças dos enquadramentos na unidade – transformações de alguns dos assistentes e pesquisadores vinculados às outras instituições em catedráticos -, bem como na incorporação de membros ao corpo editorial são visualizadas entre fins da referida década e o limiar da seguinte.

com diversos sujeitos. Ademais, a inserção dos docentes associados aos domínios da Antropologia/Etnologia convergia também a cooperação destes campos na formação dos geógrafos e historiadores desde o surgimento do curso, sendo as mesmas constantes na grade curricular da subseção em suas variantes ao longo da implantação do curso¹⁵⁵.

O caráter endógeno não somente perpassava a colaboração na Comissão de Redação, mas também era sistematicamente praticado na inserção dos trabalhos veiculados e distribuídos nas seções e gêneros postulados ao impresso. Tal constatação pode ser aferida a partir do levantamento dos autores que mais publicaram na *Revista de História* na década de 1950, dados os quais apontam na concentração de sujeitos ligados à FFCL-USP, primordialmente catedráticos ou assistentes cuja carreira seria incorporada à instituição nos anos vindouros. Dos 35 autores que publicaram igual ou acima de cinco estudos no periódico, 21 foram escritos por sujeitos ligados à FFCL-USP, conforme atesta a tabela abaixo:

Tabela 6 – Relação dos principais autores que publicaram trabalhos na *Revista de História* no decorrer dos anos 1950

| Autores com trabalhos publicados | Vinculação institucional | Números de trabalhos publicados |
|---|---|--|
| João Cruz Costa | FFCL-USP | 55 |
| Eurípedes Simões de Paula | FFCL-USP | 49 |
| Odilon Nogueira de Matos | FFCL-USP | 35 |
| Thomaz Oscar Marcondes de Souza | Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo | 30 |

¹⁵⁵ No decorrer do movimento de aprofundamento das balizas institucionais da FFCL-USP, a ordenação da subseção de Geografia e História sofrera inúmeras alterações, conforme atestado por Marieta de Moraes Ferreira e Diogo da Silva Roiz. Após a fase inicial de implantação do curso, sucessivas reestruturações tomaram corpo à conformação da subseção, marcadas mormente por alterações legais, oriundas do Ministério da Educação e Saúde Pública, de forma a adequar os ditames curriculares à legislação em vigor. Desde a padronização didático-organizacional em 1939, tendo por modelo estrutural a FNFi da Universidade do Brasil – porém, efetivada somente em 1942 no âmbito da FFCL-USP - até a efetiva separação dos cursos de Geografia e História em 1956, a respectiva subseção passou por 3 modificações curriculares, com a incorporação de novas cadeiras, na modificação dos regimes de seriação disciplinar, na promoção do intercâmbio dos alunos em outras subseções da unidade e a inserção das matérias de cunho didático, com o objetivo na formação de professores destinados ao ensino secundário. Cf. SILVA, Norma Lucia da; FERREIRA, Marieta de Moraes. Os caminhos da institucionalização do ensino superior de História. *História & Ensino*, Londrina, v. 2, n. 17, p. 283-306, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11242/10010>. Acesso em: 28 ago. 2017; ROIZ, Diogo da Silva. As transformações na estrutura curricular. In: ROIZ, Diogo da Silva. Os caminhos (da escrita) da *História e os descaminhos de seu ensino*: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Curitiba: Appris, 2012. p. 59-79.

| | | |
|---|---|----|
| Pedro Moacyr Campos | FFCL-USP | 28 |
| Álvaro da Veiga Coimbra | Sociedade Numismática Brasileira | 16 |
| Émile-G. Léonard | FFCL-USP | 13 |
| Maria Regina da Cunha Rodrigues | FFCL-USP | 12 |
| Myriam Ellis Austregésilo | FFCL-USP | 11 |
| José van den Besselaar | FFCL-USP | 11 |
| Giuseppe Caraci | Universidade de Roma | 10 |
| Fernand P. Braudel | Collège de France | 10 |
| Emilia Nogueira (Emília Costa Nogueira) / Emília Viotti da Costa | FFCL-USP | 10 |
| Sem autoria | | 9 |
| Edgard de Cerqueira Falcão | Sem identificação | 8 |
| Vitorino Magalhães Godinho | Centre National de la Recherche Scientifique | 8 |
| Alfredo Ellis Júnior | FFCL-USP | 8 |
| Antônio Paulino de Almeida | FFCL-USP | 7 |
| Otto A. Piper | Professor de Literatura e Exegese do Novo Testamento no Seminário Teológico de Princeton | 7 |
| Manuel Nunes Dias | FFCL-USP | 7 |
| Alexandre Gaspar da Naia | Sem identificação | 7 |
| Fidelino de Figueiredo | FFCL-USP | 7 |
| Rozendo Sampaio Garcia | FFCL-USP | 7 |
| Eduardo d'Oliveira França | FFCL-USP | 6 |
| Guilherme Deveza | Sem identificação | 6 |
| Roberto Levillier | Sem identificação | 6 |
| Maria Thereza Schorer Petrone | FFCL-USP | 6 |
| Segismundo Spina | FFCL-USP | 6 |
| Nícia Vilela Luz | FFCL-USP | 5 |
| Conde Emmanuel de Bennigsen | Sem identificação | 5 |
| Lucien Febvre | Collège de France | 5 |

| | | |
|---------------------------------|-------------------|---|
| Lívio Teixeira | FFCL-USP | 5 |
| Vivaldo Wenceslau Flor Daglione | Sem identificação | 5 |
| J. Philipson | FFCL-USP | 5 |
| Paulo Pereira de Castro | FFCL-USP | 5 |

Fonte: Dados coletados nos fascículos da *Revista de História* na década de 1950.

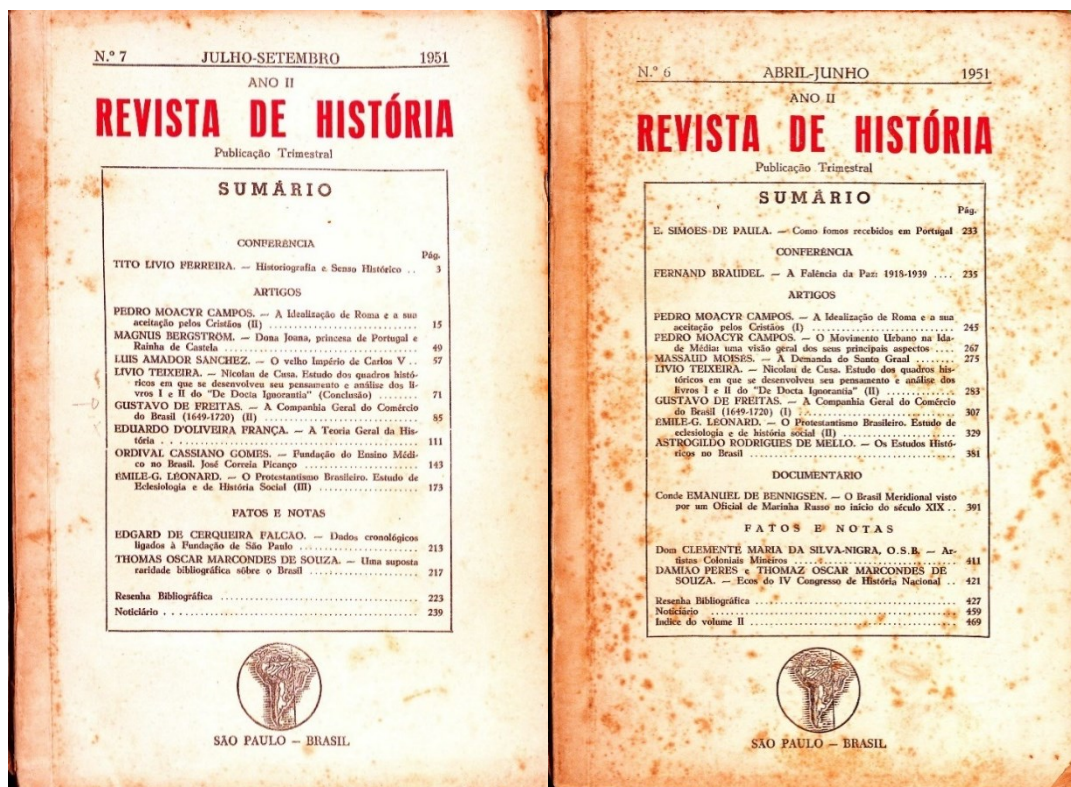
Depreende-se do quadro acima correspondências com a própria Comissão de Redação, ou seja, muitos dos quadros formadores do expediente da *Revista de História* também se inseriram em diferentes atribuições no espaço do periódico. Não obstante o propósito inaugural atribuído por Eurípedes Simões de Paula na formulação do programa editorial da revista, em dar amplitude a contribuições oriundas de diversos atores e instituições, em seus primeiros anos de implantação o diretor deixou patente as estratégias e operações em firmar o projeto alçado ao impresso em balizas arraigadas na origem institucional. Na constituição do “espírito” do periódico, as intenções, anseios e projeções ao impresso entraram em descompasso com a intervenção do diretor em assegurar ao grupo articulado em sua figura o lugar da revista como difusor dos estudos e trabalhos realizados no seio da FFCL-USP, dedicando oportunidades e espaços na veiculação de uma produção interna ao estabelecimento.

Aliado à preocupação em formar um corpo editorial e de reunir colaboradores que exprimissem em certa medida os propósitos alçados ao periódico, Eurípedes Simões de Paula também se atentou à caracterização do projeto editorial. Na fase de sua construção, o diretor impôs as linhas, os caminhos e as vertentes estruturais que dariam corpo à configuração material do impresso. No decorrer da década de 1950, a *Revista de História* teve como aspectos perenes, materializados em sua estrutura física, as dimensões (24 cm x 16,5 cm), a ordenação dos elementos patente na capa, a apresentação do expediente do periódico, os lugares de divulgação de outras publicações e a organização das seções e gêneros textuais projetados ao impresso.

Primeiramente, o padrão da capa seguiu parâmetros inalterados no período, sofrendo uma alteração substancial no plano gráfico na década seguinte: no topo constava o nome da revista, grafado em caixa alta, com letras destacadas em vermelho. Acima do título principal, eram divulgadas informações referentes ao expediente do fascículo – número, data e periodicidade. Abaixo, trazia a enumeração dos trabalhos publicados, divididos conforme as seções e gêneros editoriais. Logo abaixo do Sumário há uma imagem cartográfica da América

Latina, com a determinação das coordenadas geográficas situadas na delimitação do que é tomado como território brasileiro.

Figura 1 - Capas da *Revista de História* (ano I, n. 6 e 7, 1951)



Fonte: Acervo CMPH/EFLCH-UNIFESP

Por sua vez, o verso da capa era dedicado à apresentação das informações relativas ao expediente da revista: os cargos diretamente ligados à execução do impresso (direção, secretariado e tesouraria), a Comissão de Redação e os dados referentes aos preços praticados na venda dos números avulsos e assinaturas tanto no Brasil quanto no exterior. Cabe destacar que, durante os anos 1950 e 1960, o periódico passou por diversos reajustes nos valores praticados – 10 ao total –, acarretadas principalmente na elevação do preço dos insumos na impressão da revista e das despesas necessárias na distribuição no território nacional.

Ainda na esteira da demarcação das informações inseridas na apresentação gráfica da *Revista de História*, o espaço da 4ª capa foi destinado por seu editor em uma vertente principal, sistematizada na divulgação de anúncios relativos à divulgação de publicações acadêmicas tanto nacionais quanto internacionais, na veiculação de lugares e fornecimento de serviços em prol da obtenção de bibliografias atualizadas e de reprodução de fontes documentais. O anverso desta parte voltava-se à divulgação de anúncios relativos a livrarias – sobretudo, a Livraria Francesa – e serviços de microfilmagem e levantamento bibliográfico,

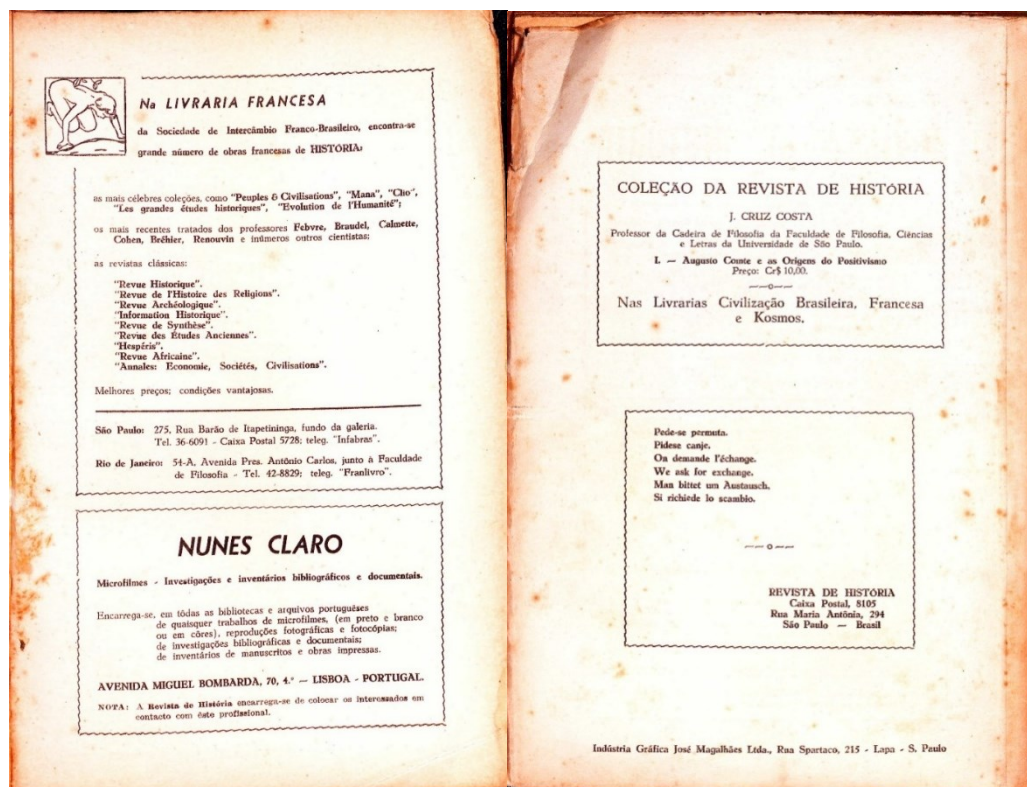
com o objetivo em difundir as novidades vindas do exterior em matéria dos estudos históricos, dos lançamentos das coleções de livros voltados à História, de outras publicações periódicas e das inovações no quesito de reprodução de fontes documentais. Outra tendência ali visualizada consistiu na difusão dos desdobramentos da revista em outros empreendimentos e projetos editoriais, marcadamente situada na *Coleção Revista de História*. Formada por artigos de grande repercussão publicados de forma sequencial no decorrer dos anos 1950, trabalhos bastante alentados nos conteúdos abordados, a Coleção surgira dentro do seio da publicação com o intuito em afirmar o seu programa, ao mesmo tempo em que visava a espriar a penetração da revista investindo em outros formatos e estratégias editoriais, com vistas a garantir o reconhecimento e a legitimidade de seu projeto¹⁵⁶.

Periódicos internacionais também foram divulgados no lugar dos anúncios da *Revista de História*, sendo os mais recorrentes editados nos Estados Unidos na década de 1950: a *Hispanic American Historical Review* e a *Inter-American Review of Bibliography*.¹⁵⁷ A veiculação das chamadas referentes às publicações estrangeiras pode ser vista como mais um esforço no sentido de inserir a revista em meios internacionais – particularmente pelo oferecimento do serviço de permuta de impressos, prática comum no âmbito das revistas acadêmicas naquele momento – e difundir publicações especializadas no campo dos estudos históricos, promovendo assim a aproximação de seu público com uma produção mais atualizada nos domínios históricos e historiográficos.

¹⁵⁶ Desde o lançamento no início dos anos 1950 até 1977, a *Coleção da Revista de História* contou com o total de 63 números, sendo que no decorrer das décadas de 1950 e 1960 foram lançados 36 números. A listagem dos títulos abrangidos nos anos 1950 e 1960 encontram-se na seção Anexos deste trabalho.

¹⁵⁷ Fundada em 1918, a *Hispanic American Historical Review* é uma publicação quadrimestral, pertencente à Duke University Press em cooperação com *Conference on Latin American History* e *American Historical Association*, dedicada aos estudos em História e Cultura da América Latina produzidos nos Estados Unidos. Cf. HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW. Home. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/>. Acesso em: 20 nov. 2018. Por seu turno, impressa desde 1951 a *Inter-American Review of Bibliography* é uma publicação trimestral dedicada ao estudo da cultura Americana, editada pela Divisão de Filosofia e Letras do Departamento de Assuntos Culturais, órgão da União Pan-Americana. Informação extraída nas chamadas presentes nos números da *Revista de História*.

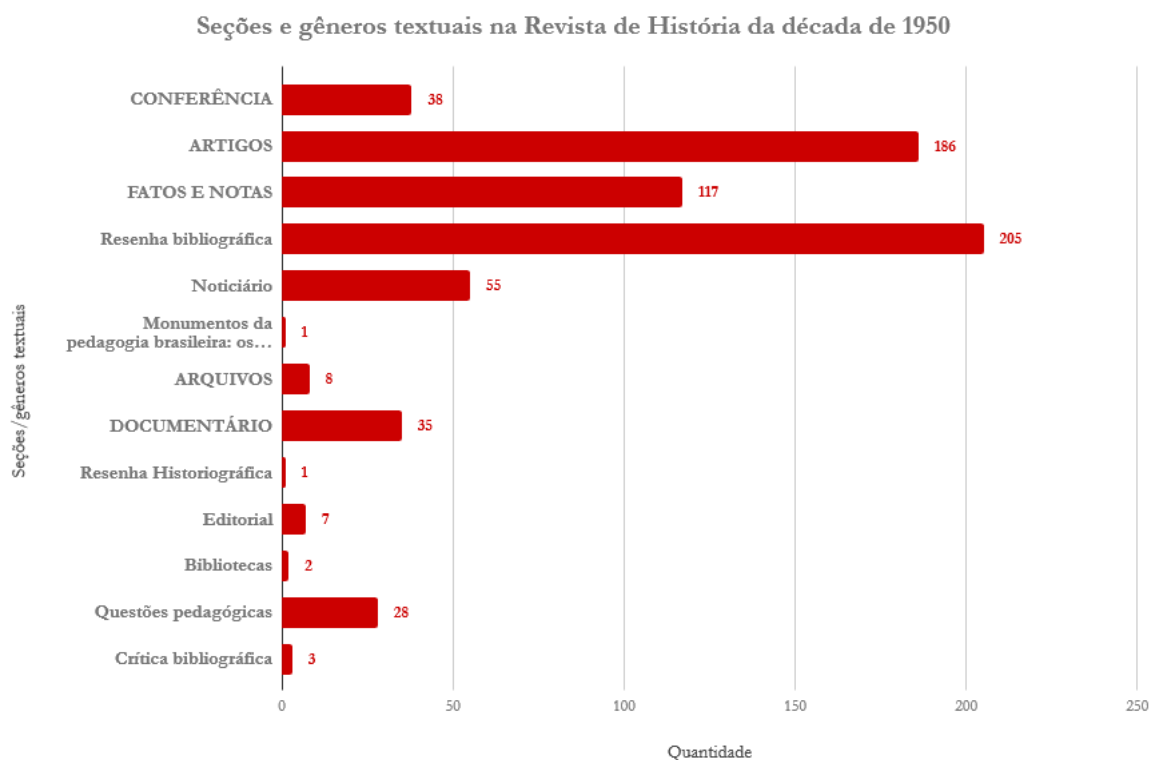
Figura 2 - Anverso da 4ª capa. *Revista de História* (ano II, n. 6, abr/jun. 1951)



Fonte: Acervo CMPH/EFLCH-UNIFESP

Aliado ao delineamento dos elementos gráficos à *Revista de História*, Eurípedes Simões de Paula definiu as seções e gêneros textuais no arranjo estrutural ao periódico. Com o intuito em constituir uma “marca”, um perfil editorial específico ao impresso, o diretor elaborou uma organização que canalizasse a recepção dos trabalhos conforme os objetivos e propósitos aventados aos objetivos da revista. Assim como ocorrera na configuração gráfica da *Revista de História*, tais segmentos foram perenes em todo o período aqui abordado, contando com 13 partes inseridas nos fascículos – algumas fixas, outras por sua vez, sazonais –, distribuídas conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Quantificação das seções e gêneros editoriais na *Revista de História* na década de 1950



Fonte: Dados levantados da *Revista de História* nos anos 1950

A partir da leitura dos dados compilados no gráfico acima, é possível levantar algumas considerações no que tange ao trabalho do diretor em consolidar um padrão à *Revista de História*, particularmente no que se refere à determinação dos fundamentos envolvidos na constituição dos segmentos arrolados.

No transcorrer da década de 1950, dois gêneros textuais e três seções ocuparam destaque na elaboração do projeto editorial: Artigos (186 publicações) e Resenhas Bibliográficas (206), acrescidos de Fatos e Notas (117), Noticiário (55) e Conferência (38). Muito embora Eurípedes Simões de Paula tenha se inspirado em outros periódicos na definição deste arcabouço – em parte assemelhado com a estruturação da *Revista de História* de Fidelino de Figueiredo, em parte com o projeto dos *Annales*, cujo diretor à época era Lucien Febvre –, cada uma de suas partes atendia a diferentes propósitos, com relevância também distinta. É possível reconhecer o trabalho de elaboração da segmentação das partes inerentes ao periódico em duas perspectivas: a primeira, de forma indireta, na definição das balizas envolvidas no processo de construção das partes, na divisão dos componentes mais relevantes na difusão das pesquisas, na inserção de historiadores então reconhecidos no

campo dos estudos históricos e de jovens licenciados e assistentes em seções específicas, no melhor delineamento das linhas primordiais aferidas em cada seção/gênero textual; a segunda, em uma atuação mais direta na operação de arquitetura da revista, na participação mais ativa na escrita e publicação de seus próprios textos em segmentos do impresso que considerava cruciais à veiculação de obras realizadas por historiadores nacionais e estrangeiros à difusão de ações desempenhadas no escopo da FFCL e de outras iniciativas voltadas à divulgação dos estudos históricos.

Sendo a seção inicial em muitos dos números da *Revista de História*, **Conferência** foi uma de suas partes de abertura, logo após os editoriais escritos por Simões de Paula. Conforme a própria designação da seção, este segmento registrava encontros organizados no cerne da FFCL, nos quais professores nacionais e estrangeiros eram convidados à realização de palestras em torno de temas relacionados ao campo da História. Com a transcrição e publicação de tais comunicações Simões de Paula delineava um conjunto em que preponderavam docentes da casa e os mestres franceses, algo que, obviamente, nada tinha de casual. Construía-se assim uma linha contínua tanto entre a historiografia brasileira, “uspiana”, e a francesa, representada pelos *Annales*, ao mesmo tempo em que, nela, sobressaía-se temas caros ao editor enquanto historiador – História da Antiguidade Tardia e prelúdio da Idade Média.¹⁵⁸

Na sequência da categorização das seções/gêneros textuais alicerçados no espaço da *Revista de História*, especificamente no gênero **Artigos**, Eurípedes Simões de Paula priorizou um grupo de autores – mais uma vez majoritariamente ligados à FFCL, confirmando uma vertente endógena à publicação – cujas temáticas e abordagens expressavam as formas e caminhos tomados pelos estudos históricos no interior da unidade. De modo geral, este segmento canalizava estudos e pesquisas acerca da história do Brasil, da América – com ênfase nos períodos que abrangiam os períodos entre os séculos XVI ao XIX – e da Europa

¹⁵⁸ Alguns exemplos das conferências oferecidas por docentes e pesquisadores franceses em visita ao país nos anos 1950 encontram-se na já mencionada palestra de Lucien Febvre, FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 3-17, jan/mar. 1950 e acerca de Calvino e o surgimento da Europa, FEBVRE, Lucien. Calvino. *Revista de História*, São Paulo, ano V, n. 19, p. 3-16, jul/set. 1954; FEBVRE, Lucien. Como foi batizada a Europa? *Revista de História*, São Paulo, ano III, n. 12, p. 253-268, out/dez. 1952. Acrescidos dos textos de Roger Dion, Fernand Braudel, André Piganiol. Cf. DION, Roger. Influência da Geografia Física sobre a evolução histórica da Europa (as invasões bárbaras vistas pelo geógrafo). *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 2, p. 127-140, abr/jun. 1950; DION, Roger. Sobrevivência da Antiguidade na Geografia Humana da França. *Revista de História*, São Paulo, ano II, n. 5, p. 5-16, jan/mar. 1951; BRAUDEL, Fernand. As responsabilidades da História. *Revista de História*, São Paulo, ano III, n. 10, p. 257-274, abr/jun. 1952; BRAUDEL, Fernand. A Falência da Paz: 1918-1939. *Revista de História*, São Paulo, ano II, n. 6, p. 235-244, abr/jun. 1951; BRAUDEL, Fernand. Pedagogia da História. *Revista de História*, São Paulo, ano VI, n. 23, p. 3-22, jul/set. 1955.

nos períodos antigo e medieval, indo assim ao encontro da própria configuração das cátedras existentes na Faculdade naquele momento e dos campos de pesquisa nelas desenvolvidos, com alta inserção dos professores catedráticos e de seu corpo de assistentes e adjuntos na apresentação das pesquisas em andamento. Exemplos do “estado da arte” da então subseção de Geografia e História encontravam-se nas seguintes produções: os aspectos relacionados à história econômica e social, localizados nos textos de Alfredo Ellis Júnior, Myriam Ellis Austrelegésilo, Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo d’Oliveira França, Pedro Moacyr Campos, Aroldo de Azevedo, Odilon Nogueira de Mattos.¹⁵⁹

Para além da presença dos membros da subseção de Geografia e História, professores de diversas outras seções da FFCL, tanto catedráticos quanto auxiliares, também encontraram acolhida para seus trabalhos na revista. Fernando de Azevedo, João Cruz Costa, Fidelino de Figueiredo, Egon Schaden, Lívio Teixeira, Maria Isaura Pereira de Queiróz¹⁶⁰, foram, assim, nomes recorrentes em suas páginas, sinalizando tanto uma adesão ampla e multidisciplinar ao projeto de Eurípedes Simões de Paula quanto as redes de relações que o diretor constituía com diferentes agentes no interior da FFCL.

Cumprir notar que, nesta rubrica, o próprio Simões de Paula pouco participou: o único trabalho de sua autoria foi publicado no número 17, em 1954. Veiculado originalmente no jornal *Folha da Manhã* em 1939, o artigo “A segunda fundação de São Paulo: da pequena

¹⁵⁹ ELLIS JÚNIOR, Alfredo. A queda do bandeirismo de apresamento. *Revista de História*, ano I, n. 3, p. 301-307, jul/set. 1950; AUSTRELEGÉSILO, Myriam Ellis. Pesquisas sobre a existência do ouro e da prata no planalto paulista nos séculos XVI e XVII. *Revista de História*, ano I, n. 1, p. 51-71, jan/mar. 1950; MELLO, Astrogildo Rodrigues de Mello. Contrabando e bandeirismo no segundo quartel do século XVII. *Revista de História*, ano IX, n. 36, p. 341-352, out/dez. 1958; FRANÇA, Eduardo d’Oliveira. A Teoria geral da História. *Revista de História*, ano II, n. 7, p. 111-142, jun/set. 1951; CAMPOS, Pedro Moacyr. O movimento urbano na Idade Média: uma visão geral dos seus principais aspectos. *Revista de História*, ano II, n. 6, p. 267-274, abr/jun. 1951; AZEVEDO, Aroldo. Última etapa da vida do Barão de Santa Eulália. O ocaso do Segundo Império, através de documentos inéditos. *Revista de História*, ano III, n. 10, p. 417-430, abr/jun. 1952; MATOS, Odilon Nogueira de. Algumas considerações sobre a Revolução Praieira. *Revista de História*, ano I, n. 1, p. 83-94, jan/mar. 1950.

¹⁶⁰ AZEVEDO, Fernando de. A Sociologia na América Latina, e particularmente, no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 3, p. 339-362, jul/set. 1950; João Cruz Costa publicou duas sequências de artigos: a primeira, intitulada “Augusto Comte e as origens do Positivismo”, veiculada nos fascículos de 3 a 5, entre 1951 e 1952. Outra sequência, denominada “O Positivismo na República (notas sobre a história do Positivismo no Brasil)”, entre os números 15 e 16 de 1953. Por fim, nomeado “Esbôço duma História das Idéias no Brasil na primeira metade do século XX”, veiculado nos fascículos 19 e 20 (1954); FIGUEIREDO, Fidelino. Ainda a Épica Portuguesa (nótuas de auto-crítica). *Revista de História*, ano II, n. 5, p. 53-68, jan/mar. 1951; SCHADEN, Egon. O estudo do índio brasileiro – ontem e hoje. *Revista de História*, São Paulo, ano III, n. 12, p. 385-402, out/dez. 1952; TEIXEIRA, Lívio. Nicolau de Cusa. Estado dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento e análise dos livros I e II do “Docta Ignorantia”. *Revista de História*, São Paulo, ano III, n. 5-7, 1951. Texto dividido em três partes, publicados nos fascículos sequenciais, correspondentes aos meses de janeiro a setembro de 1951; QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. A estratificação e a mobilidade social nas comunidades agrárias do vale do Paraíba entre 1850 e 1888. *Revista de História*, ano I, n. 2, p. 195-218, abr/jun. 1950.

cidade à grande metrópole” reapareceu na revista sob a justificativa das comemorações do IV Centenário de São Paulo, junto a outras contribuições acerca da história de São Paulo. Nele, o historiador tecia algumas considerações a respeito das condições desenvolvidas nas transformações no ambiente citadino que culminaram a configuração urbana como uma metrópole de grande magnitude. Elegendo o ano de 1872 como a o da “segunda fundação” de São Paulo, sua perspectiva era a de mostrar quais as imbricações existentes nas determinações econômicas, sociais e políticas que propiciaram a mudança na vida da cidade, com uma análise que seguia etapas muito delimitadas, demarcando o início, o desenvolvimento e o ápice do movimento rumo à alteração do status de São Paulo na perspectiva de desenvolvimento e da importância adquirida no cenário nacional.

Mais que a análise, contudo, a republicação do artigo continha também um aspecto simbólico, uma vez que em 1954 comemoravam-se também os vinte anos de fundação da USP, então já incorporada à história de São Paulo como um dos marcos mais relevantes em seu processo de desenvolvimento, modernidade e progresso. Nesse sentido, a contribuição dada por Simões de Paula pode ser lida a partir do movimento encampado por grupos da elite paulistana e paulista na edificação da identidade da cidade em novas balizas, não mais associadas à nobiliarquia, mas sim em novos parâmetros e elementos, em consonância ao próprio estágio alcançado pelo desenvolvimento capitalista e da dinamização econômica da cidade fomentada pela crescente industrialização. Para Sílvio Luiz Lofego, alicerçar a identidade de São Paulo sob um viés da exaltação do capitalismo significava associar no plano simbólico o protagonismo da cidade no enquadramento nacional, em afirmar sua posição hegemônica no contexto brasileiro¹⁶¹.

Em conformidade aos estratagemas lançados por Simões de Paula nos bastidores, outra seção adquiriu forte relevo na conformação estrutural da *Revista de História*. Denominada **Fatos e Notas**, a seção capitaneou um grande debate no espaço do periódico sobre as grandes navegações que culminaram nos descobrimentos de novos territórios além-Atlântico. Os périplos e as grandes viagens guiadas por europeus estiveram inicialmente nas reflexões de Thomaz Oscar Marcondes de Souza e Damião Peres. Primeiro, em uma análise das considerações aventadas por Peres ao IV Congresso de História Nacional, realizado no Rio de Janeiro em abril de 1949, quanto atuação de Américo Vespúcio na expedição ocorrida

¹⁶¹ LOFEGO, Sílvio Luiz. Cidade e identidade. In: LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 173-174.

entre 1501 e 1502, Souza argumenta que a vertente defendida por Peres em seu estudo dos descobrimentos portugueses estaria eivada de uma determinante patriótica. Esta trazia deficiências na operação da escrita da história do tema, uma vez que pautava-se por um “[...] método ‘*sui generis*’ para o estudo da história, somente por eles adotado em todo o mundo. Atribuem a esta ou àquela personagem lusa a realização de um feito de vulto, mas quando se lhes pedem os documentos comprobatórios de alegado, a resposta vem súbita e invariavelmente afinada por este diapasão [...]”¹⁶².

O mesmo diapasão seria o norteador do texto de Peres, dedicado à primazia dos portugueses nos empreendimentos marítimos nos séculos XV e XVI sobre outras iniciativas, sobretudo as viagens realizadas por Américo Vespúcio e aos descobrimentos da América e do Brasil por Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, respectivamente¹⁶³. Souza, enfim, discordava das considerações elencadas sobre a expedição efetuada em territórios americanos entre 1501 e 1502; se essa expedição foi realmente estipendiada pela Coroa Portuguesa ou não e quais os graus de participação efetiva de Vespúcio nas navegações do período foram os pontos de maior embate entre os dois autores, baseados na leitura de fontes cartográficas e notariais.

Na sequência dos volumes, as discussões a respeito do tema adensaram-se, de forma a incorporar novos intérpretes nos debates: Giuseppe Caraci, Roberto Levillier, Virgílio Correia Filho, Alberto Magnaghi, Alexandre Gaspar de Naia tentaram contribuir às questões trazidas pelos autores, sobretudo nos aspectos de contestação de uma vertente da historiografia portuguesa consagrada aos estudos dos descobrimentos. De acordo com as contestações trabalhadas por este grupo, a preocupação do historiador dedicado à temática deveria residir na pesquisa “objetiva” e “crítica”, rejeitando assim qualquer interferência ou elementos que corroborassem em visões “nacionalistas” e “patrióticas”, as quais turvavam as experiências históricas desenvolvidas em seu contexto.

Abrir tanto espaço para um debate em torno dos descobrimentos e das navegações atlânticas decerto não foi algo fortuito dentro da *Revista de História*. Afinal, as linhas

¹⁶² SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. Ecos do IV Congresso de História Nacional. *Revista de História*, São Paulo, ano I, n. 3, p. 391-410, jul/set. 1950.

¹⁶³ Outro artigo em que Thomaz Oscar Marcondes de Souza atribui enfaticamente esse caráter patriótico da historiografia portuguesa versou sobre a inexistência da Escola de Sagres, de modo a não constar referências dessa escola nas fontes analisadas e adverte que “[...] a história deve ser estudada com toda a honestidade, não comportando astuciosas conjecturas tendo por único objetivo valorizar fantasiosas personagens e adulterar fatos”. Cf. SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes. Ainda a suposta Escola Naval de Sagres e a náutica portuguesa dos descobrimentos. *Revista de História*, São Paulo, ano IV, n. 13, p. 181-192, jan/mar. 1953.

postuladas pelos sujeitos nele envolvidos seguiam de perto as preocupações de Eurípedes Simões de Paula em observar as questões do comércio marítimo, da utilização dos meios de navegação e dos processo de colonização de diferentes povos em outros contextos, marcados por distinções no plano econômico e político dos acontecimentos.

Seguindo a ordenação morfológica das seções e gêneros textuais da *Revista de História*, a seção **Questões Pedagógicas** tinha o objetivo de levar ao professorado do ensino secundário do país materiais que pudessem auxiliar sua atuação, sobretudo na formulação de possíveis propostas didáticas aos professores. Ao mesmo tempo, apresentava aos docentes as potencialidades dos diálogos exercidos entre a História e as chamadas “ciências auxiliares” na corroboração do ensino, algo então presente na estruturação curricular da subseção de Geografia e História da FFCL. Ela também cumpria, dessa maneira, um dos objetivos da *Revista de História* marcados em seu editorial de fundação – ser uma ponte entre a produção efetuada nos meios acadêmicos com a formação dos professores de ensino secundário.

Neste sentido, algumas contribuições vieram ao encontro das aspirações colocadas por Simões de Paula no cotejo das chamadas “ciências auxiliares” ao ofício do historiador, de forma a estabelecer um diálogo entre as áreas de História e outras – como a Paleografia, a Diplomática e a Numismática – com destaque a série de textos elaborados por Álvaro da Veiga Coimbra sobre a Numismática¹⁶⁴.

A importância na delimitação do próprio escopo designado aos estudos históricos também fora abordada na seção em tela. Sistematizado na série de artigos formulados por José van den Besselaar, veiculados em dez fascículos da *Revista de História*, o autor traria a baila do periódico discussões acerca do percurso da História – seu objeto, suas definições e interpretações – no decorrer dos períodos, por intermédio de um balanço bibliográfico. Nessa tentativa de vislumbrar o desenvolvimento de seu estatuto, aproxima-se com uma definição que considera a História uma ciência dos atos humanos do passado e dos vários fatores que neles influíram, vistos em sua sucessão temporal. Complementa afirmando que a História é

¹⁶⁴ Os trabalhos de Álvaro da Veiga Coimbra foram publicados em diversos fascículos da *Revista de História* no decorrer dos anos 1950, estratégia tomada por Eurípedes Simões de Paula em duas vertentes: pela curricularização da Numismática na FFCL-USP nos anos 1950, fato este atestado nas Atas do Departamento de História do ano de 1956 – na condição de matéria optativa aos alunos –, sintoma de uma especificação da grade das disciplinas do curso de História em vias de separação com o de Geografia. Os artigos foram divididos em três séries: Numismática geral; Numismática Ibérica e; Numismática brasileira. Cf. COIMBRA, Álvaro da Veiga. Noções de Numismática. Série de artigos publicados entre os números 25 ao 31, 33 ao 36 e 37 e 40; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de História. Atas das sessões do Departamento de História, 17 ago. 1955. Livro I. fl. 19. Fundo DH-FFCL-FFLCH/USP – CAPH-USP. (Caixa 2).

ciência, de forma que o historiador “[...] dispõe de certos meios científicos para alcançar conhecimentos e, além disso, se serve de certa sistematização, quer dizer: que põe em ordem os resultados obtidos pela pesquisa”, imbuído pela busca da evidência objetiva, do aspecto objetivo da verdade, única norma ideal de todas as reconstruções histórica e o único critério do seu valor científico¹⁶⁵.

Semelhante a aspiração edificada pelo diretor da publicação em conferir ao periódico instrumentos salutareos ao cotidiano do professor nas escolas de ensino secundário, a relevância do estabelecimento de fontes documentais e o trabalho do historiador em coligir e divulgar compilações de documentos que permitissem aos pesquisadores na construção da escrita da História do Brasil igualmente estiveram no horizonte de Eurípedes Simões de Paula desde o surgimento da *Revista de História*. Tal constatação pode ser confirmada na presença de duas seções: **Arquivos e Documentário**.

Destarte o aparecimento dessas seções fora esporádico no lugar da *Revista de História*, a operação executada por Simões de Paula em garantir espaço as segmentações não fora colocada de forma estanque ao projeto do impresso, mas sim trazia à baila a compilação de fontes documentais, necessárias ao labor dos historiadores interessados na construção da escrita da História, em particular a do Brasil sob novas abordagens e questões.

De modo particular, na série de artigos intitulado “Inventário de documentos inéditos de interesse para a História de São Paulo”, Simões de Paula corroborara a importância da tarefa em coligir um conjunto documental, cujo objetivo principal seria o de alargar o espectro das fontes, não somente se restringir às brasileiras, mas sim arquivos portugueses ainda inexplorados, inéditos no conhecimento do teor da documentação¹⁶⁶. Fruto dos sucessivos levantamentos realizados por Simões de Paula a partir das consultas em diferentes arquivos, a reunião e publicização do inventário estiveram afinadas ao contexto de inserção da Universidade e da FFCL nos festejos do IV Centenário de São Paulo, sendo ambas, como já

¹⁶⁵ BESSELAAR, José van den. Introdução aos estudos históricos. *Revista de História*, São Paulo, ano V, n. 20, p. 407-493, out/dez. 1954; BESSELAAR, José van den. Introdução aos estudos históricos. *Revista de História*, São Paulo, ano VI, n. 23, p. 185-239, jul/set. 1955.

Da mesma forma em que Eurípedes Simões de Paula contextualizou a publicação dos artigos de Coimbra no espaço do periódico, o diretor justifica a veiculação dos textos de Besselaar como parte dos esforços do Departamento de História na incorporação da temática, no oferecimento aos discentes materiais de elevada qualidade, os quais pudessem auxiliar no acompanhamento da disciplina ofertada no ano de 1955, integrante do corpo de matérias obrigatórias da grade curricular do curso. Acerca da estruturação curricular do curso de História no decorrer dos anos 1950, Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de História. Atas das sessões do Departamento de História, 28 set. 1955. Livro I. fl. 23. Fundo DH-FFCL-FFLCH/USP – CAPH-USP. (Caixa 2).

¹⁶⁶ Compilação dividida em quatro partes, veiculadas nos números 9 ao 12 no ano de 1952.

dito, um dos símbolos da modernidade e do desenvolvimento da cidade no limiar da segunda metade do século XX.

Conciliar as iniciativas em prol do aperfeiçoamento do historiador na operação historiográfica, em prover à comunidade de pesquisadores reunida sob a égide da universidade de instrumental na consecução dos trabalhos no campo dos estudos históricos e a delimitação dos fundamentos envolvidos na prática historiográfica, alicerçadas na utilização e no diálogo da História com as “ciências auxiliares” estavam no horizonte dos propósitos aventados por Simões de Paula ao projeto editorial do impresso, em afirmar a preponderância da pesquisa na estruturação e diferenciação da prática historiadora sob novos aspectos e novas perspectivas, mesmo que tais atribuições ainda guardassem resquícios das práticas historiadoras em voga no século XIX.

Entretanto, esta não fora a única parte em que Simões de Paula inseriu-se de maneira significativa ao longo da década de 1950. Na mesma medida, outras duas tornaram-se privilegiadas em visualizar as estratégias do historiador na consolidação de seu projeto editorial, mais especificamente, na divulgação de cruciais iniciativas na estruturação do campo dos estudos históricos no país e na capitalização da crítica e da recepção dos trabalhos elaborados no âmbito da História. Sintomático deste anseio, **Noticiário** foi monopolizada pelo historiador, sendo grande parte dos textos veiculados de sua autoria imediata.

Particularmente, a seção ora analisada trouxera em suas linhas um lugar de veiculação de atividades e iniciativas em proveito da participação da comunidade de historiadores no Brasil e no mundo, deixa-los a par das notícias acerca das publicações, propostas de pesquisa e de trabalho histórico, e eventos de grande magnitude. A FFCL-USP também tomara um amplo espectro na vulgarização de seu cotidiano nas páginas do impresso – dos processos desenvolvidos nos concursos para cátedra, nas defesas dos doutoramentos e das livre-docências, nas visitas realizadas por professores estrangeiros à instituição, na divulgação dos eventos realizados no escopo da unidade -, sendo a principal linha de frente a publicização das ações empreendidas pelo Departamento de História recém-instituído no período – concentrados nos relatórios apresentados das atividades desenvolvidas -, de forma a transformar no final da década como órgão oficial da referida unidade¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de História. Atas das sessões do Departamento de História, 28 set. 1955. Livro I. fl. 23. Fundo DH-FFCL-FFLCH/USP – CAPH-USP. (Caixa 2).

Em 1954, os catedráticos das cadeiras referentes à área da História iniciaram articulações, de modo a reunir as demandas e as necessidades impostas ao cotidiano docente no escopo da FFCL-USP. Neste sentido, reuniões

Atestando a pretensão em transformar a *Revista de História* enquanto polo brasileiro na difusão dos estudos históricos, marcadamente desempenhados no ambiente universitário brasileiro pós-segunda metade do século XX, Eurípedes Simões de Paula tinha como objetivo não somente marcar presença – tanto do impresso, quanto de sua figura na condição de diretor e idealizador da revista - na configuração do campo da História no país, mas também assegurar à publicação uma “imagem” de protagonismo, demarcar uma função distinta em localizá-la enquanto uma instância potente na recepção e difusão das principais receptora e amplificadora das principais vertentes produzidas na universidade. Liderar o campo, perante as disputas e correlações de força com outros projetos, grupos e horizontes na História era a aspiração de Simões de Paula, aprofundada e alargada na década seguinte.

2.2 Modos de fabricar a consolidação: o percurso da *Revista de História* na década de 1960

No início do primeiro semestre de 1960, Eurípedes Simões de Paula lançara mais um fascículo da *Revista de História*. Especificamente, o número 41 trazia em sua abertura o editorial intitulado “O 10º aniversário da Revista de História”, assinado por seu diretor, o qual apresentava um balanço do periódico no decorrer de sua primeira década de existência. Apesar da brevidade do texto e como uma forma discursiva mobilizada por Simões de Paula na ênfase contundente da importância de seu projeto editorial ao campo da História, o diretor da publicação enfatizara a magnitude do empreendimento em seu prelúdio, não obstante as inúmeras dificuldades e incompreensões produzidas no acolhimento da revista. Segundo sua avaliação, o impresso conseguira alcançar seus objetivos a contento, obtendo deste modo notoriedade e reconhecimento perante os pares¹⁶⁸.

Todavia o êxito firmado, o diretor do periódico ainda exporá algumas das perspectivas e ramificações conferidas inicialmente ao projeto editorial da revista. Nas palavras de Simões de Paula,

foram realizadas, na organização do corpo de professores, no estabelecimento da colaboração entre cadeiras e uma melhor sistematização na divisão das atribuições didáticas e administrativas foram os principais elementos agregadores dos professores, culminando assim na fundação do Departamento de História da FFCL-USP. Eurípedes Simões de Paula assumira a direção do Departamento por 10 mandatos entre os anos 1950 e 1960, alternando o cargo com Eduardo d'Oliveira França, Sérgio Buarque de Holanda e Astrogildo Rodrigues de Mello.

¹⁶⁸ PAULA, Eurípedes Simões de. O 10º aniversário da Revista de História. *Revista de História*, São Paulo, ano XI, n. 41, p. 1, jan/mar. 1960.

A **Revista de História** sempre tem se esforçado em publicar bons artigos e o conseguiu com maior ou menor sucesso, mas alguns dos fins que se propôs atingir ainda não foram alcançados. Queremos nos referir ao levantamento das fontes primárias da História de São Paulo. Por mais que nos esforçássemos, não conseguimos com que os nossos colegas do interior façam o levantamento dos livros de tombo das igrejas, pesquisem datas dos livros das câmaras municipais e documentos públicos e particulares de real valor para o conhecimento do nosso passado. Também ainda não conseguimos desenvolver, a nosso contento, a seção de resenhas bibliográficas, mas algum progresso já se fez nesse sentido¹⁶⁹.

Mesmo com os esforços localizados na edição da *Revista de História*, e conforme as ponderações do diretor do periódico, determinadas seções/gêneros textuais passaram ao largo das finalidades erigidas ao projeto da revista, relativas as tarefas em arregar ao seu espaço a compilação em coligir fontes documentais e instrumentos de trabalho no trato dos documentos, instâncias fundamentais na formação e no aperfeiçoamento das práticas historiadoras, nas operações lançadas na construção da escrita da História e na divulgação mais consistente da produção historiográfica em curso naqueles anos.

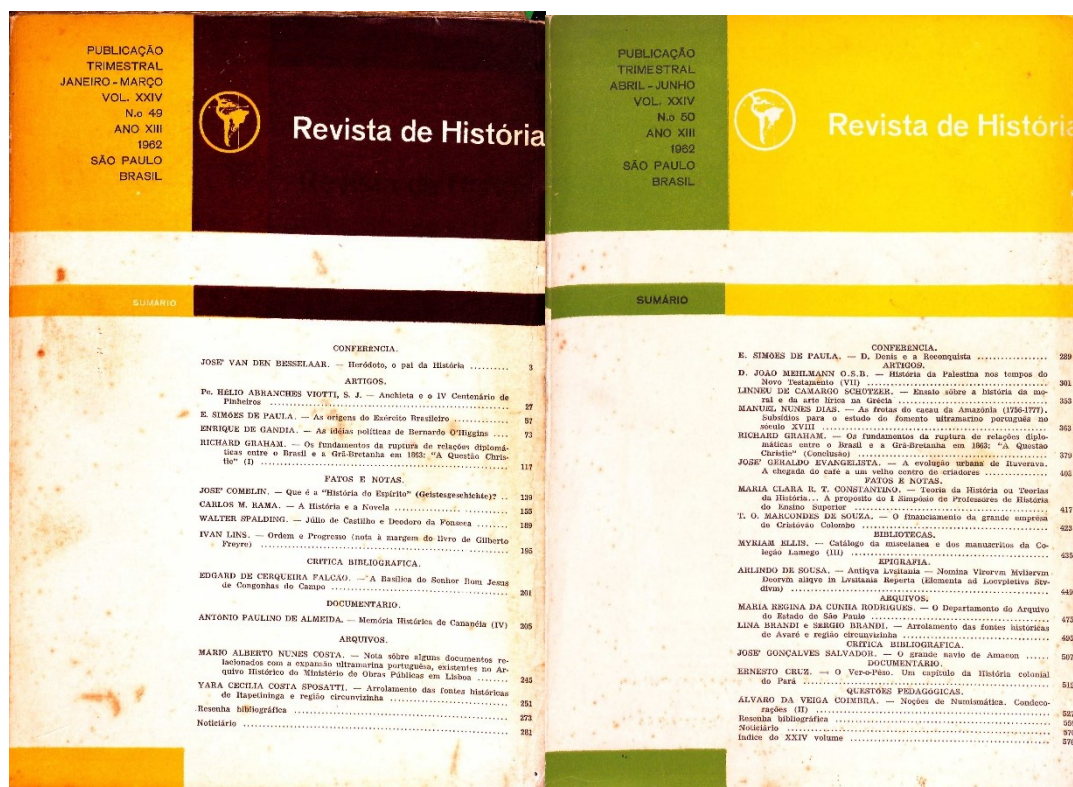
A despeito das projeções feitas por Simões de Paula nos rumos tomados pelo impresso nos primeiros anos de funcionamento, a *Revista de História* inaugurara a década seguinte no horizonte de adensamento e consolidação do projeto editorial elucubrado em seu prelúdio. Semelhanças, diferenciações e acomodações em seu programa inicial tornaram a tônica do impresso em 1960, como tentativa do diretor em garantir longevidade ao periódico, ao mesmo tempo em que visava garantir um espaço de atuação definitivo no campo da História no Brasil.

Como uma das vertentes que contribuíram no arrojo do projeto editorial do impresso foi a alteração substancial do programa gráfico. Principalmente, a partir do número 49 (jan/mar. 1962), a *Revista de História* apresentara mutações na organização gráfica, corroboradas na inserção de cores na capa e na própria disposição das informações relativas a cada fascículo em questão. As transformações morfológicas na composição gráfica da *Revista de História* podem ser lidas na perspectiva das transformações no mundo editorial dos periódicos, na inserção de novas técnicas na concepção daquilo que seria o design do impresso, ao mesmo tempo em que expressara o anseio do diretor da revista como um marcador de distinção do periódico em um cenário com o alargamento do mercado de

¹⁶⁹ PAULA, loc. cit. Grifo do autor.

publicações periódicas especializadas no campo da História, impulsionado por iniciativas oriundas de novas instituições de ensino superior criadas no final da década anterior¹⁷⁰.

Figura 3 - Capas da *Revista de História* (v. XXIV, n. 49 e 50, 1962)



Fonte: Acervo CMPH/EFLCH-UNIFESP

Inserido no bojo das alterações no espaço do impresso, outras transformações foram operadas em seus bastidores, sintetizados na conformação da Comissão de Redação no decorrer do período analisado. Ao todo, cinco variações foram apresentadas, resultando ao final da década de 1960 um enxugamento da equipe congregada na Comissão, contextualizada sobretudo com os revezes sofridos no âmbito da FFCL-USP com as ações manobradas pelo governo civil-militar em perpetrar um movimento de perseguição aos docentes da instituição, levando a cabo aposentadorias e demissões.

¹⁷⁰ Dentre as publicações criadas no final dos anos 1950 e início dos 1960 destacam-se *Anais de História* e *Estudos Históricos*. Lançadas, respectivamente, pelas FFCLs de Marília e de Assis, as mesmas foram frutos dos grupos de historiadores agregados nos novos espaços universitários criados em fins da década de 1950 por uma política empreendida pelo governo Jânio Quadros. Acerca do diagnóstico desses títulos, Cf. SOUZA, Robson Carlos de. *A produção historiográfica nas páginas dos periódicos "Estudos Históricos" e "Anais de História"*. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2012.

Mesmo com os esforços localizados no arrojo do desenho gráfico e nos esforços em manter um grupo coeso em torno da *Revista de História*, algumas tendências e forças em operação na década anterior permaneceram e foram aprofundadas, nas estratégias mobilizadas por seu diretor na consolidação do projeto editorial forjado¹⁷¹.

Dando continuidade aos traços construídos nos anos 1950, algumas das linhas aventadas por Simões de Paula permaneceram em conformidade com o programa original, materializadas no aprofundamento das principais diretrizes colocadas em seu espaço, principalmente em arraigar o atributo endógeno. Uma análise da composição do grupo de autores que mais publicaram textos no periódico, depreende a continuidade da atuação dos professores – catedráticos e assistentes da FFCL-USP – porém há uma concentração no corpo de historiadores, de forma a diminuir a presença de docentes de outras subseções da instituição.

A inserção de historiadores recém-formados pode ser explicada por dois fatores preponderantes visualizados na década: o aumento dos quadros dos professores ocupantes de cargos subordinados às cátedras existentes no organograma da unidade, impulsionado pela reestruturação dos cursos de pós-graduação em curso na FFCL-USP, cuja obtenção dos graus e a realização das pesquisas eram requisitos mandatórios na conquista das vagas e; como estratégia do diretor do impresso, em reiterar a natureza endógena do periódico, uma publicação construída majoritariamente por historiadores ligados à USP¹⁷². Conforme os dados compilados no quadro abaixo, dos 25 autores, 19 estavam vinculados à unidade:

¹⁷¹ No arco temporal de 1960 a 1969, o número de membros ligados a Comissão de Redação passou de 17 para 9 integrantes, respectivamente. O número 80 apresentava a seguinte formação: Eurípedes Simões de Paula (diretor), Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula (secretária), Aldo Janotti (FFCL-USP), Alice Piffer Canabrava (FCEA – USP), Eduardo d'Oliveira França (FFCL-USP), D. João Mehlmann (PUC-SP), Manuel Nunes Dias (FFCL-USP), Odilon Nogueira de Matos (PUC-SP; ESPSP), Paulo Pereira de Castro (FFCL-USP), Pedro Moacyr Campos (FFCL-USP).

¹⁷² Requisito obrigatório aos candidatos aos cargos subordinados aos catedráticos, o regime de estudos pós-graduados na FFCL-USP sofrera mutações desde os anos 1940, sendo efetivamente regulamentado em 1966 pela aprovação do Regimento dos cursos de Pós-Graduação da FFCL-USP (Portaria GR n. 189, de 14 de setembro de 1965) e, por conseguinte, os regimes especiais em cada Departamento constituído. Ao contrário do sistema anteriormente colocado no âmbito institucional – denominado de doutoramentos – os regimes adotados nos anos 1960 dispunham de uma série de requisitos necessários à obtenção do grau de mestre: dentro de 2 anos, o candidato deveria operar na escolha de uma cadeira ou área, a qual desejara realizar pesquisa; o cumprimento de um programa de disciplinas relacionados ao tema investigado; a construção de um trabalho monográfico, cuja avaliação seria submetida a uma banca de arguição – indicada pelo Conselho do Departamento, com a indicação de 3 nomes e 2 suplentes, sendo a nota 7 como mínima para aprovação. Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Cursos de Pós-Graduação: regulamentos e regimentos*. São Paulo: Seção Gráfica [da FFCL-USP], 1966.

Tabela 7 – Relação dos principais autores que publicaram trabalhos na *Revista de História* no decorrer dos anos 1960

| Autores com trabalhos publicados | Vinculação institucional | Números de trabalhos publicados |
|---|---|--|
| Eurípedes Simões de Paula | FFCL-USP | 194 |
| José Roberto do Amaral Lapa | FFCL-USP | 40 |
| Odilon Nogueira de Matos | FFCL-USP | 37 |
| José Sebastião Witter | FFCL-USP | 28 |
| Thomas Oscar Marcondes de Souza | FFCL-USP | 24 |
| Joaquim Barradas de Carvalho | FFCL-USP | 23 |
| Manuel Nunes Dias | FFCL-USP | 15 |
| Antônio Paulino de Almeida | FFCL-USP | 14 |
| Álvaro da Veiga Coimbra | FFCL-USP | 13 |
| Edgard de Cerqueira Falcão | SEH ¹⁷³ | 12 |
| D. João Mehlmann | PUC-SP | 9 |
| Raquel Glezer | FFCL-USP | 9 |
| Vivaldo W. F. Daglione | FFCL-USP | 9 |
| José Gonçalves Salvador | Faculdade de Teologia - Igreja Metodista de São Paulo | 8 |
| Nícia Villela Luz | FFCL-USP | 8 |
| Jorge Bertolaso Stella | FFCL-USP | 8 |
| Pedro Moacyr Campos | FFCL-USP | 6 |
| Myriam Ellis | FFCL-USP | 6 |
| Alice Piffer Canabrava | FCEA-USP | 6 |
| Manoel Lelo Bellotto | FFCL-Assis, SP | 5 |
| Raul de Andrada e Silva | FFCL-USP | 4 |
| José Van Den Besselaar | Universidade Católica de Nimega - Holanda | 3 |

¹⁷³ Edgard de Cerqueira Falcão era sócio-correspondente da Sociedade de Estudos Históricos (SEH).

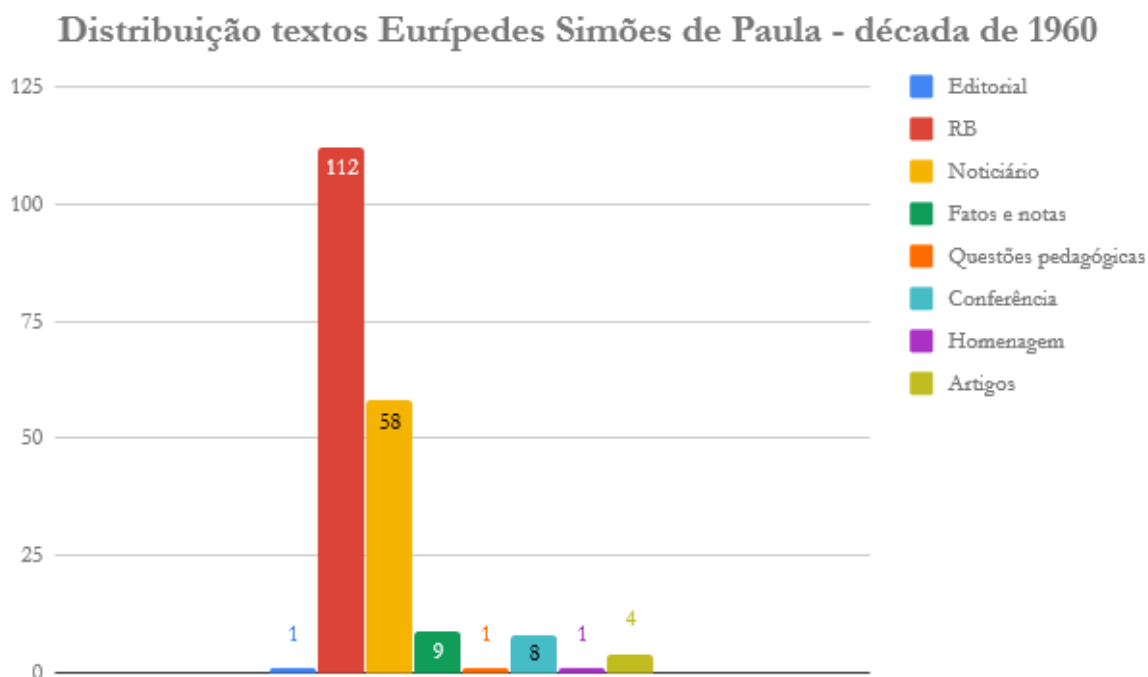
| | | |
|--------------------------------|----------|---|
| Josué Callander Reis | FFCL-USP | 3 |
| Paulo Pereira dos Reis | FFCL-USP | 3 |
| Uacury Ribeiro de Assis Bastos | FFCL-USP | 3 |

Fonte: Dados coletados nos fascículos da *Revista de História* na década de 1960

Outro dado oriundo da tabela refere-se ao considerável número de textos publicados no periódico serem de autoria de Eurípedes Simões de Paula, de forma a apontar uma atuação mais permanente do diretor na conformação do programa editorial. Ao contrário da década anterior, a qual sua participação fora caracterizada de forma mais indireta na conformação da morfologia da revista, a situação nos anos 1960 alterou-se, materializada no maior investimento da presença do editor no lugar do impresso. Corroborada nas estratégias tanto morfológicas, quanto de conteúdo, Simões de Paula procurara de forma mais intensa fincar a sua contribuição na fabricação do periódico, em demarcar a imagem e a atuação – tanto do impresso, quanto de sua presença - na dinamização dos estudos históricos no Brasil.

Das seções/gêneros textuais os quais Simões de Paula tornara-se preponderante na veiculação de sua produção, três foram as principais: **Resenha bibliográfica (112)**, **Noticiário (58)** e **Conferência (8)**, além de outras estipuladas na organização dos segmentos, de acordo com gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Distribuição dos textos de autoria de Eurípedes Simões de Paula na década de 1960



Fonte: Dados levantados da *Revista de História* nos anos 1950

De forma a identificar de maneira mais localizada a contribuição de Eurípedes Simões de Paula no período no impresso, passar-se-á a breves considerações, destacando alguns dos textos mais significativos veiculados nos anos 1960.

Dedicada anteriormente seja aos docentes estrangeiros, seja aos professores da FFCL-USP, a seção Conferência recebeu um conjunto de textos escritos por Simões de Paula, compreendendo a síntese de aulas inaugurais em estabelecimentos universitários e instituições culturais. Tida como uma das estratégias de legitimação no âmbito intelectual, as conferências proferidas pelo historiador significaram a projeção do docente nos círculos acadêmicos e culturais, em reconhecê-lo enquanto autoridade constituída nos temas e preocupações lançadas em suas comunicações.

A leitura da inserção de Simões de Paula em emplacar seu nome e sua competência enquanto historiador no plano do impresso estão associadas ao movimento empreendido pelo diretor do periódico em afirmar as linhas e temas de pesquisa e ensino então postuladas à Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval. Titular da cadeira desde 1946, as Conferências ministradas pelo docente estiveram em consonância às perspectivas trabalhadas pelo historiador no horizonte da área a qual se dedicara naquele momento.

Dentro do arco temático seguido por Simões de Paula na estruturação da seção, as relações entre Oriente e Ocidente no período da Antiguidade Tardia e prelúdio do Medievo ganharam potência nos textos produzidos. Um dos exemplos mais significativos foi o texto veiculado no número 43 de 1960 e intitulado “Alguns aspectos das relações do Ocidente com o Extremo Oriente durante a Antiguidade e a Idade Média”¹⁷⁴, cujo escopo principal Simões de Paula aprofundara as perspectivas construídas nas teses de doutoramento e de obtenção da cátedra, ambas defendidas em 1946 e 1946, respectivamente¹⁷⁵.

Situando a importância do mundo oriental na configuração naquele momento da história mundial, pela relevância dos povos e dos recursos materiais existentes, o historiador contextualizara quais eram o alcance, as implicações, e os trânsitos postos na configuração daquilo que seriam as relações travadas entre Oriente e Ocidente. Motivadas, sobretudo nos movimentos expansionistas oriundos das guerras operadas por diferentes povos e configurações políticas e sociais na anexação, colonização e organização de territórios orientais e nos contatos construídos no desdobramento de rotas comerciais alternativas às já existentes, ambos hemisférios tiveram trocas, influências, e apropriações visíveis e atuantes durante o período analisado.

Baseado na justificativa da inexistência de estudos preocupados em ocupar-se acerca da temática selecionada, Simões de Paula trazia como tese central em seu estudo a relevância da análise a partir das fontes disponíveis – principalmente, com base dos relatos dos périclos e das viagens escritos na época e de textos antigos, elaborados e atribuídos a autores como Estabão, Plínio, Justiniano – das rotas marítimas como vias profícuas na observação das relações e contatos – econômicos, sociais, e culturais – firmados entre os hemisférios, em situar a atuação do comércio e das guerras como motivadores da circulação de povos, produtos e culturas distintas, de modo que algumas oferecessem resistências na incorporação de padrões culturais dos povos que os subjugavam.

Ainda na conformação da escrita da história de Eurípedes Simões de Paula, o temário dedicado às vertentes da história econômica e social, principalmente no tocante das rotas comerciais, a utilização e criação de vias marítimas e terrestres no escoamento de produtos às regiões do Ocidente, os contatos mercantis entre diversos povos originários dos dois

¹⁷⁴ PAULA, Eurípedes Simões de. Alguns aspectos das relações do Ocidente com o Extremo Oriente durante a Antiguidade e a Idade Média. *Revista de História*, São Paulo, v. 21, n. 43, p. 3-14, 1960.

¹⁷⁵ Intituladas “O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev” e “Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade” foram as duas principais produções escritas por Eurípedes Simões de Paula no decorrer dos anos 1940, trabalhos os quais alçou os cargos de docência na FFCL-USP.

hemisférios – Ocidente e Oriente – marcariam a tônica de outra conferência proferida nos anos 1960. Publicada no número 60 de 1964, a palestra “Alguns aspectos da economia medieval do Ocidente”, Simões de Paula partira daquilo que o historiador ressaltara ao longo de sua produção acadêmica, lançar interpretações ao período histórico conhecido como “Idade Média”.

Ao contrário do entendimento comum em torno da Idade Média, Simões de Paula tentara formular um conceito da época em seus significados sociais e econômicos, na medida em que a associar o Medievo a “Idade das Trevas” era uma ideia

muito vaga e difusa; pois na maioria das vezes aqueles que emitem tal juízo se esquecem que desde 395 de nossa era, com a morte do imperador Teodósio-o-Grande, o imenso Império Romano fôra dividido em duas partes, aliás cumprindo fatal destino em virtude do mesmo ser bilíngue, de cultura e língua latina no Ocidente e de língua e cultura grega na sua porção oriental¹⁷⁶.

Calcado no anseio em alargar a contextualização do conceito de Idade Média, Eurípedes Simões de Paula situara elementos relativos ao desenvolvimento econômico do período como fator fundamental em captar as transformações e refrações nos aspectos políticos, sociais e culturais. A tese levantada pelo historiador, e em diálogo com as de outros pesquisadores franceses dedicados à temática, como Henri Pirenne¹⁷⁷, Maurice Lombard¹⁷⁸,

¹⁷⁶ PAULA, Eurípedes Simões de. Alguns aspectos da economia medieval do Ocidente. *Revista de História*, São Paulo, v. 29, n. 60, p. 275-290, out/dez. 1964.

¹⁷⁷ Henri Pirenne (1862-1935) foi um historiador belga. Iniciou seus estudos em história econômica em Berlin e Leipzig, continuando suas pesquisas em Paris, onde frequentou a *École de Chartes* e *École Pratique de Hautes Études*. Em 1886 foi nomeado professor na *Université de Gand*. Adquiriu notoriedade em seu país natal, sendo considerado pai do nacionalismo belga e da “nova história” fundada naquele país. Tornou-se membro da *Académie Royale* da Bélgica. Elaborou sua obra monumental “*Histoire de Belgique. Des origines au commencement du XIVe siècle*” em sete volumes, publicados entre 1900 e 1932. Renunciou seu cargo na *Université de Gand* e mudou-se para *Université de Bruxelles* em 1930. Além de sua dedicação à história belga, Pirenne estudara a história urbana da Idade Média, a demografia histórica, a perspectiva global da história. Cf. LACHAISE, Bernard. PIRENNE, Henri (Verviers, 1862 – Uccle, 1935), PIRENNE, Jacques (Gand, 1891 – Gand, 1972). AMALVI, Christian (dir.). *Dictionnaire biographique des historiens français et francophones* : de Grégoire de Tours à Georges Duby. Paris : La Boutique de l’Histoire, 2004. p. 257-259.

¹⁷⁸ Maurice Lombard (1904-1965) foi historiador argelino. Formado em árabe e persa pela *École des Langues Orientales*, tornou-se *agrégé* em 1928 e iniciou sua carreira docente, passando por diversos locais como Thiers, Roma, Madrid e Marseille. Em 1942, foi nomeado *maître de conférences* na *Faculté de Lettres* de Rennes. Em 1949 foi eleito diretor de estudos da VI *Section* da *École Pratique des Hautes Études* e ensinou na *École Normale Supérieure* de Paris entre 1957 e 1960. Dedicou-se nos estudos acerca da história do Mediterrâneo da Alta Idade Média, especialmente em cotejar diferentes civilizações e os contatos estabelecidos entre as mesmas. Cf. ABBÉ, Jean-Loup. LOMBARD, Maurice (Jemmapes/Azzaba, Algérie, 1904-Versailles, 1965). In : AMALVI, Christian (dir.). *Dictionnaire biographique des historiens français et francophones* : de Grégoire de Tours à Georges Duby. Paris : La Boutique de l’Histoire, 2004. p. 196-197.

Émile Coornaert¹⁷⁹, considerava os movimentos de declínio no empreendimento comercial – ocasionado sobretudo com as sequenciais invasões nos territórios dos impérios persa e bizantino por parte dos povos árabes – e o renascimento mercantil no final do período como caminhos profícuos em problematizar a época em outros termos, ou seja, visualizar as dinâmicas oriundas dos processos econômicos darão base em uma análise mais matizada do período.

Aliar as diferentes perspectivas de exame da História, tendo o econômico preponderância na explicação dos fenômenos e contextos históricos foram mobilizadas pelo historiador em outros objetos de pesquisa. Na sequência das conferências pronunciadas, Simões de Paula elegera assuntos que ainda mantinham relações com os propósitos de trabalho alçados durante a sua trajetória. Destacam-se do conjunto o texto intitulado “Introdução ao estudo da história da África”, uma palestra realizada em março de 1962 no Salão Nobre da FFCL-USP como parte das atividades de inauguração do curso de História da África, organizado pelos discentes da unidade¹⁸⁰.

Convidado a abordar algumas questões introdutórias na construção do que seria uma efetiva História do continente africano e partindo da caracterização do continente africano segundo os elementos geomorfológicos, o historiador contextualizara as particularidades dessa porção em termos dos processos de colonização, das formas adquiridas no desenvolvimento econômico, político e social envolvidas. É na minuciosa descrição do quadro geográfico e geológico das diversas regiões do continente africano que Eurípedes Simões de Paula consolida seu estudo, na observação das paisagens – suas transformações e acomodações na fixação dos espaços territoriais - como fatores determinantes no fomento das condições de vida desenvolvidas na perspectiva espaço-temporal.

¹⁷⁹ Émile Coornaert (1886-1980) foi historiador francês. Obteve a *agrégation* em História em 1920, iniciando sua carreira no ensino secundário. Tornou-se doutor em 1930 com a tese intitulada “*La draperie-sayerterie d'Hondschoote*”. Nomeado a École des Hautes Études, instituição a qual promoveu a história econômica e em 1935 assumiu um cargo docente no *Collège de France* com o trabalho “*Les Corporations en France avant 1789*”, de forma a analisar a história do trabalho na França. Fora convidado por Georges Dumas em integrar as primeiras “missões universitárias francesas” na formação da USP em 1934, permanecendo no país até 1935. Seus trabalhos mobilizaram uma aproximação da história social com a história das mentalidades. Cf. BARRAL, Pierre. COORNAERT, Émile (Hondschoote, 1886 – Paris, 1980). Cf. AMALVI, Christian (dir.). *Dictionnaire biographique des historiens français et francophones : de Grégoire de Tours à Georges Duby*. Paris : La Boutique de l'Histoire, 2004. p. 63-64.

¹⁸⁰ PAULA, Eurípedes Simões de. Introdução ao estudo da História da África. *Revista de História*, São Paulo, v. 25, n. 52, p. 289-311, out/dez. 1962.

Representativo dos ecos de uma matriz da escola geográfica francesa – cujo expoente Vidal de la Blache tivera uma participação fundamental no movimento de consolidação da Geografia entre fins do século XIX e início do XX -, o historiador procurara inspirar-se nos aportes da geografia com história, ao se propor em fazer uma história das grandes regiões, fundamentais no entendimento não somente da configuração dos padrões geomorfológicos do espaço, mas como condições fundantes no estudo dos aspectos particulares das áreas cotejadas pelo historiador, ou seja, nas vertentes econômicas, sociais, políticas e culturais.

Além da participação de Simões de Paula na sedimentação da seção de **Conferências** da *Revista de História*, outro segmento o qual atuara de maneira profícua no decorrer dos anos 1960 concentrou-se no **Noticiário**. Similar a tendência observada na década precedente, o diretor do impresso continuara em mobilizar esforços na divulgação de iniciativas, as quais proporcionariam o aprofundamento da profissionalização do ofício do historiador sob bases universitárias.

Mais uma vez em pauta na seção, a difusão dos eventos e das atividades empreendidas no âmbito do Departamento de História da FFCL-USP tornaram o grande cerne: defesas dos trabalhos produzidos no âmbito da Pós-Graduação, na estruturação de centros de fomento de pesquisa e na instalação de unidades voltadas à formação do historiador na sistematização e divulgação de fontes documentais¹⁸¹. Somado diversas ações realizadas no contexto internacional, ao mesmo tempo em que as movimentações no contexto nacional na organização dos historiadores nas instâncias de legitimação e de consolidação do corpo profissional tomaram corpo ao longo do período, sintetizadas nas notícias acerca da estruturação da recém instituída Associação dos Professores Universitários de História – APUH – e da agremiação fundada no âmbito da FFCL-USP, Sociedade de Estudos Históricos – SEH¹⁸².

¹⁸¹ Dentre o conjunto de empreendimentos originários do Departamento de História na década de 1960 evidenciam-se: a constituição do Instituto de Estudos Brasileiros (1962), a fundação do Museu de Arte e Arqueologia (1963), a construção do Centro de Documentação Histórica (1966), a formação da Seção de Estudos Orientais (1962). Para aprofundamento das discussões em torno da implantação de tais centros, Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Livros I, III e IV. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de História. Atas das sessões do Departamento de História. Fundo DH-FFCL-FFLCH/USP – CAPH-USP. (Caixa 2).

¹⁸² A Sociedade de Estudos Históricos (SEH) fora uma instituição implantada no escopo da subseção da Geografia e História no limiar dos anos 1940. Inicialmente nomeada Sociedade Paulista de Estudos História teve uma duração muito efêmera, com sua extinção no mesmo ano de implantação. Retomada em 1950, e alterada a designação para Sociedade de Estudos Históricos, a agremiação teve por objetivos principais: realizar e auxiliar pesquisas e estudos no campo da História; promover a conhecimento e o intercâmbio de ideias e informações

Em suma, os textos erigidos por Simões de Paula – muitos deles, elaborados conjuntamente com Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, secretária da Revista de História e Instrutora da Cadeira de História Ibérica da FFCL-USP e segunda esposa do catedrático – na sistematização dos principais eventos e foros de debates promovido no escopo da área na época, de modo a frisar a participação e a contribuição do corpo de historiadores congregados na FFCL-USP nos empreendimentos realizados.

Projetar o protagonismo da USP e de seu conjunto de historiadores no movimento de dinamização dos estudos históricos era o propósito lançado por Simões de Paula na formulação dos relatos, ao mesmo tempo em que o reconhecimento da presença dos docentes em tomar contato com lugares, redes de pesquisa e círculos de historiadores culminava na elaboração de uma imagem – ao Departamento, ao próprio Eurípedes Simões de Paula e a sua publicação – de estar em consonância e afirmar a presença da FFCL-USP com o estado da arte da historiografia brasileira e estrangeira, em aproximar-se dos círculos e polos de expressão do campo dos estudos históricos.

Localizado nos esforços do diretor da *Revista de História* em tomar contato com a produção atual dos estudos históricos pontuaram uma atuação mais efetiva de Simões de Paula no gênero textual **Resenha bibliográfica**. Ao todo, 194 foram compostas pelo historiador entre 1960 e 1969. Escritos em uma lauda, com a elaboração em torno de 4 a 6 parágrafos, o diretor da publicação deixara patente o anseio em tornar o impresso como receptáculo daquilo que mais atual havia sido resultado no campo dos estudos históricos, com forte predomínio dos textos e trabalhos acadêmicos oriundos da França.

Envolvido no exercício de crítica e captação dos aportes da historiografia produzida naquele momento, Eurípedes Simões de Paula revelara a deferência e o apreço considerados

entre os pesquisadores associados em seus quadros em suas reuniões periódicas; procurar a promoção de publicações de documentos e trabalhos; fomentar o desenvolvimento do ensino de História em todos os graus. A primeira diretoria, bem como os membros sócios fundadores foram compostos majoritariamente por docentes da subseção de Geografia e História, sendo Eurípedes Simões de Paula aclamado primeiro presidente da Sociedade, ocupando o cargo em sucessivas gestões. No final da mesma década, a *Revista de História* fora indicada como órgão oficial da Sociedade, de modo a publicar as principais atividades desenvolvidas no escopo da agremiação. Acerca da fundação da SEH, ver o número 5 da Revista de História de 1951 e o trabalho de Bruno César Nascimento. Cf. MATOS, Odilon Nogueira de. Sociedade de Estudos Históricos. *Revista de História*, São Paulo, ano II, n. 5, p. 227-231.; NASCIMENTO, Bruno Cesar. *Para além do texto: os periódicos de História como elemento de definição do campo. O caso da Revista de História da USP (1950-2016)*. 2016. 344 f. Dissertação (Mestre em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Por sua vez, a Associação dos Professores Universitários de História – APUH, atual Associação Nacional de História (ANPUH) – surgiu em 1961 como um dos resultados do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior, realizado na cidade de Marília, SP. Acerca da APUH, o capítulo 3 da presente dissertação abordará a fundação da mesma, a dinâmica dos Simpósios, e a atuação de Eurípedes Simões de Paula na estruturação de ambos.

em torno da historiografia francesa, em especial, ao círculo de historiadores pertencentes à VI Seção da *École Pratique des Hautes Études* (EPHE) da Sorbonne, à época comandada por Fernand P. Braudel, antigo mestre do historiador brasileiro¹⁸³.

Especialmente, nas resenhas formuladas aos estudos reunidos pela seção de publicações da referida instituição universitária francesa, o diretor da revista frisara em muitos dos trabalhos as formas e as construções no escopo teórico-metodológico consideradas fundamentais, modelos e referências aos historiadores brasileiros na tarefa da pesquisa histórica considerada em seus termos científicos conforme suas considerações.

Majoritariamente dedicado aos trabalhos que resguardavam referências aos temas e objetos pesquisados pelo historiador na época, Simões de Paula sublinhara em muitas das resenhas escritas a excelência na escrita, de forma a mobilizar o eruditismo e as técnicas necessárias ao pesquisador na produção de trabalhos de impacto nos meios historiográficos, de forma a deixar patente quais os predicados identificados na produção francesa: erudição, mobilização dos métodos desenvolvidos nas tendências historiográficas presentes¹⁸⁴, aferir densidade e solidez nas análises construídas¹⁸⁵, na reabilitação e compilação de fontes cruciais em iluminar novos horizontes em áreas e abordagens que pudessem cotejar de forma mais consistente os períodos dedicados à Idade Média e História Moderna europeia¹⁸⁶.

¹⁸³ Após a Segunda Guerra Mundial, Fernand Braudel ascendera na estrutura universitária na França, de modo a consolidar seu nome e atuação no interior do campo dos estudos históricos, seja na condição de historiador na produção de teses e trabalhos, cuja recepção fora impulsionadora de novas perspectivas e linhas historiográficas, seja na participação de implantação de modelos e programas voltados à pesquisa histórica no âmbito da universidade francesa. Ao acumular cargos de prestígio e de reconhecimento no campo universitário, Braudel reuniu em torno de sua figura – direta ou indiretamente – historiadores os quais desenvolveriam estudos inspirados nos temas e nas perspectivas postuladas pelo historiador à História. Cf. POLONI-SIMAND, Jacques. Fernand Braudel. In: SALES, Véronique (org.). *Os historiadores*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 161-187.

¹⁸⁴ Resenha ao livro de MAURO, Frédéric. *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle (1570-1670)*. Paris : S.E.V.P.E.N, 1960. XLI, 550 p. (Coleção "Ports-Routes-Trafic" da École Pratique des Hautes Études). *Revista de História*, São Paulo, v. 24, n. 50, p. 559-560, abr/jun. 1962.

¹⁸⁵ Resenha ao trabalho de BORDES, Maurice. *D'Étigny et l'administration de l'Intendance d'Auch (1751-1767)*. (Tese de Doutorado em Letras), Universidade de Paris. 1957. Auch, Frédéric Cocharaux, 1957. 2 vols., 1034 p., mapas e planos. *Revista de História*, São Paulo, v. 21, n. 43, p. 271-273, jul/set. 1960.

¹⁸⁶ Resenha ao livro de HEERS, Jacques. *Le livre de comptes de Giovanni Piccamiglio, homme d'affaires Génois (1456-1459)*. Paris : S.E.V.P.E.N, 1959. École Pratique des Hautes Études – VIIe section. Centre de Recherches Historiques. *Revista de História*, São Paulo, v. 21, n. 44, p. 544-545, out/dez. 1960; MOLLAT, Michel. *Les sources de l'histoire maritime européenne du Moyen Age au XVIIIe siècle*. Paris, S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Collection "Bibliothèque Générale". *Revista de História*, São Paulo, v. 25, n. 51, p. 265-266, jul/set. 1962.

Em estabelecer uma configuração e um programa de como a História deveria ser feita, Eurípedes Simões de Paula não somente pagaria tributos e prestar reverências ao movimento historiográfico francês, liderado por Braudel, mas objetivava também em projetar a *Revista de História* enquanto receptáculo das novidades, das inovações e dos arrojos formulados no campo dos estudos históricos no Brasil, do reconhecimento perante a comunidade historiadora não somente das atualizações em curso, mas reafirmaria a filiação da historiografia produzida pela FFCL-USP como uma das que procuravam seguir aos ditames lançados na França.

Novamente, Simões de Paula pontuara uma estratégia em alçar notoriedade e legitimação do círculo de historiadores da USP na dianteira das discussões operadas no campo da História em um dos campos de maior reconhecimento mundial da década de 1960. Espelhar-se e buscar referências na estruturação e programas definidos por Braudel à EPHE significava ao diretor da *Revista de História* situar-se na condição de protagonista no movimento de intensificação do processo de profissionalização do ofício do historiador no campo universitário brasileiro.

Tal movimentação Eurípedes Simões de Paula incorporara-se e monopolizara no espaço da *Revista de História*, de forma a não somente fincar os objetivos alçados anteriormente ao impresso, mas sim em demarcar sua presença e notoriedade na constituição do campo dos estudos históricos pós-segunda metade do século XX no Brasil. Sua prática historiadora, marcada sobretudo na elevada intervenção nos rumos tomados ao estabelecimento do periódico, com o claro intento em transformá-la em receptáculo principal da historiografia brasileira, produzida no âmbito da universidade aliar-se ao anseio do historiador em postular seu nome, seu lugar, sua trajetória e sua identidade como um dos pesquisadores situados na linha de frente da amplificação da História no país.

Entretanto, a pretensão levada à cabo por Simões de Paula abrangeria novas iniciativas e ações entre a comunidade historiadora no Brasil, concentrada na participação da construção de uma nova associação, cujo intuito seria em agregar os historiadores situados nas universidades brasileiras na década de 1960: a Associação dos Professores Universitários e dos eventos e encontros organizados pela agremiação. Não obstante a liderança azeitada por Simões de Paula durante os anos 1950 e 1960 tornar-se uma potência na consolidação de sua imagem perante os pares, a própria inserção do historiador no processo de implantação e condução da corporação não foi destituído de lutas, embates e disputas no campo dos estudos históricos.

3 DAS PUBLICAÇÕES À CONSTRUÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO: MECANISMOS DE LEGITIMAÇÃO DA ATUAÇÃO DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA NA DÉCADA DE 1960

La revue relève de l'ordre de la conviction. Le Congrès de celui de la persuasion. Rien de plus opposé.

Christophe Prochasson¹⁸⁷

Na edição dos Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História realizado em 1977, – doravante, APUH¹⁸⁸ - a secretária geral da agremiação Alice Piffer Canabrava fizera uma dedicatória em homenagem ao presidente da Associação Eurípedes Simões de Paula, morto no final de 1977 em decorrência de um acidente automobilístico. Impresso sob os auspícios da Secretaria da APUH e lançado dois anos após a realização do evento, Canabrava dedicara a publicação da sistematização das comunicações e a programação do encontro ao historiador e colega de instituição.

Na primeira parte do impresso, a autora elaborara uma “Nota explicativa”, a qual deixara patente as condições de produção dos Anais daquele encontro e aproveitara a oportunidade em render tributos ao antigo presidente da Associação. Em síntese, a catedrática da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e integrante da Diretoria da APUH desde sua implantação esboçara as contribuições dadas por Simões de Paula na configuração da agremiação dos professores universitários de História no Brasil. Segundo suas considerações, a presença e a atuação do professor da FFLCH-USP detinha-se no papel desempenhado por Simões de Paula na configuração da APUH, sobretudo em meados dos anos 1960, quando a associação passara por uma fase de incertezas quanto sua efetiva consolidação.

¹⁸⁷ PROCHASSON, Christophe. Les Congrès: lieux de l'échange intellectuel. Introduction. *Mil neuf cent*, n. 7, p. 5-8, 1989. Disponível em : http://www.persee.fr/doc/mcm_0755-8287_1989_num_7_1_974. Acesso em: 10 dez. 2018.

¹⁸⁸ Para a elaboração do presente capítulo, adotar-se-á a primeira designação da Associação, estipulada quando de sua fundação no ano de 1961. Desde a implantação da agremiação como parte das moções extraídas do I Simpósio, a Associação recém criada denominara-se Associação dos Professores Universitários de História – APUH – sendo, no decorrer de sua consolidação o denominativo alterado com a inclusão do termo Nacional – Associação Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH nos anos 1970, perdurando até os anos 2000, ocasião em que adotou o nome corrente à entidade – Associação Nacional de História, de forma a abarcar outras categorias profissionais no escopo da História, principalmente os professores atuantes nos ensinamentos fundamental e médio, porém mantendo a sigla anteriormente determinada.

Inserido no contexto das incertezas de sobrevivência da associação, e nas palavras da historiadora, a entrega da presidência da APUH fora destinada a Simões de Paula, intelectual cuja personalidade reunira todos os quesitos reunidos em sua figura, cruciais na resolução da crise instaurada no âmago da instituição:

A entrega da Presidência às mãos firmes do Prof. Eurípedes Simões de Paula, trouxe à Associação, a estabilidade necessária para se impor no meio universitário. A continuidade dos trabalhos da rotina administrativa multiplicou os contatos, em todo território nacional, como uma parcela significativa de professores dos cursos superiores de História. A retomada do ritmo regular da realização dos simpósios, de dois em dois anos, passou a coincidir com a publicação dos *Anais*, agora sob a responsabilidade do Presidente¹⁸⁹.

Identificando como um *modus operandi* de Simões de Paula na condução de suas iniciativas e projetos, Alice Piffer Canabrava reiterou a imagem construída ao historiador ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual, alçado na posição de liderança e prócer na consolidação da entidade, principalmente na metade dos anos 1960, quando aclamado Presidente da APUH pela primeira vez, permanecendo no posto até o ano de seu falecimento.

Além de enfatizar a capacidade em mobilizar frentes, em aglutinar redes de intercâmbio no interior do corpo de historiadores e centralizar ações em prol da configuração do campo dos estudos históricos produzidos na universidade, Alice Canabrava frisou quais seriam as contribuições mais relevantes ao longo do percurso de Simões de Paula à frente da APUH. Uma das linhas mais eloquentes em sua avaliação concentrou-se na administração e organização da entidade, de forma a destacar as capacidades no trato das questões administrativas referentes ao cotidiano da agremiação, nas intervenções sempre postas nas sessões relativas ao seu escopo de pesquisa, e sobretudo, no estímulo dado aos professores de História em participar nos Simpósios, na apresentação de propostas de trabalho ou na contribuição aos debates oriundos das sessões organizadas.¹⁹⁰

Ainda nas considerações de Canabrava, Eurípedes Simões de Paula dedicou-se em outra perspectiva interna à APUH, consubstanciado no empreendimento da publicação dos *Anais* de cada edição do Simpósio, sendo o principal sustentáculo na atuação do historiador na associação, na sistemática e na compilação dos estudos produzidos ao Simpósio, conforme

¹⁸⁹ CANABRAVA, Alice Piffer. Nota explicativa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA. 9., 1977, Florianópolis, SC. *Anais...* São Paulo: Associação dos Professores Universitários de História, 1979, p. 5-6.

¹⁹⁰ CANABRAVA, p. 6-7.

as temáticas principais definidas aos encontros, mesmo com as dificuldades inerentes na execução do projeto editorial.¹⁹¹ Para a historiadora, situar Simões de Paula nos papéis de líder, fomentador e mobilizador do campo dos estudos históricos no Brasil significava naquele momento no percurso da entidade um horizonte em afirmar seus antecedentes originais, em conferir uma memória à APUH, visível por intermédio da localização de seus artífices e entusiastas, em consagrar a contribuição do historiador em construir uma entidade científica no âmbito da História, representativa do corpo de historiadores brasileiros, sob a égide da universidade brasileira.

Mediante a operação de Canabrava em emoldurar a presença e o desempenho realizados por Eurípedes Simões de Paula na consolidação da APUH, cabe levantar algumas questões relativas ao processo de incorporação do historiador na fundação e implantação da entidade: Quais as motivações envolvidas na criação da referida Associação nos anos 1960? O que inquietava e mobilizava o horizonte dos historiadores naquele momento? Em que medida Eurípedes Simões de Paula se envolveu na iniciativa, incorporando-se nos novos espaços de institucionalização e de profissionalização da História?

Presente desde a fundação da APUH em 1961, resultado do I Simpósio dos Professores Universitários de História, assumindo sua Presidência em 1965 em Franca, SP, Simões de Paula consolidou-se nos quadros da organização, de modo a projetar seu reconhecimento e sua presença como artífice dos estudos históricos no país. Alçar prestígios e notoriedade já assentados quando de sua atuação no interior da FFCL-USP – movimento visto nos capítulos anteriores – e conferir essa imagem durante o processo de constituição da APUH tornou-se mote de atuação do historiador, materializado nos investimentos feitos em dotar a agremiação balizas consideradas científicas, um *locus* privilegiado ao debate, veiculação e difusão da historiografia brasileira no limiar dos anos 1960.

Partindo das reflexões de Pierre Bourdieu¹⁹² na análise do movimento da construção da autoridade científica e intelectual de Simões de Paula perante a comunidade dos historiadores brasileiros, podemos afirmar que ao conectar-se aos esforços desprendidos na formação e consolidação da entidade o historiador arquitetara um dos sinais potentes de sua consagração nos meios universitários e intelectuais no Brasil, concretizado nas estratégias em

¹⁹¹ CANABRAVA, p. 7.

¹⁹² BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 2/3, p. 88-104. juin 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 28 jan. 2018.

busca do monopólio de ação legítima do campo social e cientificamente, ao impor o valor de sua contribuição, participação e autoridade constituída nos meios acadêmicos e intelectuais brasileiros.

Neste sentido, e dando prioridade nas ações de implantação da APUH, Simões de Paula tentara construir um arcabouço distintivo de sua atuação, de forma a angariar o acúmulo de um capital social diferencial no interior do campo, de modo a construir um nome próprio, conhecido e reconhecido, marca que distingue seu portador imediatamente do mundo social, uma forma visível e eloquente de distinção perante o desconhecimento, a indiferença e obscuridade, mundo o qual o homem comum está localizado.¹⁹³

Nas instâncias de elaboração da visibilidade, e da construção do nome e da autoridade em torno da figura de Eurípedes Simões de Paula no corpo dos historiadores tal operação não fora destituído de disputas e tensões no interior do campo dos estudos históricos. O exercício da força mobilizadora de Eurípedes Simões de Paula na dinamização da estrutura organizacional da APUH fora acompanhado de dissonâncias e contradições, apontando para a perspectiva de que apesar dos processos de enquadramento da memória – naquilo de Michel Pollak formulou nas dimensões sociais da memória coletiva¹⁹⁴ - trabalhados por alguns sujeitos no âmbito intelectual acerca da personalidade de Simões de Paula ao campo dos estudos históricos no Brasil, o movimento envolvido na elaboração dos fundamentos de uma estrutura profissional ao ofício do historiador não se dera um plano pacífico, prescindido de lutas e correlações de força na implantação da APUH e na consequente organização dos Simpósios, atividade principal desenvolvida pela Associação.

Na tentativa em percorrer tal intento, deter-se-á nos Anais dos Simpósios dos Professores Universitários de História (doravante, mencionado como SPUH) organizados na década de 1960, e de modo particular, as contribuições dadas por Eurípedes Simões de Paula

¹⁹³ BOURDIEU, p. 93.

¹⁹⁴ Em seu artigo acerca da memória coletiva, Michel Pollak faz algumas reflexões acerca dos processos existentes na constituição da memória coletiva. Partindo dos pressupostos elucubrados por Maurice Halbwachs em seu estudo acerca da constituição da memória coletiva, Pollak problematizou de maneira mais pormenorizada acerca dos fenômenos e movimentos de construção de memórias, de modo a enfatizar não somente em sua dimensão social, mas sim em identificar os diversos atores, interesses e disputas envolvidos na trama da memória coletiva, de modo que o resultado de sua construção de memórias esteja eivado por conflitos e por negociações, com o intuito em conciliar diferentes níveis e categorias de memórias constituição de identidades e de coesão aos grupos sociais m disputas de memórias legitimadores de sua origem e de sua História. POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 9, 1989. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278. Acesso em: 12 dez. 2018.

nos encontros.¹⁹⁵ Tal visada no corpo dos Anais procura identificar a participação de Simões de Paula na configuração da entidade em múltiplas atividades: desde a apresentação de comunicações, trabalhos referentes ao escopo das dimensões da pesquisa traçados pelo historiador no decorrer de sua trajetória acadêmica, até sua adesão aos corpos diretivos da APUH, de forma a perscrutar as formas de atuação do historiador na configuração da Associação no final da década de 1960, período o qual a APUH sofrera uma reorganização em prol de sua legitimação nos meios intelectuais.

3.1 O primeiro Simpósio dos Professores Universitários de História (SPUH): entre a afirmação e a legitimação da identidade historiadora e as disputas engendradas no campo da História

Ao efetuar um balanço da historiografia brasileira pós-1964, José Roberto do Amaral Lapa elucubrara quais os mecanismos dispostos na institucionalização dos estudos históricos no Brasil até aquele momento. Seguindo a avaliação construída pelo historiador, na virada da década de 1950 para a 1960, o movimento de organização de um aparato orgânico ao enriquecimento da área da História representou o início da “[...] montagem de uma infraestrutura organizatória, que inclusive viria contribuir para viabilizar a institucionalização geral que se seguiria [...]”.¹⁹⁶

Mas, quais seriam os elementos que propiciaram a dinamização do campo da História no Brasil no período situado por Lapa? Ainda conforme seu estudo, além do surgimento de novos periódicos da área e da efetivação do alcance desempenhado pelos já existentes na difusão dos estudos ora desenvolvidos até aquele momento, as alterações verificadas no campo universitário brasileiro a partir dos anos 1950 propiciaram, em certa medida, a expansão do ensino superior, cujo resultado imediato representou na fundação de novos cursos de História nas instituições recém-instaladas.

Entretanto, e como assegura o historiador, o impulso observado no estabelecimento de novas instituições de ensino superior trouxe a comunidade de historiadores existente nas

¹⁹⁵ No total de 5 encontros, o Simpósio dos Professores Universitários de História foram realizados nas seguintes localidades e anos: Marília, SP (1961), Curitiba (1962), Franca (1965), Porto Alegre (1967) e Campinas (1969). Acerca dos temários específicos, escolhidos na organização de cada edição do Simpósio serão discorridos ao longo do capítulo.

¹⁹⁶ LAPA, José Roberto do Amaral. A institucionalização do saber. In: LAPA, José Roberto do Amaral. *História e historiografia Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 37.

universidades brasileiras instaladas desde meados da década de 1930 outras questões, de forma a suscitar novas inquietações acerca do ensino de História executado nas unidades já consolidadas, bem como em preparar o terreno na discussão e problematização mais alargada dos estudos históricos, de forma a incorporar estas instituições no plano dos debates acerca de quais diretrizes e fundamentos seriam postos aos cursos recém-estabelecidos.¹⁹⁷

Este pequeno panorama situado por Lapa traz alguns indícios dos fatores envolvidos organização de um grupo de historiadores na promoção de fóruns de debate. A partir disto, e nas palavras do historiador, o I Simpósio dos Professores Universitários de História – doravante SPHU - fora convocado em 1961, representou uma das ações mobilizadas no cerne da comunidade historiadora na formulação de novas instâncias de discussão da situação dos cursos existentes em diferentes regiões do país, processo cuja consequência mais significativa resultou na fundação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH).¹⁹⁸

Não obstante a prática dos encontros e congressos científicos não ser novidade no contexto brasileiro naquele período¹⁹⁹, as motivações postas entre o conjunto de historiadores partícipes dos primeiros SPUHs foram suscitadas no bojo das próprias transformações observadas no campo científico e universitário brasileiros, a partir do aprofundamento e da consolidação das universidades fundadas na década de 1930, bem como naquilo que Sérgio Miceli indica para o aperfeiçoamento do aparato organizacional das instituições científicas e de ensino superior, na formulação de redes de trabalho profissionais, na divisão mais verticalizada do trabalho político e intelectual no interior dos estabelecimentos e na

¹⁹⁷ LAPA, p. 36.

¹⁹⁸ LAPA, loc. cit.

¹⁹⁹ Apesar das diferenças dos objetivos e do alcance esperados, a presença de eventos científicos no campo intelectual no Brasil no século XX pode se situar na resolução da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e suas Reuniões Anuais, realizadas anualmente a partir de 1949 em diversas regiões do país. Mais especificamente, no campo da História a ocorrência dos congressos no âmbito brasileiro também não representariam novidade: em atividade anterior ao projeto dos professores universitários de História, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já executara ações em prol da reunião de sujeitos na primeira metade do século XX, com finalidades de ampliar o debate acerca do estado da arte dos estudos históricos então disponíveis no país, de forma a lançar mecanismos de legitimação de sua atuação no território nacional. Acerca dos Congressos de História Nacional, verificar os trabalhos de Lúcia Maria Paschoal Guimarães. Cf. GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*, Niterói, RJ, v. 9, n. 18, p. 147-170, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jan. 2019; GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. IV Congresso de História Nacional: tendências e perspectivas da história do Brasil colonial (Rio de Janeiro, 1949). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 145-170, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jan. 2019.

construção social de uma elite intelectual considerada profissional.²⁰⁰ Partindo do contexto ora formulado, torna-se relevante situar a mobilização de um conjunto de historiadores, articulados em torno de temas e problemáticas compartilhados nas diferentes realidades, de modo a pensar, debater e discutir os próprios rumos conferidos à área, tendo como lugar de produção social por excelência situado na universidade, espaço de legitimação de um *ethos* profissional, capaz de sintetizar e assegurar os requisitos formativos e os conhecimentos necessários aos historiadores no desempenho de seu ofício.

Noticiada meses antes do encontro na seção **Noticiário** da *Revista de História* da FFCL-USP, a iniciativa era saudada por Eurípedes Simões de Paula, que a ela aderiu de pronto, passando assim a veicular notícias e relatos acerca do empreendimento. Conforme situara Simões de Paula, o empreendimento localizava-se na tomada de posição dos docentes em alavancar os debates acerca da situação curricular dos cursos de História. Segundo o editor do periódico, a relevância do evento concentrava justamente no exame das inconsistências levantadas nas recomendações definidas no cerne do Ministério da Educação, sobretudo na distribuição deficitária das cadeiras consideradas fundamentais nos percursos formativos dos titulados na área, de modo que a estruturação colocada pudesse prejudicar o funcionamento e andamento da organização das atividades das mesmas, em detrimento de outras matérias tidas pelo historiador como de “[...] interesse menor.”²⁰¹

Significativo torna-se o ânimo na organização do evento advindo de professores pertencentes à instituição recém estabelecida, cuja presença na configuração do arranjo do ensino universitário brasileiro era incipiente, perante o lastro e a tradição de outras instituições, sobretudo as fundadas no contexto dos anos 1930, guiadas em parte por programas político-ideológicos de grupos pertencentes às elites políticas e intelectuais, tendo maior impulso a partir da reestruturação conduzida pelo governo de Getúlio Vargas ao ensino superior brasileiro por meio do Estatuto das Universidades Brasileiras na determinação das diretrizes gerais de funcionamento do setor.

Instituída em 1957 e inaugurada dois anos depois, a FFCL inaugurada na cidade de Marília era parte integrante dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo (IIES), unidades as quais foram criadas a partir de uma política empreendida no âmbito do

²⁰⁰ MICELI, Sérgio. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: _____ (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP : Sumaré : FAPESP, 1995. p. 7-24. v. 1.

²⁰¹ PAULA, Eurípedes Simões de. I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior. *Revista de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 572, abr/jun. 1961.

Estado de São Paulo na expansão da rede de ensino as cidades do interior. De acordo com José Vaidergorn e João Ricardo de Castro Caldeira, impulsionado pela dinamização econômica, nos níveis de desenvolvimento populacional e de expansão de atividades de produção econômica em curso no Estado de São Paulo a partir de meados do século XIX e aprofundado com “onda de modernização” visualizada na configuração política e econômica do país nos anos 1950, grupos articulados em torno das elites locais de alguns municípios paulistas canalizaram demandas políticas na incorporação de novos serviços e estruturas, materializadas principalmente no que tange à constituição de uma rede de educação, cuja abrangência se concentrasse nos níveis do ensino secundário e superior.²⁰²

Mesmo com a recém fundação da sede do evento analisado, pode-se depreender não somente a preocupação dos docentes pertencentes ao estabelecimento acerca do ponto onde a área de História se localizava no período, marcado sobretudo pelas mudanças no âmbito educacional brasileiro, fomentados pela sanção da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 e na possível reforma universitária aventada pelo governo federal, e presente na pauta de muitos setores no interior dos círculos universitários, de modo que a universidade brasileira pudesse responder às demandas e às transformações ocorridas no país, impulsionadas pelos avanços da industrialização, no aumento dos fluxos populacionais às grandes cidades, ao crescimento das taxas de escolarização, cujas consequências traziam a

²⁰² VAIDERGORN, José. *As Seis Irmãs: as FFCL do interior paulista*. Araraquara, SP: FCL Laboratório Editorial UNESP/Araraquara : Cultura Acadêmica, 2003. 246 p.; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. O sistema universitário paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. São Paulo: Ed. UNESP : Arquivo Público do Estado ; Imprensa Oficial, 2010. v. 2. São Paulo: República, p. 599-622.

Além dos trabalhos dos dois autores supracitados, o estudo de Marília Sposito dedica-se ao processo de expansão ocorrido no ensino secundário paulista a década de 1940, atravessando as décadas posteriores. Atrelado em parte as contradições existentes na configuração do sistema de ensino brasileiro desde a Primeira República e sobretudo a partir dos anos 1930, cuja estruturação do campo educacional procurava enfatizar distinções formativas, de acordo com diferentes níveis postulados: enquanto que as etapas dedicadas ao âmbito secundário e superior privilegiavam a formação daquilo que se considerava enquanto elites à sociedade brasileira, cujo objetivo central era a consolidação de uma cultura geral e na geração de individualidades condutoras; ao passo que a escola primária estaria relegada ao preparo dos extratos menos abastados da população brasileira. Entretanto, e apesar da preponderância do tipo de organização escolar pautado nestes princípios políticos e ideológicos, havia uma conjugação de fatores que culminaram na expansão do ensino secundário, movimento visualizado com maior ênfase no Estado de São Paulo em meados dos anos 1940, com exponencial crescimento na década posterior. Conforme afirma a autora, o cenário envolvido nas medidas expansionistas da rede de ensino secundário concentrou-se na ordem política, seja na atuação de parlamentares em primeiro momento, do Executivo Paulista no segundo, de modo que este movimento sofrera sucessivas reveses, com o intuito de criar medidas regulatórias na criação dos ginásios estaduais, não garantindo o acesso às classes populares. Entretanto, e conforme demonstra Sposito as populações renegadas na expansão do ensino também pautaram suas reivindicações, de forma a construir, em contraposição aos programas delineados no âmbito governamental, o seu projeto de atendimento às demandas educacionais. Cf. SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 253 p. (Coleção Educação Popular, 2).

reivindicação, por parte dos estudantes, na ampliação da oferta de vagas aos cursos superiores.²⁰³

Não obstante a questão da pauta educacional estar na ordem do dia na sociedade brasileira naquele momento, a proposta aventada pelos historiadores da instituição paulista em conjunto com outros partícipes na construção do espaço do Simpósio também pode ser lida em duas frentes complementares: na relevância da ação estar conjugada às modificações operadas no âmbito do ensino superior, em situar as instituições recém fundadas na proposição e expansão do campo em outros estabelecimentos e; no intuito deste grupo estimulador do encontro em demarcar e legitimar sua presença tanto nos estudos históricos no país, quanto no debate educacional, ao propor o diagnóstico da realidade da área no país, ao mesmo tempo em que propostas e intervenções pudessem ser formuladas no âmbito da comunidade historiadora.

Conforme assevera a introdução dos Anais, mesmo com os entraves ocorridos preliminarmente e durante o evento, sendo seus resultados classificados pela organização na condição de que “[...] nenhuma posição definida, pouco conhecimento do que se estava efetuando ou planejando nas outras Faculdades, falta total de ocasiões para o encontro dos colegas de várias regiões do país”²⁰⁴, o mérito do empreendimento esteve em encetar possíveis condições então inexistentes na área anteriormente, com o alagamento dos contatos iniciados entre os partícipes e as resoluções tomadas em muitos dos aspectos discutidos ao longo do encontro.

Na contabilidade do número de participantes do I Simpósio, apesar do número expressivo de inscritos ao evento – 141 inscritos – somente 69 atenderam a convocação e compareceram ao evento²⁰⁵, cuja participação estivera condicionada ao regulamento formulado ao Simpósio, de modo a restringir as intervenções e falas nas atividades do

²⁰³ Acerca das mudanças observadas na legislação educacional no decorrer dos anos 1960, as contradições e disputas presentes na definição das diretrizes regulatórias na Educação e as implicações sociais e políticas na implantação do arcabouço legal entre os anos 1930 e 1960, Cf. FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. 3. ed. rev. São Paulo : Cortez & Moraes, 1979. 142 p. (Coleção Educação Universitária); ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 267 p.

²⁰⁴ Introdução. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais [...]*. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 9.

²⁰⁵ De acordo com informações compiladas a partir dos dados constantes nos Anais do I SPUH, as delegações foram divididas na seguinte configuração: SP: 40; BA: 2; RJ: 3; GB: 9; PE: 2; MG e PR: 10; RS e RN: 2; SC e GO: 1. Destaca-se a presença de Michel Mollat, historiador francês, na condição de conferencista e observador internacional.

congresso em consonância ao seu objetivo precípua, voltado em abordar o “[...] aprimoramento do ensino de História no Brasil.”²⁰⁶

O Simpósio estruturou-se em duas grandes divisões: as conferências gerais, proferidas ao longo dos dias de realização do Simpósio, nas quais especialistas foram convidados na apresentação de relatórios acerca da situação do currículo dos cursos de História; as sessões temáticas, nas quais relatores foram selecionados de acordo com os temários definidos no escopo da temática central do evento. Divididos em cinco grandes temários, de modo a operacionalizar os debates em cada perspectiva lançada, ao mesmo tempo em que expressaram as principais subáreas ou conhecimentos estruturantes nos currículos dos cursos de História no país naquele momento.

Tabela 8 – Relação dos temários eleitos ao I SPUH e seus respectivos relatores

| Divisão | Temário | Responsável pela elaboração | Vinculação institucional |
|----------------|--|------------------------------------|---------------------------------|
| I | 1 - História Antiga e Medieval: dois espíritos e duas especializações. Problemas que suscita a sua definição numa só Cadeira | Eurípedes Simões de Paula | FFCL-USP |
| | 2 - História Moderna e História Contemporânea: problemas que suscita o seu ensino numa só cadeira | Eduardo D’Oliveira França | FFCL-USP |
| II | 1 - O estudo da História da América e da História do Brasil no curso universitário: ensino tradicional e renovação | Alice Piffer Canabrava | FCEA – USP |
| III | 1 - Matérias complementares e auxiliares e o alargamento do horizonte no estudo da História | Eremildo Luiz Vianna | FNFi – UB |
| | 2 - O lugar das disciplinas pedagógicas do curso de História | Maria Yedda Linhares | FNFi – UB |

²⁰⁶ Regulamento do Simpósio. Título V. Generalidades. Art. 6. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 30.

| | | | |
|----|--|------------------------|-----------------------|
| IV | A especialização. As condições por ela pressupostas e as possibilidades inerentes ao curso de História no Brasil | Carl Valeer Frans Laga | FFCL – IIES – Marília |
| V | Reestruturação do currículo | Olga Pantaleão | FFCL – IIES – Marília |

Fonte: Dados coletados nos Anais do I SPUH, Marília, SP, 1961.

A despeito do intuito verificado na organização do Simpósio em alargar o escopo das participações nas sessões temáticas, a escolha dos relatores em cada temário obedeceu critérios de legitimação e reconhecimento perante os pares no campo dos estudos históricos, concentrando-se assim nos professores oriundos de instituições mais longevas com a presença do curso de História em sua estrutura didático-acadêmica: a FFCL - USP e a FNFfi – UB. Mesmo com as instâncias de ratificação dos nomes e das autoridades nas respectivas áreas examinadas em operação, a condução dos debates e da pauta dos relatórios não prescindiu de disputas no interior da exposição dos professores, de modo que diferentes visões acerca da definição da área de História, seus limites, o diálogo com outras disciplinas e saberes pairaram em muitos dos debates encetados no Simpósio.

Tais contestações tomaram corpo nas diferentes sessões do evento. De modo exemplificar e operacionalizar a leitura dos debates ocorridas ao longo do Simpósio, focalizar-se-á na primeira sessão temática, especificamente no documento elaborado por Eurípedes Simões de Paula. Intitulado *História Antiga e Medieval: dois espíritos e duas especializações. Problemas que suscita a sua definição numa só Cadeira*, o professor da FFCL-USP discorrera acerca do estágio atual de conformação da cadeira a partir da realidade detectada pelo mesmo em seu desempenho nas funções de pesquisa e ensino delineadas às áreas de História Antiga e Medieval.²⁰⁷

Dividido em cinco sub-temas²⁰⁸, o exame do relatório construído pelo historiador permite pontuar algumas considerações, sobretudo no que tange à concepção de História

²⁰⁷ PAULA, Eurípedes Simões de. *História Antiga e Medieval: dois espíritos e duas especializações. Problemas que suscita a sua definição numa só Cadeira*. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 83-100.

²⁰⁸ I – A atual estrutura da Cadeira de História Antiga e Medieval; II – O ensino da História Antiga e Medieval; III – O seminário de História; IV – A especialização em História Antiga e Medieval; V – O professor de História.

evocada pelo mesmo na acepção do trabalho de ensino e de pesquisa desenvolvidas a partir da experiência à frente da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval desde o final dos anos 1930.

Em linhas gerais, Simões de Paula elucubrou acerca da organização edificada na cadeira a qual era titular, de modo a traçar um histórico de sua configuração estrutural e respaldar as determinações necessárias ao aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa no seio das duas áreas. Na constatação preliminar formulada, da situação inicialmente desenhada nos primeiros anos da instituição, em que não havia uma separação demarcada dos campos de Antiga e Medieval, aglutinados na Cadeira de História da Civilização, até o desdobramento em áreas mais específicas como resultante de rearranjo didático-organizacional, pautado nas diretrizes fixadas na criação da FNFI – UB, fundada por Gustavo Capanema em 1939, as áreas sofreram mudanças substanciais, as quais apontavam a uma nova configuração, de modo que a proposta simbolizasse em um progresso, principalmente na dinamização da pesquisa e do ensino das disciplinas.²⁰⁹

Entretanto, e de acordo o relatório apresentado, a estruturação fixada anteriormente não mais se sustentara no contexto dos anos 1960, de forma que Simões de Paula apontara para duas medidas cruciais na alteração curricular dos cursos de História: a separação das áreas de Antiga e Medieval e; a incorporação das ciências auxiliares, fundamentais no percurso formativo aos historiadores dedicados aos assuntos abarcados, sendo tal medida, justificada no próprio desenvolvimento da pesquisa aferido em cada um dos conhecimentos, impulsionado pela descoberta de novos sítios arqueológicos – no caso da Antiguidade –, no conhecimento e abertura de novos arquivos, nas políticas voltadas à microfilmagem dos documentos produzidos no período medieval, e da necessidade do aporte de novos domínios na leitura e decodificação dos mesmos, garantido pela incorporação de disciplinas e recursos os quais possibilitassem ao exercício da pesquisa.²¹⁰

²⁰⁹ PAULA, p. 83.

²¹⁰ PAULA, p. 84. Não deixa de chamar atenção a evocação de Simões de Paula às chamadas “ciências auxiliares” e remeter a possíveis ecos em seu modo de escrever a História possuir resquícios de uma historiografia localizada no século XIX, mais especificamente praticada no contexto francês – a escola metódica. Tal recorrência pode ser atrelada ao próprio manual escrito por Charles Langlois e Charles Seignobos, denominado *Introdução aos Estudos Históricos*, publicação considerada um marco neste movimento historiográfico. Em um dos capítulos “*As ciências auxiliares*”, os autores discorrem acerca da importância do conhecimento de domínios, cruciais à operação empreendida pelos historiadores, principalmente na decodificação de documentos antigos e medievais. Cf. LANGLOIS, Ch. V. “As ciências auxiliares”. In:

O desenvolvimento das áreas de Antiga e Medieval, constatado pela criação e abertura de novos arquivos traziam outros desafios a serem enfrentados. Na concepção de Simões de Paula,

[...] Com êsse desenvolvimento dos estudos medievais, principalmente os referentes [sic] às instituições jurídicas, sociais, econômicas e religiosas, podemos ver que teria sido muito mais acertado se os nossos legisladores tivessem posto a História Medieval juntamente com a História Moderna numa só cadeira. Isso, aliás, já foi feito por algumas de nossas Faculdades. Idade Média se apresentaria, pois, como um preâmbulo do estudo da História do Novo Mundo²¹¹.

Contida na proposta havia a concepção de História trabalhada por Eurípedes Simões de Paula no escopo da pesquisa, presente na formulação de seus estudos. Segundo o que o historiador classificaria, a História Medieval serviria como arcabouço fundamental aos estudos de História Moderna, uma vez que havia permanências e continuidades em alguns aspectos da vida social, política e econômica praticadas no Medievo no início do período moderno, principalmente na existência de experiências, práticas e fundamentos similares em alguns aspectos nas formas de organização política, social e econômica.

Na sequência do relatório, Eurípedes Simões de Paula dedicou-se ainda na delimitação das condições ideais aos escopos da pesquisa e do ensino no cerne da cátedra de História Antiga e Medieval. Novamente, tomando a experiência postulada em seus anos de docência na Faculdade de Filosofia da USP, o historiador formulou algumas propostas, com a finalidade de dinamizar as atividades de ensino e de pesquisa no âmbito das duas áreas: a primeira delas, consistia no planejamento mais consistente e a incorporação efetiva dos seminários como forma avaliativa aos estudantes de História, de forma que o trabalho conjunto fosse enfatizado no percurso formativo dos discentes.²¹²

Como embasamento ao argumento levantado, o catedrático valeu-se das experiências internacionais no exercício das formas de pesquisa executadas na sala de aula – principalmente, as existentes nas universidades francesas e alemãs –, de forma a propor aos debatedores quais tarefas e formas de condução do ensino no âmbito da pesquisa histórica e do ensino seriam mais efetivas, concentrando os objetivos na instrumentalização dos alunos

LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, Ch. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Renascença, 1946. p. 32-43.

²¹¹ PAULA, p. 84.

²¹² PAULA, p. 85.

em aplicar novas técnicas de trabalho histórico, fundamentais no fomento à investigação histórica no âmbito do ensino.²¹³

Acompanhada da medida em estimular os trabalhos em grupo e em reformular os seminários em novas bases, Eurípedes Simões de Paula considerava igualmente fundamental o estreitamento do currículo em disciplinas exclusivamente voltadas ao conhecimento histórico, de modo a circunscrever as matérias ligadas em outros domínios – sobretudo, aos ligados às Ciências Sociais – sofressem a diminuição da carga horária ou adaptações dos programas fossem efetuadas ou ainda fossem eliminados definitivamente dos currículos. Tais medidas evitariam que houvesse uma possível repetição de conteúdos oferecidos nas universidades, sendo que se houvesse preferência pela manutenção dos conteúdos fossem respeitadas as diferentes ênfases, conforme as especificidades de cada campo²¹⁴.

Sinais das especializações em curso nos âmbitos das ciências sociais e da História, o que estava no horizonte da proposta de Simões de Paula consistia em resguardar na composição curricular dos cursos de História as especificidades da área, de modo a frisar que os conhecimentos essenciais na configuração da cadeira passassem por instrumentalizar o historiador nas práticas de pesquisa e de ensino, conforme que o próprio historiador caracterizou

[...] Também propomos que se reduzam o número de aulas de Antropologia e Etnografia e que se suprima de vez o Tupi-Guarani, ou que seja reduzido a um mero estudo de toponímia no máximo. Propomos também que os programas dessas matérias sejam revistos pelo Departamento de História para evitar que seus professores, reunindo alunos das Secções de Ciências Sociais, Geografia e História, dêem um curso comum que não interessa os nossos estudantes, evitando-se principalmente repetição de ensinamentos em Antropologia e Etnografia. Consideramos essas matérias como auxiliares da História e o aluno que por elas tiver especial interesse, poderá intensificar os seus estudos escolhendo-os como matérias optativas no seu curso básico e ir ainda mais adiante no curso de especialização. Muito mais necessário reputamos o acréscimo ao atual currículo, mesmo que sob a forma de matéria optativa, de cursos sobre História da Arte, Arqueologia, Epigrafia, Pré-História para a História Antiga e Paleografia, Latim, Instituições Ibéricas para a História Medieval²¹⁵.

²¹³ PAULA, p. 86.

²¹⁴ PAULA, loc. cit.

²¹⁵ PAULA, p. 85.

A escolha das disciplinas na formulação de Eurípedes Simões de Paula traduziam em parte as preocupações do historiador em instrumentalizar os novos historiadores na elaboração das pesquisas nas áreas de História Antiga e Medieval, mas também inseriam a própria posição na determinação curricular na instituição a qual estava veiculado. Em um breve exame da composição dos programas aprovados na esfera do Departamento de História da FFCL-USP, pode-se constatar as ocorrências de disciplinas de História da Arte, Paleografia, Epigrafia, Arqueologia, matérias as quais foram incorporadas à estruturação curricular do curso de História da USP naquela época.²¹⁶ Mais do que uma mera proposição aos pares, mas antes de tudo a proposição expressava os anseios de Simões de Paula em obter o reconhecimento dos rumos definidos na instituição, ao mesmo tempo em que corroborava a tentativa do historiador em difundir e validar a composição curricular executada no Departamento de História da USP aos demais participantes do Simpósio.

Finalizando o relatório, Simões de Paula frisara quais seriam as condições fundamentais para que o professor de História no ensino superior pudesse dedicar-se às atribuições inerentes ao cargo, bem como em lidar com as atividades de ensino e de pesquisa de forma plena e satisfatória aos fins da universidade. Para o catedrático, o grande problema enfrentado pelos professores universitários consistia na inexistência de condições de trabalho favoráveis à dedicação exclusiva, de forma que muitos docentes, sobretudo os que pertenciam a instituições desprovidas de maiores recursos, enfrentassem dificuldades na execução das tarefas voltadas à investigação histórica e ao ensino, enfraquecendo assim o planejamento e o desenvolvimento da pesquisa no âmbito da universidade brasileira. A solução consistia na efetiva implantação do regime integral aos docentes universitários, encarada como uma das

²¹⁶ Conforme os registros efetuados nas atas do Departamento de História de 1960 e 1961 e a análise empreendida por Diogo da Silva Roiz acerca das transformações da ordenação curricular do curso de História da FFCL - USP, o curso de História seguiu a estruturação fixada em 1956, ano em que ocorreu a efetiva separação dos cursos de Geografia e História, passando a se organizar na seguinte divisão: seriado em três anos, as disciplinas eram distribuídas em disciplinas de cunho obrigatório (14) e optativo (2). Já o quarto ano, conforme estipulava o regimento da FFCL-USP n. 9092, de 26 de março de 1946, era voltado para uma formação mais específica, no qual os estudantes poderiam selecionar duas ou três cadeiras ou cursos existentes na Faculdade de Filosofia, sendo este requisito necessário na obtenção do título de bacharel. Além desta opção, havia a possibilidade dos discentes se inscreverem nas cadeiras dedicadas à formação de professores, sendo que completado o percurso, os mesmos poderiam obter o diploma de licenciado. Cf. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Atas do Departamento de História*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. v. 3 (1957-1966); ROIZ, Diogo da Silva. As transformações na estrutura curricular. In: ROIZ, Diogo da Silva. *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba: Appris, 2012. p. 73.

medidas fundamentais na dedicação exclusiva dos catedráticos na dinamização do ensino e da pesquisa.

Na sequência da exposição do texto, alguns dos inscritos no evento fizeram ponderações e questionamentos às formulações do historiador. Apesar do registro das falas dos inscritos serem pontuais e resumidos aos argumentos centrais dos participantes, algumas das considerações apontam para as tensões presentes na própria construção das argumentações de Simões de Paula, ao mesmo tempo que indicam concepções de trabalho de pesquisa, de ensino e da própria área nas considerações dos participantes²¹⁷.

Uma das vozes dissonantes ao relatório de Simões de Paula foi pautado por Francisco José Calasans Falcon. Professor assistente da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da FNF – UB, sua fala concentrou-se acerca dos elementos levantados pelo professor da FFCL-USP acerca das aproximações entre a História Medieval e a História Moderna. Nas considerações de Falcon, tais paralelos seriam impossibilitados, devido não somente às diferenças relativas às abordagens, fontes e questões lançadas, mas concentraria na especificidade na História Moderna, uma vez que “[...] no estudo da História Moderna verifica-se uma grande tendência para a relação com as demais ciências sociais, o que não se dá com o estudo da História Medieval²¹⁸”.

Para o historiador fluminense, a inviabilidade das correspondências entre os dois domínios concentrava-se nos aportes feitos com as Ciências Sociais na abordagem dos diversos âmbitos do período moderno, área de conhecimento a qual Eurípedes Simões de Paula considerara marginal na formação dos historiadores dedicados à História Antiga e Medieval. Enquanto que Falcon pregava a interdisciplinaridade da História e seu diálogo com outras instâncias do conhecimento, Simões de Paula preocupava-se na especialização do historiador em matérias específicas aos domínios dos estudos históricos.

Ainda relacionado às afinidades elencadas entre as diferentes disciplinas e o campo da História, Falcon questionou também acerca da proposta em eliminar as disciplinas relativas às Ciências Sociais na composição curricular, presentes até então em muitos cursos de História no país. Para Falcon, além de identificar quais seriam os excessos na determinação dos programas das disciplinas de Antropologia no curso de História, negando assim a opinião de

²¹⁷ Ao todo, nove inscritos se habilitaram na confecção das intervenções: Paulo Pereira de Castro (SP), Guy de Hollanda (GB), Carl Laga (SP), Francisco Falcon (GB), Hamilton Leite (MG), Eduardo D’Oliveira França (SP), Othelo S. Laurent (RS), Olga Pantaleão (SP) e Emília Tereza Álvares Ribeiro (GB).

²¹⁸ FALCON, Francisco José Calasans. Exposições dos simposistas. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 89.

que havia uma “ditadura” da mesma na determinação dos programas curriculares, era premente o estudo de outras disciplinas cruciais no percurso formativo: a Economia, a Geografia Política e a História das Instituições, com ênfase nos tópicos relacionados à História Econômica e Social.²¹⁹ Novamente, Falcon advogara na importância dos diálogos da História com as Ciências Sociais, sendo domínios fundamentais na construção da proposta curricular em discussão no Simpósio, relegando assim os ímpetus de especialização de Simões de Paula, confinada única e exclusivamente em apartar os estudos históricos de outras contribuições.

Ainda no conjunto das avaliações lançadas a partir do relatório produzido por Eurípedes Simões de Paula, outras duas falas foram colocadas entre os simposistas: as do colega da FFCL-USP, Eduardo d’Oliveira França e Olga Pantaleão, catedrática de História da Civilização Moderna e Contemporânea da FFCL–IIES – Marília, instituição sede do I SPUH. A despeito da brevidade da intervenção, o catedrático de História da Civilização Moderna e Contemporânea da FFCL-USP concentrou sua crítica em único ponto: a proximidade das áreas de Medieval com Moderna, de forma a discordar veementemente da proposta do colega, pois tal medida suscitaria “[...] problemas até para os professores.”²²⁰ Contida na acepção do historiador, a separação dos domínios resguardava não somente aspectos referentes às operações voltadas na determinação dos diferentes marcos de pesquisa fincados em cada área, mas expressavam a preocupação do historiador em manter as bases erigidas no estudo da História Moderna em suas perspectivas teórico-metodológica, sobretudo no avanço da especialidade em integrar ao seu programa novas frentes de investigação.

Simultânea à defesa da área na qual estava inserido, França defendia um arranjo disciplinar, distinto do praticado nas realidades dos cursos de História, a qual havia uma forte correspondência entre as Cadeiras e as matérias fixadas. Ao contrário do paralelismo entre a cátedra e a disciplina específica, França sugeria que a periodização não deveria ser elemento norteador da definição do escopo da grade curricular, mas propunha que houvesse a criação de várias cadeiras, de modo que a responsabilidade do ensino fosse compartilhada entre os professores dos cursos de História²²¹.

²¹⁹ FALCON, p. 89-90.

²²⁰ FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. Intervenção dos simposistas. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 90.

²²¹ FRANÇA, loc. cit.

Por sua vez, Olga Pantaleão centrou suas críticas na seleção dos métodos sugeridos na avaliação dos estudantes e nas formas de organização das especializações. Nas palavras da historiadora não se deveria privilegiar os seminários em detrimento das preleções, de forma que existisse um “[...] equilíbrio entre as duas formas.²²²” Evidência da própria prática aferida na trajetória da historiadora em sua atuação docente, a tendência ao balanceamento dos métodos de avaliação também indica acerca dos caminhos e das perspectivas de aproximação dos discentes com os temas e conteúdos presentes nos programas curriculares em operação nos cursos de História existentes nas universidades brasileiras naquele momento.

Quanto à questão da especialização, Pantaleão concordara com as ponderações erigidas por Simões de Paula, particularmente acerca da necessidade de mudanças aos cursos de especialização, cuja finalidade deveria concorrer para a formação integral do estudante no trabalho de investigação em História. Nesse sentido, a catedrática acrescentava outros dois aspectos: o contato dos alunos com a esfera dos arquivos como cerne no desenvolvimento de uma arcabouço de conhecimentos necessários ao trabalho de pesquisa histórica, na formação das competências basilares na titulação dos historiadores e; a subordinação da História do Brasil à História Geral, abordagem fundamental na composição curricular, de modo que a pesquisa e o ensino daquela não fossem dissociadas desta. De acordo com o entendimento da historiadora, caso tal sentido não fosse garantido na abordagem da História, correria o risco de transformar a História do Brasil “[...] limitada e provinciana²²³”, de forma a interditar outras abordagens que destoassem da mirada da História sob a égide da perspectiva europeia.

História Geral em preponderância à História do Brasil, de modo que esta fosse abordada e estudada nos contextos mais globais, inserida nos termos em voga na História da Civilização: além de indicar a concepção dos estudos históricos presentes na trajetória da historiadora em seu trabalho de ensino e de pesquisa, expressara a própria configuração do lugar de formação de Pantaleão em seus primeiros anos de funcionamento, ou seja, a própria FFCL-USP. A hierarquização contida na formulação da historiadora pode ser localizada na conformação da subseção de Geografia e História no limiar de sua fundação, mais especificamente, a cadeira de História da Civilização recebera maior preponderância na organização curricular da instituição, em detrimento de outras cátedras, com propostas,

²²² PANTALEÃO, Olga. Intervenção dos simposistas. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 91.

²²³ PANTALEÃO, loc. cit.

perspectivas e concepções distintas nas tarefas concentradas no ensino da História e no trabalho de investigação.²²⁴

Os dissensos no campo dos estudos históricos não foram a única tônica a pautar os assuntos conduzidos no I Simpósio. Ao longo dos debates concentrados em outras sessões temáticas do evento, alguns participantes tentaram incutir nas discussões aspectos voltados à estrutura, organização e o arranjo das universidades brasileiras, em consonância ao contexto dos debates em torno da Reforma Universitária. Tais posturas foram inseridas no decorrer da exposição de outros temários, de modo que as posições tomadas pelos historiadores se segmentavam nos horizontes ora favoráveis à inclusão de temas relativos à Reforma Universitária de modo amplo e, especificamente, acerca dos temas voltados ao regime de cátedras e a autonomia universitária, ora em minimizar tais preocupações no evento, concentrando-se aos objetivos estipulados na condução das discussões, de modo a não contemplar mudanças de fundo na universidade ou restringi-las a transformações mais pontuais²²⁵.

²²⁴ A presente compreensão da História não fora exclusiva do curso da FFCL – USP, mas significava um padrão na delimitação dos moldes dos cursos de História fundados à época. Associada ao própria configuração do campo da História no decorrer dos anos 1920, com ecos na década posterior. Marieta de Moraes situa o relevo dado pela História das Civilizações como um dos grandes debates no interior da comunidade de historiadores. Reflexos do período chamado entre guerras, na iminência de um novo conflito em proporções mundiais, as discussões em torno da História da Civilização serviriam como um antídoto, um mecanismo que neutralizasse o advento de correntes nacionalistas belicistas, que pudessem desencadear novos conflitos. Corroborados dos debates acerca da problemática da História da Civilização, algumas ações foram mobilizadas no âmbito do campo da História, surgindo assim no início dos anos 1930 o trabalho da Comissão Internacional para o Ensino de História, instância vinculada ao Comité Internacional de Ciências Históricas, cujo objetivo consistia na revisão dos manuais didáticos que resguardassem menções e/ou incitações aos nacionalismos armamentistas. Cf. MORAES, Marieta Ferreira de. A UDF e o primeiro curso universitário de História do Rio de Janeiro. In: MORAES, Marieta Ferreira de. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: FAPERJ : Ed. FGV, 2013. p. 27-28.

²²⁵ A segmentação dos historiadores nas duas posturas perpassou o andamento de todas as sessões temáticas do evento, concentradas sobretudo na última sessão temática do evento, dedicada à sistematização dos trabalhos desenvolvidos no evento. Sob a relatoria de Olga Pantaleão, denominada “Reestruturação do currículo”, a historiadora não negara a importância das questões envolvidas na Reforma Universitária e da necessária mudança nos fundamentos estruturantes do ensino superior no país, de forma a saudar as iniciativas pugnadas em prol da inclusão de novos modelos universitários ao país, sintetizadas à época na proposta da Universidade de Brasília (UnB). Entretanto, e com a ressalva de que não era objetivo do evento em propor a reformulação da Universidade e das Faculdades de Filosofia, a historiadora conduziu o relatório em elencar as propostas dos simposistas na reformulação do currículo de História das Faculdades de Filosofia, vista como medida basilar na melhoria do ensino praticado nas universidades, de modo a torna-lo “[...] eficiente e tendo em conta a necessidade de dar formação integral no campo histórico”, no desenvolvimento efetivo da pesquisa histórica e na formação do professor. Cf. PANTALEÃO, Olga. Reestruturação do currículo. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais [...]*. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 219-282.

Destarte as disputas acerca das concepções do trabalho de ensino e de pesquisa no campo dos estudos históricos expressos nos diagnósticos produzidos e discutidos, a comunidade historiadora produziu algumas conclusões, relevantes ao conjunto dos contribuições. Sintetizadas em 24 moções e 37 conclusões, as reivindicações e proposições levantadas nas sessões definidas sintetizam-se nas principais recomendações votadas no plenário final do evento.

Ainda que, dentre os resultados finais do encontro o currículo mínimo não tenha sido determinado no conjunto dos historiadores reunidos no I SPUH²²⁶, as moções aprovadas pelos participantes encaminharam as conclusões do evento para a premente reformulação curricular dos cursos universitários de História, desde que as especificidades dos cursos fossem respeitadas na configuração curricular, na melhoria das condições do exercício docente na universidade, na efetiva dinamização da pesquisa histórica no Brasil, nos indispensáveis esforços na criação de novos centros de investigação e instituições responsáveis pela guarda das fontes cruciais ao exercício da pesquisa e da docência, na indicação de outras frentes de atuação dos historiadores, ultrapassando as atribuições voltadas ao ensino secundário. Na miríade das recomendações despontadas nas discussões finais do Simpósio, uma das moções aprovadas ganhou centralidade, de forma a corroborar uma das inquietações fundamentais ao conjunto dos historiadores integrantes ao evento.

Formulada por José Roberto do Amaral Lapa, a moção 1 recomendava a fundação de uma entidade que tivesse por finalidade “[...] congregar os professores universitários de História²²⁷”, instância vista como crucial no estabelecimento de espaços propícios ao diálogo, contrário ao temor do isolamento caracterizado pelo trabalho docente naquele momento. Vista como esfera capital nos esforços do campo obter legitimação e reconhecimento perante os meios universitários, a exemplo “[...] do êxito logrado em outras iniciativas”²²⁸, conforme

²²⁶ Ocorrido no ano posterior ao encontro na cidade de Marília, o II SPUH realizado em Curitiba, PR houve a apresentação do currículo, o qual atendia às expectativas da comunidade de historiadores no que consideravam enquanto mínimo: Introdução aos Estudos Históricos, História Antiga, História Medieval – separadas, conforme determinação fixada no I Simpósio -, História Moderna e Contemporânea, História do Brasil e História da América. Destarte a configuração curricular se concentrar nas matérias estipuladas, os professores universitários de História ainda apontavam para a liberdade aos Departamentos no arranjo do currículo, conforme as possibilidades e interesses dispostos nas realidades dos cursos de História. Cf. MOÇÃO n. 2. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais* [...]. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 25.

²²⁷ LAPA, José Roberto do Amaral. Moção 1. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais* [...]. Marília, SP: [FFCL], 1962. p. 287-288.

asseverava Lapa na justificativa da moção, o anseio em prol da construção de mecanismos concretos de organização do corpo de historiadores pode ser lido no próprio projeto incutido na concretização do Simpósio. Destarte as dificuldades impostas na formulação do conclave, a temática principal posta em debate estivera em consonância na operação dos historiadores em definir os traços e os fundamentos aos estudos históricos, na reivindicação dos mesmos como protagonistas neste movimento, em localizar a universidade como o lugar social de produção social do campo por excelência e os historiadores vinculados neste espaço como sujeitos autorizados e autênticos na construção do saber histórico, no delineamento dos conhecimentos e competências fundamentais ao exercício do ofício e na consolidação de uma identidade historiadora, ancorada em seu lugar e nas práticas distintivas do *métier*, situadas no âmbito da pesquisa.

3.2 Os encontros de Curitiba, PR (1962) e Franca, SP (1965): entre as disputas de concepções de História, as hesitações do campo e as tentativas da afirmação da APUH

De acordo com o analisado na seção anterior, a realização do I SPUH trouxe como resultados mais importantes, além da criação de novos foros de debate e de trocas intelectuais entre os sujeitos que se agregaram à iniciativa, a recomendação da fundação de uma entidade em prol da união dos professores universitários de História, a qual garantisse à comunidade historiadora novas formas de legitimação e de afirmação da posição dos historiadores nos meios científicos atuantes naquele momento.

Como forma de garantir à Associação nascente dispositivos de fundação mais sólidos, no ano seguinte, a Diretoria da agremiação eleita em Marília, SP elaborara os estatutos da APUH, de modo a submetê-los nas conclusões do II SPUH realizado em Curitiba. Dentre os dispositivos mais relevantes no regimento formulado, tanto escopo quanto alcance da entidade eram definidos no documento. Com os objetivos voltados, sobretudo no âmbito do ensino de História no ensino superior, na criação de novas esferas na difusão da pesquisa em História, na defesa das fontes documentais e das manifestações culturais, potenciais objetos à investigação histórica, os professores fundadores da Associação deixavam claro o principal

²²⁸ LAPA, loc. cit.

objetivo erigido à corporação: o incentivo e o aprimoramento da pesquisa nos estudos históricos²²⁹.

A operação feita pelo corpo de historiadores na eleição da pesquisa como força motriz na construção da agremiação pode ser localizada no discurso de instalação do II SPUH em 1962. Enunciado por Cecília Maria Westphalen – então presidente da Comissão Executiva do encontro e componente da Direção da APUH – o caráter da pesquisa e da importância dos historiadores na dinamização da investigação na universidade era ressaltado durante sua fala. Em seu diagnóstico, a historiadora localizara o espírito científico e as inovações apresentadas no escopo da ciência como forças animadoras das iniciativas empreendidas pelos historiadores, uma vez que a História, renegada no campo universitário brasileiro, em prol das chamadas “ciências práticas e objetivas”, deveria cerrar fileiras e tomar sua posição no campo científico.²³⁰

Afastar o domínio dos estudos históricos de um movimento anterior no campo, marcado sobretudo por práticas e formas de elaboração da História condizentes no plano da erudição, do diletantismo e do isolamento no desenvolvimento da ciência também significava a historiadora acerca da relevância do domínio da História na análise e no entendimento dos elementos atuantes na definição da cultura nacional, de modo que os historiadores, munidos com os conhecimentos e instrumentos essenciais na condução da pesquisa histórica fossem protagonistas neste movimento, de forma a atuar concretamente sobre a realidade brasileira, em contribuir no exame do contexto estrutural, para a compreensão dos acontecimentos presentes e apontar soluções possíveis.²³¹ Nesse sentido, a iniciativa do II SPUH – organizado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná – estava em consonância ao anseio dos historiadores não somente na afirmação do campo e do ofício no ambiente científico, mas também em erigir e propor à comunidade historiadora quais os marcos e as tendências envolvidas nos campo do conhecimento histórico.

Em busca de caracterizar a área sob um ponto de vista em que a pesquisa histórica estivesse calcada como ciência do processo cultural humano, a partir do encontro de 1962,

²²⁹ ESTATUTOS da Associação dos Professores Universitários de História. *Revista de História*, v. 24, n. 50, p. 568, abr/jun. 1962. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/050/A017N050.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

²³⁰ WESTPHALEN, Cecília Maria. Discurso de instalação do II Simpósio. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais* [...]. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 22.

²³¹ WESTPHALEN, loc. cit.

outras temáticas seriam integradas ao escopo dos Simpósios. Vista como atividade principal da Associação, os Simpósios no decorrer dos anos 1960 ganharam magnitude no interior da comunidade de historiadores, visível tanto na quantidade de professores e outros sujeitos, atrelados ao mundo intelectual e universitário, quanto no alargamento das preocupações dos historiadores, adentrando assim na perspectiva da sugestão de temas mais específicos, voltados no adensamento da pesquisa histórica.²³²

Eleita pela Comissão Organizadora local – formada por professores da Universidade do Paraná, além da Diretoria da APUH eleita em 1961²³³ – o temário central do evento fora “A propriedade e o uso da terra”, de modo a abarcar, dentre os “[...] múltiplos problemas suscitados por êle, fôssem considerados os seguintes: a) - Modalidades de posse; b) Formas de exploração – indústria extrativa, lavoura, pecuária; c) – Técnicas de utilização; d) – Estruturas agrárias”.²³⁴

Abordar a questão da propriedade da terra em seu múltiplos fenômenos e problemas trazia a necessidade da abordagem dos temas inerentes à realidade social do país nos debates da comunidade historiadora. Para além dos horizontes estritamente investigativos e de perspectivas teórico-metodológicas, a pauta elencada no II SPUH demonstrava as relações de força no campo, sobretudo no tocante às demandas políticas em voga naquele momento, no enfrentamento dos debates acerca da Reforma Agrária no Brasil, entre as expectativas criadas em torno das Reformas de Base, prometidas pelo governo João Goulart e no acirramento da luta do campesinato acerca do direito à posse e à distribuição mais equânime da propriedade às populações rurais, aviltadas das dinâmicas econômicas e sociais no Brasil.

²³² Em comparação ao Simpósio, realizado na cidade de Marília, SP, os números totais de inscritos e de participantes efetivos aumentou consideravelmente: 198 e 136, respectivamente, divididos nas seguintes representações: BA, CE e GO: 1; PE e RN: 3; SC: 4; RS e MG: 12; GB: 16; PR: 36; SP: 45. O encontro contou ainda com a presença de dois participantes dos Estados Unidos.

²³³ Em umas sessões plenárias do I SPUH, houve a escolha da Diretoria da APUH para os anos 1961-1962, cujas responsabilidades se articulariam com a organização do II SPUH. Dentre os nomes aclamados, constavam: Eremildo Luiz Viana - Presidente (FNF - UB); Cecília Maria Westphalen - Vice-Presidente (Faculdade de Filosofia - Universidade do Paraná); Sérgio Buarque de Holanda - Secretário-Geral (FFCL - USP); Alice Piffer Canabrava - Primeira Secretária (FCEA - USP); Jorge Calmon Moniz de Albuquerque - Segundo Secretário (Faculdade de Filosofia - Universidade da Bahia); Antônio Camilo Faria Alvim - Primeiro tesoureiro (Faculdade de Filosofia - Universidade de Minas Gerais); Armando Souto Maior - Segundo Tesoureiro (Faculdade de Filosofia - Universidade do Recife); José Roberto do Amaral Lapa - diretor de publicações (FFCL - IIES - Marília).

²³⁴ TEMÁRIO. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais [...]*. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 18.

Em consonância aos regulamentos baixados na organização do encontro, cada Núcleo Regional – formado substancialmente na congregação dos professores universitários dos cursos de História nos Estados da Federação²³⁵ – encaminharia as comunicações que seriam abordadas nas sessões dos trabalhos. Dentre os trabalhos remetidos pelo Núcleo Regional de São Paulo, Eurípedes Simões de Paula abordaria algumas questões relativas à propriedade da terra no período antigo e medieval.

Em sua comunicação, intitulada *As origens do latifúndio: da “villa” romana aos engenhos e fazendas do Brasil Colonial*, o catedrático da FFCL-USP partira da constatação feita pelos professores franceses que integraram o corpo docente da unidade acerca das permanências existentes na conformação do latifúndio no Brasil, de forma a resguardar paralelos com as implantadas no horizonte da Antiguidade e no Medievo.²³⁶ Desse modo, e ao apropriar-se do olhar dos estrangeiros sob a realidade social, política e econômica brasileira, lançava algumas perspectivas analíticas a respeito das formas assumidas na consolidação da grande propriedade no Alto Império Romano, de forma a detectar as permanências existentes, não obstante as diferenças nas configurações sociais colocados nos períodos e nas realidades históricas examinadas.

Em linhas gerais, a justificativa utilizada por Simões de Paula em situar o latifúndio formado no Alto Império Romano como arcabouço mobilizador no exame proposto significava qual o conceito de História implicado na comunicação. Ao historiador, localizar o problema do *ager publicus*, na obtenção dos confiscos recolhidos ao Império na dinâmica expansionista e nas modalidades de emprego de formas de trabalho escravo em substituição do trabalho livre, seriam os principais elementos que desencadearam as alterações na configuração do latifúndio em Roma, sobejamente observadas entre o Baixo Império Romano e a alta Idade Média. Visualizando assim as novas configurações postas nas transformações

²³⁵ Também como resultado do encontro de Marília, alguns Núcleos Regionais foram formados. Aglutinados por representações estaduais, cada NR possuía estrutura organizacional autônoma, sendo consideradas representações da APUH nos estados. Fundada em 4 de julho de 1962, o NR de São Paulo teve como a primeira diretoria constituída por: Eurípedes Simões de Paula – Diretor (FFCL – USP); Raul de Andrada e Silva – Secretário (FFCL – USP); Padre Carl Valeer Frans Laga – Tesoureiro (FFCL – IIES – Marília). Assessorando os trabalhos da Diretoria, houve também a constituição de um Conselho Consultivo: Eduardo D’Oliveira França (FFCL – USP); Madre Leda Maria Rodrigues (PUC – SP), Jeanne Berrance de Castro (FFCL – IIES – Rio Claro). Cf. ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. *Boletim Informativo*. Marília, SP, ano I, n. 1, p. 1, jan/out. 1962. AESP – CAPH-USP (Caixa 7, n. 221).

²³⁶ PAULA, Eurípedes Simões de. *As origens do latifúndio: da “villa” romana aos engenhos e fazendas do Brasil Colonial*. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais [...]*. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 85.

sociais e políticas nos processos de colonização empreendidos no período, de forma a destacar os possíveis paralelos entre as formações antigas e as desenvolvidas no início da Modernidade, levadas pelos portugueses nas ações de expansão dos domínios para ultramar, principalmente aos regimes de colonização, exploração e uso da terra praticados no território nacional.

Adentrar no cerne da História do Brasil por intermédio da História Mundial, ou mais especificamente, da História da Europa nos períodos localizados na fundação e consolidação das Civilizações no mundo: eis a ideia chave, mobilizada por Simões de Paula em sua comunicação. Para o historiador, a História do Brasil deveria compor os princípios fixados a partir dos estudos da História europeia, em obediência aos ritmos de desenvolvimento, localizar permanências das estruturas e instituições sociais, políticas e econômicas fundadas no contexto europeu e situar, de modo muito pontual, as diferenças postuladas nas experiências instaladas nos territórios americanos.

Concepção de História, cujo pano de fundo também guardava nexos com a postura política do historiador. Nas conclusões da comunicação, Eurípedes Simões de Paula reforçara uma certa inevitabilidade do surgimento do latifúndio na História, na medida em que as circunstâncias de exploração da terra, do emprego do trabalho escravo e nas dificuldades de trânsito ao comércio dos produtos cultivados favoreceram ao desenvolvimento das práticas de concentração de terras e na ereção do latifúndio no Brasil.

Diante do quadro exposto, o historiador deixava claro as posturas políticas defendidas em torno da questão da propriedade, no tocante às questões sociais. Mediante o quadro construído, o historiador completara seu trabalho favorável à manutenção do latifúndio como modelo produtivo ideal ao país na promoção do desenvolvimento econômico, menosprezando assim as implicações sociais envolvidas. Concluía Simões de Paula:

[...] para o Brasil vale mais um latifúndio em franca produção, de um só dono ou de muitos, do que um minifúndio improdutivo, pois somos uma nação que luta para sair duma economia subdesenvolvida, em grande expansão demográfica, cuja curva de crescimento, infelizmente, não é acompanhada por outra da área arroteada e da produção²³⁷.

De forma similar ao Simpósio de 1961, os debates travados em cada sessão plenária eram acompanhados por intervenções dos inscritos no evento. Dentre o conjunto dos

²³⁷ PAULA, p. 100.

debatedores na sessão de exposição de Eurípedes Simões de Paula havia pontos em comum, grande parte concentrados nas inúmeras críticas acerca da falta de clareza do problema central do estudo realizado pelo catedrático, dos conceitos utilizados na definição do latifúndio, das inconsistências elucubradas nas relações entre os exemplos vistos na Antiguidade e no Medievo com as formas introduzidas no país no século XVII.

Indicativos das discordâncias existentes, mas também de embates referentes às perspectivas analíticas sobre o tema, uma das divergências feitas ao estudo de Simões de Paula foi novamente elaborada por Francisco Falcon. Entretanto, as dissonâncias apresentadas pelo historiador fluminense não tocavam no âmbito teórico-metodológico, mas sim colocava ao centro das intervenções as posições políticas em torno dos debates da Reforma Agrária no Brasil, de modo que ambos apresentavam posturas dissonantes quanto à questão social enfrentada no país naquele momento.

Falcon criticou três aspectos específicos na fala de Eurípedes Simões de Paula: o primeiro acerca da ideia recorrente no estudo em dissociar o crescimento da produção agrícola com o crescimento demográfico, atribuindo-se outros fatores na elevação da produção e não no aprofundamento do modelo; o segundo, situado na ideia central do trabalho, caracterizado nas continuidades das formas de concentração de terras existentes na História, de forma a enquadrá-las como “[...] fato constante e quase fatal”, menosprezando assim a historicidade das formas de latifúndio construídas no decorrer dos diferentes contextos e; por fim, no apontamento da abordagem de Simões de Paula, na qual estivera implicitamente colocada uma postura política, contrária à Reforma Agrária, de modo a classificar a opinião do colega como anacrônica, contraditória à época em que a instituição da grande propriedade era contestada.²³⁸

Simões de Paula respondeu às considerações tecidas por Falcon reiterando que o aumento da produção agrícola não acompanhava o crescimento demográfico da população, e acrescentava que o maior entrave na questão agrária no país não residia na concentração de terras nas mãos das elites, mas sim na inexistência do crédito agrícola e na incipiência na adoção de técnicas e de instrumentos que estimulassem a mecanização da lavoura, de modo a demonstrar em sua comunicação não uma visão determinista da História, mas procurava ressaltar que a Reforma Agrária não seria efetivada somente com a distribuição de terras de

²³⁸ FALCON, Francisco. Intervenções. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais* [...]. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 105.

modo mais equânime, mas sim pelo desenvolvimento das técnicas de cultivo e do incentivo fiscal na dinamização do setor agrícola no país.²³⁹ Na oportunidade colocada na defesa de suas teses, as questões de fundo trabalhadas pelo historiador, cuja essência expressava não somente os caminhos analíticos trilhados na condução de seu estudo, mas estavam inteiramente associadas às origens sociais de Eurípedes Simões de Paula, oriundo de círculos pertencentes às elites econômicas de São Paulo, cuja família era proprietária de fazendas no estado do Paraná²⁴⁰.

As disputas de fundo no corpo dos historiadores indicam que havia no interior do campo correlações de forças, não restritas ao âmbito das inquietações teórico-metodológicas ou aos pressupostos analíticos mobilizados, mas estavam em consonância às discussões postas na agenda do debate nacional. Aliando as iniciativas em prol de garantir e firmar novos espaços de construção do saber histórico e dotar o campo dos mecanismos cruciais na afirmação da História nos meios universitários brasileiros, os historiadores reunidos em Curitiba disputavam concepções do trabalho histórico, ao mesmo tempo em que visões acerca da sociedade brasileira e da relevância da área no entendimento da realidade social se confrontavam no espectro do Simpósio.

Mesmo com as disputas em curso no decorrer das sessões do encontro, algumas pautas resultaram nas conclusões do evento, sobretudo as relacionadas à determinação do currículo mínimo dos cursos de História do ensino superior. Além disso, outras resoluções foram tomadas, principalmente na articulação do ensino superior com outras iniciativas em prol da investigação histórica, na defesa da criação de outras áreas de atuação dos historiadores para além dos campos do ensino secundário, no fomento de instrumentos capitais no incremento da pesquisa científica na área.

Contudo, e apesar dos estatutos da Associação terem sua versão final votada no II SPUH e sua diretoria anterior ratificada para o biênio de 1962-1963, a efetiva constituição de

²³⁹ PAULA, Eurípedes Simões de. Respostas do Prof. Eurípedes Simões de Paula. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais* [...]. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. p. 109.

²⁴⁰ Elemento citado por Eurípedes Simões de Paula na correspondência com a esposa Maria Isabel de Paiva Paula, trabalhado no primeiro capítulo da dissertação, e no estudo de Ludmila Gama Pereira acerca do debate entre Paula e Falcon no II SPUH em Curitiba. Cf. PEREIRA, Ludmila Gama. A construção do saber histórico e o conflito social nos Simpósios dos Professores Universitários de História (APUH) nos anos 1961 e 1962. *Revista História & Luta de Classes*, [s.l.], n. 13, p. 48-53, abr. 2012. Disponível em: <http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/64febf41a5fd2eb034078fe0398aa653686f56f8>. Acesso em: 31 jan. 2019.

uma agremiação entre a comunidade historiadora encontrara percalços e dificuldades operacionais nos anos seguintes. Conforme assevera Daiane Machado acerca da trajetória de Cecília Maria Westphalen, a entidade passou por enalços na continuidade dos Simpósios.

Programados anualmente, o próximo SPUH estava com data e local determinados: Fortaleza, na última semana de julho de 1963. Entretanto, e de acordo com Daiane Machado, em correspondências trocadas entre Cecília Westphalen – vice-diretora da APUH – com José Roberto do Amaral Lapa – diretor de publicações da APUH – havia um tom de incertezas quanto ao futuro da Associação. Preocupados com a morosidade do então Diretor da Associação, Eremildo Luiz Vianna²⁴¹, na convocação do evento, os dois historiadores viam os entraves colocados na convocação dos historiadores brasileiros como alerta ao próprio futuro da entidade²⁴².

Mediante o declínio dos professores cearenses em organizar o evento nos termos colocados pela Associação – possivelmente, em decorrência dos entraves oriundos na organização do Simpósio na Universidade do Ceará e no acirramento das forças políticas no interior da universidade brasileira, motivado pela ascensão da Ditadura Civil-Militar em 1964 - e os obstáculos encetados no bojo da Direção da APUH, logo alguns membros da Associação colocaram-se em marcha, na busca de um novo local para abrigar o evento. Tal percepção é oriunda do relato elaborado por Maria Regina da Cunha Rodrigues, veiculado no número 64 da *Revista de História* da USP. A então professora auxiliar da FFCL-USP tecera uma breve descrição dos antecedentes do Simpósio, no qual localizara a iniciativa de Alice Piffer Canabrava – então 1ª secretária da APUH -, juntamente com a Direção da FFCL-IIES – Franca e Eurípedes Simões de Paula (Núcleo Regional da APUH em São Paulo) na sugestão de transformar a Semana de Estudos, organizado pelo Departamento de História da instituição, no III SPUH, passando assim a comunicar os professores universitários de História do país a acerca da organização do encontro.²⁴³

²⁴¹ Catedrático de História Antiga e Medieval desde meados dos anos 1940 na FNF i – UB, Eremildo Luiz Viana assumira a Direção da instituição entre fins dos anos 1950 e o limiar da década seguinte. Durante os anos em que ocupara o cargo, Viana tivera atitudes controversas e combatidas nos meios universitários por suas ações persecutórias a docentes e aos estudantes durante a Ditadura Civil-Militar, acusado de colaboracionismo com o regime militar.

²⁴² MACHADO, Daiane Vaiz. Entre encontros e desencontros, tramas e lugares. In: MACHADO, Daiane Vaiz. *Por uma “Ciência Histórica”*: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016. f. 214-287.

Baseado leitura das movimentações obtidas na rápida articulação dos professores universitários de História, pode-se aferir no protagonismo de um grupo de docentes de São Paulo em novamente angariar a iniciativa, de forma a centralizar todo o processo de feitura do congresso. Tanto isso se materializou de forma mais eloquente no elevado número de participantes do Simpósio oriundos de universidades paulistas, bem como as comunicações serem propostas por docentes ligados às instituições do Estado de São Paulo, reduzindo assim a integração de docentes oriundos de outras delegações estaduais.²⁴⁴

Perante às hesitações que pairavam na sobrevivência da Associação e, principalmente, quanto a realização dos próximos encontros, os docentes universitários de História se reuniram em Franca, envolvidos nas discussões acerca das temáticas principais fixadas²⁴⁵, bem como na discussão acerca dos rumos aferidos à entidade em sua consolidação e afirmação no campo da História em âmbito nacional. Nesse sentido, e além das mudanças conduzidas na sazonalidade do evento – passando de anual para bienal -, na ereção de novos Núcleos Regionais, uma das conclusões mais eloquentes do Simpósio materializou-se na eleição de uma nova diretoria para a Associação, sendo aclamado como Diretor da Associação Eurípedes Simões de Paula para o biênio de 1965-1967.²⁴⁶

Dentre o grupo integrado no evento, a indicação de Simões de Paula expressava o sintoma do reconhecimento aferido entre os pares como um intelectual com forte atuação interna e externamente no campo universitário paulista, e na circulação a qual tinha com núcleos das classes dirigentes à época, angariando o respaldo de quadros políticos na

²⁴³ RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. O III Simpósio dos Professores Universitários de História (Franca, 3 a 7 de novembro de 1965). *Revista de História*, São Paulo, v. 31, n. 64, p. 445-454, out/dez. 1965. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/064/A013N064.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

²⁴⁴ Sintetizado nos números contabilizados no evento de Franca, o total de participantes fora de aproximadamente 85 professores de História, com 18 comunicações, distribuídas nas seguintes representações estaduais: Núcleo Regional de São Paulo: 14; Núcleo Regional de Minas Gerais: 2; Núcleo Regional do Rio Grande do Norte: 1; Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina: 1.

²⁴⁵ Os temas escolhidos ao encontro foram: “Artesanato, manufatura e indústria” e “Fontes primárias para a História”.

²⁴⁶ A composição da Diretoria da APUH empossada para o biênio 1965-1967 teve a seguinte formação: Eurípedes Simões de Paula – Presidente (FFCL – USP); Francisco Iglésias – Vice-Presidência (Faculdade de Filosofia – Universidade de Minas Gerais); Alice Piffer Canabrava – 1º Secretária (FCEA – USP); José Ferreira Carrato – 2º secretário (FFCL – IIIES – Franca); Cecília Maria Westphalen – 1ª Tesoureira (Faculdade de Filosofia – Universidade do Paraná); Walter F. Piazza – 2º Tesoureiro (Universidade de Santa Catarina); José Roberto do Amaral Lapa – Imprensa e Propaganda (FFCL – IEES – Marília). Além da Diretoria, havia a atuação do Conselho Consultivo, composto por: Eduardo D’Oliveira França (FFCL – USP); Hélio Dantas (Universidade do Rio Grande do Norte); Leda Maria Pereira Rodrigues (Madre Maria Angela) (PUC – SP); Nícia Villela Luz (FFCL – USP) e Olga Pantaleão (FFCL – IIES – Marília).

execução dos Simpósios. A condução do historiador na direção da Associação indica o anseio do mesmo em conjugar à entidade projetos encetados em sua trajetória naquele momento, de forma a visualizar a APUH como difusora e amplificadora da atuação do historiador entre a comunidade historiadora no país.

Aproveitando o vácuo provocado pelas incertezas quanto ao futuro da APUH em meados dos anos 1960, fazer seu nome e sua participação na Associação significava a Simões de Paula assumir aos historiadores brasileiros o seu papel de líder na consolidação do campo nos círculos intelectuais e atrelar sua prática historiadora na afirmação de mecanismos de afirmação da História e do ofício do historiador, calcado na execução dos encontros científicos, nas trocas intelectuais, e na ênfase aos estudos históricos operados no Brasil, manejando sua figura como idealizador, incentivador e dinamizador da área no campo universitário brasileiro.

3.3 A consolidação da APUH e a legitimação da atuação de Eurípedes Simões de Paula nos Simpósios de Porto Alegre (1967) e Campinas (1969)

Os dois últimos encontros promovidos pela APUH nos anos 1960 foram marcados substancialmente pelo protagonismo de Eurípedes Simões de Paula à frente da Associação. Eleito em Franca, juntamente com outros membros, o historiador procurou em sua gestão na entidade afirmar a relevância da Associação perante à comunidade historiadora, inseri-la como instância capital na congregação dos historiadores, na difusão da pesquisa, na defesa dos interesses da comunidade dos professores de História e na afirmação da identidade do historiador, calcado no campo universitário.

Preocupado em assegurar a natureza e os objetivos da associação, Eurípedes Simões de Paula deixara patente alguns elementos pontuados em seu programa na administração da APUH. Ao ressaltar o conceito de universidade reiterado no decorrer de sua trajetória, o historiador procuraria atualizar os termos pontuados em sua acepção do ensino superior e conferir à agremiação um caráter científico, de acordo com o ideário postulado no contexto internacional da área de História.²⁴⁷

²⁴⁷ PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Discurso do prof. Eurípedes Simões de Paula. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre, RS. *Anais* [...]. São Paulo, SP: [FFCL - USP], [1969]. p. 49.

Visível desde o encontro anterior, no qual Simões de Paula fizera um breve relato de sua ida ao XII Congresso Internacional de Ciências Históricas, organizado pelo Comité Internacional de Ciências Históricas e realizado em Viena em 1965.²⁴⁸ Com o intuito primeiro em comunicar aos pares o estado da arte do campo da História em nível mundial, o historiador tentou levar à Associação possíveis modelos de organização de congêneres no âmbito mundial e situar o grupo dos historiadores congregados na APUH naquilo que de mais atual era desenvolvido na área da História, seja nas vertentes teórico-metodológicas, seja nas experiências associativas e nas práticas de sociabilidades levadas a cabo.

Pavimentados os caminhos de atuação por seus pares no reconhecimento de sua presença na tarefa em reafirmar a APUH, e arrogada a si mesmo a missão de reconstruir a entidade, Simões de Paula investiu em mudanças nas formas de disposição dos Simpósios. Elegendo temáticas que aliavam demandas locais e dinâmicas do contexto internacional da História, o historiador procedera em ações em prol do aumento substancial da participação dos professores universitários de História, sintetizado no alargamento da participação efetiva dos historiadores e nas inscrições dos trabalhos, em atendimento aos regimentos definidos nos congressos.

Comparativamente aos congressos anteriores, os dois últimos realizados no final da década de 1960 apresentaram distinções e permanências. No anseio em situar a importância da pesquisa científica ao conhecimento histórico no Brasil, Eurípedes Simões de Paula projetou aos encontros uma natureza de divulgação do estado da arte da História, em potencializar a difusão da historiografia brasileira em foros de debate e de discussão compartilhados, sendo uma tendência reiterada na configuração da agremiação durante sua gestão.

Perpassando por temas ligados aos fenômenos da “Migração e Colonização”, e às experiências econômicas, sociais e políticas em “Portos, rotas e comércio”, a vertente da investigação histórica foi priorizada na condução dos Simpósios de História. Aos historiadores brasileiros que se agregavam à iniciativa, o espaço construído em torno do

²⁴⁸ A comunicação referenciada mesma comunicação fora publicada pela *Revista de História* no número 63 de 1965. Além deste, outros trabalhos elaborados pelo historiador aos encontros de Franca, Porto Alegre e Campinas receberiam divulgação no periódico, de forma que Simões de Paula conjugara ao programa da Revista de História a iniciativa dos SPUH, sendo veiculadas notícias e circulares acerca da organização e dos rumos delineados à Associação. Cf. PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Algumas considerações em torno do XII Congresso Internacional de Ciências Históricas. In: SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 3., 1965, Franca, SP. *Anais* [...]. São Paulo, SP: [Seção Gráfica da FFCL - USP], [1967]. p. 291-318.

evento constituía-se em uma oportunidade em trazer os resultados de investigações construídas em sua atuação na universidade, de modo a equalizar diferentes horizontes teórico-metodológicas e abordagens espaço-temporais, principalmente na introdução de estudos dedicados à história regional e em formas de abordagem em focalizar para a elaboração da história de regiões em uma perspectiva mais específica nas experiências históricas, sentido então marginalizado por parte de alguns historiadores atrelados à entidade.

Outra perspectiva reiterada nos congressos de 1967 e de 1969, levadas a cabo pela Direção da Associação, encontrava-se na divulgação das ações empreendidas pelo corpo dos historiadores na identificação, organização e divulgação de fontes relacionadas à História do Brasil. Inquietação constante entre a comunidade historiadora desde o primeiro Simpósio, e identificada no horizonte das práticas historiadoras de Simões de Paula no projeto da *Revista de História* nos anos 1950, Simões de Paula vislumbrou o lugar do SPUH como oportunidade de amplificar sua iniciativa original, com o intuito de produzir conhecimento acerca dos materiais fundamentais nas tarefas de investigação histórica, ao mesmo tempo em que visava introduzir aos historiadores novos âmbitos de atuação nos arquivos e instituições de custódia documental no país.

Com a fundação de centros de documentação nas universidades, os historiadores universitários lançaram-se nas tarefas de localização, coleta, ordenação e digitalização das fontes documentais espalhadas em algumas regiões do país. Especialmente, a criação do Setor de Documentação do Departamento de História da USP – cuja direção estava à cargo de Eurípedes Simões de Paula²⁴⁹ – e dos trabalhos realizados por uma equipe de historiadores da Universidade do Paraná ganharam relevo nas discussões oriundas nas temáticas, de modo a frisar a importância das fontes em sua potencialidade na investigação histórica, mas em realçar a importância dos historiadores na preservação e difusão do patrimônio documental brasileiro, tarefa reivindicada pela comunidade historiadora naquele momento.

²⁴⁹ Fundado em 1966, o Setor de Documentação do Departamento de História da FFCL – USP teve como principal diretriz a preservação dos acervos documentais no país, com os objetivos de: reunir, catalogar e organizar fontes documentais, potenciais recursos para a pesquisa histórica; reproduzir – por intermédio da microfilmagem – de documentos primários de interesse à investigação histórica, treinar pesquisadores na utilização dos recursos disponíveis na reprodução documental via microfilme; acumular documentação de interesse ao ensino universitário de História, dentre outros. Inicialmente, recebera aportes financeiros da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na aquisição dos equipamentos cruciais no desenvolvimento do trabalho dos historiadores. Em 1971, fora incorporado definitivamente ao Departamento de História, permanecendo com o espírito preservacionista do patrimônio documental brasileiro. Após a morte de Eurípedes Simões de Paula, então Centro de Documentação Histórica passou por diversas modificações, sendo que no ano de 1984 alterara seu nome, passando a denominar-se Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, de forma a redirecionar suas finalidades e natureza de atuação. Cf. Documentação reunida no Fundo CDH – SD – CAPH.

Outra inquietação expressada pela Associação sob a direção de Simões de Paula consistiu na retomada dos debates em torno das questões educacionais no campo da História, mais especificamente, em deter as análises voltadas ao diagnóstico dos caminhos do ensino de História no ensino superior, motivados pelas alterações fixadas nas reformas encampadas pela Ditadura Civil-Militar nos diferentes níveis de ensino. Presente como um dos eixos temáticos do encontro de Campinas em 1969, a preocupação dos historiadores residia em identificar a situação do ensino praticado nos cursos superiores de História, nos caminhos desnudados pela Didática do ensino superior, à baila da reforma universitária, na delimitação do lugar das disciplinas dedicadas aos aspectos epistemológicos da área de História na formação curricular dos discentes.

Arelado aos debates do ensino superior, a Associação também se posicionou acerca das reformas pugnadas nos níveis primário e secundário no país, de forma a acompanhar com preocupação e protestos às autoridades acerca das tentativas de supressão do ensino de História em prol da inclusão da matéria “Estudos Sociais”, em defesa da disciplina histórica como área autônoma de estudos. A retomada do debate educacional no cerne da APUH demonstrara a inquietação da entidade em instrumentalizar os historiadores nas perspectivas teórico-metodológicas, ao mesmo tempo em que visava garantir à comunidade historiadora em demarcar o seu lugar na permanência da área na composição curricular, contrária às ingerências provocadas pelas autoridades políticas na determinação curricular dos cursos secundários e primários nas diretrizes postas em marcha oriundas das medidas reformistas.

A participação de Simões de Paula não somente se restringiu às rotinas administrativas, ou nas atividades de compilação e difusão dos Anais da APUH em fins dos anos 1960: ela extrapolou os ditames formais, de modo que o historiador iniciara um movimento em prol da reorganização da APUH e uma reestruturação das bases ordenadoras dos congressos. Não obstante os entraves vivenciados no campo universitário em meados dos anos 1960 – com os expurgos e a perseguição à comunidade acadêmica levadas à cabo ostensivamente pelo regime militar –, Simões de Paula soubera manejar o prestígio e o reconhecimento adquirido em diversos círculos – dentro e fora da universidade – para encampar o projeto da entidade e ampliar seus horizontes de debates e na inserção da comunidade historiadora em novas frentes de reivindicação e de participação.

Mais do que um administrador competente, Simões de Paula mobilizara esforços em prol de uma efetiva Associação a qual pudesse representar um *locus*, um foro concreto de debate acerca não somente das inquietações no âmbito teórico-metodológico da área em uma perspectiva mais amplificada, mas também em transformar a agremiação e seus encontros

como parte estruturante em assegurar os fundamentos institucionais, rumo ao aprofundamento da profissionalização do ofício do historiador e do saber histórico construído nos espaços sociais de produção dos estudos históricos, monopolizado principalmente na universidade brasileira no contexto pós-1930.

À GUIA DE CONCLUSÃO: EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA NOS ANOS 1970: ENTRE A UNIVERSIDADE, A HISTÓRIA E A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE HISTORIADORA

História, Ciência do Homem. Postulado que não devemos esquecer jamais. Disciplina das mudanças perpétuas das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento às novas condições da existência material, política, moral, religiosa e intelectual. Disciplina dêsse acôrdo que se negocia, dessa harmonia que restabelece perpétua e espontaneamente, em tôdas as épocas, entre as condições materiais, condições técnicas, condições espirituais. É por aí que a História torna a encontrar a Vida. É por aí que ela cessa de ser acusada de mestra da vida, de impor aos vivos as leis dos mortos, pois a “única lição da História é de que ela nunca dá lições”.²⁵⁰

Inserida na programação da 23ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocorrido no Paraná em 1973, o Núcleo Regional da Associação dos Professores Universitários de História deste estado realizou seu encontro com o fito de congregar os historiadores da região, na divulgação dos resultados de pesquisas executadas nos foros das universidades, ao mesmo tempo em que aproveitavam a ocasião para discutir acerca das inquietações presentes entre o corpo de historiadores.

Dentre as falas previstas no evento, o presidente nacional da APUH, Eurípedes Simões de Paula, fora convidado a abordar algumas reflexões acerca da edificação do Departamento de História da agora Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP) e, mais especificamente, das contribuições dadas à historiografia brasileira²⁵¹. Não obstante a abordagem já ter sido mobilizada em outros momentos de sua trajetória no interior da Faculdade de Filosofia da USP²⁵², Simões de Paula utilizou o espaço reservado no encontro para comunicar dois fundamentos delineados no projeto acadêmico e

²⁵⁰ PAULA, Eurípedes Simões de. Algumas contribuições sobre a contribuição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a historiografia brasileira. *Revista de História*, São Paulo, Ano 23, v. 44, n. 88, p. 425-451, out/dez. 1971. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/088/A009N088.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

²⁵¹ PAULA, loc. cit.

²⁵² Especificamente, Eurípedes Simões de Paula abordara em outras duas cerimônias as linhas centrais desenvolvidas neste evento: em 1949, em aula inaugural proferida na FFCL – USP e; o já citado discurso de 1963, na qualidade de paraninfo dos formandos da mesma instituição. Cf. PAULA, Eurípedes Simões de. A história e seu ensino na Faculdade. *Filosofia, Ciências e Letras: órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 12, p. 77, 1949; PAULA, Eurípedes Simões de. A Universidade e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Revista de História*, São Paulo, Ano 14, v. 26, n. 54, p. 523-529, 1963. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/054/A015N054.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

intelectual do Departamento de História: o conceito de História mobilizado por seus docentes desde os primórdios e as iniciativas resultantes da configuração institucional.

Inicialmente, e como elemento legitimador aos aspectos inseridos no discurso proferido, Simões de Paula tomou de empréstimo as reflexões pugnadas por historiadores franceses, mormente os ligados ao movimento dos *Annales* – mais especificamente, Lucien Febvre e Marc Bloch – na definição do que viria a ser a História. Enfatizando a máxima “História, ciência do Homem”, o presidente da APUH considerava que o objeto maior do campo da História deveria ser o estudo da vida social em sua plenitude, de forma a não menosprezar nenhuma das perspectivas atuantes no exame do passado, dedicada em perscrutar as sociedades e o Homem do passado em sua totalidade²⁵³.

Ainda na elaboração do arcabouço conceitual, Simões de Paula preocupou-se em diferenciar o estatuto e a natureza da própria História, dedicada à elaboração dos próprios ditames epistemológicos. Ao contrário de outras ciências, envolvidas no processo de legitimação dos pressupostos teóricos-metodológicos específicos, o catedrático afirmava que a História não era uma ciência, restrita a princípios limitadores, mas resguardava em sua fundamentação elementos científicos: mobilizado pela inquietação e por problemas levantados no exame de determinadas experiências sociais, o historiador tentaria perscrutar o passado em novos ângulos e novas visões²⁵⁴.

Após as considerações acerca dos entendimentos daquilo que situava no cerne da prática historiadora, o catedrático passou a abordar o objeto da comunicação, qual seja, as contribuições resultantes na organização acadêmica e científica do campo da História nas bases da USP. Assim como procedera nos apontamentos sobre a História, Simões de Paula repetiu algumas das fórmulas levantadas nos foros da instituição em que atuava, de forma a corroborar a importância da elaboração do constructo institucional e das linhas alçadas aos estudos históricos na consolidação da área no seio da Faculdade de Filosofia.

Em uma perspectiva analítica evolutiva, abrangendo o surgimento da subseção de Geografia e História, Simões de Paula demarcou a presença dos professores franceses como fundadores dos pressupostos acadêmicos e científicos a serem trilhados durante a consolidação dos estudos históricos em balizas universitárias. Para o historiador, a vinda dos mestres franceses, destinados à cadeira de História da Civilização, não seria resultante

²⁵³ PAULA, p. 426.

²⁵⁴ PAULA, loc. cit.

somente nos esforços mobilizados no âmbito das autoridades universitárias na fundação da USP e da instituição cerne do programa político e ideológico do estabelecimento universitário, mas representaria a inauguração de novas diretrizes e linhas alçadas na construção do aparato acadêmico e científico, de modo a consolidar um verdadeiro centro de estudos e de pesquisas no país²⁵⁵.

Mas, quais os significados oriundos da operação posta por Simões de Paula em recobrar os pressupostos vistos na formulação do conceito de História, conjugado às práticas historiadoras dos primeiros docentes da FFCL passadas quase três décadas de sua formulação original?

Conforme a avaliação conduzida pelo historiador, a linha norteadora da consolidação da área de História mobilizada desde os primórdios resultaria na distinção e no protagonismo envolvido por indivíduos que deram continuidade à plataforma determinada pelos professores estrangeiros, sobretudo os franceses. Na tentativa de erigir os parâmetros de cientificidade e na legitimação das diretrizes formuladas nos primórdios da instituição, ele localizava os elos e as identificações dos “herdeiros” ou “continuadores” do trabalho iniciado pelos primeiros catedráticos, na construção daquilo que seria o ponto inicial, ou tomando as considerações de Júlio Canhada, o “marco zero” de novas práticas e plataformas acadêmicas, em pontuar aos estudos históricos um novo estatuto, garantido e reconhecido via as balizas universitárias²⁵⁶.

Paralelamente à identificação do que resultaria uma configuração distinta na edificação do campo da História, Simões de Paula não deixou de se inserir neste movimento em prol da edificação do Departamento, muito menos os esforços e plataformas construídas por ele ao longo do percurso junto à Faculdade de Filosofia. Neste sentido, e nas vias de legitimação da presença e da participação na construção do aparato institucional aos estudos históricos via universidade, Simões de Paula reforçara as iniciativas – tanto antigas quanto recentes – alocadas em sua plataforma de atuação: a *Revista de História*, a Sociedade de Estudos Históricos e o Setor de Documentação²⁵⁷.

Enfatizada na referida comunicação a devoção e o caráter aguerrido de suas atividades, todas inseridas no labutar no campo da História, o presidente da APUH traçava

²⁵⁵ PAULA, p. 429.

²⁵⁶ CANHADA, Júlio Miranda. A construção de uma impossibilidade: histórias da filosofia no Brasil. In: CANHADA, Júlio Miranda. *Construções de um século: discursos filosóficos no Brasil oitocentista*. 2017. 191 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 14.

²⁵⁷ PAULA, p. 431-433.

uma elevada conjugação de sua trajetória aos ditames institucionais do Departamento. Formado anteriormente nas instâncias acadêmicas da Faculdade de Direito, instituição de papel relevante na formação das elites brasileiras, o capital ali acumulado possibilitou ao historiador uma distinção nos meios da Faculdade de Filosofia, seja nas afinidades dispostas com os professores franceses, seja nas oportunidades vislumbradas pelo historiador em alinhar-se ao programa político-ideológico pugnado pelos ideários da FFCL. Conjugando-se aos “mitos fundadores” da Faculdade – e nas operações de fabricação da memória da institucional em atrelar-se ao surgimento da própria universidade –, Simões de Paula procurou em sua comunicação afirmar a identidade historiadora de sua figura, calcada no ideário do indivíduo sempre inclinado em perfilar-se às mais distintas causas em nome da Faculdade de Filosofia e do campo da História, pronto em enfrentar as mais duras batalhas em prol do fortalecimento e consolidação institucional, na defesa dos ideais e do projeto original arquitetado à Faculdade.

Concomitante ao processo de elaboração da imagem de si, de um indivíduo revestido de um “espírito” dinâmico e enérgico em torno das “causas” da Faculdade, simbolizada nas lutas em salvaguardar os lugares e a permanência dos “herdeiros” dos mestres franceses nas cadeiras as quais ocuparam durante os anos de fundação da instituição, Eurípedes Simões de Paula arregimentou condições essenciais naquilo que seria reconhecido no movimento de legitimação de sua atuação no campo dos estudos históricos no Brasil: a vontade em criar projetos editoriais, voltados à divulgação da pesquisa histórica realizada no país naquele momento.

Nesse sentido, o projeto erigido à *Revista de História* fora pautado não somente no anseio do diretor da publicação na difusão do “estado da arte” da produção da História tanto na universidade quanto em outros lugares, mas também na preocupação do historiador em ratificar no campo intelectual e universitário a representação de uma publicação arrojada, difusora e em sintonia ao que mais novo se produzia no campo da História nos âmbitos teórico-metodológico. Vista no programa de lançamento como aberta às diferentes orientações e perspectivas de estudo desenvolvidas na História, os esforços despendidos por Simões de Paula à frente do periódico se coadunariam em duas perspectivas estruturadas na configuração do projeto editorial: na consumação de um espaço majoritariamente dominado por membros pertencentes à FFCL e ao próprio Departamento de História em vias de criação naquele momento e; na edificação da figura de Simões de Paula como centralizadora e monopolizadora da recepção dos trabalhos divulgados no espaço do impresso.

Lançadas as bases do programa erigido na fundação do periódico, Simões de Paula participou dos esforços localizados entre um conjunto de historiadores na construção de novos espaços de debates em torno da organização e da legitimação dos espaços de trabalho no campo da História. Assim, no início dos anos 1960, ganharia fôlego a iniciativa de realização dos Simpósios dos Professores Universitários de História, ponto inicial na fundação da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (APUH), uma agremiação que conjugasse as inquietações e definições postas no corpo dos historiadores brasileiros.

Inicialmente congregados em torno dos debates educacionais encetados na sociedade brasileira no limiar da década de 1960 e inseridos nos desdobramentos das alterações e na execução dos programas aventados pela Ditadura Civil-Militar à Educação brasileira – principalmente, com a Reforma Universitária de 1968 – no decorrer do período a consolidação da entidade dos historiadores seria pautada por discussões e disputas acerca da definição do escopo de atuação profissional oferecida nos cursos superiores de História, bem como na formulação daquilo que seria o instrumental acadêmico e científico do campo da História firmado no alicerce universitário, calcado principalmente na prática da investigação histórica e na compilação, exame e difusão das fontes consideradas cruciais na elaboração da pesquisa dedicada à História do Brasil.

Participe desde o primeiro encontro organizado em Marília, Eurípedes Simões de Paula vislumbrara no movimento de constituição dos foros organizativos da Associação recém instituída uma possibilidade de amplificar as plataformas erigidas em sua trajetória. Mais ainda, em calcar no interior do campo dos estudos históricos o seu lugar, sua projeção e sua afirmação na qualidade de indivíduo preocupado em levar ao cerne dos estudos históricos aquilo que Gerard Noiriel denomina acerca da invenção de novos espaços de atividade intelectual e na reorganização dos espaços de trabalho entre os historiadores, cujo campo da História se consolidava sob alicerce universitário²⁵⁸.

Nesse sentido, Eurípedes Simões de Paula buscou perante os pares aprofundar a legitimação tanto dos estudos históricos produzidos no escopo da Faculdade de Filosofia da USP, quanto de sua presença na construção dos códigos necessários na consolidação da disciplina histórica, calcada nas bases da universidade. Visto no exame de sua trajetória, Eurípedes Simões de Paula esforçou-se em construir uma imagem e uma representação de si na condição de liderança, capaz de trazer ao campo da História aquilo que estaria em

²⁵⁸ NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. *Géneses*, n. 1, 1990. Disponível em : https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1990_num_1_1_1014. Acesso em: 27 jan. 2019.

consonância aos ditames “modernos” da historiografia mundial, principalmente em conjugar a historiografia brasileira com a verificada nos meios intelectuais franceses.

Carregada simbolicamente das marcas de legitimação e de afirmação de sua participação no campo universitário e na disciplina histórica em vias de consolidação, Eurípedes Simões de Paula tornou-se reconhecido pelo viés do protagonismo e da autoridade constituída em torno de seu nome, na condição de um indivíduo de ação e de iniciativa em prol da edificação do aparato codificador da disciplina histórica. Inicialmente elucubrada no interior da Faculdade de Filosofia da USP, posteriormente amplificada em outros foros acadêmicos, sua plataforma intelectual estaria contida nas realizações e nos empreendimentos levados a cabo em sua trajetória. Em busca da consolidação do campo da História sob a égide do ensino superior no Brasil, Simões de Paula construiu e difundiu uma identidade historiadora pautada pelo *ethos* profissional, corroborada a partir da dinâmica de sua atuação nas mais amplas frentes.

As contradições observadas na trajetória de Eurípedes Simões de Paula entre a construção da imagem de si, o reconhecimento da comunidade historiadora e as práticas conduzidas no *métier* dimensionam o historiador em novas perspectivas de análise. Sem minimizar a centralidade de sua atuação na definição e consolidação do aparato institucional à disciplina histórica, tal protagonismo deve ser matizado e problematizado à luz das condições de produção do saber histórico no Brasil e na consolidação da estrutura universitária no país.

FONTES CONSULTADAS

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA NO CENTRO DE APOIO À PESQUISA HISTÓRICA “SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA” – FFLCH – USP (AESP – CAPH-USP)

Arquivo Eurípedes Simões de Paula (AESP – CAPH-USP):

Série II – Documentação profissional:

Formação.

Curriculum Vitae (Caixa 5): 189.

Atividades do titular> Como oficial da Reserva do Exército Brasileiro>

Dossiê Assuntos Militares: Ministério da Guerra – 2ª RM – 6 RI

Correspondência enviada (Caixa 22): 1712, 1713, 1716.

Publicações (Caixa 22): 1730, 1731.

Série II – Documentação profissional:

Atividades do titular> Como oficial da Reserva do Exército Brasileiro> Febiano.

Correspondência enviada (Caixa 23): 1736.

Correspondência recebida (Caixa 23): 1751, 1769, 1776, 1780, 1783, 1790, 1792, 1795, 1799, 1803, 1804, 1807, 1813, 1818, 1828, 1825, 1870.

Dossiê Maria Isabel Enviada (Caixa 23): 1887, 1892, 1895, 1900, 1909, 1921, 1932, 1933, 1937, 1955.

Série III – Correspondência (Documentação complementar):

Pessoal> Enviada:

Cartas (Caixa 26): 4993, 4994, 4995, 4996, 4997, 4999, 5000, 5001, 5002 e 5003.

Série V – Periódicos:

PAULA, Eurípedes Simões de Paula. Um expedicionário na Itália: primeiras impressões. *O orientador*: órgão do Partido Acadêmico Orientador, [São Paulo], Ano III, n. 8, p. 1-2, ago. 1945. (Caixa 35, n. 5014).

Série VII – Material iconográfico:

Álbum 1 – Subsérie Fotografias militares (Tombos 25 e 36).

Série VI – Documentação complementar:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Processo n. 148/1978. Doação da Biblioteca particular do Prof. Eurípedes Simões de Paula, ao Departamento de História. Fundo AESP – CAPH - USP (Caixa 44, n. 5024).

Publicações relativas à FFCL-USP:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1953. 819 p. (v. 1 e 2).

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1950)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL-USP, 1952. 382 p.

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1951)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL-USP, 1952. 446 p.

Fundo DH – FFCL – FFLCH – USP:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Atas do Departamento de História*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. v. 1 (1954-1956), v. 3 (1957-1966).

Fundo SD – CDH – CAPH:

Documentação administrativa – Relatório de atividades e objetivos do Setor de Documentação, produzido por Eurípedes Simões de Paula no ano 1977.

Boletim Informativo do Setor de Documentação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano 1, n. 1, mai. 1974. 20 p.

Boletim Informativo do Setor de Documentação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano II, n. 2, dez. 1975. 35 p.

Boletim Informativo do Setor de Documentação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano III, n. 3, 1976. 85 p.

Boletim Informativo do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, São Paulo, Ano XV, n. 5, 1989. 64 p.

Boletim Informativo do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, São Paulo, Ano XVI, n. 6, 1990. 47 p.

Boletim Informativo do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, São Paulo, Ano XVII, n. 7, 1991. 39 p.

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA NO CENTRO DE MEMÓRIA E PESQUISA HISTÓRICA – CMPH – UNIFESP – EFLCH – CAMPUS GUARULHOS

Revista de História, fascículos referentes às décadas de 1950 e 1960.

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA NA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

Anais dos Simpósios dos Professores Universitários de História, realizados na década de 1960:

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1., 1961, Marília, SP. *Anais [...]*. Marília, SP: [FFCL], 1962. 305 p.

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba, PR. *Anais [...]*. Curitiba, PR: [Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná], [1962]. 340 p.

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 3., 1965, Franca, SP. *Anais [...]*. São Paulo, SP: [FFCL - USP], [1967]. 619 p.

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre, RS. *Anais [...]*. São Paulo, SP: [FFCL - USP], [1969]. 773 p.

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5., 1969, Campinas, SP. *Anais [...]*. São Paulo, SP: [FFCL - USP], [1971]. 2 v.

ARTIGOS PUBLICADOS NA IMPRENSA

Aberta grave crise na USP. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 31 dez. 1957.

Diretrizes oportunas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 19 jun. 1956.

“IN MEMORIAM”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Ano 99, n. 31803, p. 25, 18 nov. 1978.

Insurge-se a Congregação da Faculdade de Filosofia contra a nota do Governador. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 out. 1956. Caderno Único, p. 1.

Insurreição da FFCL contra o governador do Estado de São Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 out. 1956. Caderno Único, p. 1.

Manifesto da Faculdade de Filosofia sobre os problemas da Universidade de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 13-14, 23 out. 1956.

Novo capítulo na crise da USP: punido o professor Schenberg. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 9, 9 jan. 1958.

Sobre a crise universitária. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 nov. 1956. Notas e informações, p. 3.

Volta a agravar-se a crise na Universidade de São Paulo com a punição do professor João Cruz Costa. *Folha da Manhã*, São Paulo, 03 jan. 1958. Caderno Único, p. 1.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. *Decreto n. 19851, de 11 de abril de 1931*. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização tecnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

_____. *Decreto-Lei n. 1190, de 4 de abril de 1939*. Dá organização a Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 06 fev. 2018.

_____. *Lei n. 851, de 7 de outubro de 1949*. Dispõe sobre a composição das Congregações de Institutos de Ensino Superior de Universidades. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-851-7-outubro-1949-364039-norma-pl.html>. Acesso em: 14 fev. 2018.

_____. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 23/1951 (n. 497/1951)*. Dispõe sobre o registro, como professores do 2º Ciclo, para lecionar em colégios situados fora das cidades onde haja Faculdade de Filosofia, dos advogados, médicos e engenheiros, mediante apresentação de seus diplomas. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4E1558252F2BF0C0AFD792EF500105D.proposicoesWeb2?codteor=1221678&filename=Avulso+-PL+497/1951. Acesso em: 13 fev. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Decreto n. 6283, de 25 de janeiro de 1934*. Crea a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-n-o-6-283-de-25-de-janeiro-de-1934>. Acesso em: 25 ago. 2018.

SÃO PAULO (Estado). *Decreto-Lei n. 26544, de 5 de outubro de 1956*. Aprova a consolidação das leis referentes aos funcionários públicos civis do Estado. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1956/decreto-26544-05.10.1956.html>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Interventoria Federal. Decreto-Lei n. 12511, de 21 de janeiro de 1942. Reorganiza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. São Paulo, Ano 52, n. 17, p. 1-3, 22 jan. 1942. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19420122&Caderno=Diario%20Oficial&NumeroPagina=1>. Acesso em: 06 fev. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Interventoria Federal. Decreto-Lei n. 13426, de 23 de junho de 1943. Reorganiza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. São Paulo, Ano 53, n. 138, p. 1-3, 24 jun. 1943. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1943/decreto-13426-23.06.1943.html>. Acesso em: 06 fev. 2018.

PUBLICAÇÕES RELATIVAS À FFCL – USP

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Listagem dos antigos alunos. Disponível em: <http://www.arcadas.org.br>. Acesso em: 14 mar. 2018.

CONCURSO para a Cátedra de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 18, p. 510-512, abr/jun. 1954. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/index.php/br/edicoes/214-rh-18>. Acesso em: 26 set. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Contratos dos professores para as cadeiras da Universidade*. Livros E01145 (21 f/v; 46 f) e E01145B (f. 69 v-71v). Arquivo Público do Estado de São Paulo.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário 1934-1935 (edição fac-similar)*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. 355 p.

_____. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1939-1949)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1953. 819 p. (v. 1 e 2).

_____. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1950*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1952. 382 p.

_____. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1951*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 1952. 446 p.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Cursos de Pós-Graduação: regulamentos e regimentos*. São Paulo: Seção Gráfica [da FFCL-USP], 1966.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Histórico do concurso da cadeira de Filosofia*. [São Paulo] : Secção de Publicações, 1952. 93 p.

SÃO PAULO (Estado). Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. *A crise da Universidade de São Paulo*: mandado de segurança n. 86.533: memorial do impetrante pelo advogado Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958. 109 p.

OUTRAS FONTES

IN MEMORIAM: Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros da FEB: vida e obra. São Paulo: [s.n.], 1983. 719 p.

PROGRAMA “Perfil de Educador”: Eurípedes Simões de Paula. Produção: Heloisa Castellar. São Paulo: TV 2 Cultura, 1973. 1 DVD (31’59”), son., p&b.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Odair Rodrigues. *Os homens que governaram São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1986. 189 p.
- ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. [2. ed. aum.], São Paulo: Globo, 2007. 798 p. (Obras completas de Oswald de Andrade).
- ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 266 p.
- AMALVI, Christian (dir.). *Dictionnaire biographique des historiens français et francophones : de Grégoire de Tours à Georges Duby*. Paris : La Boutique de l'Histoire, 2004. 366 p.
- ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves. *Universidade de São Paulo: fundação e reforma*. São Paulo: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste, 1974. 264 p. (Estudos e documentos; v. 10).
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 87 p.
- BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (orgs.). *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 51.
- BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. 295 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- _____. Rivalidades, parricídio intelectual e invasão de fronteiras na trajetória de Cruz Costa. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 29. p. 155-181, jul. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7700/5961>. Acesso em: 07 fev. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 361 p.

_____. Le champ scientifique. *Actes de la recherche em sciences sociales*, v, 2, n. 2-3, p. 88-104, juin 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. *Homo academicus*. 2. ed. 1. reimp., Florianópolis : Ed. UFSC, 2017. 310 p.

BOURE, Robert. Sociologie des revues de sciences sociales et humaines. *Réseaux*, v. 11, n. 58, p. 91-105, 1993. Disponível em: http://www.persee.fr/docAsPDF/reso_0751-7971_1993_num_11_58_2306.pdf. Acesso em: 28 mar. 2017.

BRAUDEL, Fernand P. O ensino da História: suas diretrizes. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) (1934-1935)*. São Paulo: Secção de Publicações [da] FFCL, 2009. p. 121-129.

BUFFAULT, Anne Vincent. *Da amizade : uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 237 p.

CANHADA, Júlio Miranda. A construção de uma impossibilidade: histórias da filosofia no Brasil. In: CANHADA, Júlio Miranda. *Construções de um século: discursos filosóficos no Brasil oitocentista*. 2017. 191 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. O sistema universitário paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. São Paulo: Ed. UNESP : Arquivo Público do Estado ; Imprensa Oficial, 2010. p. 599-622. v. 2. São Paulo: República.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 258 p.

CARDOSO, Irene. *A Universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1982. 187 p.

CELESTE FILHO, Macioniro. *A constituição da Universidade de São Paulo e a Reforma Universitária da década de 1960*. São Paulo: Editora UNESP, 2013. 267 p.

CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 253 p.

CHAMLIAN, Helena Coharik. Estudo da organização departamental nas universidades mantidas pelo governo do Estado de São Paulo. Relatório de pesquisa. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 10, n. 1, p. 41-124, jan/jun. 1984. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33309>. Acesso em: 31 ago. 2017.

CHARTIER, Roger (dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris : Fayard, 1991. 462 p.

COLLINS, Randall. *The sociology of philosophies : a global theory of intellectual change*. Cambridge, Mass : Harvard University Press, 2002. 1098 p.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. 181 p.

CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. A História da Arquivologia no Brasil (1838-2002). *Fuentes, Revista de la Biblioteca y Archivo Histórico de la Asamblea Legislativa Plurinacional*, La Paz, v. 6, n. 21, p. 44-56, 2012. Disponível em: http://www.revistasbolivianas.org.bo/pdf/fdc/v6n21/v6_n21_a05.pdf. Acesso em: 18 jan. 2019.

CUNHA, Luiz Antônio. A cátedra universitária no Brasil: persistência, mudança e desaparecimento. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 18., 1994, Caxambu. *Anais...* São Paulo, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1994, 17 p. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/18-encontro-anual-da-anpocs/gt-17/gt05-15/7418-luizcunha-catedra/file>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial : EDUSP, 2000. 420 p.

DE CICCIO, Cláudio. Miguel Reale. In: CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Álvaro de Azevedo; FREIRE, André Luiz (coords.). *Enciclopédia jurídica da PUCSP*. [São Paulo]. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/128/edicao-1/miguel-reale>. Acesso em: 11 fev. 2018.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: EDUEL, 2012. 376 p.

FERREIRA, Daniela Maria. *Conversão e reconversão: a circulação internacional dos filósofos de origem católica*. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação,

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251518>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FIDELIS, Thiago. Rumo aos Campos Elísios: as eleições de 1954 pelas páginas do Estado de São Paulo (OESP). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1357843562_ARQUIVO_TrabalhoANPUH2013ThiagoFidelis.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2013. 464 p.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. 270 p.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto, MG: Ed. UFOP, 1992. 197 p.

FIGUEIREDO, Nuno Fidelino de; GIORDANO, Claudio (orgs.). *Fidelino de Figueiredo por ele e pelos outros*. São Paulo: EDUSP, 2012. 471 p.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. 3. ed. rev. São Paulo : Cortez & Moraes, 1979. 142 p. (Coleção Educação Universitária).

FREITAS, Sonia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993. 328 p.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. REIS, Artur César Ferreira. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-artur-cesar-ferreira>. Acesso em: 03 nov. 2018.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009. 372 p.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 378 p.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: FAPERJ : 7 Letras, 2013. 357 p.

GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. IV Congresso de História Nacional: tendências e perspectivas da história do Brasil colonial (Rio de Janeiro, 1949). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 145-170, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jan. 2019.

_____. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*, Niterói, RJ, v. 9, n. 18, p. 147-170, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jan. 2019.

HARTOG, François. *O século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. 419 p.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012. 238 p.

HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW. Home. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 316 p.

ISENBURG, Teresa. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial: uma página de relações internacionais*. São Paulo: 22 Editorial, 2015. 175 p.

LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, Ch. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Renascença, 1946. 242 p.

LAPA, José Roberto do Amaral. *História e historiografia Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 110 p.

LEFEBVRE, Jean-Paul. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, 1990. Disponível em : <http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LOFEGO, Silvio Luiz. *IV Centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004. 207 p.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 63-201, nov. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MACHADO, Daiane Vaiz. *Por uma “Ciência Histórica”*: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. 338 f. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo. *Revista de História*, São Paulo, n. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18929/20992>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MEDEIROS, Nuno. Acções prescritivas e estratégicas: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 85, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/363>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MICELI, Sérgio. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: _____ (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP : Sumaré : FAPESP, 1995. p. 7-24. v. 1.

MOREIRA, Nuno Miguel Magarinho. *A Revista de História (1912-1928): uma proposta de análise histórico-historiográfica*. 2012. 2 v. Tese (Doutoramento em História) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67315>. Acesso em: 11 nov. 2018.

NASCIMENTO, Bruno Cesar. *Para além do texto: os periódicos de História como elemento de definição do campo. O caso da Revista de História da USP (1950-2016)*. 2016. 344 f. Dissertação (Mestre em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. *Géneses*, n. 1, 1990. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1990_num_1_1_1014. Acesso em: 27 jan. 2019.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 16 jan. 2019.

OLIVEIRA, Francini Venâncio de. *Fantasma da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PAUL, Herman. Fathers of history: metamorphoses of a metaphor. *Storia della storiografia*, n. 59-60, p. 251-267, 2011. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/paul/fathers_of_history.pdf. Acesso em: 20 jul. 2017.

_____. Sources of the self: scholarly personae as repertoires of scholarly selfhood. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v. 131, n. 4, p. 135-154, 2016. Disponível em: <https://bmgn-lchr.nl/articles/10.18352/bmgn-lchr.10268/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 9, 1989. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278. Acesso em: 12 dez. 2018.

PEIXOTO, Fernanda Massi. Franceses e Norte-Americanos no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. 2. ed. rev. e corr. São Paulo: Sumaré, 2001. v. 1. p. 477-531.

PEREIRA, Ludmila Gama. A construção do saber histórico e o conflito social nos Simpósios dos Professores Universitários de História (APUH) nos anos 1961 e 1962. *Revista História & Luta de Classes*, [s.l.], n. 13, p. 48-53, abr. 2012. Disponível em: <http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/64febf41a5fd2eb034078fe0398aa653686f56f8>. Acesso em: 31 jan. 2019.

PETITJEAN, Patrick. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGER, Amélia Império et al. (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 259-330.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l’histoire des intellectuels : les revues. In: RACINE, Nicole ; TREBISTSCH, Michel (dir.). *Sociabilités intellectuelles : lieux, milieu, réseaux*. Paris, Cahiers de l’Institut d’histoire du temps present, n. 20, p. 125-135, mars. 1992.

PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima de São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 297 p.

PROCHASSON, Christophe. Les Congrès: lieux de l’échange intellectuel. Introduction. *Mil neuf cent*, n. 7, p. 5-8, 1989. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/mcm_0755-8287_1989_num_7_1_974. Acesso em: 10 dez. 2018.

RANIERI, Nina (org.). *Autonomia Universitária na USP*. São Paulo: EDUSP, 2005. 401 p. v. 1 (1934-1969).

RODRIGUES, Lidiane Soares. Armadilha à francesa: homens sem profissão. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 11, p. 85-103, abr. 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/539/347>. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. Os catedráticos da USP e o governador Jânio Quadros. *Revista Pensata*, Guarulhos, SP, v. 2, n. 1, p. 94, dez. 2012. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/>. Acesso em: 24 set. 2018.

_____. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. 2011. 565 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROIZ, Diogo da Silva. *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. Curitiba: Appris, 2012. 266 p.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 267 p.

ROMÃO, Wagner de Melo. *Sociologia e política acadêmica nos anos 1960: a experiência do CESIT*. São Paulo: Humanitas : FAPESP, 2006. 244 p.

SALES, Véronique (org.). *Os historiadores*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. 427 p.

SARLO, Beatriz. Intelectuais y revistas: razones de una práctica. *América: cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, p. 9-16, 1992. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ameri_0982-9237_1992_num_9_1_1047.pdf. Acesso em: 21 out. 2018.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra : Ed. FGV, 2000. 405 p.

SILVA, Norma Lucia da; FERREIRA, Marieta de Moraes. Os caminhos da institucionalização do ensino superior de História. *História & Ensino*, Londrina, v. 2, n. 17, p. 283-306, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11242/10010>. Acesso em: 28 ago. 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 231-269.

_____. *Intellectuels et passions françaises*. Paris : Gallimard, 1996. 587 p.

SOUZA, Robson Carlos de. *A produção historiográfica nas páginas dos periódicos “Estudos Históricos” e “Anais de História”*. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2012.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. *Trajetórias intelectuais: professoras do curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*. 2008. 209 f. Tese (Doutor em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SUPPO, Hugo. A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. *Revista de História*, São Paulo, n. 142-143, p. 313 (309-345), 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18904>. Acesso em: 20 ago. 2018.

VAIDERGORN, José. *As Seis Irmãs: as FFCL do interior paulista*. Araraquara, SP: FCL Laboratório Editorial UNESP/Araraquara : Cultura Acadêmica, 2003. 246 p.

APÊNDICE A

Relação dos títulos compilados na *Coleção Revista de História*

| Numeração na coleção | Autor | Título |
|----------------------|--|--|
| 1 | João Cruz Costa | Augusto Comte e as origens do Positivismo |
| 2 | Lívio Teixeira | Nicolau de Cusa |
| 3 | Gustavo de Freitas | A Companhia Geral do Comércio do Brasil |
| 4 | Pedro Moacyr Campos | A idealização de Roma e sua aceitação pelos Cristãos |
| 5 | Raul de Andrada e Silva, Odilon Nogueira de Matos e Pasquale Petrone | A evolução urbana de São Paulo |
| 6 | Osmani Emboaba | História da Fundação de Ribeiro Preto |
| 7 | José Van Den Besselaar | Introdução aos Estudos Históricos |
| 8 | Vitorino Magalhães Godinho | O “Mediterrâneo” Saariano e as caravanas do ouro |
| 9 | Otto A. Piper | A interpretação cristã da História |
| 10 | José Van Den Besselaar | As interpretações da História através dos séculos I – De Homero ao Evolucionismo Moderno |
| 11 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – I. Numismática geral |
| 12 | T. O. Marcondes de Souza | Algumas achegas à História dos Descobrimentos Marítimos (críticas e controvérsias) |
| 13 | José Van Den Besselaar | As interpretações da História através dos séculos. II – |

| | | |
|----|-----------------------------|--|
| | | Temores e esperanças |
| 14 | Myriam Ellis | Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial |
| 15 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – II. Numismática Ibérica |
| 16 | Nícia Vilela Luz | Aspectos do nacionalismo econômico brasileiro |
| 17 | Carlos Lopes de Matos | Um capítulo da História do Tomismo |
| 18 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – III. Numismática Brasileira – Brasil Colônia |
| 19 | Antônio Paulino de Almeida | Memória Histórica sobre São Sebastião |
| 20 | Eulália Maria Lahmeyer Lobo | Caminho de Chiquitos as Missões Guaranis de 1690 a 1718 |
| 21 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – IV – Numismática Brasileira – Brasil Independente |
| 22 | Edmundo M. Genófre | Rivalidades das casas reinantes hispano-lusas na divisão do mar Oceano, conquista da América e apossamento do Brasil |
| 23 | D. João Melhmann, O.S.B. | História da Palestina nos tempos do Novo Testamento. v. 1 |
| 24 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – V. Medalhística |
| 25 | Josué Callander Reis | Noções da Arte da Armênia |
| 26 | Antônio Paulino de Almeida | Memória Histórica sobre Cananéia – v. I |

| | | |
|----|---------------------------------|--|
| 27 | Álvaro da Veiga Coimbra | Noções de Numismática – Condecorações (1ª parte) |
| 28 | Antônio Paulino de Almeida | Memória Histórica sobre Cananéia. v. II |
| 29 | D. João Mehlmann, O.S.B. | História da Palestina nos tempos do Novo Testamento – v. II |
| 30 | Joaquim Barradas de Carvalho | As fontes de Duarte Pacheco Pereira no “Esmeraldo de Situ Orbis” |
| 31 | | Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História “Colonização e migração” – Porto Alegre, setembro de 1967 |
| 32 | Jorge Bertolaso Stella | A Bhagavad-Gitâ |
| 33 | | Índice geral da Revista de História – n. 41-80 |
| 34 | Número não indicado | Número não indicado |
| 35 | | Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História “Portos, rotas e comércio” – Campinas, setembro de 1969 – v. I |
| 36 | | Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História “Portos, rotas e comércio” – Campinas, setembro de 1969 – v. II |